

CARTAS DE SÃO PAULO

Carta aos Colossenses

INTRODUÇÃO

Colossos era uma pequena cidade da Ásia Menor, distante 200 km de Éfeso, e próxima de Hierápolis e Laodiceia (4, 13.16). Paulo não a visitou pessoalmente (2,1). As comunidades cristãs de Colossos, Hierápolis e Laodiceia foram fundadas por Epafras, discípulo de Paulo (1,7; 4,13), enquanto este se encontrava em Éfeso (Act 19). Os cristãos de Colossos eram provenientes do paganismo (1,21.27) e costumavam reunir-se nas casas de família, como na de Ninfas (4,15) e na de Arquipo (4,17; Fm 2).

A carta aos Colossenses foi escrita na prisão, provavelmente em Éfeso, entre os anos 55 e 57 (Act 19), talvez na mesma ocasião em que foi escrita a carta aos Filipenses.

Epafras informou Paulo sobre a situação dos cristãos em Colossos (1,8). Os cristãos estavam ameaçados por uma heresia que misturava elementos pagãos, judaicos e cristãos. Os seus seguidores davam muita importância aos poderes angélicos, às forças cósmicas e a outros seres intermediários entre Deus e o homem, que teriam papel importante no destino de cada pessoa. Essas ideias traziam, como consequência, a busca de um conhecimento do mundo fascinante e misterioso que dominava os homens. Ao lado disso, depositava-se confiança numa série de observâncias religiosas que garantiriam a benevolência desses poderes superiores: observância de festas anuais, mensais e sábados, leis alimentares (2,16.21) e ascéticas (2,23), culto aos anjos (2,18) e às forças cósmicas (2,8) etc. Tudo isso comprometia seriamente a pureza da fé cristã.

Paulo mostra então que Cristo é o mediador único e universal entre Deus e o mundo criado; tudo se realiza por meio d'Ele, desde a criação até à salvação e reconciliação de todas as coisas. Deus colocou Jesus Cristo como Cabeça do universo, e os cristãos, que com Ele morreram e ressuscitaram e a Ele permanecem unidos, não devem temer nada e a ninguém: nada mais, tanto na Terra como no Céu, pode aliená-los e escravizá-los. Doravante, o empenho na fé em Cristo é o caminho único para a verdadeira sabedoria e liberdade. Só a renovação em Cristo pode quebrar as barreiras entre os homens, dando origem a novas relações humanas, radicalmente diferentes das que costumam existir na sociedade (3,11).

O problema que Paulo enfrenta em Colossos não é a contraposição entre fé e incredulidade. Trata-se de uma questão que surge dentro da própria Igreja: distinguir entre o verdadeiro e o falso na interpretação da própria fé. E isso não é problema meramente teórico, pois a concepção que se tem da base da fé determina toda a prática da vida cristã.

¹Endereço e saudação — ¹Paulo, Apóstolo de Jesus Cristo pela vontade de Deus, juntamente com o irmão Timóteo, ²aos cristãos de Colossos,

11,1-2: O clima da vida cristã deve ser o de uma família, onde todos são irmãos juntamente com Cristo, tendo Deus como Pai.

3-8: A trilogia fé-amor-esperança define a vida cristã na sua base, na sua concretização prática e no seu dinamismo histórico. A vida cristã nasce do compromisso de fé em Jesus Cristo, que significa aceitar a vida e acção de Jesus e continuá-las entre os homens. O amor é a realização prática desse testemunho, através da partilha dos bens e da fraternidade, que concretizam o Reino de Deus no dia a dia da História. A esperança é o dinamismo que nasce do amor, alimentando a vida cristã, voltada para o futuro do Reino de Deus, isto é, para a realização plena da vida.

9-12: Paulo pede o que é mais necessário para a situação em que os Colossenses vivem. A vontade de Deus manifestou-se na vida e acção de Jesus Cristo, e o conhecimento dessa vontade é a sabedoria que leva os cristãos a viver com discernimento crítico diante das situações. Esse discernimento capacita-os, fortalecendo-os para resistir activamente ao que é possível enfrentar e, passivamente, ao que é inevitável suportar.

13-20: Para animar os Colossenses a permanecerem firmes na fé, Paulo cita um hino cristão, provavelmente usado na cerimónia baptismal, que canta a grandeza de Cristo. Paulo serve-se desse hino para criticar qualquer doutrina que apresente como necessárias outras mediações salvíficas, além da de Cristo. Cristo é o único mediador entre Deus e a Criação, e só Ele, através da cruz, é capaz de reconciliar Deus com as criaturas submetidas ao pecado.

13-14: A introdução ao hino mostra como o pecado interferiu na Criação, fazendo com que a obra de Cristo se tornasse redentoramediante uma nova Criação.

15-18: O Deus invisível e inatingível torna-Se visível e acessível em Jesus, o Filho que Se encarnou no Mundo e na História. Jesus é, portanto, o verdadeiro Adão (Gn 1,26s). Existindo antes de qualquer criatura, Ele torna-Se modelo, cabeça e único mediador do Universo criado. No hino primitivo, o termo «corpo» (v. 18) significava «Universo»; com o acréscimo da expressão «que é a Igreja», passou a indicar a comunidade da nova Criação, da qual Cristo é a Cabeça.

18-20: Sendo o primeiro a ressuscitar dos mortos, Cristo é o novo Adão, pois na nova Criação Ele é o Primogénito. Assim, o poder vital de Deus torna-se acessível aos homens através de Cristo, reconduzindo a Criação à paz. A pacificação do Universo está na remissão dos pecados realizada por Cristo na cruz.

21-23: Paulo começa a aplicar o hino à situação dos Colossenses: eles eram pagãos e, remidos por Cristo, passaram a pertencer à nova Criação. Com a condição, porém, de permanecerem fiéis ao Evangelho de Cristo, do qual o Apóstolo é ministro.

24-29: Paulo alegra-se porque o seu sofrimento confirma que ele anuncia o verdadeiro Evangelho (cf. Mc 13,5-10). O cerne da missão do Apóstolo é o mistério do projecto de Deus: Deus quer que também os pagãos participem na redenção realizada através de Cristo. A conversão dos Colossenses, que antes eram pagãos, manifesta visivelmente esse projecto de Deus.

2,1-5: Paulo esforça-se para que os cristãos intensifiquem a vivência do amor, e cheguem a conhecer toda a sabedoria e ciência que há em Cristo. Desse modo, eles permanecerão firmes na fé e tornar-se-ão capazes de discernir e resistir a qualquer coisa que possa desviá-los do Cristo anunciado pelo Evangelho.

6-8: Assim como a árvore depende da raiz e a casa depende do alicerce, os cristãos dependem da fé em Cristo, transmitida pelo anúncio do Evangelho. O cristão deve estar vigilante para não ser influenciado por ideias que não sirvam para conhecer e viver com mais profundidade a pessoa de Cristo.

9-15: Paulo continua a aplicar o hino à vida dos Colossenses. Se Cristo é a Plenitude de Deus (1,19), n'Ele encontra-se tudo o que é preciso para nos relacionarmos com Deus. Cristo está acima de qualquer poder visível ou invisível. O baptismo, que substituiu a circuncisão, leva o cristão a participar na morte e ressurreição de Cristo, isto é, a passar da morte para a vida em Cristo. Os vv.

fiéis irmãos em Cristo. Que a graça e a paz de Deus, nosso Pai, estejam convosco.

Agradecimento: a vida cristã — ³Damos graças a Deus, Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, sempre que rezamos por vós. ⁴De facto, ouvimos falar da fé que tendes em Jesus Cristo, e do vosso amor por todos os cristãos, ⁵por causa da esperança daquilo que vos está reservado no céu. Tal esperança já vos foi anunciada pela Palavra da Verdade, o Evangelho, ⁶que chegou até vós. Assim como o Evangelho dá fruto e cresce no mundo inteiro, o mesmo acontece entre vós, desde o dia em que ouvistes e conhecestes na verdade a graça de Deus. ⁷Aprendestes a conhecê-la pela pregação de Épafras, nosso querido companheiro de serviço, que nos substituiu fielmente como ministro de Cristo. ⁸Foi ele quem nos contou sobre o amor com que o Espírito vos anima.

Pedido: discernimento — ⁹Por essa razão, desde que soubemos disso, rezamos continuamente por vós. Pedimos que Deus vos conceda pleno conhecimento da sua vontade, com toda a sabedoria e discernimento que vêm do Espírito. ¹⁰Deste modo, vivereis uma vida digna do Senhor, fazendo tudo o que Ele aprova: dareis fruto em toda a actividade boa e crescereis no conhecimento de Deus, ¹¹fortalecidos em todos os sentidos pelo poder da sua glória. Assim tereis perseverança e paciência a toda a prova. ¹²Com alegria, dai graças ao Pai, que vos permitiu participar da herança dos cristãos, na luz.

Cristo é o único mediador — ¹³Deus Pai arrancou-nos do poder das trevas e transferiu-nos para o Reino do seu Filho amado, ¹⁴no qual temos a redenção, a remissão dos pecados.

¹⁵Ele é a imagem do Deus invisível,
o Primogénito,

anterior a qualquer criatura;

¹⁶porque n'Ele foram criadas todas as coisas,
tanto as celestes como as terrestres, tanto as
visíveis como as invisíveis:

tronos, soberanias, principados e autoridades.

Tudo foi criado por meio d'Ele e para Ele.

¹⁷Ele existe antes de todas as coisas,
e tudo n'Ele subsiste.

¹⁸Ele é também a Cabeça do corpo, que é a Igreja.

Ele é o Princípio, o primeiro daqueles

que ressuscitam dos mortos,

para em tudo ter a primazia.

¹⁹Porque Deus, a Plenitude total,

quis n'Ele habitar,

²⁰para, por meio d'Ele,

reconciliar consigo todas as coisas,

tanto as terrestres como as celestes,

13-15 retomam outro hino que celebra a vitória: através da morte de Cristo na cruz, Deus anulou o registo dos pecados e venceu todas as potências que poderiam escravizar os homens. Portanto, os cristãos agora são livres e não devem submeter-se a nada nem a ninguém que não seja Cristo.

16-23: Paulo dá sentido concreto à liberdade do cristão. A salvação já foi concedida em Cristo e, por isso, as coisas e alimentos existem para serem usados com liberdade, e não para serem estudados ou honrados como mediadores de salvação ou perdição. Do mesmo modo, as festas, que dependem do ciclo dos astros, não têm nenhum poder de dar ou tirar a salvação. «Morrer para os elementos do mundo» significa fazer que o mundo volte a ser simplesmente mundo: que o mundo não seja um sagrado opressor, uma norma de salvação. Aceitar Cristo como o único sacramento, faz com que o mundo se torne relativo. Deste modo, o cristão pode mover-se nele com plena liberdade.

3,1-4: Paulo não despreza as realidades terrestres. «Procurar as coisas do alto» significa descobrir a vida nova revelada em Jesus Cristo. O cristão já participa na vida que Jesus vive no mistério de Deus. Essa participação deve crescer e concretizar-se cada vez mais na História; quando Jesus estiver plenamente manifestado através do testemunho dos cristãos, então essa participação também se tornará completamente manifestada. Estes, conhecendo a vida de Cristo, são capazes de discernir e criticar tudo o que não conduz à plena realização humana.

5-17: Através do baptismo, os cristãos passam por uma transformação radical: deixam de pertencer à velha humanidade corrompida (homem velho) e começam a pertencer à nova humanidade (homem novo), que é a criação realizada em Cristo, o novo Adão, imagem de Deus (1,15). Na comunidade cristã, semente da nova humanidade, não se admitem distinções de raça, religião, cultura ou classe social: todos são iguais e participam igualmente na vida de Cristo. A transformação é coisa prática: deixar as acções que visam egoisticamente os próprios interesses, em troca de acções a serviço

da reconciliação mútua e do bem comum.

3,18-4,1: Paulo aplica às relações humanas o princípio enunciado no v. 17: fazer tudo «em nome do Senhor Jesus». Note-se que ele prega uma única moral a todos (homem, mulher, crianças, adultos, senhores e escravos): todos devem ser leais e respeitosos com os outros. Embora Paulo não se afaste do modo de pensar da sua época, a sua proposta é um passo para que se reconheça a igualdade de direitos entre os homens e para que se verifiquem importantes transformações sociais.

4,2-6: Paulo convida os cristãos a rezarem e a tratarem os não cristãos com amabilidade e sabedoria (sal). No contexto polémico da carta, esta atitude significa testemunhar e defender a fé cristã, ameaçada por doutrinas e práticas que a podem desfigurar.

7-9: Tíquico é provavelmente o portador desta carta e também da carta aos Efésios (Ef 6,21s). Onésimo é o escravo fugitivo que volta a Colossos, depois de Paulo o ter convertido à fé (cf. carta a Filémon).

10-18: Aristarco, natural de Tessalónica (Act 20,4), foi companheiro de Paulo na prisão. Marcos é o autor do segundo

Evangelho. Sobre Jesus, o Justo, nada sabemos. Épafras, discípulo de Paulo, foi o fundador da comunidade de Colossos. Lucas é provavelmente o mesmo que escreveu o terceiro Evangelho e o livro dos Actos dos Apóstolos. Sobre Demas, cf. 2Tm 4,10. Sobre Ninfas nada sabemos. Arquipo é filho de Filémon (Fm 2). As cartas de Paulo eram lidas também nas comunidades vizinhas. A carta aos Laodicenses perdeu-se; alguns identificam-na com a carta aos Efésios. Apesar de pequenas e distantes entre si, as primeiras comunidades mantinham constante comunicação, testemunhando que a unidade da Igreja se deve mais a um espírito de comunhão, do que a uma rígida organização institucional.

estabelecendo a paz
pelo seu sangue derramado na cruz.

Fidelidade ao Evangelho de Cristo — ²¹Antigamente éreis estrangeiros e inimigos de Deus, por causa das obras más que praticáveis e pensáveis.

²²Agora, porém, com a morte que Cristo sofreu no seu corpo mortal, Deus reconciliou-vos para vos tornar santos, sem mancha e sem reprovação diante d'Ele.

²³Isto tudo, sob a condição de permanecerdes alicerçados e firmes na fé, sem vos deixardes afastar da esperança no Evangelho que ouvistes e que foi anunciado a toda a criatura que vive debaixo do céu. Eu, Paulo, tornei-me ministro desse Evangelho.

O mistério do projecto de Deus — ²⁴Agora eu alegro-me de sofrer por vós, pois vou completando na minha carne o que falta aos sofrimentos de Cristo, a favor do seu corpo, que é a Igreja. ²⁵Eu tornei-me ministro da Igreja, quando Deus me confiou este encargo em vosso benefício: anunciar a realização da Palavra de Deus, ²⁶o mistério escondido desde o começo dos tempos e gerações, e que agora é revelado aos cristãos. ²⁷Deus quis manifestar aos cristãos a riqueza gloriosa que este mistério representa para os pagãos, isto é, o facto de que Cristo, a glória esperada, está em vós. ²⁸É a esse Cristo que anunciamos, aconselhando e ensinando a todos com plena sabedoria, para que todos sejam cristãos perfeitos. ²⁹É para isso que me esforço e luto, sustentado pela força de Cristo que age de forma poderosa em mim.

²Firmeza na fé — ¹Quero que saibais da difícil luta que enfrento por vós, pelos de Laodiceia e por todos aqueles que nunca me viram pessoalmente. ²Sofro para que eles sejam confortados e assim, estreitamente unidos no amor, se enriqueçam com a plenitude da compreensão, a fim de conhecerem o mistério de Deus: Cristo, ³no qual estão escondidos todos os tesouros da sabedoria e ciência. ⁴Digo isto para que ninguém vos engane com belos discursos. ⁵Pois, embora eu esteja fisicamente ausente, estou convosco em espírito, alegrando-me por ver que viveis em ordem e firmes na fé em Cristo.

Enraizados em Cristo — ⁶Já que aceitastes Jesus Cristo como Senhor, vivei como cristãos: ⁷enraizados n'Ele, edificaís-vos sobre Ele e apoiáís-vos na fé que vos foi ensinada, transbordando em acções de graças. ⁸Cuidado para que ninguém vos escravize através de filosofias enganosas e vãs, de acordo com tradições humanas, que se baseiam nos elementos do mundo, e não em Cristo.

Vida plena em Cristo — ⁹É em Cristo que habita, em forma corporal, toda a plenitude da divindade. ¹⁰Em Cristo tendes tudo de modo pleno. Ele é a cabeça de todo o principado e de toda a autoridade. ¹¹Em Cristo fostes circuncidados com uma circuncisão não feita por mãos humanas, mas com a circuncisão de Cristo, a qual consiste em despojarse do corpo carnal. ¹²Com Ele, fostes sepultados no baptismo, e n'Ele fostes também ressuscitados mediante a fé no poder de Deus, que ressuscitou Cristo dos mortos. ¹³Vós estáveis mortos por causa das faltas e da incircuncisão da carne, mas Deus concedeu-vos a vida juntamente com Cristo:

Ele perdoou todas as nossas faltas, ¹⁴ anulou o título de dívida que havia contra nós, deixando de lado as exigências legais; fez desaparecer o título, pregando-o na cruz; ¹⁵ destituiu os principados e autoridades, oferecendo-os em espectáculo público, após triunfar sobre eles por meio de Cristo.

Livres em Cristo — ¹⁶Ninguém, pois, vos julgue pelo que comeis ou bebeis, ou por causa de festas anuais, mensais ou de sábados. ¹⁷Tudo isso é apenas sombra daquilo que devia vir. A realidade é Cristo. ¹⁸Que ninguém, com humildade afectada ou culto aos anjos, vos impeça de conseguir a vitória; essas pessoas fecham-se nas suas visões e incham-se de orgulho com o seu modo de pensar. ¹⁹Eles não estão unidos à Cabeça, a qual, através de juntas e articulações, dá alimento e coesão ao corpo inteiro, fazendo-o crescer como Deus quer.

²⁰Se morrestes com Cristo para os elementos do mundo, porque vos submeteis a normas, como se ainda estivésseis sujeitos ao mundo, ²¹normas como estas: «Não pegues, não proves, não toques»? ²²Todas essas coisas se desgastam pelo uso. E essas proibições são preceitos e doutrinas de homens. ²³Tais regras de piedade, humildade e severidade com o corpo têm ares de sabedoria, mas na verdade não têm nenhum valor, a não ser a satisfação da carne.

³Procurar as coisas do alto — ¹Se ressuscitastes com Cristo, procurai as coisas do alto, onde Cristo está sentado à direita de Deus. ²Pensai nas coisas do Alto, e não nas coisas da Terra. ³Vós estais mortos, e a vossa vida está escondida com Cristo em Deus. ⁴Quando Cristo Se manifestar, Ele que é a nossa vida, então também vós vos manifestareis com Ele na glória.

Vida nova em Cristo — ⁵Fazei morrer aquilo que em vós pertence à terra: fornicação, impureza, paião, desejos maus e a cobiça de possuir, que é uma idolatria. ⁶Isso é o que atrai a ira de Deus sobre os rebeldes. ⁷Outrora, também vós éreis assim, quando vivíeis entre eles. ⁸Agora, porém, abandonai tudo isso: ira, raiva, maldade, maledicência e palavras obscenas que saem da vossa boca. ⁹Não mintais uns aos outros. De facto, fostes despojados do homem velho e das suas acções, ¹⁰e revestistes-vos do homem novo que, através do conhecimento, se vai renovando à imagem do seu Criador. ¹¹E aí já não há grego nem judeu, circunciso ou incircunciso, estrangeiro ou bárbaro, escravo ou livre, mas apenas Cristo, que é tudo em todos.

¹²Como escolhidos de Deus, santos e amados, revesti-vos de sentimentos de compaixão, bondade, humildade, mansidão, paciência. ¹³Suportai-vos uns aos outros e perdoai-vos mutuamente, sempre que tiverdes queixa contra alguém. Cada um perdoe ao outro, do mesmo modo que o Senhor vos perdoou. ¹⁴E acima de tudo, revesti-vos com o amor, que é o laço da perfeição. ¹⁵Que a paz de Cristo reine no vosso coração. Para essa paz fostes chamados, como membros de um mesmo corpo. Sede agradecidos. ¹⁶Que a palavra de Cristo permaneça em vós com toda a suarriqueza, ensinando-vos e admoestando-vos mutuamente com toda a sabedoria. Inspirados pela graça, cantai a Deus, de todo o coração, salmos, hinos e cânticos espirituais. ¹⁷E tudo o que fizerdes através de palavras ou acções, fazei-o em nome do Senhor Jesus, dando graças a Deus Pai por meio d'Ele. Cristo é Senhor de todos — ¹⁸Mulheres, sede submissas aos vossos maridos, pois assim convém a mulheres cristãs. ¹⁹Maridos, amai as vossas mulheres e não sejais grosseiros com elas. ²⁰Filhos, obededei em tudo a vossos pais, porque isso agrada ao Senhor. ²¹Pais, não irriteis os vossos filhos, para que eles não desanimem. ²²Escravos, obededei em tudo aos vossos senhores humanos, não só quando vigiados, para agradar aos homens, mas com simplicidade de coração, por temor ao Senhor. ²³Tudo o que fizerdes fazei-o de coração, como quem obedece ao Senhor, e não aos homens, ²⁴sabendo que recebereis do Senhor a herança como recompensa. O Senhor, a quem servis, é Cristo. ²⁵Quem comete injustiça, receberá a injustiça, pois não há distinção de pessoas.

¹Senhores, tratai os vossos escravos com justiça e igualdade, sabendo que tendes um Senhor no Céu. Oração e sabedoria — ²Sede constantes na oração; que ela vos mantenha vigilantes, dando graças a Deus. ³Ao mesmo tempo, pedi por nós, para que Deus nos abra uma porta para a pregação, a fim de anunciarmos o mistério de Cristo, por quem estou preso. ⁴Pedi para que eu anuncie esse mistério com linguagem conveniente. ⁵Usai de sabedoria com os que não são cristãos, aproveitando bem as ocasiões. ⁶Que a vossa conversa seja sempre agradável, temperada com sal, sabendo responder a cada um como convém.

Tíquico e Onésimo — ⁷O querido irmão Tíquico, ministro fiel e companheiro no Senhor, dar-vos-á todas as informações a meu respeito. ⁸É com essa finalidade que eu o envio, para vos animar e para que saibais de tudo a nosso respeito. ⁹Com ele vai Onésimo, nosso querido e fiel irmão, e que pertence ao vosso grupo. Eles contarão tudo o que acontece por aqui.

Saudações finais — ¹⁰Aristarco, meu companheiro de prisão, e Marcos, primo de Barnabé, mandam saudações. Sobre Marcos já mandei recomendações; se ele for visitar-vos, acolhei-o bem. ¹¹Jesus, apelidado Justo, também manda saudações. Estes são os únicos judeus que trabalham comigo pelo Reino de Deus, e são de grande consolação para mim. ¹²Épafras, do vosso grupo e servo de Jesus Cristo, manda saudações. Com as suas orações, ele não cessa de lutar em vosso favor, para que vos mantenhais perfeitos, observando plenamente a vontade de Deus. ¹³Eu sou testemunha de que ele se empenha muito por vós e por aqueles que estão em Laodiceia e Hierápolis. ¹⁴Lucas, o querido médico, e Demas mandam saudações.

¹⁵Saudai os irmãos de Laodiceia, como também Ninfas e a Igreja que se reúne em sua casa. ¹⁶Depois de lerdes esta carta, fazei que seja lida também na igreja de Laodiceia. E vós, lede a de Laodiceia. ¹⁷Por fim, dizei a Arquipo: «Procura realizar bem o ministério que recebeste do Senhor».

¹⁸A saudação é de minha própria mão: Paulo. Lembrai-vos de que estou preso!

A graça esteja convosco.

CARTAS DE SÃO PAULO

Carta aos Coríntios

PRIMEIRA CARTA AOS CORÍNTIOS
COMO SUPERAR OS CONFLITOS NA COMUNIDADE

INTRODUÇÃO

Corinto era uma rica cidade comercial, com mais de 500.000 habitantes, na maioria escravos. Nesse porto marítimo acotovelava-se gente de todas as raças e religiões à procura de vida fácil e luxuosa, criando ambiente de imoralidade e ganância. A riqueza escandalosa de uma minoria estava ao lado da miséria de muitos. Surgiu, inclusive, uma expressão: «Viver à moda de Corinto», que significava viver no luxo e na orgia.

Paulo, entre os anos 50 e 52, permaneceu aí durante dezoito meses (Act 18,1-18) e fundou uma comunidade cristã formada por pessoas da camada mais modesta da população (1Cor 1,26-28).

A primeira carta aos Coríntios foi escrita em Éfeso, provavelmente no ano 56. A comunidade já reproduzia, de certa maneira, o ambiente que se vivia na cidade. Ela também estava dividida: os grupos litigavam entre si, cada um apoiando-se na autoridade de algum pregador do Evangelho. Por isso, o primeiro objectivo de Paulo na carta é restabelecer a unidade, advertindo que o único chefe é Cristo, e Este não está dividido. Paulo aproveita da situação para traçar um retrato do verdadeiro agente de pastoral (1Cor 1--4). Depois, passa a denunciar os escândalos que invadem a comunidade: incesto, julgamento em tribunais pagãos, a imoralidade, e vai elaborando uma teologia do corpo: este é templo do Espírito Santo (1Cor 5-6).

Em seguida, responde a diversas perguntas formuladas pelos Coríntios. Na primeira série, procura orientar os cristãos sobre os estados de vida (1Cor 7): matrimónio ou celibato? divórcio ou indissolubilidade? o que pensar da virgindade? como devem comportar-se os noivos? as viúvas podem casar-se de novo? Em tudo isso, onde está a originalidade cristã? Ao responder sobre a questão da carne sacrificada aos ídolos (1Cor 8-10), coloca o fundamento da verdadeira liberdade cristã: o respeito pelos outros.

A carta também apresenta normas para que haja ordem e autêntico culto cristão nas assembleias litúrgicas (1Cor 11-14): entra na debatida questão do véu das mulheres; denuncia as diferenças de classe nas celebrações eucarísticas, e aí é taxativo: Eucaristia sem amor fraterno é impossível. Salienta igualmente que os carismas que fervilham na comunidade só têm sentido quando estão ao serviço dos irmãos, e se estão subordinados ao dom maior, que é o amor.

Por fim (1Cor 15), citando exemplos da natureza e da própria ressurreição de Cristo, demonstra que a ressurreição dos corpos é inquestionável: o cerne da fé é a certeza de que a vida vence a morte.

¹Endereço e saudação — ²Paulo, Apóstolo de Jesus Cristo por vontade e chamamento de Deus, e o irmão Sóstenes, ²à Igreja de Deus que está

21,1-3: Desde o início, Paulo já salienta o aspecto da unidade, que é um dos temas fundamentais da carta: o único Senhor das Igrejas é Jesus Cristo.

4-9: A evangelização da comunidade de Corinto foi completa: ela recebeu a riqueza do Evangelho e da sabedoria da vida cristã. Este é outro tema importante da carta. Resta à comunidade perseverar no testemunho de Jesus Cristo até ao fim.

10-16: O que faz a unidade da comunidade cristã é o baptismo em nome de Jesus e a submissão a Ele como único Senhor. Os evangelizadores e chefes são apenas instrumentos para levar a comunidade a Jesus Cristo. Absolutizando as pessoas, ela divide-se, submetendo-se a outros senhores e falsificando a função dos chefes.

17-31: O projecto de Deus é contrário aos projectos dos homens. Os homens valorizam e dão lugar aos ricos, aos poderosos, aos intelectuais, aos que têm posição social, beleza física, facilidade de expressão, etc. Consequentemente, desprezam e não dão importância àqueles que não se encaixam nestes padrões. Deus, porém, subverte a sociedade e os projectos humanos: para estabelecer e realizar os seus projectos, Ele alia-se aos pobres, fracos e simples, porque estes não são auto-suficientes e abrem-se a Deus. É na pobreza e fraqueza destes que Deus manifesta a sua força (cf. 2Cor 12,9). E a manifestação máxima do poder e da graça de Deus é Jesus crucificado, pois a cruz é o símbolo da fraqueza, do fracasso e da vergonha, porque nela eram executados os criminosos. A verdadeira comunidade cristã é a dos pobres: ela está aliada à sabedoria do projecto de Deus; por isso, é portadora da novidade que provoca transformações radicais.

2,1-16: Paulo não se serviu de artifícios humanos para anunciar o Evangelho aos Coríntios. Pelo contrário, foi através da sua fraqueza que ele anunciou o cerne do projecto de Deus:

Jesus crucificado. Se os Coríntios chegaram à fé, foi pelo Espírito que agiu neles através de Paulo. Os cristãos que aprofundaram a fé possuem a verdadeira avasabedoria, que consiste no seguinte: Deus salva o mundo por meio de Jesus Cristo. Esta compreensão da fé é obra do Espírito; o homem que só confia na sua própria capacidade não consegue atingir essa compreensão.

3,1-4: Enquanto os cristãos condicionarem a própria fé à preferência por um pregador ou chefe, demonstram fé imatura. Agindo assim, estão a ser levados por princípios que dividem e que são contrários ao princípio básico que provém do Espírito: a unidade em Jesus Cristo.

5-17: Paulo serve-se de duas imagens (campo e edifício) para apresentar o verdadeiro agente de pastoral. Este é um servidor do projecto de Deus concretizado em Jesus Cristo e que consiste em reunir os homens no compromisso de fé com Jesus, cuja acção devem continuar. Se os agentes de facto servem a Cristo, nunca se contradizem. O sucesso não deve levar o agente à vanglória, pois o projecto não é seu; a eficácia vem de Deus, que também dá as aptidões e capacidades. A responsabilidade é grande, pois o agente deverá prestar contas ao próprio Deus, que provará quanto vale a obra de cada um.

18-23: A sabedoria do projecto de Deus critica e sobrepõe-se a todos os projectos da sociedade. Conhecendo e vivendo o projecto de Deus, a comunidade cristã é radicalmente livre e não deve dobrar-se diante de pessoas ou coisas, pois ela pertence unicamente a Cristo e a Deus.

4,1-5: Os agentes de pastoral são servidores de Cristo e trabalham para que o projecto de Deus seja conhecido e vivido. O que deles se espera é que sejam fiéis. Quem poderá julgá-los? O julgamento humano, que se baseia em códigos e opiniões socialmente estabelecidas, é sempre parcial e injusto, pois apoia-se em aparências e reflecte os conflitos de interesse dos grupos sociais. Só Deus pode fazer verdadeira justiça, pois só Ele conhece a totalidade e profundidade do homem, para além das aparências e interesses.

6-13: Paulo ironiza com a comunidade que imagina ter conseguido a maturidade cristã. Ao orgulho, contrapõe a condição dos Apóstolos perseguidos, para lembrar à comunidade que o Reino ainda não está realizado e que a Igreja vive sob o signo da cruz.

14-21: A comunidade pode ter muitos pedagogos (cf. nota em Gl 3,19-24), mas Paulo é o único pai: foi ele que, através do Evangelho, fundou a comunidade. Nesse tempo, o Evangelho ainda não era um documento escrito, mas o seu conteúdo vivo era anunciado e testemunhado concretamente pela pessoa do Apóstolo. Assim como o filho obedece ao pai que o educa e lhe transmite a herança, Paulo pede que a comunidade lhe obedeça, para que ele possa educá-la e transmitir-lhe a herança do Evangelho. Timóteo é enviado à comunidade como filho fiel: na pessoa deste, a comunidade poderá reconhecer o verdadeiro evangelho como herança de Paulo.

5,1-13: Paulo recrimina um comportamento que nem mesmo a lei judaica e o direito romano tolerariam. «Entregar a Satanás» significa expulsar da comunidade. Deste modo, o imoral tomará consciência da sua culpa e poderá arrepende-se; assim a comunidade livrar-se-á do mau exemplo que provocaria contágios. Paulo

usa a imagem do fermento em sentido oposto ao dos Evangelhos (cf. Mt 13,33). Ele não deseja que a comunidade seja uma espécie de «gueto» no mundo; trata-se de viver no mundo sem estar comprometido com o mundo (cf. Jo 17,14-15).

6,1-11: Pelo baptismo, os cristãos tornaram-se irmãos em Cristo e participam da mesma esperança do Reino. Como podem estes irmãos litigar entre si? Pior ainda, como podem recorrer a tribunais pagãos para dirimir conflitos? Estamos longe do espírito do Evangelho (cf. Mt 5,38-48). Paulo não condena os tribunais do seu tempo, mas critica o espírito de competição e a ausência de discernimento na comunidade.

12-20: Paulo enfrenta uma falsa concepção de liberdade, extremamente permissiva em questões de vida sexual. Como princípio, ele salienta que nem tudo convém à condição cristã. Por outras palavras: o cristão deve saber discernir o que leva ao crescimento e à realização da pessoa humana. Uma vez que foi resgatado por Cristo para viver a liberdade, não deve deixar-se escravizar de novo, nem mesmo pelo próprio corpo, muitas vezes injuriando o próprio corpo.

7,1-11: Alguns convertidos de Corinto pensam que o matrimónio esteja ultrapassado: uns pregam a liberdade sexual, outros vêem o celibato como condição única de viver o Evangelho. Diante de tais exageros, a orientação de Paulo é extremamente realista: consciente das necessidades e da fragilidade humana, ele coloca no devido lugar tanto o celibato como o matrimónio. O celibato goza das preferências de Paulo; no entanto, mostra que se trata de um dom, uma vocação, que para o celibatário não significa nenhum mérito. O matrimónio é o lugar por excelência da união e da vida sexual; união indissolúvel, feita de dom e disponibilidade recíproca (cf. Ef 5,4-33). Quanto ao divórcio, Paulo ensina a mesma coisa que os Evangelhos (cf. Mt 19,9 e paralelos).

12-16: Uma questão típica das primeiras gerações cristãs: que fazer quando um dos cônjuges não se converte à fé cristã? Paulo quer a todo o custo preservar a união matrimonial e confia na boa influência do cônjuge cristão. Contudo, se a relação se torna impossível, o cônjuge não cristão, e só ele, pode tomar a decisão de separar-se. Isso mostra que Paulo entende a indissolubilidade como algo estritamente ligado à fé cristã.

17-24: O Evangelho não se dirige a determinada raça, grupo ou casta social; ele é aberto a todos. Na visão de Paulo, o convertido não deve estar preocupado em mudar de posição na escala social. O que importa é compreender que a condição cristã implica uma novidade radical: o único Senhor que está sobre todos é Jesus Cristo; n'Ele todos são livres e só a Ele devem submeter-se. Deste modo, Paulo vê a comunidade cristã como semente de uma sociedade igualitária, onde todos os homens são chamados a ser livres e a encontrarem a própria dignidade.

25-35: Para a Igreja primitiva eram iminentes o fim do mundo e a manifestação final e gloriosa de Jesus (vv. 29,31). É nessa perspectiva que podemos compreender muitos conselhos referentes ao matrimónio, ao celibato e à virgindade: se o fim está próximo, para quê casar-se e ter filhos? Na visão de Paulo, a virgindade é vista como um dom total da própria vida ao Senhor, como maneira de empenhar-se totalmente no testemunho do Evangelho. Jesus já destacava a grandeza do celibato na consagração radical a Deus e ao Reino, mas sem o impor (cf. Mt 19,10-12).

36-38: Trata-se talvez de um noivo que sente forte o estímulo do desejo sexual, mas se vê pressionado pelo ideal celibatário, apresentado por alguns da comunidade como única maneira de realização cristã. Paulo dá ao noivo ansioso plena liberdade para se decidir.

39-40: Paulo deixa total liberdade para as viúvas se casarem de novo, mas apenas com cônjuge cristão («no Senhor»). Sobre o conselho de «ficar como está», cf. nota em 7,25-35.

8,1-13: As carnes sacrificadas a ídolos eram carnes de animais oferecidas nos templos pagãos. Uma parte, não utilizada nos banquetes sagrados, era vendida no mercado (10,25) ou consumida nas dependências do templo pagão (8,10). Pode-se comer dessas carnes? Os cristãos mais esclarecidos dizem que sim; os mais escrupulosos dizem que é idolatria. Paulo dirige-se aos «escrupulosos» e afirma que eles são pouco sábios. De facto, há um só Deus vivo e os ídolos não são nada. Por isso, pode-se comer das carnes sacrificadas; entretanto, os «esclarecidos» esquecem o princípio supremo da sabedoria: o amor.

9,1-14: Paulo apresenta-se como exemplo para os que têm consciência «esclarecida». O missionário tem o direito de ser sustentado pela comunidade nas necessidades materiais. Paulo, contudo, renunciou a isso para não criar obstáculos à evangelização. A vida cristã é sempre comunitária e cada um é responsável pelos outros; por isso, deve ser capaz de renunciar aos direitos da própria liberdade para testemunhar o primado do amor.

15-27: Paulo não reivindica nenhum direito. Não considera o seu ministério como profissão, da qual poderia tirar proveito e prestígio, mas como missão, na qual o Senhor o empenhou pessoalmente. Paulo vive a liberdade radical, que o leva a tornar-se disponível e solidário para com todos. Usando as imagens do atletismo e do pugilato, Paulo incentiva os sentoucrístãos a lutarem pela fé; e isso não pode ser feito sem séria disciplina.

10,1-13: Paulo faz uma releitura do Antigo Testamento, mostrando que a História é um exemplo e instrução para a comunidade cristã, que vive a etapa final dessa mesma História (v. 11). Segundo as tradições dos rabinos, a rocha golpeada por Moisés (cf. Nm 20,1-13) seguia os hebreus para os abastecer de água. Essa interpretação é aqui usada para dizer que Cristo conduz o povo desde os tempos do Êxodo. O comportamento dos hebreus daquele tempo torna-se advertência para que os cristãos se mantenham fiéis, confiando no apoio de Deus.

14-22: Participar no culto é entrar em comunhão com a divindade à qual se presta culto. Paulo opõe radicalmente a Eucaristia aos banquetes sagrados dos cultos pagãos, dizendo que é urgente a opção e coerência dos cristãos. Ao mesmo tempo salienta o lugar central da celebração eucarística: a Eucaristia exprime e cria a unidade do Corpo de Cristo, que é a Igreja.

10,23-11,1: A interpretação individualista da liberdade não é cristã. O livre agir do cristão está submetido a valores maiores: a solidariedade comunitária e a responsabilidade pelo crescimento e amadurecimento comum de todos. Para atingir esses valores é que existe a liberdade. A auto-suficiência e o isolamento egoísta criam uma falsa liberdade. E a liberdade cristã consiste em viver como filhos de Deus e irmãos dos outros. Dar glória a Deus é reconhecer que só Deus é absoluto. Ser irmão dos outros é viver a solidariedade para crescer com eles. Paulo apresenta-se como modelo a imitar, pois tem consciência de ser o «Evangelho vivo», isto é, de viver na sua vida o próprio comportamento de Jesus.

11,2-16: Para falar da dependência da mulher, aqui são usados os mesmos argumentos machistas dos mestres judeus. De repente, porém, Paulo nota que está a negar a igualdade de direitos entre os sexos e volta atrás (vv. 11-12), dando a entender que os argumentos aduzidos têm pouco valor.

17-34: O texto é o mais antigo testemunho sobre a Eucaristia: foi escrito no ano 56, dez anos antes dos Evangelhos. No início, a celebração eucarística fazia-se depois de uma ceia, onde todos repartiam os alimentos que cada um levava. Em Corinto surge um problema: nas celebrações há divisão de classes sociais e de mentalidades diferentes. Muitos chegam atrasados, provavelmente porque trabalhavam, e não encontram mais nada. Resultado: em vez de ser um testemunho de partilha, a celebração tornava-se lugar de ostentação, foco de discriminação e contrastes gritantes. A situação oferece oportunidade para um discernimento: quem é cristão de facto? Nesse contexto, Paulo relembra a instituição da Eucaristia. Ela é a memória permanente da morte de Jesus como dom de vida para todos (corpo e sangue). A Eucaristia é a celebração da Nova Aliança, isto é, da nova humanidade que nasce da participação no acto de Jesus, não só no culto, mas na vida prática. Por isso, a comunidade que celebra a Eucaristia anuncia o futuro de uma reunião de toda a Humanidade.

Voltando ao problema, Paulo interpela a comunidade a examinar-se: Não será uma incoerência celebrar a Eucaristia quando na própria celebração se fazem distinções e se marginalizam os mais pobres? Anteriormente (10,17), Paulo salientara que, ao participar na Eucaristia, a comunidade forma um só corpo. Se a comunidade não entender isso («sem discernir o Corpo», v. 29), estará a celebrar a sua própria condenação, pois desligará a Eucaristia do seu antecedente e quedas suas consequências práticas: solidariedade e partilha. O julgamento do Senhor manifesta-se de dois modos: a própria Eucaristia torna-se testemunho contra a comunidade; ao mesmo tempo, a fraqueza, doença e morte de muitos membros testemunham a falta de partilha e solidariedade. Paulo termina com duas orientações práticas: esperar que todos cheguem para começar juntos a reunião (v. 33), e

não transformá-la em ocasião de ostentação e gula (vv. 21 e 34).

12,1-3: Na efervescência carismática dos Coríntios existem traços pagãos. Estes reúnem-se para cultivar o espectacular e o fascínio pelo sobrenatural impregnado de mística pagã; isso acaba por se tornar um verdadeiro ópio. Paulo adverte: nem todas as manifestações de entusiasmo religioso provêm de Deus. Na mística cristã, o primeiro critério para discernir os verdadeiros dons do Espírito é reconhecer Jesus como Senhor.

4-11: A Trindade é a base sobre a qual a comunidade se constrói: nesta, toda a acção provém do Pai, todo o serviço provém de Jesus e todos os dons (= carismas) provém do Espírito. Cada pessoa na comunidade recebe um dom, ou melhor, é um dom para o bem de todos. Por isso, cada um, sendo o que é e fazendo o que pode, age para o bem da comunidade, colocando-se ao serviço de todos como dom gratuito. Deste modo, cada um e todos se tornam testemunho e sacramento da acção, serviço e dom do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Paulo enumera apenas os carismas de direcção e ensino. A lista não é completa, pois cada pessoa é um carisma para a comunidade.

12-31: A imagem do corpo é usada para falar da unidade, diversidade e solidariedade que caracterizam a comunidade cristã. Esta é una, porque forma o corpo de Cristo, dado que todos receberam o mesmo baptismo e o mesmo Espírito, que produzem a comunhão e igualdade fundamental. Contudo, as pessoas são diferentes entre si; cada uma com a sua originalidade, contribui, de maneira indispensável, para a construção e crescimento de todos; portanto, não há lugar para complexos de superioridade ou inferioridade. O cimento da vida comunitária é a solidariedade, que faz que todos se voltem para cada um, principalmente para os mais fracos e necessitados, partilhando os sofrimentos e alegrias.

13,1-13: O caminho que ultrapassa a todos os dons e ao qual todos os membros da comunidade devem aspirar é o amor. «Deus é amor» (1Jo 4,8), Jesus é o enviado do amor (Jo 3,16), e o centro do Evangelho é o mandamento do amor (Mc 12,28-34), que sintetiza toda a vontade de Deus (Rm 13,8-10). O amor é a fonte de qualquer

comportamento verdadeiramente humano, pois leva a pessoa a discernir as situações e a criar gestos oportunos, capazes de responder adequadamente aos problemas. Os outros dons dependem do amor, não podem substituí-lo e sem ele nada significam. O amor é a força de Deus e também a força da pessoa aliada a Deus. É a fortaleza inexpugnável que sustenta o testemunho cristão, pois «tudo desculpa, tudo crê, tudo espera, tudo suporta». O amor é eterno e transcende tempo e espaço, porque é a vida do próprio Deus, da qual o cristão já participa. É maior do que a fé e a esperança, que nele estão contidas.

14,1-25: Os carismas são úteis quando colaboram para o crescimento da comunidade, e não quando servem para a ostentação de quem os recebeu. Paulo recomenda vivamente a profecia e é restritivo quanto ao dom das línguas. A profecia é o dom pelo qual alguém, sob a inspiração do Espírito Santo, mostra a vontade de Deus dentro da situação presente, levando a comunidade à conversão e ao esclarecimento da fé. O dom das línguas é uma espécie de oração realizada

em clima de êxtase religioso: a pessoa fala na reunião da comunidade com palavras incompreensíveis, ou repetindo sons desordenados e louvando a Deus em línguas desconhecidas, que um intérprete traduz. Paulo não condena o fenómeno de «falar em línguas»; mostra apenas a sua limitação e o ridículo em que a comunidade pode cair (v. 23).

26-40: Parece que as reuniões da comunidade de Corinto eram muito desordenadas. Ninguém pedia a palavra, vários falavam ao mesmo tempo, e em tudo isto talvez sobressaíssem as mulheres. Por essa razão, Paulo convida-as a calarem-se. Os que tinham dons especiais julgavam-se superiores aos outros e não respeitavam a ordem mais elementar.

15,1-11: A certeza da fé cristã baseia-se num facto: a ressurreição de Cristo. Paulo recorda o ensinamento tradicional da Igreja, e confirma-o enumerando as testemunhas que viram Cristo ressuscitado. Encontramos aqui os traços principais do Credo e, ao mesmo tempo, o mais antigo testemunho escrito sobre o ensinamento primitivo da Igreja a respeito das aparições de Jesus Cristo. 12-19: Em Corinto, alguns pensavam que, depois da morte, a alma imortal continuava a viver sozinha, abandonando a matéria e o corpo, que são considerados coisas más e inferiores. Outros pensavam que tudo terminava com a morte e que era melhor aproveitar o momento presente. Paulo mostra que ambas as opiniões são contrárias ao núcleo da fé cristã, porque se os mortos não ressuscitam verdadeiramente, nem Cristo ressuscitou.

20-28: Dois estados da Humanidade se opõem: o pecado e a morte, dos quais Adão é o símbolo; a graça e a vida, realizadas em Cristo (cf. Rm 5,17-21). A partir do pecado, existem na sociedade forças e estruturas que invertem o destino humano, desagregando, pervertendo, e até mesmo levando os homens à morte. Cristo foi morto por essas estruturas, mas Deus ressuscitou-O e deu-Lhe poder para as destruir. Após vencer essas forças, também a morte será vencida; então, o triunfo será definitivo. Unida a Cristo, a Humanidade estará de novo submetida a Deus e o Reino de Deus manifestar-se-á completamente.

29-34: Dois argumentos apoiam a fé na ressurreição: o baptismo pelos mortos e o testemunho cristão que não teme a morte. Quanto ao baptismo pelos mortos, trata-se de um rito desconhecido com que os cristãos procuravam assegurar a salvação dos seus parentes falecidos.

35-49: Não se pode imaginar a ressurreição como simples reviver, ou simples regresso às condições da vida terrestre. O ser humano passará para uma condição inteiramente nova: este corpo «animal», mortal, que nos foi transmitido pelos nossos pais, torna-se «espiritual», isto é, recebe vida nova do Espírito que Cristo nos dá. Paulo usa diversas imagens para nos dar a ideia da transfiguração pela qual passaremos. Nenhuma delas, porém, é capaz de dar uma ideia completa da misteriosa e real transformação que nos tornará semelhantes ao próprio Cristo ressuscitado.

50-53: Paulo imagina que Cristo há-de voltar antes que a sua geração morra; os mortos ressuscitarão e os que estiverem vivos serão transformados. Deste modo, ele salienta que a ressurreição não é apenas retorno à vida.

54-58: Depois que Cristo ressuscitou, nenhum tipo de morte terá a vitória final. Esta vitória de Cristo sobre a morte é também vitória contra o pecado, que introduz e alimenta a morte no mundo, e contra a lei, que mostra o que é pecado, mas não dá forças para o vencer. Quem acredita em Jesus ressuscitado pode cantar desde já o triunfo da vida.

16,1-4: Cf. notas em 2Cor 8-9.

5-18: Timóteo teve papel importante nas relações entre Paulo e a comunidade de Corinto (4,17; Act 15,41-16,5; 19,21-22). Apolo não quer voltar logo a Corinto, para não reagrupar um partido em torno do seu nome e do seu prestígio (1,12; 3,5-6; 4,6; Act 18, 24-19,1).

19-24: Marana-tá é expressão aramaica e significa «Vem, Senhor!» Entrou em uso na liturgia e exprime a espera da comunidade pela vinda gloriosa de Jesus.

1,1-2: Timóteo acompanha Paulo na segunda e na terceira viagem, participando na fundação da comunidade em Corinto (1,19; cf. Act 18,5). É Timóteo que mantém a ligação entre Paulo e essa comunidade (1Cor 4,17; 16,10-11).

3-11: Paulo conheceu a perseguição e sentiu o medo da morte próxima; teve a experiência da incompreensão e rejeição, até mesmo por parte das comunidades por ele fundadas. Nisso tudo, ele descobre aspectos da tribulação, que caracteriza a condição cristã (cf. nota em Rm 5,1-11). Todavia, ele firma-se numa convicção profunda: a alegria de estar nas mãos do Senhor e participar da própria condição de Jesus. A palavra consolação é repetida nove vezes, para significar a libertação interior, a força reencontrada, a mudança de situação, a experiência de ser sustentado por Deus. Nos momentos difíceis, confirma-se a solidariedade dos cristãos, porque todos pertencem ao mesmo corpo de Cristo.

12-14: Já houve muitos mal-entendidos entre a comunidade e Paulo. Este pede que ninguém procure subentendidos nas suas cartas, nem segundas intenções nos seus actos.

15-22: Paulo prometera voltar a Corinto, mas não fora possível, e por isso foi mal interpretado. Ele mostra, porém, que é firme e fiel, como verdadeiro discípulo de Jesus (cf. Mt 5,36). Se estivesse a enganar os Coríntios, estaria a trair a sua própria fidelidade a Jesus, que foi sempre fiel à vontade de Deus. A seguir, lembra o rito do baptismo, que incorpora os fiéis a Cristo, tornando-os participantes do mistério da Trindade.

1,23-2,13: Paulo explica porque escreveu uma carta, em vez de realizar a visita prometida. Nada sabemos sobre os pormenores do incidente. O Apóstolo foi contestado por alguém que se opôs aos seus colaboradores. Na sua opinião, uma visita poderia aumentar a problemática, enquanto uma carta levaria à reflexão e reconciliação. Foi o que aconteceu: a comunidade puniu o culpado e este reconheceu o próprio erro. Agora, deve prevalecer o amor. A referida carta (2,3) perdeu-se ou encontra-se nos caps. 10-13 da presente carta (cf. Introdução). A sequência dos acontecimentos será retomada em 7,5.

2,14-17: O Apóstolo relembra o triunfo do Evangelho que se espalha através do testemunho vivo dos missionários. Esse Evangelho apresenta o testemunho de Jesus Cristo, para provocar uma opção decisiva: para a vida ou para a morte, para o verdadeiro sentido da vida ou para uma alienação completa. Quem poderia arrogar-se o direito de exercer tal missão sem ser chamado por Deus?

3,1-6: O que confirma a autenticidade da missão de um Apóstolo não é uma simples carta de recomendação dada por autoridades externas, mas o testemunho vivo da comunidade, que foi reunida e evangelizada pelo Apóstolo. É assim que se constitui a nova aliança anunciada pelos profetas e escrita pelo Espírito na vida dos homens e dos povos (cf. Jr 31,31-33; Ez 11,19).

7-18: Paulo contrapõe a antiga e a nova aliança. A primeira, que foi concluída por Moisés, tinha valor passageiro e era aliança de morte; de facto, a Lei denuncia o pecado, mas não dá forças para o vencer. Comentando o véu de Moisés (cf. Êx 34,29-35), Paulo afirma que o mesmo véu cobre agora o rosto dos judeus, que absolutizam a aliança antiga e não compreendem ser Cristo a aliança nova e definitiva, que conduz à vida como força de libertação e fonte de liberdade. A luz do Ressuscitado reflecte-se na vida dos fiéis e transfigura-a de forma cada vez mais profunda.

4,1-6: Escolhido para o ministério da nova aliança, o Apóstolo não pode falsificar o Evangelho em busca de uma glória pessoal. Iluminado por Cristo, ele torna-se, pelo testemunho, luz para iluminar toda a consciência que não se deixa seduzir pelos deuses deste mundo, isto é, pelas forças que pervertem a vida humana.

7-15: A vida de Paulo parece frustração e fracasso diante do êxito que os novos mestres de doutrina conseguem. O prestígio fácil, porém, não é sinal de Evangelho autêntico. Este provoca sempre conflitos e perseguições, fazendo que a testemunha participe do caminho de Jesus em direcção à morte e à ressurreição. E um primeiro aspecto dessa ressurreição já se manifesta no testemunho vivo da comunidade, que foi gerada pelo testemunho do Apóstolo, cuja fraqueza humana se torna instrumento da força de Deus.

4,16-5,10: Para quem não tem fé, a morte é o fim de tudo. Mas, para quem está comprometido na fé e segue a Jesus, a morte é uma passagem para a dimensão definitiva da vida. O nosso corpo mortal desgasta-se e desfaz-se na vida terrestre; mas, através da ressurreição, Deus leva o nosso ser à vida plena. Paulo emprega uma imagem muito familiar no Oriente: quando retomam a caminhada, os nómadas do deserto desmontam a tenda do acampamento porque o deserto não é a sua moradia estável. O mesmo acontece connosco: este mundo é o lugar onde vivemos e construímos a nossa história, cujo fim é a comunhão e participação na própria vida divina.

5,11-13: Os Coríntios estão divididos: uns reprovam os excessos de Paulo; outros acham-no prudente de mais. De facto, ele sabe tomar propositadamente atitudes contraditórias: entrega-se totalmente ao serviço do Evangelho; e, ao mesmo tempo, sabe agir com moderação em favor dos Coríntios. Na realidade, ele é guiado por uma só convicção: anunciar e testemunhar o Evangelho.

5,14-6,2: Os inimigos de Paulo dizem que ele não é Apóstolo porque não foi testemunha ocular da vida terrestre de Jesus, nem Lhe conheceu as palavras e actos. Por isso, não pode ser testemunha do Evangelho. No entanto, o Apóstolo mostra que o Evangelho não é a simples história de Jesus, mas o anúncio da sua morte e ressurreição, que restaura a condição humana, vence a alienação causada pelo pecado e inaugura uma nova era. A cruz de Jesus anuncia o fim da inimizade com Deus e inaugura uma nova era de reconciliação universal. Enquanto esperamos o dia da ressurreição, Deus escolheu Apóstolos para exercer o ministério da reconciliação. Por meio deles, o Senhor Jesus continua a sua actividade na Terra e convoca todos os homens: «reconciliai-vos com Deus».

6,3-10: A veracidade de um Apóstolo está no seu empenho total pela obra de Deus. Aquilo que o distingue é o contraste entre as riquezas da sua alma apaixonada e os modestos recursos humanos de que dispõe. É por isso que o Apóstolo se apresenta sempre como sinal de contradição dentro da sociedade.

11-13: Após o longo parêntese formado por 2,14-6,10, Paulo volta a reflectir sobre a situação da comunidade.

6,14-7,1: O trecho seria mais compreensível em 1Cor 5,9, onde Paulo fala de recado anterior: os fiéis não se misturem com aqueles que se comportam mal, isto é, com os irmãos que voltaram aos costumes pagãos (cf. Introdução).

7,2-16: Paulo recorda o problema que havia surgido e a carta anterior, e que deve ter sido bastante enérgica (cf. 2,1-11), tanto que fez com que os Coríntios se arrependessem, aderissem a Paulo e se indignassem contra os inimigos. Aqui revela-se a profunda afectividade deste missionário, que se entrega de corpo e alma à evangelização.

8,1-24: No ano 48, houve grande fome na Judeia e em Jerusalém (Act 11,28), por causa da colheita fraca do ano precedente, que tinha sido sabático, no qual os judeus não semeiam, para que a terra possa descansar. Para atender à situação, organizou-se uma ajuda económica em Jerusalém, Paulo prometeu que, nas suas missões entre os pagãos, daria atenção aos irmãos de Jerusalém (cf. Gl 2,10). Aqui ele aconselha as Igrejas de Corinto e da sua província a realizarem a colecta que já haviam decidido fazer (cf. 1Cor 16,1). Salienta que essa ajuda material é uma graça de Deus, muito maior para quem oferece do que para quem recebe. Além disso, como se tratava de somas elevadas, Paulo preocupa-se que a colecta seja administrada por pessoas de confiança.

9,1-15: Volta o tema da colecta, como se nada tivesse sido dito no capítulo anterior. Na opinião de alguns estudiosos, Paulo escreveu também um bilhete dirigido às Igrejas da região de Corinto. É possível que 2Cor 9 seja esse bilhete, colocado aqui por tratar o mesmo assunto do cap. 8 (cf. Introdução). Toda esta preocupação pela colecta em favor dos necessitados da comunidade de Jerusalém demonstra que, desde o início, a questão económica também fazia parte do testemunho cristão. A partilha e a solidariedade em favor dos mais pobres não se manifestava só na própria comunidade, mas era sinal de unidade entre as diversas comunidades. Este intercâmbio material não era questão periférica da fé, mas autêntico veículo de comunicação do «dom extraordinário» de Deus (v. 15) e obediência ao Evangelho de Cristo (v. 13).

10-13: Nestes capítulos o tom torna-se severo e violento. Como a vida cristã e a autenticidade do Evangelho se acham ameaçadas, Paulo enfrenta alguns missionários que procuram desacreditá-lo e repreende os cristãos que deram ouvidos a calúnias. É provável que estes capítulos pertençam à carta severa, da qual se fala em 2Cor 2,3 (cf. Introdução).

10,1-18: Paulo conhece a imagem que dele fazem os novos e pretensos missionários: de longe, cheio de severidade; de perto, fraco e tímido; numa palavra, alguém que não possui qualificações para ser Apóstolo. Contudo, ele vive uma convicção diferente: a sua missão não é dominar os homens, mas ganhá-los para Cristo unicamente com a força da Palavra de Deus, que é capaz de «destruir fortalezas». Paulo mostra que esses «super-apóstolos» se aproveitam do trabalho que ele realiza; ao mesmo tempo, critica os Coríntios por lhes darem atenção, preocupando-o e impedindo de evangelizar outros lugares. Com isso, os Coríntios acabam por se tornar um obstáculo e não um auxílio para a propagação do Evangelho. A comuni-

em Corinto. Dirigimo-nos àqueles que foram santificados em Jesus Cristo e chamados a ser santos, juntamente com todos os que invocam em todo o lugar o Nome de nosso Senhor Jesus Cristo, Senhor deles e nosso. ³Graça e paz vos sejam dadas da parte de Deus nosso Pai e do Senhor Jesus Cristo.

Agradecimento — ⁴Sem cessar, agradeço a Deus por vossa causa, em vista da graça de Deus que vos foi concedida em Jesus Cristo. ⁵Pois em Jesus é que recebestes todas as riquezas, tanto da palavra como do conhecimento. ⁶Na verdade, o testemunho de Cristo tornou-se firme em vós, ⁷a tal ponto que não vos falta nenhum dom, a vós que esperais a Revelação de nosso Senhor Jesus Cristo. ⁸É Ele que também vos fortalecerá até ao fim, para que não sejais acusados no Dia de nosso Senhor Jesus Cristo. ⁹O Deus que vos chamou para a comunhão com o seu Filho Jesus Cristo, nosso Senhor, Ele é fiel.

I. DIVISÕES NA COMUNIDADE

Cristo está dividido? — ¹⁰Peço-vos, irmãos, em nome de nosso Senhor Jesus Cristo: mantende-vos de acordo uns com os outros, para que não haja divisões. Sede estreitamente unidos no mesmo espírito e no mesmo modo de pensar. ¹¹Meus irmãos, alguns da casa de Cloé informaram-me de que entre vós existem contendas. ¹²Eu explico-me. É que uns dizem: «Eu sou de Paulo!» E outros: «Eu sou de Apolo!» E outros mais: «Eu sou de Pedro!» Outros ainda: «Eu sou de Cristo!» ¹³Será que Cristo está dividido? Será que Paulo foi crucificado em vosso favor? Ou será que fostes baptizados em nome de Paulo?

¹⁴Agradeço a Deus o facto de eu não ter baptizado ninguém de vós, a não ser Crispo e Caio. ¹⁵Portanto, ninguém pode dizer que foi baptizado em meu nome. ¹⁶Ah! Sim. Baptizei também a família de Estéfanos. Fora deles, não me lembro de ter baptizado mais alguém.

Deus subverte os projectos humanos — ¹⁷De facto, Cristo não me enviou a baptizar, mas a anunciar o Evangelho, sem recorrer à sabedoria da linguagem, a fim de que não se torne inútil a cruz de Cristo. ¹⁸Pois a linguagem da cruz é loucura para aqueles que se perdem. Mas, para aqueles que se salvam, para nós, é poder de Deus. ¹⁹Pois a Escritura diz: «Destruirei a sabedoria dos sábios e rejeitarei a inteligência dos inteligentes». ²⁰Onde está o sábio? Onde está o homem culto? Onde está o argumentador deste mundo? Porventura Deus não tornou louca a sabedoria deste mundo? ²¹De facto, quando Deus mostrou a sua sabedoria, o mundo não reconheceu a Deus através da sabedoria. Por isso, através da loucura que pregamos, Deus quis salvar os que acreditam. ²²Os judeus pedem sinais e os gregos procuram a sabedoria; ²³nós, porém, anunciamos Cristo crucificado, escândalo para os judeus e loucura para os pagãos. ²⁴Mas, para aqueles que são chamados, tanto judeus como gregos, Ele é o Messias, poder de Deus e sabedoria de Deus. ²⁵A loucura de Deus é mais sábia do que os homens e a fraqueza de Deus é mais forte do que os homens. ²⁶Portanto, irmãos, vós que recebestes o chamamento de Deus, vede bem quem sois: entre vós não há muitos intelectuais, nem muitos poderosos, nem muitos da alta sociedade. ²⁷Mas Deus escolheu o que é loucura no mundo, para confundir os sábios; e Deus escolheu o que é fraqueza no mundo, para confundir o que é forte. ²⁸E aquilo que o mundo despreza, acha vil e diz que não tem valor, foi isso que Deus escolheu para destruir o que o mundo pensa que é importante. ²⁹Deste modo, nenhuma criatura se pode orgulhar na presença de Deus. ³⁰Ora, é por iniciativa de Deus que existis em Jesus Cristo, o qual Se tornou para nós sabedoria que vem de Deus, justiça, santificação e libertação, ³¹a fim de que, como diz a Escritura: «Aquele que se gloria, que se glorie no Senhor».

2A sabedoria de Deus — ¹Irmãos, eu mesmo, quando fui ter convosco, não me apresentei com o prestígio da oratória ou da sabedoria para vos anunciar o mistério de Deus. ²Entre vós, eu não quis saber outra coisa a não ser Jesus Cristo, e Jesus Cristo crucificado. ³Estive no meio de vós cheio de fraqueza, receio e tremor; ⁴a minha palavra e a minha pregação não tinham brilho nem artifícios para seduzir os ouvintes, mas a demonstração residia no poder do Espírito, ⁵para que acrediteis, não por causa da sabedoria dos homens, mas por causa do poder de Deus. ⁶Na realidade, é aos perfeitos na fé que falamos de uma sabedoria que não foi dada por este mundo, nem pelas autoridades passageiras deste mundo. ⁷Ensinamos uma coisa misteriosa e escondida: a sabedoria de Deus, aquela que Ele projectou desde o princípio do mundo para nos levar à sua glória. ⁸Nenhuma autoridade do mundo conheceu tal sabedoria, pois se a tivessem conhecido não teriam crucificado o Senhor da glória. ⁹Mas, como diz a Escritura: «O que os olhos não viram, os ouvidos não ouviram e o coração do homem não percebeu, foi isso que Deus preparou para aqueles que O amam». Deus, porém, revelou-o a nós pelo Espírito. ¹⁰Pois o Espírito sonda todas as coisas, até mesmo as profundidades de Deus.

dade precisa de saber distinguir entre o verdadeiro e o falso evangelizador.

11,1-6: Como um pai conduz a filha ao noivo para o casamento, Paulo conduziu a comunidade de Corinto a Cristo. Agora ele teme que essa Igreja se deixe seduzir por falsos apóstolos, que apresentam evangelhos diferentes. A imagem do matrimónio exprime intimidade e pertença. Para o Apóstolo, cada comunidade está profundamente ligada a Jesus, seu Senhor único e exclusivo; e ninguém tem o direito de se apoderar de uma comunidade cristã.

7-15: O auxílio financeiro que Paulo recebe destina-se à evangelização e não a ele próprio. Além disso, frequentemente ele prefere exercer o ministério de maneira gratuita, para que não haja críticas ou objecções ao seu único interesse: servir as comunidades sob a sua coordenação. Em Corinto, provia ao seu sustento fabricando tendas (cf. Act 18,3).

16-33: Paulo não abusa da sua autoridade de Apóstolo para se impor às comunidades. Os títulos que apresenta de si próprio, mais do que diplomas que possam dar prestígio pessoal, são as suas lutas, sofrimentos, preocupações e perseguições, pelas quais passou no incansável trabalho de evangelização. A sua compaixão pelos mais fracos recomenda-o acima de todos os «super-apóstolos» que usam os seus títulos para explorar as comunidades por onde passam.

12,1-6: Esta experiência talvez seja a base de toda a vida missionária de Paulo. Deve ter acontecido no ano 42, na Síria ou na Cilícia (cf. Act 11,25), cinco anos depois da conversão. Trata-se duma experiência espiritual, em que o Apóstolo contemplou a transcendência divina, que nenhuma palavra humana jamais poderá descrever.

7-10: Não se sabe ao certo ao que Paulo se refere quando fala de «espinho na carne». Trata-se talvez de alguma doença que multiplica as dificuldades da sua vida apostólica. Ele experimenta um paradoxo: é na sua fraqueza que se manifesta a força de Deus.

11-18: As características do verdadeiro apóstolo são: paciência a toda a prova, testemunho dado pela Palavra que se traduz em testemunho prático, acção desinteressada e gratuita, sinceridade e veracidade, dedicação total.

12,19-13,4: As agitações na comunidade agravaram o relaxamento que Paulo já lamentara na primeira carta. Agora está decidido a punir os culpados aplicando as medidas que são comuns em outras Igrejas (cf. Mt 18,16).

13,5-10: O essencial é que os Coríntios se convertam. Depois disso, a ameaça de intervenção com autoridade será apenas uma vaga lembrança. Se eles se converterem, Paulo não terá de usar o seu poder. Os Coríntios parecerão fortes, e Paulo fraco e derrotado, porque os adversários continuarão a dizer que as suas ameaças são puramente verbais. No entanto, ele não busca vitória nem sucesso pessoal; prefere a última hipótese, humilhante para ele, mas gloriosa para os fiéis.

¹¹Quem conhece a fundo a vida íntima do homem é o espírito do homem que nele reside. Da mesma forma, só o Espírito de Deus conhece o que está em Deus. ¹²Quanto a nós, não recebemos o espírito do mundo, mas o Espírito que vem de Deus, para conhecermos os dons da graça de Deus. ¹³Para falar desses dons, não usamos a linguagem ensinada pela sabedoria humana, mas a linguagem que o Espírito ensina, falando de realidades espirituais em termos espirituais. ¹⁴Fechado em si mesmo, o homem não aceita o que vem do Espírito de Deus. É uma loucura para ele, e não pode compreender, porque são coisas que devem ser avaliadas espiritualmente. ¹⁵Ao contrário, o homem espiritual julga a respeito de tudo, e por ninguém é julgado. ¹⁶Pois, quem conhece o pensamento do Senhor para Lhe dar lições? Nós, porém, temos o pensamento de Cristo.

3Imaturidade na fé — ¹Quanto a mim, irmãos, não pude falar-vos como a homens perfeitos na fé, mas apenas a uma gente fraca, como a crianças em Cristo. ²Dei-vos a beber leite, não alimento sólido, pois não o podíeis suportar. Nem mesmo agora podeis, ³pois ainda vos deixais levar por instintos egoístas. De facto, se entre vós há invejas e contendas, não será pelo facto de serdes guiados por instintos egoístas e por vos comportardes como qualquer um? ⁴Quando alguém declara: «Eu sou de Paulo», e outro diz: «Eu sou de Apolo», não estareis a comportar-vos como qualquer um?

Retrato do agente de pastoral — ⁵Quem é Apolo? Quem é Paulo? Apenas servidores, através dos quais fostes levados à fé; cada um deles agiu conforme os dons que o Senhor Lhe concedeu. ⁶Eu plantei, Apolo regou, mas era Deus que fazia crescer. ⁷Assim, aquele que planta não é nada, e aquele que rega também não é nada: só Deus é que conta, pois é Ele quem faz crescer. ⁸Aquele que planta e aquele que rega são iguais; e cada um vai receber o seu próprio salário, segundo a medida do seu trabalho. ⁹Nós trabalhamos juntos na obra de Deus, mas o campo e a construção de Deus sois vós.

¹⁰Eu, como bom arquitecto, lancei os alicerces conforme o dom que Deus me concedeu; outro constrói por cima do alicerce. Mas cada um veja como constrói! ¹¹Ninguém pode colocar um alicerce diferente daquele que já foi posto: Jesus Cristo. ¹²Se alguém constrói sobre o alicerce com ouro, prata, pedras preciosas, madeira, feno ou palha, ¹³a obra de cada um ficará em evidência. No dia do julgamento, a obra ficará conhecida, pois o julgamento vai ser através do fogo, e o fogo provará o que vale a obra de cada um. ¹⁴Se a obra construída sobre o alicerce resistir, o operário receberá uma recompensa. ¹⁵Aquele, porém, que tiver a sua obra queimada, perderá a recompensa. Entretanto, o operário salvar-se-á, mas como alguém que escapa de incêndio. ¹⁶Não sabeis que sois templo de Deus e que o Espírito de Deus habita em vós? ¹⁷Se alguém destrói o templo de Deus, Deus o destruirá. Pois o templo de Deus é santo, e esse templo sois vós.

Vós sois de Cristo — ¹⁸Ninguém se iluda. Se alguém de vós pensa que é sábio segundo os critérios deste mundo, torne-se louco para chegar a ser sábio; ¹⁹pois a sabedoria deste mundo é loucura diante de Deus. De facto, a Escritura diz: «Deus apanha os sábios na sua própria esperteza». ²⁰E ainda: «O Senhor conhece os pensamentos dos sábios e sabe que são um sopro». ²¹Portanto, ninguém coloque o seu orgulho nos homens, pois tudo vos pertence: ²²Paulo, Apolo, Pedro, o mundo, a vida, a morte, as coisas presentes e as futuras. Tudo é vosso; ²³mas vós sois de Cristo e Cristo é de Deus.

4Só Deus pode julgar — ¹Que os homens nos considerem como servidores de Cristo e administradores dos mistérios de Deus. ²Ora, o que se espera dos administradores é que sejam dignos de confiança. ³Quanto a mim, pouco me importa ser julgado por vós ou por qualquer tribunal humano. Nem eu me julgo a mim mesmo. ⁴É verdade que a minha consciência de nada me acusa, mas isso não significa que eu esteja inocente: quem me julga é o Senhor. ⁵Ele porá às claras tudo o que se esconde nas trevas e manifestará as intenções dos corações.

Então, cada um vai receber de Deus o louvor que Lhe corresponde.

Cristãos acomodados e Apóstolos perseguidos — ⁶Irmãos, vós obrigastes-me a aplicar estas verdades a Apolo e a mim. Aprendei a não vos sentirdes superiores por serdes partidários de um contra o outro. ⁷Vejamos: em que és mais do que os outros? O que é que possuis que não tenhas recebido? ⁸Já estais ricos e satisfeitos e sentis-vos reis sem nós! Tomara mesmo que vos tivésseis tornado reis; assim nós também poderíamos reinar convosco! ⁹Pelo que vejo, Deus reservou o último lugar para nós que somos Apóstolos, como se estivéssemos condenados à morte, porque nos tornámos espectáculo para o mundo, para os anjos e para os homens! ¹⁰Nós somos loucos por causa de Cristo; e vós, como sois prudentes em Cristo! Nós somos fracos, vós sois fortes! Vós sois bem considerados, nós somos desprezados! ¹¹Até agora passámos fome, sede, frio e maus tratos; não temos lugar certo para morar; ¹²e esgotamo-nos, trabalhando com as nossas próprias mãos. Somos amaldiçoados, e abençoamos; perseguidos, e suportamos; ¹³caluniados, e consolamos. Até hoje somos considerados como o lixo do mundo, o esterco do universo.

Testemunho que educa — ¹⁴Não escrevo estas coisas para vos envergonhar, mas para vos chamar a atenção, como se faz com filhos queridos. ¹⁵De facto, ainda que tivésseis dez mil pedagogos em Cristo, não teríeis muitos pais, porque fui eu quem vos gerou em Jesus Cristo, através do Evangelho. ¹⁶Portanto, douvos um conselho: sede meus imitadores. ¹⁷Foi para isso que vos enviei Timóteo, meu filho amado e fiel no Senhor; ele fará com que vos lembreis das minhas normas de vida em Jesus Cristo, aquelas mesmas que eu ensino por toda a parte, em todas as Igrejas. ¹⁸Alguns encheram-se de orgulho, como se eu nunca mais fosse visitar-vos. ¹⁹Contudo, se o Senhor quiser, brevemente irei ter convosco, e então verei não o que esses orgulhosos dizem, mas o que fazem. ²⁰Pois o Reino de Deus não consiste em palavras, mas em poder. ²¹Que preferis: que vos visite com a vara, ou com amor e suavidade?

II. ESCÂNDALOS CONTRA O TESTEMUNHO

51. Incesto — ¹Todos dizem que entre vós existe imoralidade, e tal imoralidade que não se encontra nem mesmo entre os pagãos, a ponto de uma pessoa conviver com a mulher do seu pai. ²E vós encheis-vos de orgulho em vez de ficardes tristes, para que o autor desse mal seja eliminado do meio de vós. ³Pois bem! Ausente de corpo, mas presente em espírito, como se estivesse presente, eu já fiz o julgamento daquele que fez isso. ⁴Em nome de nosso Senhor Jesus, vós e o meu espírito reunidos em assembleia com o poder de nosso Senhor Jesus, ⁵ vamos entregar esse homem a Satanás; humanamente ele ficará arrasado, mas o seu espírito será salvo no dia do Senhor. ⁶O motivo do orgulho que tendes não é coisa digna! Não sabeis que um pouco de fermento leveda a massa toda? ⁷Purificai-vos do velho fermento, para serdes massa nova, já que sois sem fermento. De facto, Cristo, nossa páscoa, foi imolado. ⁸Portanto, celebremos a festa, não com o velho fermento, nem com fermento de malícia e perversidade, mas com pães sem fermento, isto é, na sinceridade e na verdade. ⁹Na minha carta, escrevi-vos para não vos relacionardes com gente imoral. ¹⁰Não quis dizer que devíeis separar-vos dos imorais deste mundo, ou dos avaros, ladrões e idólatras; se assim fosse teríeis que sair deste mundo! ¹¹Não! Escrevi que não deveis associar-vos com alguém que traz o nome de irmão, e no entanto é imoral, avaro, idólatra, caluniador, beberrão ou ladrão. Com pessoas assim, não deveis nem sequer sentar-vos à mesa. ¹²Porventura, compete a mim julgar aqueles que estão fora? Não são os de dentro que deveis julgar? ¹³Deus é quem vai julgar os que estão fora. Afastai do meio de vós o homem mau.

62. Julgamento em tribunais pagãos — ¹Quando alguém de vós tem uma questão com outro, como ousais levar o caso para ser julgado pelos pagãos e não pelos membros da comunidade? ²Então vós não sabeis que os cristãos é que vão julgar o mundo? E se é por vós que o mundo vai ser julgado, sereis vós indignos de julgar coisas menos importantes? ³Não sabeis que nós haveremos de julgar os anjos? Quanto mais as coisas da vida quotidiana! ⁴No entanto, quando tendes processos desta vida para serem julgados, tomais como juízes pessoas que não têm autoridade na Igreja. ⁵Digo isto para que vos envergonheis. Será que entre vós não existe ninguém suficientemente sábio para servir de juiz entre os irmãos? ⁶No entanto, um irmão é intimado em juízo por outro irmão, e isto diante de infieis! ⁷Só o facto de existirem questões entre vós já mostra que falhastes completamente. Não seria melhor sofrer uma injustiça? Não seria melhor ser roubado? ⁸Pelo contrário, sois vós que roubais e cometes injustiça; e isto com os próprios irmãos! ⁹Não sabeis que os injustos não herdarão o Reino de Deus? Não vos iludais! Nem os imorais, nem os idólatras, nem os adúlteros, nem os depravados, ¹⁰nem os efeminados, nem os sodomitas, nem os ladrões, nem os avarentos, nem os bêbados, nem os caluniadores irão herdar o Reino de Deus. ¹¹Alguns de vós eram assim. Mas lavastes-vos, fostes santificados e reabilitados pelo Nome do Senhor Jesus Cristo e pelo Espírito do nosso Deus. 3. A imoralidade — ¹²«Posso fazer tudo o que quero». Sim, mas nem tudo me convém. «Posso fazer tudo o que quero», mas não deixarei que nada me escravize. ¹³«Os alimentos são para o estômago e o estômago para os alimentos». Sim, mas Deus destruirá tanto aquele como estes. Ora, o corpo não é para a imoralidade mas para o Senhor; e o Senhor é para o corpo. ¹⁴Deus, que ressuscitou o Senhor, ressuscitar-nos-á também pelo seu poder. ¹⁵Não sabeis que os vossos corpos são membros de Cristo? Tomarei, então, os membros de Cristo para os fazer membros de uma prostituta? Claro que não! ¹⁶E vós não sabeis que aquele que se une a uma prostituta forma com ela um só corpo? Pois assim está na Escritura: «Os dois serão uma só carne». ¹⁷Ao contrário, aquele que se une ao Senhor forma com Ele um só espírito. ¹⁸Fugi da imoralidade. Qualquer outro pecado que o homem comete é exterior ao seu corpo; mas quem se entrega à imoralidade peca contra o seu próprio corpo. ¹⁹Ou não sabeis que o vosso corpo é templo do Espírito Santo, que está em vós e vos foi dado por Deus? Vós já não pertenceis a vós mesmos. ²⁰Alguém pagou alto preço pelo vosso resgate. Portanto, glorificai a Deus no vosso corpo.

III. RESPOSTA A DIVERSOS PROBLEMAS

1. ESTADOS DE VIDA

7Matrimónio ou celibato? — ¹Passemos agora ao que me escrevestes: «É bom que o homem se abstenha de mulher». ²Todavia, para evitar a imoralidade, cada homem tenha a sua esposa, e cada mulher o seu marido. ³O marido cumpra o dever conjugal para com a esposa, e a esposa faça o mesmo com o marido. ⁴A esposa não é dona do seu próprio corpo, mas sim o marido. Do mesmo modo, o marido não é dono do seu próprio corpo, mas sim a esposa. ⁵Não se recusem um ao outro, a não ser que estejam de comum acordo e por algum tempo, para se entregarem à oração; depois disso, voltem a unir-se, a fim de que Satanás não os tente por não poderem dominar-se. ⁶Digo isto como concessão, e não como ordem. ⁷Eu gostaria que todos os homens fossem como eu. Mas cada um recebe de Deus o seu dom particular; um tem este dom, e outro tem aquele.

⁸Aos solteiros e às viúvas, digo que seria melhor que ficassem como eu. ⁹Mas, se não são capazes de dominar os seus desejos, então casem-se, pois é melhor casar-se do que ficar abrasado. ¹⁰Aos que estão casados, ordeno. Aliás, não eu, mas o Senhor: a esposa não se separe do marido; ¹¹e caso venham a separar-se, não se case de novo, ou então reconcilie-se com o marido. E o marido não se divorcie da sua esposa. Viver unido ou separar-se? — ¹²Aos outros, sou eu que digo, não o Senhor: Se algum irmão tem esposa que não é cristã, e ela concorda em viverem juntos, não se divorcie dela. ¹³E se alguma mulher tem marido que não é cristão, e ele concorda em viverem juntos, não se divorcie dele. ¹⁴Pois o marido não cristão é santificado pela esposa cristã; e a esposa não cristã é santificada pelo marido cristão. Se assim não fosse, os seus filhos seriam impuros, quando na realidade são consagrados a Deus. ¹⁵Se o não cristão quiser separar-se, que se separe. Nesse caso, o irmão ou irmã não estão vinculados, pois foi para viver em paz que Deus nos chamou. ¹⁶Na verdade, ó mulher, como podes ter a certeza de que salvarás o teu marido? E tu, marido, como podes saber que salvarás a tua mulher? Qual a novidade de ser cristão? — ¹⁷De resto, cada um continue a viver na condição em que o Senhor o colocou, tal como vivia quando foi chamado. É o que ordeno em todas as Igrejas. ¹⁸Alguém foi chamado à fé quando já era circuncidado? Não procure disfarçar a sua circuncisão. Alguém não era circuncidado quando foi chamado à fé? Não se faça circuncidar. ¹⁹Não tem nenhuma importância estar ou não estar circuncidado. O que importa é observar os mandamentos de Deus. ²⁰Cada um permaneça na condição em que se encontrava quando foi chamado. ²¹Eras escravo quando foste chamado? Não te preocupes com isso. Mas, se podes tornar-te livre, não deixes passar a oportunidade. ²²Porque o escravo, que foi chamado no Senhor, é liberto no Senhor. Da mesma forma, aquele que era livre quando foi chamado, é escravo de Cristo. ²³Alguém pagou alto preço pelo vosso resgate: não vos torneis escravos de homens. ²⁴Irmãos, cada um permaneça diante de Deus na condição em que se encontrava quando foi chamado. E a virgindade? — ²⁵Quanto às pessoas virgens, não tenho nenhum preceito do Senhor. Porém, como homem que pela misericórdia do Senhor é digno de confiança, dou apenas um conselho: ²⁶considero boa a condição das pessoas virgens, por causa das angústias presentes. Claro, é bom que o homem continue assim. ²⁷Estás ligado a uma mulher? Não te separes. Não estás ligado a uma mulher? Não procures mulher. ²⁸Contudo, se casares, não estarás a cometer pecado; e se uma virgem se casar, não comete pecado. No entanto essas pessoas terão que suportar fardos pesados, e eu desejaria poupar-vos. ²⁹Uma coisa vos digo, irmãos: o tempo tornou-se breve. De agora em diante, aqueles que têm esposa comportem-se como se não a tivessem; ³⁰aqueles que choram, como se não chorassem; aqueles que se alegram, como se não se alegrassem; aqueles que compram, como se não possuíssem; ³¹os que tiram partido deste mundo, como se não desfrutassem. Porque a aparência deste mundo é passageira. ³²Eu gostaria que estívésseis livres de preocupações. Quem não tem esposa, cuida das coisas do Senhor e do modo de agradar ao Senhor. ³³Quem tem esposa, cuida das coisas do mundo e de como agradar à esposa, ³⁴e fica dividido. Assim também, a mulher solteira e a virgem cuidam das coisas do Senhor, a fim de serem santas de corpo e espírito. Mas a mulher casada cuida das coisas do mundo e de como possa agradar ao marido. ³⁵Digo isto para o vosso bem, não para armar uma cilada; simplesmente para que façais o que é mais nobre e possais permanecer sem distração junto do Senhor. Como decidir? — ³⁶Se alguém, transbordando de paixão, acha que não conseguirá respeitar a noiva, e que as coisas devem seguir o seu curso, faça o que quiser. Não peca; que se case. ³⁷Ao contrário, se alguém, por firme convicção, sem constrangimento e no pleno uso da sua vontade, resolve respeitar a sua noiva, está agindo bem. ³⁸Portanto, quem se casa com a sua noiva faz bem; e quem não se casa, procede melhor ainda. As viúvas podem casar-se de novo? — ³⁹A esposa está ligada ao marido durante todo o tempo em que ele viver. Se o marido morrer, ela ficará livre para casar-se com quem quiser; mas apenas no Senhor. ⁴⁰A meu ver, porém, ela será mais feliz se ficar como está. Penso que eu também possuo o Espírito de Deus.

2. AS CARNES SACRIFICADAS AOS ÍDOLOS

8Só o amor sabe discernir — ¹Quanto às carnes sacrificadas a ídolos, «sabemos que todos nós temos conhecimento». Mas o conhecimento envaidece; o amor é que constrói. ²Quando alguém julga ter alcançado o saber, é porque ainda não sabe onde está o verdadeiro conhecimento. ³Ao contrário, se alguém ama a Deus, é conhecido por Deus. ⁴Portanto, quanto ao consumo de carnes imoladas a ídolos, «sabemos que um ídolo não é nada no mundo, e não existe outro deus a não ser o Deus único». ⁵É verdade que existem aqueles que são chamados deuses, tanto no Céu como na Terra, e neste sentido há muitos deuses e muitos senhores. ⁶Contudo para nós existe um só Deus: o Pai. D'Ele tudo procede, e é para

Ele que existimos. E há um só Senhor, Jesus Cristo, por quem tudo existe e por meio do qual também nós existimos. ⁷Mas nem todos têm esse conhecimento. Alguns, até há pouco acostumados ao culto dos ídolos, comem a carne dos sacrifícios como se fosse realmente oferecida aos ídolos. E a consciência deles, que é fraca, fica manchada. ⁸Não são os alimentos que nos aproximam de Deus: se deixamos de comer, nada perdemos; e se comemos, nada lucrmos. ⁹Cuidai, porém, que a vossa liberdade não se torne ocasião de queda para os fracos. ¹⁰Tu tens a consciência esclarecida: mas alguém te vê sentado à mesa num templo de ídolo, será que esse alguém, tendo consciência fraca, não se verá arrastado a comer carne sacrificada aos ídolos? ¹¹Deste modo, por causa do conhecimento que tendes, perecerá o fraco, esse irmão pelo qual Cristo morreu. ¹²Se pecais assim contra os próprios irmãos e feris a consciência deles, que é fraca, é contra Cristo que pecais. ¹³Ora, se um alimento for motivo de queda para o meu irmão, deixarei de comer carne para sempre, a fim de não causar a queda do meu irmão.

⁹Renunciar por amor — ¹Acaso não sou livre? Não sou Apóstolo? Não vi Jesus nosso Senhor? E vós não sois obra minha no Senhor? ²Ainda que para outros eu não seja Apóstolo, ao menos para vós eu sou-o; porque o selo do meu apostolado no Senhor sois vós. ³Esta é a minha resposta para aqueles que me acusam. ⁴Será que não temos o direito de comer e beber? ⁵Ou não temos o direito de levar connosco nas viagens uma mulher cristã, como fazem os outros Apóstolos e os irmãos do Senhor, e Pedro? ⁶Ou somente eu e Barnabé não temos o direito de ser dispensados de trabalhar? ⁷Alguém vai à guerra alguma vez, com os seus próprios recursos? Quem é que planta uma vinha, e não come do seu fruto? Quem apascenta um rebanho, e não se alimenta do leite do rebanho?

⁸Será que estou dizendo isto apenas como considerações humanas? E a Lei, não diz a mesma coisa? ⁹De facto, na Lei de Moisés está escrito: «Não açaimarás o boi que debulha o grão». Por acaso, é com os bois que Deus Se preocupa? ¹⁰Não será por causa de nós que Ele fala assim? Claro que é por causa de nós que isto foi escrito. De facto, aquele que trabalha deve trabalhar com esperança de receber a sua parte. ¹¹Se semeamos bens espirituais em vós, será muito colher bens materiais de vós? ¹²Se outros exercem sobre vós tal direito, porque não o poderíamos nós, e com maior razão? Todavia, não usamos esse direito. Pelo contrário, tudo suportamos para não criar obstáculo ao Evangelho de Cristo. ¹³Não sabeis que aqueles que desempenham funções sagradas vivem dos rendimentos do templo? E que aqueles que servem ao altar têm parte no que é oferecido sobre o altar? ¹⁴Da mesma forma, o Senhor ordenou que aqueles que anunciam o Evangelho vivam do Evangelho. Tornar-se disponível e solidário — ¹⁵Contudo, não tirei vantagem dos meus direitos. E agora não estou a escrever para reclamar coisa alguma. Antes morrer que... Não! Ninguém me tirará este título de glória. ¹⁶Anunciar o Evangelho não é título de glória para mim; pelo contrário, é uma necessidade que me foi imposta. Ai de mim, se eu não anunciar o Evangelho! ¹⁷Se eu o anunciasse de própria iniciativa, teria direito a um salário; no entanto, já que o faço por obrigação, desempenho um cargo que me foi confiado. ¹⁸Qual é então o meu salário? É que, pregando o Evangelho, prego-o gratuitamente, sem usar dos direitos que a pregação do Evangelho me confere. ¹⁹Embora eu seja livre em relação a todos, tornei-me o servo de todos, a fim de ganhar o maior número possível. ²⁰Com os judeus, comportei-me como judeu, a fim de ganhar os judeus; com os que estão sujeitos à Lei, comportei-me como se estivesse sujeito à Lei — embora eu não esteja sujeito à Lei —, a fim de ganhar aqueles que estão sujeitos à Lei. ²¹Com aqueles que vivem sem a Lei, comportei-me como se vivesse sem a Lei, — embora eu não viva sem a lei de Deus, pois estou sob a lei de Cristo —, para ganhar aqueles que vivem sem a Lei. ²²Com os fracos, tornei-me fraco, a fim de ganhar os fracos. Tornei-me tudo para todos, a fim de salvar alguns a qualquer custo. ²³Faço tudo isto por causa do Evangelho, para me tornar participante dele. ²⁴Não sabeis que no estádio todos os atletas correm, mas só um ganha o prémio? Portanto, correi, para conseguir o prémio. ²⁵Os atletas abstêm-se de tudo; eles, para ganhar uma coroa perecível; nós, para ganharmos uma coroa imperecível. ²⁶Quanto a mim, também eu corro, mas não como quem vai sem rumo. Pratico o pugilato, mas não como quem luta contra o ar. ²⁷Trato com dureza o meu corpo e subme-to-o, para não acontecer que proclame a mensagem aos outros, e eu mesmo venha a ser reprovado.

¹⁰ Aprender da História — ¹Irmãos, não quero que ignoreis uma coisa: todos os nossos antepassados estiveram sob a nuvem; todos atravessaram o mar ²e, na nuvem e no mar, todos receberam um baptismo que os ligava a Moisés. ³Todos comeram o mesmo alimento espiritual, ⁴e todos beberam a mesma bebida espiritual, pois bebiam de uma rocha espiritual que os acompanhava; e essa rocha era Cristo. ⁵Apesar disso, a maioria deles não agradou a Deus e caíram mortos no deserto. ⁶Ora, esses factos aconteceram como exemplo para nós, para que não cobicemos coisas más, como eles cobiçaram. ⁷Não vos torneis idólatras, como alguns deles, conforme está na Escritura: «O povo sentou-se para comer e beber; depois levantaram-se para se divertir». ⁸Nem nos entreguemos à imoralidade, como alguns deles se entregaram, de modo que num só dia morreram vinte e três mil. ⁹Não tentemos ao Senhor, como alguns deles tentaram, e morreram vitimados pelas serpentes. ¹⁰Não murmureis, como alguns deles murmuraram, e pereceram às mãos do anjo exterminador.

¹¹Tais coisas aconteceram-lhes como exemplo, e foram escritas para nossa instrução, a nós que vivemos no fim dos tempos. ¹²Portanto, aquele que julga estar de pé tome cuidado para não cair. ¹³Não fostes tentados além do que podíeis suportar, porque Deus é fiel e não permitirá que sejais tentados acima das vossas forças. Mas, juntamente com a tentação, ele também vos dará os meios de sair dela e a força para a suportar.

Não pactuar com a idolatria — ¹⁴Por isso, amados, fugi da idolatria. ¹⁵Falo-vos como a pessoas sensatas; julgai vós mesmos o que digo. ¹⁶O cálice da bênção que abençoamos não é comunhão com o sangue de Cristo? O pão que partimos não é comunhão com o corpo de Cristo? ¹⁷E como há um único pão, nós, embora muitos, somos um só corpo, pois participamos todos desse único pão. ¹⁸Considerai o povo de Israel: quando comem as vítimas sacrificadas, não estão em comunhão com o altar? ¹⁹E o que quero eu dizer com isto? Que a carne sacrificada aos ídolos seja alguma coisa? Ou que os próprios ídolos sejam alguma coisa? ²⁰Não! O que digo é o seguinte: aquilo que os pagãos sacrificam, sacrificam-no aos demónios, e não a Deus. Ora, eu não quero que entreis em comunhão com os demónios. ²¹Vós não podeis beber o cálice do Senhor e o cálice dos demónios. Não podeis participar da mesa do Senhor e da mesa dos demónios. ²²Ou queremos provocar o ciúme do Senhor? Seríamos nós mais fortes do que Ele? Liberdade e discernimento cristão — ²³«Tudo é permitido». Mas nem tudo convém. «Tudo é permitido». Mas nem tudo edifica. ²⁴Ninguém procure satisfazer os seus próprios interesses, mas os do próximo. ²⁵Comei de tudo o que se vende no mercado, sem levantar dúvidas por motivo de consciência, ²⁶pois a Terra e tudo o que ela contém pertence ao Senhor. ²⁷Se algum pagão vos convidar e aceitardes o convite, comei de tudo o que vos for oferecido, sem levantar dúvidas por motivo de consciência. ²⁸Mas se alguém vos disser: «Isto é carne sacrificada aos ídolos», não comais, por causa daquele que vos avisou e por motivo de consciência. ²⁹Falo da consciência dele, não da vossa. Por que motivo a minha liberdade deveria ser julgada por outra consciência? ³⁰Se eu tomo alimento dando graças, porque seria eu censurado por alguma coisa, pela qual dou graças? ³¹Portanto, quer comais, quer bebais, quer façais qualquer outra coisa, fazei tudo para a glória de Deus. ³²Não vos torneis ocasião de escândalo, nem para judeus, nem para gregos, nem para a Igreja de Deus. ³³Fazei como eu, que me esforço por agradar a todos em todas as coisas, não procurando os meus interesses pessoais, mas o interesse do maior número de pessoas, a fim de que sejam

11 — ¹Sede meus imitadores, como também eu o sou de Cristo.

3. ASSEMBLEIAS LITÚRGICAS

O véu das mulheres — ²Elogio-vos, porque em todas as ocasiões vos lembrais de mim, e porque conservais as tradições conforme eu vo-las transmiti. ³Todavia, quero que saibais que a cabeça de todo o homem é Cristo, que a cabeça da mulher é o homem, e a cabeça de Cristo é Deus. ⁴Todo o homem que reza ou profetiza de cabeça coberta, desonra a sua cabeça. ⁵Mas, toda a mulher que reza ou profetiza de cabeça descoberta, desonra a sua cabeça; é como se estivesse com a cabeça rapada. ⁶Se a mulher não se cobre com o véu, mande cortar os cabelos. Mas, se é vergonhoso para uma mulher ter os cabelos cortados ou rapados, então cubra a cabeça. ⁷O homem não deve cobrir a cabeça, porque é a imagem e a glória de Deus; mas a mulher é a glória do homem. ⁸Pois o homem não foi tirado da mulher, mas a mulher foi tirada do homem. ⁹E o homem não foi criado para a mulher, mas a mulher foi criada para o homem. ¹⁰Sendo assim, a mulher deve trazer sobre a cabeça o sinal da sua dependência, por causa dos anjos. ¹¹Portanto, diante do Senhor, a mulher é inseparável do homem, e o homem da mulher. ¹²Pois, se a mulher foi tirada do homem, o homem nasce da mulher, e tudo vem de Deus. ¹³Julgai por vós mesmos: será conveniente que uma mulher reze a Deus sem estar coberta com o véu? ¹⁴A própria natureza ensina que é desonroso para o homem ter cabelos compridos; ¹⁵no entanto, para a mulher é glória ter longa cabeleira, porque os cabelos lhe foram dados como véu. ¹⁶Contudo, se alguém quiser contestar, não temos esse costume, e nem as Igrejas de Deus. Eucaristia e coerência — ¹⁷Dito isto, não posso elogiar-vos, porque as vossas assembleias, em vez de vos ajudarem a progredir, prejudicam-vos. ¹⁸Antes de tudo, ouço dizer que, quando vos reunis em assembleia, há divisões entre vós. E, em parte, acredito nisso. ¹⁹É preciso mesmo que haja divisões entre vós, a fim de que se veja quem dentre vós resiste a essa prova.

²⁰De facto, quando vos reunis, o que fazeis não é comer a Ceia do Senhor, ²¹porque cada um se apressa a comer a sua própria ceia. E, enquanto um passa fome, outro fica embriagado. ²²Será que não tendes as vossas casas para nelas comer e beber? Ou desprezais a Igreja de Deus e que reis envergonhar aqueles que nada têm? Que devo dizer-vos? Devo elogiar-vos? Não! Neste ponto não vos elogio. ²³De facto, recebi pessoalmente do Senhor aquilo que vos transmiti: Na noite em que foi entregue, o Senhor Jesus tomou o pão ²⁴e, depois de dar graças, partiu-o e disse: «Isto é o meu corpo que será entregue por vós; fazei isto em memória de Mim». ²⁵Do mesmo modo, depois da Ceia, tomou também o cálice, dizendo: «Este cálice é a Nova Aliança no meu sangue; todas as vezes que beberdes dele, fazei-o em memória de Mim». ²⁶Portanto, todas as vezes que comerdes deste pão e beberdes deste cálice, anunciais a morte do Senhor, até que Ele venha.

²⁷Por isso, todo aquele que comer do pão ou beber do cálice do Senhor indignamente, será réu do corpo e do sangue do Senhor. ²⁸Portanto, cada um examine-se a si mesmo antes de comer deste pão e beber deste cálice, ²⁹pois aquele que come e bebe sem discernir o Corpo, come e bebe a própria condenação. ³⁰É por isso que entre vós há tantos fracos e enfermos, e muitos morreram. ³¹Se nos examinássemos a nós mesmos, não seríamos julgados; ³²mas o Senhor corrige-nos por meio dos seus julgamentos, para que não sejamos condenados com o mundo. ³³Em resumo, irmãos, quando vos reunirdes para a Ceia, esperai uns pelos outros. ³⁴Se alguém tem fome, coma em sua casa. Assim não vos reunireis para a vossa própria condenação. Quanto ao resto, darei instruções quando aí chegar.

12 Jesus é o Senhor — ¹Sobre os dons do ignorância. ²Sabeis que, quando éreis pagãos, vos sentíeis irresistivelmente arrastados para os ídolos mudos. ³Por isso, eu declaro-vos que ninguém, falando sob a acção do Espírito de Deus, jamais poderá dizer: «Maldito Jesus!» E ninguém poderá dizer: «Jesus é o Senhor!» a não ser sob a acção do Espírito Santo.

A Trindade gera a comunidade — ⁴Existem dons diferentes, mas o Espírito é o mesmo; ⁵diferentes serviços, mas o Senhor é o mesmo; ⁶diferentes modos de agir, mas é o mesmo Deus que realiza tudo em todos. ⁷Cada um recebe o dom de manifestar o Espírito para a utilidade de todos. ⁸A um, o Espírito dá a palavra de sabedoria; a outro, a palavra de ciência segundo o mesmo Espírito; ⁹a outro, o mesmo Espírito dá a fé; a outro ainda, o único e mesmo Espírito concede o dom das curas; ¹⁰a outro, o poder de fazer milagres; a outro, a profecia; a outro, o discernimento dos espíritos; a outro, o dom de falar em línguas; a outro ainda, o dom de as interpretar. ¹¹Mas é o único e mesmo Espírito quem realiza tudo isto, distribuindo os seus dons a cada um, conforme Ele quer.

A comunidade é o Corpo de Cristo — ¹²De facto, o corpo é um só, mas tem muitos membros; e no entanto, apesar de serem muitos, todos os membros do corpo formam um só corpo. Assim acontece também com Cristo. ¹³Pois todos fomos baptizados num só Espírito para sermos um só corpo, quer sejamos judeus ou gregos, quer escravos ou livres. E todos bebemos de um só Espírito.

¹⁴O corpo não é feito de um só membro, mas de muitos. ¹⁵Se o pé diz: «Eu não sou mão; logo, não pertenço ao corpo», nem por isso deixa de fazer parte do corpo. ¹⁶E se o ouvido diz: «Eu não sou olho; logo, não pertenço ao corpo», nem por isso deixa de fazer parte do corpo. ¹⁷Se o corpo inteiro fosse olho, onde estaria o ouvido? Se todo ele fosse ouvido, onde estaria o olfacto? ¹⁸Deus é que dispôs cada um dos membros no corpo, segundo a sua vontade. ¹⁹Se o conjunto fosse um só membro, onde estaria o corpo? ²⁰Há, portanto, muitos membros, mas um só corpo. ²¹O olho não pode dizer à mão: «Não preciso de ti»; e a cabeça não pode dizer aos pés: «Não preciso de vós». ²²Os membros do Corpo que parecem mais fracos são os mais necessários; ²³e aqueles membros do corpo que parecem menos dignos de honra, são os que cercamos de maior honra; e os nossos membros que são menos decentes, nós tratamo-los com maior decência; ²⁴os que são decentes, não precisam desses cuidados. Deus dispôs o corpo de modo a conceder maior honra ao que é menos nobre, ²⁵a fim de que não haja divisão no corpo, mas os membros tenham igual cuidado uns para com os outros. ²⁶Se um membro sofre, todos os membros participam do seu sofrimento; se um membro é honrado, todos os membros participam da sua alegria.

²⁷Ora, vós sois o corpo de Cristo e sois seus membros, cada um no seu lugar. ²⁸Aqueles que Deus estabeleceu na Igreja são, em primeiro lugar, Apóstolos; em segundo lugar, profetas; em terceiro lugar, mestres... A seguir vêm os dons dos milagres, das curas, da assistência, da direcção e o dom de falar em línguas. ²⁹Acaso, são todos Apóstolos? Todos profetas? Todos mestres? Todos realizam milagres?

³⁰Têm todos o dom de curar? Todos falam línguas? Todos as interpretam? ³¹Aspirai aos dons mais altos. Aliás, vou indicar-vos um caminho que ultrapassa a todos.

13 Acima de tudo, o amor

¹Ainda que eu falasse línguas,
as dos homens e dos anjos,
se não tivesse amor,

seria como sino ruidoso
ou como címbalo estridente.

² Ainda que tivesse o dom
da profecia,
o conhecimento de todos
os mistérios e de toda a ciência;
ainda que tivesse toda a fé,
a ponto de transportar montanhas,

se não tivesse amor, nada seria.

³ Ainda que eu distribuísse
todos os meus bens aos famintos,
ainda que entregasse
o meu corpo às chamas,
se não tivesse amor,
nada disso me adiantaria.

⁴ O amor é paciente,
o amor é prestativo;
não é invejoso, não se ostenta,
não se incha de orgulho.

⁵ Nada faz de inconveniente,
não procura o seu próprio interesse, não se
irrita, não guarda rancor.

⁶ Não se alegra com a injustiça,
mas regozija-se com a verdade.

⁷ Tudo desculpa, tudo crê,
tudo espera, tudo suporta.

⁸ O amor jamais passará.
As profecias desaparecerão,
as línguas cessarão,
a ciência também desaparecerá.

⁹ Pois o nosso conhecimento
é limitado;
limitada é também a nossa profecia.

¹⁰ Mas, quando vier a perfeição,
desaparecerá o que é limitado.

¹¹ Quando eu era criança,
falava como criança,
pensava como criança,
raciocinava como criança.
Depois que me tornei adulto,
deixei o que era próprio de criança.

¹² Agora vemos como em
espelho
e de maneira confusa;
mas depois veremos face a face.
Agora o meu conhecimento
é limitado,
mas depois conhecerei
como sou conhecido.

¹³ Agora, portanto,
permanecem estas três coisas:
a fé, a esperança e o amor.

A maior delas, porém, é o amor.

¹⁴ Carismas e bem comum — ¹Procurai o amor. Entretanto, aspirai aos dons do Espírito, principalmente à profecia. ²Pois aquele que fala línguas não fala aos homens, mas a Deus. Ninguém o entende, pois ele, em espírito, diz coisas incompreensíveis. ³Mas aquele que profetiza fala aos homens: edifica, exorta, consola. ⁴Aquele que fala línguas edifica-se a si mesmo, ao passo que aquele que profetiza edifica a assembleia. ⁵Eu desejo que todos vós faleis línguas, mas prefiro que profetizeis. Aquele que profetiza é maior do que aquele que fala línguas, a menos que ele mesmo as interprete, para que a assembleia seja edificada.

⁶Suponde, irmãos, que eu vá ter convosco falando em línguas: como vos seria útil, se a minha palavra não vos levasse nem revelação, nem ciência, nem profecia, nem ensinamento? ⁷O mesmo acontece com os instrumentos musicais, como a flauta ou a cítara: se não produzirem sons distintos, como reconhecer quem toca a flauta ou quem toca a cítara?

⁸E se a trombeta produzir um som confuso, quem se preparará para a guerra? ⁹Assim também vós: se a vossa linguagem não se exprime em palavras inteligíveis, como se poderá compreender o que dizeis? Sereis como quem fala ao vento. ¹⁰No mundo existem não sei quantas espécies de linguagem e não existe nada sem linguagem. ¹¹Ora, se eu não conheço a força da linguagem, serei como estrangeiro para aquele que fala, e aquele que fala será um estrangeiro para mim. ¹²Assim também vós: já que aspirais aos dons do Espírito, procurai tê-los em abundância para edificardes a Igreja.

¹³Por isso, aquele que fala em línguas deve rezar para que ele mesmo possa interpretá-las. ¹⁴Se rezo em línguas, o meu espírito está em oração, mas a minha inteligência não colhe fruto nenhum. ¹⁵O que fazer então? Rezarei com o meu espírito, mas rezarei também com a minha inteligência; cantarei com o meu espírito, mas cantarei também com a minha inteligência. ¹⁶De facto, se é apenas com o teu espírito que das graças a Deus, como poderá o ouvinte não iniciado dizer «Ámen» ao agradecimento que fazes, uma vez que ele não sabe o que dizes? ¹⁷A acção de graças que fazes é sem dúvida valiosa, mas o outro não se edifica. ¹⁸Agradeço a Deus por falar em línguas mais do que todos vós. ¹⁹Numa assembleia, porém, prefiro dizer cinco palavras com a minha inteligência para instruir também os outros, que dizer dez mil palavras em línguas.

²⁰Irmãos, não sejais crianças quanto ao modo de julgar; sede crianças quanto à malícia, mas quanto ao modo de julgar sede adultos. ²¹Está escrito na Lei: «Falarei a este povo por meio de homens de outra língua e por meio de lábios estrangeiros, e mesmo assim eles não Me escutarão, diz o Senhor». ²²Portanto, as línguas são um sinal, não para os que acreditam, mas para os que não acreditam. A profecia, ao contrário, não é para os incrédulos, mas para os que acreditam. ²³Por exemplo: se a Igreja se reunir e todos falarem em línguas, será que os simples ouvintes e os incrédulos que entrarem não vão dizer que estais loucos? ²⁴Ao contrário, se todos profetizarem, o incrédulo ou o simples ouvinte que entrar sentir-se-á persuadido do seu erro por todos, julgado por todos; ²⁵e os segredos do seu coração serão desvendados; ele prostrar-se-á com o rosto por terra, adorará a Deus e proclamará que Deus está realmente no meio de vós.

A ordem nas reuniões — ²⁶Que fazer então, irmãos? Quando estais reunidos, cada um pode entoar um cântico, dar um ensinamento ou revelação, falar em línguas ou interpretá-las. Mas que tudo seja para edificação! ²⁷Se existe alguém que fale em línguas, falem dois ou no máximo três, um após o outro. E que alguém as interprete. ²⁸Se não há intérprete, que o irmão se cale na assembleia; fale a si mesmo e a Deus. ²⁹Quanto aos profetas, que dois ou três falem, e os outros profetas dêem o seu parecer. ³⁰Se alguém que está sentado recebe uma revelação, cale-se aquele que está a falar. ³¹Todos vós podeis profetizar, mas um após outro, para que todos sejam instruídos e encorajados. ³²Os espíritos dos profetas estão submissos aos profetas. ³³Pois Deus não é um Deus de desordem, mas de paz.

³⁴Que as mulheres fiquem caladas nas assembleias, como se faz em todas as Igrejas dos cristãos, pois não lhes é permitido tomar a palavra. Devem ficar submissas, como diz também a Lei. ³⁵Se desejam instruir-se sobre algum ponto, perguntem aos maridos em casa; não é conveniente que a mulher fale nas assembleias. ³⁶Porventura a Palavra de Deus teve a sua origem em vós? Ou fostes vós os únicos que a recebestes? ³⁷Se alguém julga ser profeta ou inspirado pelo Espírito, reconheça um mandamento do Senhor nas coisas que vos escrevo. ³⁸Todavia, se alguém não reconhecer isso, é porque também não é reconhecido por Deus. ³⁹Portanto, irmãos, aspirai ao dom da profecia e não impeçais que alguém fale em línguas. ⁴⁰Mas que tudo seja feito de modo conveniente e com ordem.

4. A RESSURREIÇÃO DOS MORTOS

15 Cristo ressuscitado, fundamento da nossa fé — ¹Irmãos, lembro-vos o Evangelho que vos anunciei, que recebestes e no qual permanecéis firmes. ²É pelo Evangelho que sereis salvos, contanto que o guardéis do modo como eu volo anunciei; de contrário, tereis acreditado em vão. ³Transmiti-vos, em primeiro lugar, aquilo que eu mesmo recebi, isto é: Cristo morreu pelos nossos pecados, conforme as Escrituras; ⁴foi sepultado, ressuscitou ao terceiro dia, conforme as Escrituras; ⁵apareceu a Pedro e depois aos Doze. ⁶Em seguida, apareceu a mais de quinhentos irmãos de uma só vez; a maioria deles ainda vive e alguns já morreram.

⁷Depois apareceu a Tiago e, a seguir, a todos os Apóstolos. ⁸Em último lugar apareceu-me também a mim, que sou um aborto. ⁹De facto eu sou o menor dos Apóstolos e não mereço ser chamado Apóstolo, pois persegui a Igreja de Deus. ¹⁰Mas aquilo que sou devo-o à graça de Deus; e a graça que Ele me deu não foi estéril. Pelo contrário: trabalhei mais do que todos eles; não eu, mas a graça de Deus que está comigo. ¹¹Portanto, aqui está o que nós pregamos, tanto eu como eles; aqui está aquilo em que vós acreditastes. Se os mortos não ressuscitam... — ¹²Ora, se nós pregamos que Cristo ressuscitou dos mortos, como é que alguns de vós dizem que não há ressurreição dos mortos? ¹³Se não há ressurreição dos mortos, então Cristo também não ressuscitou; ¹⁴e, se Cristo não ressuscitou, a nossa pregação é vazia e também é vazia a fé que tendes. ¹⁵Se os mortos não ressuscitam, então somos testemunhas falsas de Deus, pois testemunhamos contra Deus, quando dizemos que Deus ressuscitou a Cristo. ¹⁶Pois, se os mortos não ressuscitam, Cristo também não ressuscitou. ¹⁷E, se Cristo não ressuscitou, a fé que tendes é ilusória e ainda permanecéis nos vossos pecados. ¹⁸E, desse modo, aqueles que morreram em Cristo estão perdidos. ¹⁹Se a nossa esperança em Cristo é somente para esta vida, nós somos os mais infelizes de todos os homens.

Deus será tudo em todos — ²⁰Mas não! Cristo ressuscitou dos mortos como primeiro fruto dos que morreram. ²¹De facto, já que a morte veio através de um homem, também por um homem vem a ressurreição dos mortos. ²²Como em Adão todos morrem, assim em Cristo todos receberão a vida. ²³Cada um, porém, na sua própria ordem: Cristo, como primeiro fruto; depois, aqueles que pertencem a Cristo, por ocasião da sua vinda. ²⁴A seguir, chegará o fim, quando Cristo entregar o Reino a Deus Pai, depois de ter destruído todo o principado, toda a autoridade, todo o poder. ²⁵Pois é preciso que Ele reine, até que tenha posto todos os seus inimigos debaixo dos seus pés. ²⁶O último inimigo a ser destruído será a morte, ²⁷pois Deus tudo colocou debaixo dos pés de Cristo. Mas, quando se diz que tudo Lhe será submetido, é claro que se deve excluir Deus, que tudo submeteu a Cristo. ²⁸E quando todas as coisas Lhe tiverem sido submetidas, então o próprio Filho Se submeterá Àquele que tudo Lhe submeteu, para que Deus seja tudo em todos.

O testemunho é prova da ressurreição — ²⁹Se não fosse assim, que ganhariam aqueles que se fazem baptizar em favor dos mortos? Se os mortos realmente não ressuscitam, porquê fazer-se baptizar em favor deles? ³⁰E nós mesmos, porque nos expomos ao perigo a todo o momento? ³¹Diariamente corro perigo de morte, tão certo, irmãos, quanto sois vós a minha glória em Jesus Cristo nosso Senhor. ³²Para mim, de que teria adiantado lutar contra os animais em Éfeso, se eu tivesse apenas interesses humanos? Se os mortos não ressuscitam, comamos e bebamos, pois amanhã morreremos. ³³Não vos deixeis iludir: as más companhias corrompem os bons costumes. ³⁴Voltai a viver a vida séria e correcta; e não

pequeis. Pois alguns de vós ignoram tudo a respeito de Deus. Digo isto para que sintais vergonha.

Seremos semelhantes a Cristo ressuscitado — ³⁵Todavia alguém dirá: «Como é que os mortos ressuscitam? Com que corpo voltarão?» ³⁶Insensato! Aquilo que semeias não volta à vida, a não ser que morra. ³⁷E o que semeias não é o corpo da futura planta que deve nascer, mas simples grão de trigo ou de qualquer outra espécie. ³⁸A seguir, Deus dá-lhe corpo como quer: Ele dá a cada uma das sementes o corpo que lhe é próprio. ³⁹Nenhuma carne é igual às outras: a carne dos homens é de um tipo, a dos animais é de outro, e de outro a das aves e de outro ainda a dos peixes. ⁴⁰Há corpos celestes e há corpos terrestres. O brilho dos celestes, porém, é diferente do brilho dos terrestres. ⁴¹Uma coisa é o brilho do Sol, outra o brilho da Lua, e outra o brilho das estrelas. E até de estrela para

SEGUNDA CARTA AOS CORÍNTIOS A FORÇA MANIFESTA-SE NA FRAQUEZA

INTRODUÇÃO

É difícil dar uma visão ordenada da segunda carta aos Coríntios. Isto porque esta carta é composta, provavelmente, de vários escritos que Paulo enviou aos Coríntios em ocasiões diferentes. Um facto é certo: o Apóstolo remeteu mais de duas cartas aos Coríntios; pelo menos quatro e um bilhete. Alguns dados ajudam a descobri-lo. Em 1Cor 5,9, Paulo diz que tinha escrito uma carta anterior, admoestando os Coríntios para que não tivessem relações com gente imoral. Em 2Cor 2,4, fala de uma carta severa e que, ao escrevê-la, « estava tão preocupado e aflito que até chorava ». Essas duas cartas, terão desaparecido ou podemos encontrá-las em algum lugar? Vamos por partes:

1. O trecho 2Cor 6,14 — 7,1 interrompe de certa maneira o contexto; se retirado, não faria falta e até a leitura correria melhor. Nesses versículos Paulo trata dos ídolos e da impiedade; por isso, alguns estudiosos pensam que se trata de um pedaço da carta mencionada em 1Cor 5,9.

2. Os capítulos 10-13 da segunda carta aos Coríntios têm tonalidade diferente dos capítulos anteriores. Paulo mostra-se severo e nota-se grande envolvimento emocional. Pode ser a carta de que ele fala em 2Cor 2,3.

3. No início de 2Cor 9, Paulo diz que é inútil escrever sobre o « serviço prestado aos cristãos », isto é, sobre a colecta. No entanto, o cap. 8 já tratara longamente sobre essa questão. Este cap. 9 seria então, um bilhete escrito posteriormente, que retoma o assunto da colecta.

Assim, temos em ordem cronológica:

A — 2Cor 6,14-7,1: fragmento da carta escrita antes da 1Cor.

B — Primeira carta aos Coríntios.

C — 2Cor 10-13: carta severa escrita entre lágrimas. Paulo defende arduamente a autenticidade do seu ministério, fazendo uma espécie de diário apaixonado da sua vida de Apóstolo. Os coríntios tinham-no pressionado, exigindo contas quanto à origem da sua vocação, à autenticidade do seu evangelho e à sinceridade do seu comportamento. Paulo reage magoado; mas, com firmeza e de coração aberto, expõe a sua vida. Deixa vir à tona a sua personalidade exuberante e contraditória: ele é forte e fraco, audaz e reservado, impetuoso e terno, mas sempre fiel à missão apostólica e plenamente convicto do evangelho que prega.

D — 2Cor 1-8: carta escrita depois da anterior

(C). Recorda os incidentes entre o Apóstolo e a comunidade de Corinto, em particular o caso de alguém que o teria injuriado pessoalmente. Tito fora enviado para resolver essa questão e voltara trazendo boas notícias sobre a reconciliação. No final (cap. 8), dá instruções sobre uma colecta para ajudar a Igreja de Jerusalém, que se encontrava em sérios apuros financeiros.

E — 2Cor 9: bilhete escrito pelo próprio Paulo, retomando o assunto da colecta, talvez endereçado às Igrejas da região de Corinto.

A sequência pode parecer complicada, mas permite compreender melhor os acontecimentos e o modo como Paulo reagiu às dificuldades suscitadas pela turbulenta comunidade de Corinto.

SEGUNDA CARTA AOS CORÍNTIOS

PRÓLOGO

¹Endereço e saudação — ¹Paulo, Apóstolo de Jesus Cristo pela vontade de Deus, e o irmão Timóteo, à Igreja de Deus que está em Corinto, e também a todos os cristãos que se encontram por toda a Acaia. ²A graça e a paz vos sejam dadas da parte de Deus nosso Pai e do Senhor Jesus Cristo.

Solidariedade na perseguição — ³Bendito seja o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, o Pai das misericórdias e Deus de toda a consolação! ⁴Ele nos consola em todas as nossas tribulações, para que possamos consolar os que estão em qualquer tribulação, através da consolação que nós mesmos recebemos de Deus. ⁵Na verdade, assim como os sofrimentos de Cristo são numerosos para nós, assim também é grande a nossa consolação por meio de Cristo. ⁶Se somos atribulados é para vossa consolação e salvação. Se somos consolados, é para vossa consolação, para que possais suportar os mesmos sofrimentos que também nós padecemos. ⁷E a nossa esperança a vosso respeito é firme, pois sabemos que, se participais dos nossos sofrimentos, também haveis de participar da nossa consolação. ⁸Irmãos, não queremos que ignoreis isto: a tribulação que sofremos na Ásia fez-nos sofrer muito, para além das nossas forças, a ponto de perdermos a esperança de sobreviver. ⁹Sim, nós sentíamos-nos como condenados à morte: a nossa confiança já não podia estar apoiada em nós, mas em Deus que ressuscita os mortos. ¹⁰Foi Deus que nos

libertou dessa morte e dela nos libertará; n'Ele colocamos a esperança de que ainda nos libertará da morte. 11Para isso vós ides colaborar através da oração. Deste modo, a graça que obteremos pela intercessão de muitas pessoas provocará a acção de graças de muitos em nosso favor.

I. A VISITA ADIADA

Consciência limpa — ¹²Este é o nosso motivo de orgulho: o testemunho da consciência de que nos comportámos no mundo, e mais particularmente em relação a vós, com a santidade e sinceridade que vêm de Deus. Não foram razões humanas que nos moveram, mas a graça de Deus. ¹³De facto não há nada em nossas cartas além daquilo que ledes e compreendeis. E espero que compreendais plenamente, ¹⁴assim como em parte já nos compreendestes que somos para vós motivo de glória, assim como vós o sereis para nós, no Dia do Senhor Jesus.

Firme e fiel — ¹⁵Animado por esta certeza, eu pretendia em primeiro lugar ir ter convosco, para que recebêsseis uma segunda graça; ¹⁶depois seguiria para a Macedónia; e, finalmente, da Macedónia iria outra vez ter convosco, a fim de que me preparásseis a viagem para a Judeia. ¹⁷Será que fui leviano ao fazer este projecto? Será que os meus planos foram inspirados por objectivos puramente humanos, de tal modo que em mim existe «sim e não» ao mesmo tempo? ¹⁸Deus é testemunha fiel de que a palavra que vos dirigimos não é «sim e não». ¹⁹De facto, Jesus Cristo, o Filho de Deus, que eu, Silvano e Timóteo vos anunciámos, não foi «sim e não», mas unicamente «sim». ²⁰Todas as promessas de Deus encontraram n'Ele o seu sim; por isso, é por meio d'Ele que dizemos «Ámen» a Deus, para a glória de Deus. ²¹Quem nos fortalece juntamente convosco em Cristo e nos dá a unção, é Deus. ²²Deus marcou-nos com um selo e colocou em nossos corações a garantia do Espírito. Não dominar a fé — ²³Quanto a mim, invoco a Deus como testemunha da minha vida: foi para vos poupar que não voltei a Corinto. ²⁴Não é nossa intenção dominar a fé que tendes, mas colaborar para que tenhais alegria. Quanto à fé, vós estais firmes.

²Por isso, preferi não ir visitar-vos, para não provocar tristeza. ²De facto, se vos causo tristeza, quem me dará alegria? Somente vós, a quem entristeci. ³A finalidade da minha carta era evitar que, ao chegar, eu experimentasse tristeza daqueles que me deveriam proporcionar alegria. Quanto a vós, estou convencido de que a minha alegria é também a alegria de todos vós. ⁴De facto, quando escrevi, estava tão preocupado e aflito que até chorava; não pretendia entristecer-vos, mas escrevi para que compreendais o imenso amor que vos tenho. ⁵Se alguém causou tristeza, não foi a mim, mas de certo modo (não vamos exagerar) a todos vós. ⁶Para tal pessoa, basta o castigo que a comunidade resolveu impor-lhe. ⁷Mas agora é melhor que lhe perdoeis e o consoleis, para que ele não fique sob o peso de tristeza excessiva. ⁸Peço-vos, portanto, que deis provas de amor a essa pessoa. ⁹Realmente, ao escrever-vos, eu queria pôr à prova a vossa obediência e verificar se era uma obediência total. ¹⁰A quem vós perdoais, eu também perdooo. Se perdoei — na medida que tinha de perdoar — fi-lo diante de Cristo em vosso favor. ¹¹Deste modo, não seremos enganados por Satanás, pois não ignoramos as suas intenções. ¹²Cheguei então a Tróade para lá pregar o Evangelho de Cristo. Embora o Senhor me tivesse aberto uma grande porta, ¹³não tive paz de espírito, pois não encontrei o meu irmão Tito. Por isso despedi-me deles e parti para a Macedónia.

II. GRANDEZA E FRAQUEZA DOS APÓSTOLOS

Quem está à altura? — ¹⁴Graças sejam dadas a Deus, que nos faz participar do seu triunfo em Cristo e que, através de nós, espalha o perfume do seu conhecimento no mundo inteiro. ¹⁵De facto, diante de Deus nós somos o bom perfume de Cristo entre aqueles que se salvam e entre aqueles que se perdem: ¹⁶para uns, perfume de morte para a morte; para outros, perfume de vida para a vida. E quem estaria à altura de tal missão? ¹⁷Nós não somos como aqueles que falsificam a Palavra de Deus; pelo contrário, é com sinceridade e como enviados de Deus que falamos a respeito de Cristo na vossa presença.

³A comunidade testemunha a autenticidade do Apóstolo — ¹Vamos começar de novo a fazer recomendação de nós mesmos? Ou precisamos de vos apresentar cartas de recomendação, como fazem alguns? Ou, então, pedir-vos essa carta? ²A nossa carta de recomendação sois vós mesmos, carta escrita em nossos corações, conhecida e lida por todos os homens. ³De facto, é evidente que sois vós uma carta de Cristo, da qual nós fomos o instrumento; carta escrita, não com tinta, mas nas tábuas de carne do vosso coração.

⁴Esta é a convicção que temos diante de Deus, graças a Cristo. ⁵Não nos atreveríamos a pensar que esta obra é devida a algum mérito nosso; pelo contrário, é de Deus que vem a nossa capacidade. ⁶Foi Ele que nos tornou capazes de sermos ministros de uma aliança nova, não aliança da letra, mas do Espírito; pois a letra mata e o Espírito é que dá a vida.

A nova aliança liberta e transfigura — ⁷O ministério da morte, gravado com letras sobre a pedra, ficou tão marcado pela glória, que os israelitas não podiam fixar os olhos no rosto de Moisés, por causa do fulgor que nele havia — fulgor, aliás, passageiro. ⁸Quanto mais glorioso não será o ministério do Espírito! ⁹Na verdade, se o ministério da condenação foi glorioso, muito mais glorioso será o ministério da justiça. ¹⁰Mesmo a glória que aí se verificou já não pode ser considerada glória, em comparação com a glória actual, que lhe é muito superior. ¹¹De facto, se foi marcado pela glória o que é passageiro, com maior razão há-de ser glorioso o que é permanente.

¹²Fortalecidos por tal esperança, estamos plenamente confiantes: ¹³nós não fazemos como Moisés que colocava um véu sobre a face para que os filhos de Israel não percebessem o fim daquilo que era passageiro... ¹⁴No entanto, o seu entendimento ficou obscurecido. Sim, até hoje, quando eles lêem o Antigo Testamento, esse mesmo véu permanece; não é retirado, porque é em Cristo que ele desaparece.

¹⁵Sim, até hoje, todas as vezes que lêem Moisés, há um véu sobre o seu coração. ¹⁶Somente pela conversão ao Senhor é que o véu cai, ¹⁷pois o Senhor é o Espírito; e onde se acha o Espírito do Senhor, aí existe a liberdade. ¹⁸E nós que, com a face descoberta, reflectimos como num espelho a glória do Senhor, somos transfigurados nessa mesma imagem, cada vez mais resplandecente pela acção do Senhor, que é Espírito.

⁴O Apóstolo é testemunha de Cristo — ¹É este o nosso ministério que nos foi concedido pela misericórdia de Deus; por isso, não perdemos a coragem. ²Dissemos «não» aos procedimentos secretos e vergonhosos, não agimos com astúcia, nem falsificámos a Palavra de Deus. Ao contrário, manifestando a verdade, recomendamos-nos diante de Deus à consciência de cada homem. ³Portanto, se o nosso Evangelho continua obscuro, está obscuro para aqueles que se perdem, ⁴para os incrédulos, cuja inteligência o deus deste mundo obscureceu a fim de que não vejam brilhar a luz do Evangelho da glória de Cristo, de Cristo que é a imagem de Deus. ⁵Não pregamos a nós mesmos, mas a Cristo Jesus, Senhor. Quanto a nós mesmos é como vos-sos servos que nos apresentamos, por causa de Jesus. ⁶Pois o Deus que disse: «Do meio das trevas brilhe a luz!», foi Ele mesmo que reluziu em nossos corações para fazer brilhar o conhecimento da glória de Deus, que resplandece na face de Cristo.

Fraqueza do Apóstolo e força de Deus — ⁷Todavia, esse tesouro trazemo-lo em vasos de barro, para que todos reconheçam que esse incompará-

vel poder pertence a Deus e não é propriedade nossa. ⁸Somos atribulados por todos os lados, mas não desanimamos; somos postos em extrema dificuldade, mas não somos vencidos por nenhum obstáculo; ⁹somos perseguidos, mas não abandonados; prostrados por terra, mas não aniquilados. ¹⁰Sem cessar e por toda a parte levamos no nosso corpo a morte de Jesus, a fim de que também a vida de Jesus se manifeste no nosso corpo. ¹¹De facto, embora estejamos vivos, somos a toda a hora entregues à morte por causa de Jesus, a fim de que também a vida de Jesus se manifeste na nossa carne mortal. ¹²Deste modo, em nós opera a morte; e, em vós, a vida.

¹³Animados pelo mesmo espírito de fé, sobre o qual está escrito: «Acreditei, por isso falei», também nós acreditamos e por isso falamos. ¹⁴Pois sabemos que Aquele que ressuscitou o Senhor Jesus também nos ressuscitará com Jesus e nos colocará ao lado d'Ele juntamente convosco. ¹⁵E tudo isto se realiza em vosso favor, para que a graça, multiplicando-se entre muitos, faça transbordar a acção de graças para a glória de Deus.

A morte é passagem para a vida definitiva — ¹⁶É por isso que nós não perdemos a coragem. Pelo contrário: embora o nosso físico se vá desfazendo, o nosso homem interior vai-se renovando a cada dia. ¹⁷Pois a nossa tribulação momentânea é leve, em relação ao peso extraordinário da glória eterna que ela nos prepara. ¹⁸Não procuramos as coisas visíveis, mas as invisíveis; porque as coisas visíveis duram apenas um momento, enquanto as invisíveis duram para sempre.

⁵ ¹Nós sabemos: quando a nossa morada terrestre, a nossa tenda for desfeita, receberemos de Deus uma habitação no Céu, uma casa eterna não construída por mãos humanas. ²Por isso, suspiramos neste nosso estado, desejosos de vestir o nosso corpo celeste; ³e isso será possível se formos encontrados vestidos, e não nus. ⁴Pois nós, que estamos nesta tenda, gememos acobrunhados, porque não queremos ser despojados da nossa veste, mas revestir a outra por cima desta, e, assim, aquilo que é mortal seja absorvido pela vida. ⁵E quem para isso nos preparou foi Deus, o qual nos deu a garantia do Espírito.

⁶Por esta razão, estamos sempre confiantes, sabendo que enquanto habitamos neste corpo, estamos fora de casa, isto é, longe do Senhor, ⁷pois caminhamos pela fé e não pela visão... ⁸Sim, estamos cheios de confiança e preferimos deixar a mansão deste corpo, para irmos morar junto do Senhor. ⁹Em todo o caso, quer fiquemos na nossa morada, quer a deixemos, esforçamo-nos por agradar ao Senhor. ¹⁰De facto, todos deveremos comparecer diante do tribunal de Cristo, a fim de que cada um receba a recompensa daquilo que tiver feito durante a sua vida no corpo, tanto para o bem, como para o mal.

Ao serviço do Evangelho — ¹¹Portanto, compenetrados do temor do Senhor, procuramos convencer os homens. Somos plenamente conhecidos por Deus; espero que também sejamos plenamente conhecidos pela vossa consciência. ¹²Não nos recomendamos novamente a vós, mas queremos apenas dar-vos ocasião de vos orgulhades de nós, a fim de que possais dar uma resposta àqueles que se gloriam somente pelas aparências e não pelo que está no coração. ¹³Se perdemos o bom senso, foi por causa de Deus; se nos comportámos com sensatez, foi por vossa causa.

O ministério da reconciliação — ¹⁴O amor de Cristo é que nos impulsiona, quando consideramos que um só morreu por todos, e conseqüentemente todos morreram. ¹⁵Ora, Cristo morreu por todos, e assim, aqueles que vivem, já não vivem para si, mas para Aquele que por eles morreu e ressuscitou. ¹⁶Por isso, doravante não conhecemos mais ninguém pelas aparências. Mesmo que tenhamos conhecido Cristo segundo as aparências, agora já não O conhecemos assim. ¹⁷Se alguém está em Cristo, é nova criatura. As coisas antigas passaram; eis que uma realidade nova apareceu. ¹⁸Tudo isto vem de Deus, que nos reconciliou consigo por meio de Cristo e nos confiou o ministério da reconciliação. ¹⁹Pois era Deus quem reconciliava consigo mesmo o mundo por meio de Cristo, não levando em conta os pecados dos homens e colocando em nós a Palavra da reconciliação. ²⁰Sendo assim exercemos a função de embaixadores em nome de Cristo, e é por meio de nós que o próprio Deus vos exorta. Em nome de Cristo, suplicamos: reconciliai-vos com Deus. ²¹Aquele que nada tinha a ver com o pecado, Deus fê-lo pecado por causa de nós, a fim de que por meio d'Ele sejamos reabilitados por Deus.

⁶ ¹Visto que somos colaboradores de Deus, nós vos exortamos para que não recebais a graça de Deus em vão. ²Pois Deus diz na Escritura: «Eu escutei-te no tempo favorável, e no dia da salvação vim em teu auxílio». É agora o momento favorável. É agora o dia da salvação.

Sustentado pela força de Deus — ³Da nossa parte, evitamos dar qualquer motivo de escândalo, para que o nosso ministério não seja criticado. ⁴Pelo contrário, em tudo nos recomendamos como ministros de Deus: pela grande perseverança nas tribulações, necessidades, angústias, ⁵açóites, prisões, desordens, fadigas, vigílias e jejuns; ⁶pela pureza, ciência, paciência e bondade, pela actuação do Espírito Santo, pelo amor sem fingimento, ⁷pela palavra da verdade, pelo poder de Deus, pelas armas ofensivas e defensivas da justiça; ⁸na glória e no desprezo, na boa e na má fama; tidos como impostores e, no entanto, dizendo a verdade; ⁹como desconhecidos e, no entanto, conhecidos; como agonizantes e, no entanto, estamos vivos; como castigados e, no entanto, livres da morte; ¹⁰como tristes e, no entanto, sempre alegres; como indigentes e, no entanto, enriquecendo a muitos; nada tendo, mas tudo possuindo.

III. RESTABELECIMENTO DAS RELAÇÕES

De coração aberto — ¹¹Coríntios, digo-vos com franqueza: o meu coração está aberto para vós. ¹²E em mim, não falta lugar para vos acolher, mas em troca tendes o coração estreito. ¹³Pagai-nos com a mesma moeda. Falo-vos como a filhos; abri também o vosso coração! Não volteis atrás — ¹⁴Não vos submetais ao mesmo jugo com os infiéis. Que relação pode haver entre justiça e iniquidade? Que união pode haver entre luz e trevas? ¹⁵Que harmonia pode haver entre Cristo e Belial? Que relação entre quem acredita e quem não acredita? ¹⁶Que há de co-mum entre o templo de Deus e os ídolos? Ora, nós somos o templo do Deus vivo, como disse o próprio Deus: «Habitaréi no meio deles e com eles caminharei. Serei o seu Deus e eles serão o meu povo. ¹⁷Portanto, saí do meio dessa gente e afastai-vos dela, diz o Senhor. Não toqueis naquilo que é impuro e Eu vos acolherei. ¹⁸Serei para vós um Pai e vós sereis para Mim filhos e filhas, diz o Senhor todopoderoso».

⁷ ¹Caríssimos, já que temos tais promessas, vamos purificar-nos de toda a mancha do corpo e do espírito. E levemos a cabo a nossa santificação no temor de Deus. A tristeza que produz transformação — ²Acolhei-nos nos vossos corações. Não fizemos injustiça a ninguém, a ninguém causámos dano, a ninguém explorámos. ³Não digo isto para vos condenar, porque já vos disse: «Vós estais no nosso coração para a vida e para a morte». ⁴A minha confiança em vós é grande; e eu orgulho-me muito de vós. Estou cheio de consolação, transbordando de alegria no meio de todas as nossas tribulações.

⁵Na verdade, quando chegámos à Macedónia, a nossa pobre pessoa não teve um momento de sossego; sofremos toda a espécie de tribulação: por fora, lutas; por dentro, temores. ⁶Deus, porém, que consola os humildes, confortou-nos com a chegada de Tito. ⁷E não somente com a chega-

da dele, mas também pelo conforto que ele tinha recebido de vós. Contou-nos que tínheis profundo carinho, que estáveis sentidos com o que acontecera e que vos preocupáveis comigo. E eu fiquei muito contente.

⁸Se vos causei tristeza com a minha carta, não me arrependo. E se a princípio me arrependi — pois vejo que essa carta vos entristeceu, embora por pouco tempo — ⁹agora alegro-me, não por vos haver entristecido, mas porque a tristeza fez que vos arrependésseis. Entristecestes-vos segundo Deus, e assim não sofrestes nenhum dano da nossa parte. ¹⁰De facto, a tristeza que vem de Deus produz arrependimento que leva à salvação e não volta atrás; a tristeza segundo este mundo produz a morte. ¹¹Vede antes o que produziu em vós a tristeza que vem de Deus: quantas desculpas, quanta indignação, que temor, que desejo ardente, que afecto, que punição! Demonstrastes, de todos os modos, que estáveis inocentes naquela questão. ¹²Numa palavra: se vos escrevo, não foi por causa daquele que me injuriou, nem por do ofendido, mas para que ficasse bem claro entre vós, diante de Deus, quanto vos sentis preocupados por nós. ¹³Foi por isso que nos sentimos confortados.

Mas, além desse conforto pessoal, alegrei-me muito ao ver que Tito estava contente devido à maneira como o recebestes e tranquilizastes. ¹⁴Se diante dele me gloriei de vós, não tive de que me envergonhar. Assim como sempre vos dissemos a verdade, ficou igualmente comprovado que era verdadeiro o elogio que de vós fizemos a Tito. ¹⁵Ele sente por vós afecto ainda maior, ao lembrar-se da vossa obediência e de como o acolhestes com temor e tremor. ¹⁶Alegro-me, portanto, de poder confiar em vós, aconteça o que acontecer.

IV. COLECTA PARA OS CRISTÃOS DE JERUSALÉM

⁸O exemplo dos cristãos da Macedónia — ¹Irmãos, agora damo-vos a conhecer a graça que Deus concedeu às Igrejas da Macedónia. ²No meio de muitas tribulações que puseram à prova essas Igrejas, com grande alegria, apesar da sua extrema pobreza, transbordaram em riquezas de generosidade. ³Eu sou testemunha de que eles, conforme os seus meios e até além dos seus meios, com toda a espontaneidade ⁴e com muita insistência, nos rogam a graça de tomarem parte nesse serviço em favor dos cristãos. ⁵Ultrapassando as nossas expectativas, eles entregaram-se primeiramente ao Senhor, e pela vontade de Deus, também a nós. ⁶Por isso, rogámos a Tito que termine essa obra de generosidade, que ele já havia começado entre vós.

O exemplo de Cristo — ⁷Em tudo vós sobressais: na fé, no dom da palavra, no conhecimento e entusiasmo, além do amor que tendes por nós. Pois então, procurai também distinguir-vos nessa obra de generosidade. ⁸Não digo isto para vos impor uma ordem. Se vos falo do exemplo de outros, é para vos dar ocasião de provar a sinceridade do amor que tendes. ⁹De facto, conheceis a generosidade de nosso Senhor Jesus Cristo; Ele, embora fosse rico, tornou-Se pobre por vossa causa, para com a sua pobreza vos enriquecer. ¹⁰A propósito, vou dar-vos uma sugestão, e é o que vos convém, já que fostes os primeiros, desde o ano passado, não só a realizar, mas também a querer realizar essa obra. ¹¹Agora, portanto, executai-a até ao fim, de modo que a essa boa disposição da vontade corresponda a realização, segundo os vossos meios. ¹²Quando existe boa vontade, somos bem aceites com os recursos que temos; pouco importa o que não temos. ¹³Não queremos que o alívio para os outros seja causa de aflição para vós; mas que haja igualdade. ¹⁴Neste momento, o que vos sobra vai compensar a carência deles, a fim de que o supérfluo deles venha um dia compensar a vossa carência. Assim haverá igualdade, ¹⁵como está na Escritura: «A quem recolhia muito, nada lhe sobrava; e a quem recolhia pouco, nada lhe faltava».

Recomendações — ¹⁶Graças sejam dadas a Deus, que colocou no coração de Tito o mesmo zelo por vós. ¹⁷Ele acolheu o meu pedido e, mais apressado que nunca, vai espontaneamente ter convosco. ¹⁸Enviámos, juntamente com ele, esse irmão que é elogiado em todas as Igrejas, pela pregação do Evangelho. ¹⁹Mais ainda: foi escolhido pelas Igrejas para ser nosso companheiro de viagem nesta obra de generosidade, serviço que empreendemos para dar glória ao Senhor e realizar as nossas boas intenções.

²⁰Tomámos esta precaução para evitar qualquer crítica na administração da grande quantia que nos confiaram. ²¹De facto, estamos preocupados com o bem, não somente aos olhos de Deus, mas também diante dos homens. ²²Junto com os representantes, enviámos também o nosso irmão, cuja dedicação muitas vezes e de muitos modos temos experimentado e que agora se mostra muito mais disposto, já que deposita plena confiança em vós. ²³Quanto a Tito, ele é meu companheiro e colaborador junto de vós, ao passo que os nossos irmãos são os enviados das Igrejas, as quais são a glória de Cristo. ²⁴Portanto, diante das Igrejas, dai-lhes provas do vosso amor, e fazei que eles vejam como é justo o motivo do nosso orgulho a respeito de vós.

⁹Deus ama a quem dá com alegria — ¹Quanto ao serviço a ser prestado aos cristãos, é inútil que vos escreva. ²Conheço a vossa boa vontade e elogiei-a junto dos macedónios, dizendo-lhes: «A Acaia está preparada desde o ano passado.» E o vosso zelo tem servido de estímulo para a maioria das Igrejas. ³Entretanto, enviei-vos os nossos irmãos, a fim de que o elogio que fiz de vós não seja desmentido nesse ponto e para que — como eu dizia antes — estejais realmente preparados. ⁴Se alguns macedónios fossem comigo e não vos encontrassem preparados, essa plena confiança seria motivo de nos envergonharmos, para não dizer que seria motivo de vos envergonhardes. ⁵Julguei, portanto, necessário pedir aos irmãos que fossem à nossa frente ter convosco e organizassem as ofertas já prometidas; uma vez recolhidas, tais ofertas seriam sinal de autêntica generosidade e não demonstração de avareza.

⁶Lembra-vos disto: quem semeia com mesquinhez, com mesquinhez há-de colher; quem semeia com generosidade, com generosidade há-de colher. ⁷Cada um dê conforme decidir em seu coração, sem pena ou constrangimento, porque Deus ama a quem dá com alegria. ⁸Deus pode enriquecer-vos com toda a espécie de graças, para que tenhais sempre o necessário em tudo e ainda sobre alguma coisa para poderdes colaborar em qualquer boa obra, ⁹conforme diz a Escritura: «Ele distribuiu e deu aos pobres; a sua justiça permanece para sempre».

¹⁰Deus, que dá semente ao sementeiro, também dará o pão em alimento; multiplicar-vos-á a semente, e ainda fará crescer o fruto da vossa justiça. ¹¹E sereis enriquecidos de todos os modos para praticardes toda a espécie de generosidade, que provocará a acção de graças a Deus por meio de nós. ¹²De facto, o serviço desta colecta não deve apenas remediar as necessidades dos cristãos, mas há-de ser ocasião de dar efusivas acções de graças a Deus. ¹³Tal serviço será para eles uma prova; e eles agradecerão a Deus pela obediência que professais ao Evangelho de Cristo e pela generosidade com que repartis os bens com eles e com todos. ¹⁴Manifestarão a sua ternura, rezando por vós por causa da graça extraordinária que Deus vos concedeu. ¹⁵Graças sejam dadas a Deus pelo seu dom extraordinário.

V. DEFESA DE PAULO

10 Recomendado pelos homens ou por Deus? — ¹Sou eu mesmo, Paulo, quem vos suplica com a mansidão e a bondade de Cristo. Eu que sou «tão humilde quando estou no meio de vós e tão prepotente quando estou longe». ²Rogo-vos que não me obrigueis, quando eu estiver aí em pessoa, a mostrar-me prepotente, recorrendo à audácia com que pretendo agir contra aqueles que nos julgam, como se nos comportássemos com interesses humanos. ³Embora seja homem, não luto por interesses humanos. ⁴De facto, as armas da nossa luta não são humanas; o seu poder vem de Deus e são capazes de destruir fortalezas. Nós destruimos os raciocínios presunçosos ⁵e qualquer poder altivo que se levante contra o conhecimento de Deus. Obrigamos toda a inteligência a obedecer a Cristo, ⁶e estamos dispostos a punir qualquer desobediência, desde que a vossa obediência seja perfeita. ⁷Olhai as coisas de frente. Se alguém está convencido de pertencer a Cristo, tome consciência, de uma vez por todas, de que assim como ele pertence a Cristo, também nós pertencemos a Cristo. ⁸E ainda que eu me orgulhasse um pouco mais do poder que Deus nos deu para edificar e não para vos destruir, eu não me envergonharia disso. ⁹Não quero dar a impressão de vos estar a ameaçar com as minhas cartas, ¹⁰pois, como dizem alguns, «as cartas são duras e fortes, mas a presença dele é fraca e a sua palavra é desprezível». ¹¹Aquele que diz isso fique sabendo que, assim como somos pela linguagem e por carta quando estamos ausentes, tais seremos por nossos actos quando estivermos presentes. ¹²É verdade que não temos a ousadia de nos igualar ou de nos comparar a alguns que fazem recomendação de si mesmos, que se tornam insensatos, porque se medem de acordo com a sua própria medida e se comparam a si mesmos. ¹³Quanto a nós, não nos orgulharemos além da justa medida; ao contrário, tomaremos como medida a própria regra que Deus nos assinalou: a de termos chegado até vós. ¹⁴Não nos gloriaremos indevidamente, como seria o caso se não tivéssemos chegado até vós, pois na verdade fomos até vós anunciando o Evangelho de Cristo. ¹⁵Não nos orgulhamos desmedidamente, apoiados em trabalhos alheios. E temos a esperança de que, com o progresso da vossa fé, cresceremos mais e mais segundo a nossa regra. ¹⁶Desse modo, levaremos o Evangelho para além das fronteiras da vossa região, sem contudo entrarmos em campo alheio, para não nos orgulharmos de trabalhos realizados por outros, como se fossem feitos por nós. ¹⁷Quem se orgulha, que se orgulhe no Senhor. ¹⁸Pois é aprovado não aquele que faz recomendação de si próprio, mas aquele que Deus recomenda.

11 Fidelidade ao único Senhor — ¹Oxalá pudésseis suportar um pouco da minha loucura! É claro que me suportais! ²Sinto por vós um ciúme semelhante ao ciúme de Deus. Eu entregueivos a um único esposo, a Cristo, a quem devo apresentar-vos como virgem pura. ³Receio, porém, que assim como a serpente, com a sua astúcia, seduziu Eva, os vossos pensamentos se corrompam, desviando-se da simplicidade devida a Cristo. ⁴De facto, se chega alguém e vos prega um Jesus diferente d'Aquele que vos pregámos, ou se vós acolheis um espírito diferente d'Aquele que recebestes, ou um evangelho diverso daquele que abraçastes, vós o suportais de bom grado. ⁵Todavia, não me considero inferior em coisa alguma a esses «superapóstolos!» ⁶Ainda que eu não seja hábil no falar, eu sou-o no saber. Em tudo e de todos os modos, já demonstrámos isso.

Acção pastoral desinteressada — ⁷Será que foi um erro meu humilhar-me para vos exaltar, porque vos anunciei gratuitamente o Evangelho de Deus? ⁸Despojei outras Igrejas, recebendo delas o necessário para viver, a fim de vos servir. ⁹E quando passei necessidade entre vós, não fui pesado a ninguém, porque os irmãos que vieram da Macedónia supriram às minhas necessidades. Em tudo evitei ser-vos pesado e continuarei a evitá-lo. ¹⁰Pela verdade de Cristo que está em mim, declaro que esse título de glória não me será tirado nas regiões da Acaia. ¹¹E porquê? Será porque não vos amo? Deus o sabe!

¹²O que faço, continuarei a fazê-lo, a fim de tirar qualquer pretexto àqueles que procuram algum para se gabarem dos mesmos títulos que nós temos. ¹³Esses tais são falsos apóstolos, operários fraudulentos, disfarçados de apóstolos de Cristo. ¹⁴E não é de estranhar! O próprio Satanás se disfarça em anjo de luz! ¹⁵Por isso, não me surpreendo de que os ministros de Satanás se disfarcem como servidores da justiça. Mas o fim deles corresponderá às suas obras.

Títulos que testemunham — ¹⁶Repito: que ninguém me considere louco, ou então: que me suportem como louco, a fim de que também eu possa gabar-me um pouco. ¹⁷O que vou dizer, não o direi conforme o Senhor, mas como louco, certo de que tenho motivos para me gabar. ¹⁸Visto que muitos se gabam dos seus títulos humanos, também eu vou gabar-me. ¹⁹Vós, assim tão sensatos, suportais de boa vontade os loucos. ²⁰E suportais que vos escravizem, que vos devorem, que vos despojem, que vos tratem com soberba, que vos esbofeteiem. ²¹Digo isto para vossa vergonha: até parece que nós é que somos fracos...

Aquilo que outros têm a ousadia de apresentar — falo como louco — eu também tenho. ²²São hebreus? Eu também. São israelitas? Eu também. São descendentes de Abraão? Eu também. ²³São ministros de Cristo? Falo como louco: eu sou-o muito mais. Muito mais pelas fadigas; muito mais pelas prisões; infinitamente mais pelos açoites; frequentemente em perigo de morte; ²⁴dos judeus recebi cinco vezes os quarenta golpes menos um. ²⁵Fui flagelado três vezes; uma vez fui apedrejado; três vezes naufraguei; passei um dia e uma noite no alto mar. ²⁶Fiz muitas viagens. Sofri perigos nos rios, perigos por parte dos ladrões, perigos por parte dos meus irmãos de raça, perigos por parte dos pagãos, perigos na cidade, perigos no deserto, perigos no mar, perigos por parte dos falsos irmãos. ²⁷Mais ainda: morto de cansaço, muitas noites sem dormir, fome e sede, muitos jejuns, com frio e sem agasalho. ²⁸E isto para não contar o resto: a minha preocupação quotidiana, a atenção que tenho por todas as Igrejas. ²⁹Quem fraqueja, sem que eu também me sinta fraco? Quem cai, sem que eu me sinta com febre?

³⁰Se é preciso gabar-se, é da minha fraqueza que vou gabar-me. ³¹O Deus e Pai do Senhor Jesus, que é bendito para sempre, sabe que não mintto. ³²E m Damasco, o governador do rei Aretas guardava a cidade dos damascenos com a intenção de me prender; ³³mas fizeram-me descer de uma janela, ao longo da muralha, dentro de um cesto; e assim eu escapei das mãos dele.

12 Uma experiência extraordinária — ¹É preciso gabar-se? Embora não convenha, vou mencionar as visões e revelações do Senhor. ²Conheço um homem em Cristo que há catorze anos foi arrebatado ao terceiro céu. Se estava em seu corpo, não sei; se fora do corpo, não sei, Deus o sabe. ³Sei apenas que esse homem — se no corpo ou fora do corpo não sei; Deus o sabe! — ⁴foi arrebatado até ao paraíso e ouviu palavras inefáveis, que não são permitidas ao homem repetir. ⁵Quanto a esse homem, eu gabar-me-ei; mas quanto a mim, só vou gabar-me das minhas fraquezas. ⁶Se eu quisesse gabar-me, não seria louco, pois estaria a dizer a verdade. Mas não o faço, a fim de que ninguém tenha de mim conceito superior àquilo que vê em mim ou me ouve dizer.

Na fraqueza manifesta-se a força — ⁷Para que eu não me inchassem de soberba por causa dessas revelações extraordinárias, foi-me dado um espinho na carne, um anjo de Satanás para me espancar, a fim de que eu não me encha de soberba. ⁸Por esse motivo, três vezes pedi ao Senhor que o afastasse de mim. ⁹Ele, porém, respondeu-me: «Basta-te a minha graça, pois é na fraqueza que a força manifesta todo o seu poder». Portanto, com muito gosto, prefiro gabar-me das minhas fraquezas, para que a força de Cristo habite em mim. ¹⁰E é por isso que eu me alegro nas fraquezas, humilhações, necessidades, perseguições e angústias, por causa de Cristo. Pois, quando sou fraco, então é que sou forte.

Características de um Apóstolo — ¹¹Procedi como louco! Mas vós é que me forçastes a isso. Mas vós é que me devíeis recomendar. Pois, embora eu não seja coisa alguma, em nada esses «superapóstolos» são superiores a mim. ¹²De facto, realizaram-se entre vós os sinais do verdadeiro Apóstolo: paciência a toda a prova, sinais, milagres e prodígios. ¹³O que é que tivestes menos do que as outras Igrejas, se não o facto de que eu não fui pesado para vós? Perdoai-me esta injustiça! ¹⁴Estou pronto para ir ter convosco pela terceira vez. E não vos serei pesado, pois o que procuro não são os bens que possuís, mas vós mesmos. Não são os filhos que devem acumular bens para os pais, mas sim os pais para os filhos. ¹⁵Quanto a mim, de boa vontade me gastarei e me desgastarei totalmente em vosso favor. Será que dedicando-vos mais amor, serei por causa disso menos amado?

¹⁶«Tudo bem», dirão alguns. Eu não vos fui pesado, mas, esperto como sou, conquistei-vos com fraude! ¹⁷Acaso vos explorei através de algum daqueles que

CARTAS DE SÃO PAULO

Carta aos Efésios

As quatro cartas aos Filipenses, a Filémon, aos Colossenses e aos Efésios formam o grupo das cartas do cativo. As três primeiras foram muito provavelmente escritas em Éfeso, entre os anos 55-57. As cartas aos Efésios e Colossenses talvez tenham sido escritas na mesma ocasião; é o que se deduz da semelhança entre elas e pelo facto de mencionarem Tíquico como portador de ambas (Ef 6,21; Cl 4,7). O Apóstolo parece não conhecer pessoalmente os destinatários dessas duas cartas. Isto leva-nos a pensar que a carta aos Efésios, na origem, não teve destinatário preciso; talvez fosse uma circular destinada às comunidades da região vizinha de Éfeso; e alguns chegam a pensar que seria a mesma carta dirigida à Igreja de Laodiceia, citada em Cl 4,16. Note-se que a expressão « em Éfeso » (Ef 1,1) falta em diversos manuscritos antigos.

A carta aos Efésios é fruto de longa e amadurecida meditação teológica. Contemplando o projecto de Deus para a salvação da Humanidade, o olhar de Paulo concentra-se em Jesus Cristo no Céu. É a ideia central da carta. Cristo, porém, não está longe do mundo nem dos homens. De facto, a sua soberania engloba toda a Criação e com ela toda a Humanidade, que assim constituem o seu Corpo, a Igreja, na qual se manifesta o grande mistério agora revelado, ou seja: em Cristo, Deus reúne todos os homens na paz e na unidade, excluindo quaisquer separações de raça ou de origem religiosa. Cristo é o centro e ápice do eterno projecto de Deus, é o caminho da reconciliação e reunião de todos os homens no único povo de Deus. A Igreja abarca a Humanidade inteira, e Paulo contempla-a nas dimensões do Universo. Ela é descrita sob três imagens: esposa (5,22-23), corpo (1,23; 4,16) e edifício (2,19-22). Deste modo, o Apóstolo relembra os laços íntimos e orgânicos que unem os homens a Cristo e entre si na comunidade, para a levar ao pleno desenvolvimento. A carta aos Efésios é a carta do mistério da Igreja.

¹Endereço e saudação — ³Paulo, Apóstolo de Jesus Cristo pela vontade de Deus, aos cristãos que estão em Éfeso e fiéis em Jesus Cristo. ²Que

31,1-2: Quanto à indicação «em Éfeso», cf. Introdução.

3-14: Paulo desenvolve um hino de louvor em forma de «bênção», frequente no Antigo Testamento. O louvor é uma resposta do homem ao Deus que se manifesta através de um acto de salvação ou mediante a revelação de um mistério.

Deus Pai é o sujeito e a fonte de toda a acção criadora e salvadora. E tudo o que Deus Pai realiza no homem e no Mundo, fá-lo através de seu Filho Jesus Cristo: escolhe (vv. 4-5), liberta (vv. 6-7), reúne tudo em Cristo (vv. 8-10), entrega a herança prometida (vv. 11-12) e concede o dom do Espírito Santo (vv. 13-14). **6:** A expressão «para o louvor da sua glória» (cf. vv. 12 e 14) mostra que o sentido último da vida humana é louvar a Deus. O louvor é, portanto, acto de consciência: declarando Deus como o único absoluto, o homem reconhece que as criaturas são relativas. O louvor é devido somente a Deus.

9-10: O mistério é o projecto com que Deus se propõe levar a História à sua plena realização, reunindo em Cristo tudo o que existe.

15-23: Pela fé, os cristãos possuem uma sabedoria que supera qualquer outro conhecimento: sabem que Deus manifestou em Jesus Cristo a sua força, destronizando todos os poderes que até agora aprisionam a vida, e libertando os homens para uma esperança nova diante do futuro. Nesta carta, a Igreja ideal identifica-se praticamente com o Reino e, portanto, ultrapassa meras concretizações históricas. Como corpo e plenitude de Cristo, ela torna-se a meta para a qual caminhamos. Paulo refere-se a uma Igreja santa, a um modelo ideal que exige conversão contínua da Igreja real que vive na História.

2,1-10: Paulo opõe duas épocas e dois modos de viver: sem Cristo e com Cristo. Sem Cristo é o mundo pagão, cuja mentalidade, modo de pensar e de agir manifestam a presença activa do mal, que é o egoísmo que assume formas individuais e colectivas, dividindo os homens. Com Cristo surge a nova forma de viver: o amor que gera doação e comunhão, através das obras que continuam a acção de Jesus Cristo, realizando o projecto de Deus. A nova forma de viver,

porém, é graça de Deus que já foi dada aos homens através do testemunho de Jesus Cristo. A vida cristã é a passagem contínua de um modo de viver para o outro.

11-22: A participação de judeus e pagãos no único povo de Deus é sinal concreto do homem novo. A morte de Cristo derrubou o muro de separação que a Lei colocava entre judeus e pagãos; surgiu assim o novo Israel, a Igreja, que se abre para todos os homens e os coloca sob uma cabeça única, Cristo. O Evangelho fará cair todas as diferenças. Por mais que surjam sociedades classistas, as suas leis e instituições injustas cairão, ou derrubadas pela violência, ou desprestigiadas por sacrificarem os seus povos, em lugar de os ajudarem.

3,1-13: O mistério é o centro do anúncio de Paulo, e está inseparavelmente ligado à sua vocação de missionário entre os pagãos. Esse mistério é o projecto de Deus, que se realizou em Jesus Cristo e que manifesta toda a sua grandeza na Igreja, através do ministério de Paulo: os pagãos são chamados a pertencer ao povo de Deus.

14-21: O Apóstolo quer que os cristãos conheçam profundamente a Deus e experimentem todas as dimensões do amor de Cristo por nós, para que o próprio Cristo possa habitar no coração de cada um. E isso acontecerá se os cristãos viverem uma autêntica vida comunitária que tenha o amor como raiz e alicerce. A realidade nova trazida por Cristo vai além de todo o conhecimento e só pode ser experimentada na vivência do amor.

4,1-16: O alicerce e raiz do amor tem como finalidade conservar a unidade do Corpo de Cristo (4,1-6). Mas unidade não significa uniformização, pois Deus concede dons diferentes a cada pessoa (4,7-13). Essa unidade na diversidade dá coesão à comunidade para que ela não seja dominada por doutrinas que a despedacem (4,14-16). **1-6:** O aspecto central da vida cristã é a unidade. Com efeito, a acção de Deus em Jesus Cristo unifica toda a realidade. Os cristãos devem ser exemplo vivo dessa unidade, que supera as divisões humanas.

7-13: A diversidade dos dons que cada um recebeu de Cristo não pode ser fonte de divisão, inveja e competição na comunidade. Paulo relembra que a variedade de dons é desejada por Cristo, para que cada um se coloque ao serviço de todos. Os dons lembrados no v. 11 são os carismas de governo e ensino, importantes para a comunidade permanecer unida no conhecimento e no compromisso da fé.

14-16: Vivendo o amor autêntico que preserva a unidade e respeita a diversidade, a comunidade torna-se capaz de discernir as falsas doutrinas e manter sempre vivo o esforço e a tensão que a leva a crescer sempre mais, tornando-se a verdadeira Igreja de Cristo.

17-32: Paulo convida os cristãos à conversão contínua. Essa conversão começa no baptismo, onde o cristão deixa o homem velho (modo de vida pagão) para se revestir do homem novo (a justiça que vem pela vida segundo o Espírito). Nos vv. 25-32, Paulo dá exemplos concretos do que significa essa passagem: da mentira para a verdade; do roubo para o trabalho honesto, que leve a partilhar com os que nada têm; da palavra inconveniente para a palavra construtiva; do comportamento egoísta para a generosidade recíproca.

5,1-20: Paulo traz uma série de exortações e conselhos para que os cristãos vivam autenticamente a sua fé. Os vv. 1-2 apresentam o princípio que rege a vida nova: imitar a Deus, vivendo o amor, como viveu Jesus Cristo. Por outras palavras, os cristãos são e devem viver como filhos de Deus, tendo como modelo supremo o acto de amor de Cristo na cruz, onde entregou a sua vida por todos. A vida nova compreende a renovação de todas as atitudes do homem: esta é a resposta livre ao dom de Deus.

5,21-6,9: Paulo analisa as três relações fundamentais da família antiga: mulher-marido, filhos-pais, escravos-patrões. Não busca modificar o aspecto

a graça e a paz da parte de Deus nosso Pai e do Senhor Jesus Cristo estejam convosco.

A graça não tem limites

³ Bendito seja o Deus
e Pai de nosso Senhor
Jesus Cristo:
Ele nos abençoou com todas
as bênçãos espirituais, no Céu,
em Cristo.

⁴ Ele nos escolheu em Cristo
antes de criar o mundo
para que sejamos santos
e sem defeito diante d'Ele, no amor.

⁵ Ele nos predestinou para sermos seus filhos
adoptivos
por meio de Jesus Cristo,
conforme a benevolência
da sua vontade,

⁶ para o louvor da sua glória
e da graça que Ele derramou
abundantemente sobre nós
por meio do seu Filho querido.

⁷ Por meio do sangue de Cristo
é que fomos libertos, e n'Ele
as nossas faltas foram perdoadas, conforme a
riqueza da sua graça.

⁸ Deus derramou sobre nós
essa graça, abrindo-nos para toda a sabedoria
e inteligência.

⁹ Ele fez-nos conhecer o mistério
da sua vontade,
a livre decisão
que havia tomado outrora

¹⁰ de levar a História à sua plenitude,
reunindo o Universo inteiro,
tanto as coisas celestes
como as terrestres,
sob uma só Cabeça, Cristo.

¹¹ Em Cristo recebemos
a nossa parte na herança,
conforme o projecto d'Aquele
que tudo conduz
segundo a sua vontade:
fomos predestinados

¹² a ser o louvor da sua glória,
nós, que já antes esperávamos

externo e jurídico dessas relações, mas quer que elas se renovem a partir de dentro, para serem vividas com mentalidade nova, em coerência com tudo aquilo que se aprendeu e se recebeu de Cristo. Para o sentido geral das exortações, cf. nota em Cl 3,18-4,1.

5,21: Este versículo apresenta uma espécie de princípio fundamental que terá três diferentes aplicações nos versículos seguintes. A submissão de que fala pode ser compreendida como forma de amor, caracterizado pela humildade e doação. O temor de Cristo apresenta a motivação: assim como Cristo é o Salvador de todos, também será o juiz de todos. Este princípio fundamental atinge a todos indistintamente.

22-33: Paulo compara a relação entre Jesus Cristo e a Igreja com a visão do matrimónio na sociedade antiga, onde a mulher devia submeter-se inteiramente ao marido. De facto, Cristo é chefe e salvador da Igreja, e esta deve submeter-se a Ele como seu Senhor. Numa concepção actual de relação marido-mulher, onde existe igualdade de direitos e deveres, Paulo certamente faria outro tipo de aplicação.

6,1-9: A vida é uma renovação total das relações, onde o respeito é devido a todos: os pais também devem respeitar os filhos. Quanto ao relacionamento entre senhores e escravos, Paulo não faz uma crítica à estrutura social do seu tempo; porém, salientando que todos são iguais perante Deus, anuncia uma transformação radical das relações, sejam quais forem os papéis e os deveres sociais (cf. carta a Filémon e notas correspondentes).

10-20: A vida cristã é uma luta contínua contra o mal, e as armas para o combate são: verdade, justiça, testemunho do Evangelho, fé, Palavra de Deus. Para os antigos, o mal era personificado por demónios e forças invisíveis que dominam os homens (Principados, Autoridades, Poderes, Sobe-ranias). Traduzindo o mítico para o histórico, poderíamos falar de estruturas que geram egoísmo, injustiça, ódio, opressão e morte.

21-24: Sobre Tíquico, cf. Introdução e a nota a Cl 4,7-9.

em Cristo.

¹³Em Cristo, também vós ouvistes
a Palavra da verdade,
o Evangelho que vos salva.
Em Cristo, ainda, acreditastes,
e fostes marcados com o selo
do Espírito prometido,
o Espírito Santo,

¹⁴que é a garantia da nossa herança, enquanto
esperamos
a completa libertação do povo
que Deus adquiriu para o louvor
da sua glória.

Agradecimento e pedido — ¹⁵Tenho ouvido falar da fé que tendes no Senhor Jesus e do vosso amor para com todos os cristãos. ¹⁶Por isso, não cesso de dar graças a vosso respeito, quando vos menciono nas minhas orações. ¹⁷Que o Deus de nosso Senhor Jesus Cristo, o Pai a quem pertence a glória, vos dê um espírito de sabedoria que vos revele Deus e faça que O conheçais profundamente. ¹⁸Que vos ilumine os olhos da mente, para que compreendais a esperança para a qual Ele vos chamou; para que entendais como é rica e gloriosa a herança destinada ao seu povo; ¹⁹e compreendais o grandioso poder com que Ele age em favor de nós que acreditamos, conforme a sua força poderosa e eficaz. ²⁰Ele manifestou-a em Cristo, quando O ressuscitou dos mortos e O fez sentar-Se à sua direita no Céu, ²¹muito acima de qualquer principado, autoridade, poder e soberania, e de qualquer outro nome que se possa nomear, não só no presente, mas também no futuro. ²²De facto, Deus colocou tudo debaixo dos pés de Cristo e colocou-O acima de todas as coisas, como Cabeça da Igreja, ²³a qual é o seu corpo, a plenitude d'Aquele que plenifica tudo em todas as coisas.

²Salvos pela graça — ¹Vós estáveis mortos por causa das faltas e pecados que cometíeis. ²Outrora vivíeis nessas faltas e pecados, seguindo o modo de pensar deste mundo, seguindo o príncipe do poder do ar, o espírito que agora age nos homens desobedientes. ³Antigamente também nós andávamos como eles, submetidos aos desejos da carne, obedecendo aos caprichos do instinto e da imaginação; como os outros, éramos, por natureza, merecedores da ira de Deus.

⁴Mas Deus, que é rico em misericórdia, pelo grande amor com que nos amou, ⁵deu-nos a vida juntamente com Cristo, quando estávamos mortos por causa das nossas faltas. Fostes salvos pela graça! ⁶Na pessoa de Jesus Cristo, Deus ressuscitou-nos e fez-nos sentar no Céu. ⁷Assim, com a sua bondade para conosco em Jesus Cristo, Ele quis mostrar para os tempos futuros a incomparável riqueza da sua graça.

⁸De facto, fostes salvos pela graça, por meio da fé; e isto não vem de vós, mas é dom de Deus. ⁹Isto não vem das obras, para que ninguém se encha de orgulho. ¹⁰Porque foi Deus quem nos fez, e em Jesus Cristo fomos criados para as boas obras que Deus já havia preparado, a fim de que nos ocupássemos com elas.

Todos reunidos em Cristo — ¹¹Lembrai-vos de que vós, pagãos de nascimento, éreis chamados incircuncisos por aqueles que se dizem circuncidados, devido à circuncisão que se faz na carne com mão humana. ¹²Lembrai-vos de que nesse tempo estáveis sem Cristo, afastados da cidadania de Israel, estranhos para as alianças da promessa, sem esperança e sem Deus neste mundo. ¹³Mas agora, em Jesus Cristo, vós que estáveis longe fostes trazidos para perto, graças ao sangue de Cristo. ¹⁴Cristo é a nossa paz. De dois povos, Ele fez um só. Na sua carne derrubou o muro da separação: o ódio. ¹⁵Aboliu a Lei dos mandamentos e preceitos. Ele quis, a partir do judeu e do pagão, criar em Si mesmo um homem novo, estabelecendo a paz. ¹⁶Quis reconciliá-los com Deus num só corpo, por meio da cruz; foi nela que Cristo matou o ódio. ¹⁷Ele veio anunciar a paz a vós, que estáveis longe, e a paz àqueles que estavam perto. ¹⁸Por meio de Cristo, podemos, uns e outros, apresentar-nos diante do Pai, num só Espírito.

¹⁹Vós, portanto, já não sois estrangeiros nem hóspedes, mas concidadãos do povo de Deus e membros da família de Deus. ²⁰Pertenceis ao edifício que tem como alicerce os Apóstolos e os profetas; e o próprio Jesus Cristo é a pedra principal dessa construção. ²¹Em Cristo, toda a construção se ergue, bem ajustada, para formar um templo santo no Senhor. ²²Em Cristo, também vós sois integrados nessa construção, para vos tornardes morada de Deus, por meio do Espírito.

³Paulo e o mistério de Cristo — ¹Por isso, é que eu, Paulo, estou prisioneiro de Cristo em favor de vós, os pagãos... ²Certamente ouvistes falar do modo como a graça de Deus me foi confiada em vosso benefício. ³Foi por revelação que Deus me fez conhecer o mistério que acabo de expor brevemente. ⁴Lendo esta carta, podereis entender a percepção que eu tenho do mistério de Cristo. ⁵Deus não manifestou esse mistério às gerações passadas da mesma forma com que o revelou agora, pelo Espírito, aos seus santos Apóstolos e profetas: ⁶em Jesus Cristo, por meio do Evangelho, os pagãos são chamados a participar da mesma herança, a formar o mesmo corpo e a participar da mesma promessa. ⁷Eu fui feito ministro desse Evangelho pelo dom da graça que Deus me concedeu através do seu poder eficaz. ⁸A mim, o menor de todos os cristãos, foi dada a graça de anunciar aos pagãos a incalculável riqueza de Cristo, ⁹e de esclarecer a todos como se realiza o mistério que esteve sempre escondido em Deus, o Criador do Universo. ¹⁰Deste modo, os principados e as autoridades no Céu doravante conhecem, graças à Igreja, a multiforme sabedoria de Deus, ¹¹conforme o projecto eterno que Ele executou em Jesus Cristo nosso Senhor. ¹²N'Ele ousamos aproximar-nos de Deus com aquela confiança que a fé em Cristo nos dá. ¹³Peço-vos: não fiquéis abatidos com as tribulações que eu enfrento por vossa causa, pois elas são motivo de glória para vós.

Enraizados e alicerçados no amor — ¹⁴É por isso que eu dobro os joelhos diante do Pai, ¹⁵de quem recebe o nome toda a família, no Céu e na Terra. ¹⁶Que Ele Se digne, segundo a riqueza da sua glória, fortalecer-vos a todos no seu Espírito, para que o homem interior de cada um se fortifique. ¹⁷Que Ele faça habitar Cristo no vosso coração pela fé. Enraizados e alicerçados no amor, ¹⁸tornar-vos-ei capazes de compreender, com todos os cristãos, qual é a largura e o comprimento, a altura e a profundidade, ¹⁹de conhecer o amor de Cristo, que supera qualquer conhecimento, para que fiquéis repletos de toda a plenitude de Deus. ²⁰Deus, por meio do seu poder que age em nós, pode realizar muito mais do que pedimos ou imaginamos; ²¹a Ele seja dada a glória na Igreja e em Jesus Cristo por todas as gerações, para sempre. Amén!

4Unidade na diversidade — ¹Por isso, eu, prisioneiro no Senhor, peço que vos comporteis de modo digno da vocação que recebestes. ²Sede humildes, amáveis, pacientes e suportai-vos uns aos outros no amor. ³Mantende entre vós laços de paz, para conservar a unidade do Espírito. ⁴Há um só corpo e um só Espírito, assim como fostes chamados a uma só esperança: ⁵há um só Senhor, uma só fé, um só baptismo. ⁶Há um só Deus e Pai de todos, que está acima de todos, que age por meio de todos e está presente em todos.

⁷Cada um de nós, entretanto, recebeu a graça na medida que Cristo a concedeu. ⁸Por isso diz a Escritura: «Subiu às alturas levando prisioneiros; distribuiu dons aos homens».

⁹Que quer dizer «subiu»? Quer dizer que primeiro desceu aos lugares mais baixos da Terra. ¹⁰Aquele que desceu é o mesmo que subiu acima de todos os céus, para plenificar o Universo. ¹¹Foi Ele quem estabeleceu alguns como Apóstolos, outros como profetas, outros como evangelistas e outros como pastores e mestres. ¹²Assim, Ele preparou os cristãos para o trabalho do ministério que constrói o Corpo de Cristo.

¹³A meta é que todos juntos nos encontremos unidos na mesma fé e no conhecimento do Filho de Deus, para chegarmos a ser o homem perfeito que, na maturidade do seu desenvolvimento, é a plenitude de Cristo. ¹⁴Então, já não seremos crianças, arrastados pelas ondas e levados para cá e para lá por qualquer vento de doutrina, presos pela artimanha dos homens e pela astúcia com que eles nos induzem ao erro. ¹⁵Pelo contrário, vivendo um amor autêntico, cresceremos sob todos os aspectos em direcção a Cristo, que é a Cabeça. ¹⁶Ele organiza e dá coesão ao corpo inteiro, através de uma rede de articulações, que são os membros, cada um com a sua actividade própria, para que o corpo cresça e se construa a si próprio no amor.

Do homem velho para o homem novo — ¹⁷Portanto, em nome do Senhor, vos digo e recomendo: não vivais como os pagãos, cuja mente é vazia. ¹⁸A sua inteligência tornou-se cega e vivem muito longe da vida de Deus, porque o endurecimento do seu coração é que os mantém na ignorância. ¹⁹Perderam a sensibilidade e deixaram-se levar pela libertinagem, entregando-se com avidez a todo o tipo de imoralidade.

²⁰Não foi assim que aprendestes a conhecer Cristo, ²¹se é que de facto Lhe destes ouvidos e fostes mesmo instruídos segundo a verdade que há em Jesus. ²²Deveis deixar de viver como viveis antes, como homem velho que se corrompe com paixões enganadoras. ²³É preciso que vos renoveis pela transformação espiritual da inteligência ²⁴e vos revistais do homem novo, criado segundo Deus na justiça e na santidade que vem da verdade.

²⁵Por isso, abandonai a mentira: cada um diga a verdade ao seu próximo, pois somos membros uns dos outros. ²⁶Se vos irardes, não pequeis; o Sol não se ponha sobre a vossa ira. ²⁷Não deis ocasião ao diabo. ²⁸Quem roubava, não roube mais; antes, ocupe-se trabalhando com as próprias mãos em algo útil e tenha assim que repartir com os pobres. ²⁹Que nenhuma palavra inconveniente saia da vossa boca; ao contrário, se for necessário, dizei uma boa palavra, que seja capaz de edificar e fazer bem aos que ouvem.

³⁰Não entristeçais o Espírito Santo, com que Deus vos marcou para o dia da libertação. ³¹Afastai de vós qualquer aspereza, desdém, raiva, gritaria, insulto, e toda a espécie de maldade. ³²Sede bons e compreensivos uns com os outros, perdoando-vos mutuamente, assim como Deus vos perdoou em Cristo.

5Imitar a Deus — ¹Sede imitadores de Deus, como filhos queridos. ²Vivei no amor, assim como Cristo nos amou e Se entregou a Deus por nós, como oferta e vítima, como perfume agradável. ³Fornicação, impureza e avareza não sejam nem assunto de conversa entre vós, pois isso não convém a cristãos. ⁴O mesmo se diga a respeito de piadas indecentes, picantes ou maliciosas. São coisas inconvenientes. Em vez disso, dai graças a Deus.

⁵Podeis estar certos de uma coisa: nenhuma pessoa imoral, impura ou avarenta — pois a avareza é uma idolatria — jamais terá herança no reino de Cristo e de Deus. ⁶Ninguém vos engane com argumentos vazios, porque essas coisas atraem a ira de Deus sobre os desobedientes. ⁷Não sejais seus cúmplices! ⁸Outrora éreis trevas, mas agora sois luz no Senhor. Por isso, comportai-vos como filhos da luz. ⁹O fruto da luz consiste em toda a bondade, justiça e verdade. ¹⁰Procurai discernir o que é agradável ao Senhor. ¹¹Não participeis das obras infrutuosas das trevas; pelo contrário, denunciad tais obras. ¹²Dá até vergonha dizer o que eles fazem às escondidas. ¹³Porém, tudo o que é denunciado torna-se manifesto pela luz, ¹⁴pois tudo o que se torna manifesto é luz. É por isso que se diz: «Desperta, tu que dormes. Levanta-te dentre os mortos e Cristo te iluminará».

¹⁵Estai atentos à maneira como viveis: não vivais como tolos, mas como homens sensatos, ¹⁶aproveitando o tempo presente, porque os dias são maus. ¹⁷Não sejais insensatos; antes, procurai compreender a vontade do Senhor. ¹⁸Não vos embriagueis com vinho, que leva à libertinagem, mas procurai a plenitude do Espírito. ¹⁹Juntos recitai salmos, hinos e cânticos inspirados, cantando e louvando ao Senhor de todo o coração. ²⁰Agradecei sempre a Deus Pai por todas as coisas, em nome de nosso Senhor Jesus Cristo.

Submissos uns aos outros — ²¹Sede submissos uns aos outros no temor de Cristo. ²²As mulheres sejam submissas aos seus maridos, como ao Senhor. ²³De facto, o marido é a cabeça da sua esposa, assim como Cristo, salvador do Corpo, é a cabeça da Igreja. ²⁴E assim como a Igreja está submissa a Cristo, assim também as mulheres sejam submissas em tudo aos seus maridos.

²⁵Maridos, amai as vossas mulheres, como Cristo amou a Igreja e Se entregou por ela; ²⁶assim, Ele a purificou com o banho de água e a santificou pela Palavra, ²⁷para apresentar a Si mesmo uma Igreja gloriosa, sem mancha nem ruga ou qualquer outro defeito, mas santa e imaculada.

²⁸Portanto, os maridos devem amar as suas mulheres como aos seus próprios corpos. Quem ama a sua mulher, está amando a si mesmo. ²⁹Ninguém odeia a sua própria carne; pelo contrário, nutre-a e cuida dela, como Cristo faz com a Igreja, ³⁰porque somos membros do seu corpo. ³¹Por isso o homem deixará seu pai e sua mãe e unir-se-á à sua mulher, e os dois serão uma só carne. ³²Este mistério é grande: eu refiro-me a Cristo e à Igreja. ³³Portanto, cada um de vós ame a sua mulher como a si mesmo, e a mulher respeite o seu marido.

⁶Filhos, obedecedei a vossos pais no Senhor, pois isso é justo. ²«Honra teu pai e tua mãe» é o primeiro mandamento, e vem acompanhado de uma promessa: ³«para que sejas feliz e tenhas vida longa sobre a Terra». ⁴Pais, não deis aos filhos motivo de revolta contra vós; criai os filhos, educando-os e corrigindo-os como quer o Senhor. ⁵Escravos, obedecedei aos vossos senhores nesta vida, com temor e tremor, com simplicidade de coração, como a Cristo. ⁶Não sirvais somente quando vigiados ou para que os homens vos elogiem, mas sede como servos de Cristo, que cumprem de todo o coração a vontade de Deus. ⁷Servi de bom grado, como se servissemos ao Senhor e não a homens. ⁸Vós sabeis que cada um, escravo ou livre, receberá do Senhor o bem que tiver feito.

⁹Senhores, tratai os vossos servos do mesmo modo. Deixai de lado as ameaças: bem sabeis que tanto eles como vós tendes o mesmo Senhor, que está no Céu e não faz distinção de pessoas.

A vida cristã é luta — ¹⁰Quanto ao mais, fortalecei-vos no Senhor e na força do seu poder. ¹¹Vesti a armadura de Deus para poderdes resistir às manobras do diabo. ¹²A nossa luta, de facto, não é contra homens de carne e osso, mas contra os principados e as autoridades, contra os dominadores deste mundo de trevas, contra os espíritos do mal, que habitam as regiões celestes.

¹³Por isso vesti a armadura de Deus para que, no dia mau, possais resistir e permanecer firmes, superando todas as provas. ¹⁴Ficai, portanto, bem firmes: cingidos com o cinturão da verdade, vestidos com a couraça da justiça, ¹⁵os pés calçados com o zelo para propagar o evangelho da paz; ¹⁶tende sempre ^{na}

mão o escudo da fé, e assim podereis apagar as flechas inflamadas do Maligno. ¹⁷Ponde o capacete da salvação e empunhai a espada do Espírito, que é a Palavra de Deus.

¹⁸Rezai incessantemente no Espírito, com toda a espécie de orações e súplicas, vigílias, intercedendo, sem cansaço, por todos os cristãos.

¹⁹Rezai também por mim: que a Palavra seja colocada na minha boca, para anunciar ousadamente o mistério do Evangelho, ²⁰do qual sou embaixador aprisionado. Que eu possa anunciá-lo com ousadia, como é meu dever.

Saudações finais — ²¹Desejo que também vós saibais qual é a minha situação e o que estou fazendo. Tíquico, o irmão querido e fiel ministro no Senhor, dar-vos-á todas as notícias. ²²Eu o envio, para que recebais notícias nossas e sejais reconfortados. ²³Aos irmãos, a paz, o amor e a fé, da parte de Deus Pai e do Senhor Jesus Cristo. ²⁴A graça esteja com todos aqueles que amam nosso Senhor Jesus Cristo com amor perene.

CARTAS DE SÃO PAULO

Carta a Filémon

EM CRISTO TODOS SÃO IRMÃOS

INTRODUÇÃO

De todas as cartas de Paulo, esta a Filémon é a mais breve e pessoal, a única escrita inteiramente de próprio punho. Paulo está na prisão, provavelmente em Éfeso. O facto de Onésimo voltar com Tíquico para Colossos (Cl 4,7-9) faz supor que esta carta foi escrita na mesma data que a carta aos Colossenses. Filémon parece ser membro importante da Igreja de Colossos, e é muito provavelmente o chefe do grupo que se reúne em sua casa (vv. 1-2).

É uma carta de recomendação em favor de Onésimo, um escravo que fugiu ao seu patrão, Filémon, provavelmente depois de o ter roubado (v. 18). Onésimo procurou o apoio de Paulo, que estava na prisão, e acabou por se converter ao cristianismo (v. 10). Paulo devolve-o a Filémon, pedindo-lhe que o trate como irmão (v. 16).

Paulo não pensava certamente em criticar o estatuto da escravidão, comum no seu tempo, provocando assim uma revolução social. Os cristãos ainda não tinham força para exigir transformações estruturais da sociedade. Mas o Apóstolo, implicitamente, declara que a estrutura vigente não é legítima. De facto, mostrando que as relações dentro da comunidade cristã devem ser fraternas, Paulo esvazia completamente o estatuto da escravidão e a desigualdade entre as classes. Em Cristo todos são irmãos, com os mesmos direitos e deveres. Só Cristo é o Senhor.

CARTA A FILÉMON

Endereço e saudação — ¹Paulo, prisioneiro de Jesus Cristo, e o irmão Timóteo, a Filémon, nosso amigo e colaborador, ²e também à irmã Ápia, a Arquipo, nosso companheiro de luta, e à Igreja que se reúne em casa de Filémon. ³Que a graça e a paz da parte de Deus, nosso Pai, e do Senhor Jesus Cristo estejam convosco.

Agradecimento e pedido — ⁴Dou graças ao meu Deus sempre que me lembro de ti nas minhas orações. ⁵De facto, ouço falar do amor e da fé que tens para com o Senhor Jesus e em favor de todos os cristãos. ⁶Peço a Deus que a participação que tens na fé seja eficaz para compreenderes que todos os bens que temos são para Cristo.

Uma nova relação entre os homens — ⁷Caro irmão: o teu amor tem-me dado muita alegria e coragem, pois graças a ti os cristãos sentem-se tranquilos. ⁸Tenho toda a liberdade em Cristo para te ordenar o que deves fazer, ⁹mas prefiro pedir por amor. Quem faz este pedido sou eu, o velho Paulo, agora também prisioneiro de Jesus Cristo. ¹⁰Peço-te em favor de Onésimo, o filho que eu gerei na prisão. ¹¹Antes ele era inútil para ti, mas agora é útil, tanto para ti, como para mim. ¹²Vou enviar-to novamente; ele é como se fosse o meu próprio coração.

¹³Gostaria que ele ficasse comigo para me servir em teu lugar, enquanto estou preso por causa do Evangelho. ¹⁴Eu, porém, não quis fazer nada sem o teu consentimento. Não quero que a tua bondade seja forçada, mas espontânea. ¹⁵Talvez Onésimo se tenha afastado de ti por algum tempo, para que o recuperes para sempre. ¹⁶Agora tê-lo-ás, não já como escravo, mas muito mais do que escravo: tê-lo-ás como irmão querido; ele é querido para mim, e sê-lo-á muito mais para ti, seja como homem, seja como cristão.

¹⁷Assim, se me consideras como irmão na fé, recebe Onésimo como se fosse eu mesmo. ¹⁸Se te causou algum prejuízo ou te deve alguma coisa, põe isso na minha conta. ¹⁹Eu, Paulo, escrevo com a minha própria mão: eu pagarei... É claro que não preciso de te lembrar que também me deves a tua própria vida. ²⁰Sim, irmão, permite-me que abuse da tua bondade no Senhor. Conforta, em Cristo, o meu coração.

²¹Escrevo na certeza de que me vais obedecer, e sei que farás mais ainda do que te estou a pedir. ²²Peço também que prepares um quarto para mim, porque espero ser-vos devolvido, graças às orações que estais a fazer.

Saudações finais — ²³Saudações de Épafras, meu companheiro de prisão em Jesus Cristo, ²⁴como também de Marcos, Aristarco, Demas e Lucas, meus colaboradores.

²⁵A graça do Senhor Jesus Cristo esteja convosco.

41-3: Embora a carta interesse particularmente a Filémon, é dirigida a toda a comunidade que se reúne em sua casa. Poderíamos suspeitar que Paulo tem intenção de fazer uma catequese à comunidade, a partir de um caso particular: a atitude do chefe da comunidade para com o escravo fugitivo teria sérias consequências para o testemunho cristão.

4-6: O comportamento em relação aos irmãos demonstra a fé e o amor que se tem por Jesus. Paulo convida Filémon a dar um testemunho prático e eficaz da própria fé: mostrar que tudo o que tem, inclusive Onésimo, pertence a Cristo.

7-12: Paulo considera Onésimo como filho, porque foi graças a ele que Onésimo se converteu. O nome Onésimo significa «útil».

13-16: Pedindo a Filémon que trate Onésimo como irmão, Paulo mostra que o Evangelho põe fim às diferenças entre os homens e esvazia completamente o estatuto da escravidão.

17-20: Paulo assume inteira responsabilidade, propondo-se pagar pessoalmente o dano causado pela fuga de Onésimo. Mas lembra também que Filémon foi convertido por Paulo, a quem deve, por isso, a própria vida. Deste modo, o Apóstolo mostra que há valores muito mais importantes do que qualquer dívida material.

21-22: Embora Paulo não queira recorrer à própria autoridade (v. 8), espera que Filémon obedeça às suas sugestões, e faça mais do que lhe é pedido. Talvez esteja veladamente a sugerir que Filémon liberte Onésimo.

23-25: Sobre as pessoas citadas cf. a nota em Cl 4,10-18.

CARTAS DE SÃO PAULO

Carta aos Fipenses

O VERDADEIRO EVANGELHO

INTRODUÇÃO

Filipos foi a primeira cidade europeia a receber a mensagem cristã (Act 16,6-40). Paulo chegou lá na Primavera do ano 50, durante a segunda viagem missionária.

O primeiro núcleo da comunidade por ele fundada formou-se através de reuniões em casa de Lídia, uma negociante de púrpura, que acolhera Paulo por ocasião da sua visita. O Apóstolo voltou a Filipos outras vezes, durante as suas várias passagens pela Macedónia.

Os cristãos de Filipos foram sempre os mais ligados ao Apóstolo e diversas vezes o socorreram com auxílio material (Fl 4,16; 2Cor 11,9).

A carta aos Filipenses foi escrita na prisão, provavelmente em Éfeso, entre os anos 55-57 (Act 19). Paulo está incerto sobre o rumo que a sua situação vai tomar: poderá ser morto ou posto em liberdade. Mas espera ser libertado e poder visitar de novo, pessoalmente, a comunidade de Filipos.

Vários motivos levam Paulo a escrever esta carta:

- deseja agradecer o auxílio enviado pela comunidade (2,25; 4,10-20);
- anuncia a visita de Timóteo a Filipos e explica a razão do regresso imprevisto de Epafrodito (2,19-30);
- adverte a comunidade sobre a divisão causada pelo espírito de competição e egoísmo de alguns (2,1-4);
- previne a comunidade contra os pregadores judaizantes, que colocam a salvação na circuncisão e na observância da Lei (3,2-11);
- relembra aos cristãos de Filipos que a autenticidade do Evangelho, anunciado e vivido, está na cruz de Cristo (2,5-11).

Paulo demonstra afecto e gratidão pela comunidade de Filipos e, por isso, quer vê-la sempre fiel ao Evangelho. Alguns pregadores insistem em que a salvação depende da Lei. O Apóstolo mostra com vigor que a salvação só depende de Jesus Cristo. É Jesus que, feito homem e morto numa cruz, recebeu do Pai o poder de dar aos homens a salvação. E todo aquele que não transmite isto pelo testemunho de vida e pela palavra, será sempre falso transmissor do Evangelho. Esta carta, portanto, fornece o critério para que uma comunidade cristã saiba reconhecer o verdadeiro Evangelho e quais são os pregadores autênticos.

¹Endereço e saudação — 5Eu, Paulo, e Timóteo, servos de Jesus Cristo, enviamos esta carta a todos os cristãos que moram na cidade de Filipos,

51,1-2: A carta é dirigida a toda a comunidade. Os dirigentes (em grego: episcopos) não são exactamente os bispos; trata-se de um grupo, cuja função é zelar pelo bom andamento da comunidade. Os diáconos são os encarregados de atender às necessidades materiais da comunidade e, talvez, também de pregar.

3-11: A oração de Paulo mostra o seu afecto particular pela comunidade de Filipos. De facto, esta comunidade desde o início coopera e participa activamente no trabalho da evangelização, seja colaborando no anúncio, defesa e confirmação do Evangelho, seja pela ajuda material oferecida ao Apóstolo. Paulo só pede uma coisa: o crescimento no amor. Vivendo o amor, a comunidade será sempre capaz de distinguir o que mais favorece a prática da justiça.

12-18: Paulo está no pretório ou caserna dos guardas do governador da província. A sua prisão foi vantajosa para o Evangelho, pois todos ficaram a saber que ele está preso por causa de Cristo. Com isto, muitos cristãos sentem-se fortalecidos para anunciar o Evangelho com amor e espírito de colaboração. Outros aproveitam-se da prisão de Paulo e, com espírito de competição e inveja, querem assumir a chefia.

19-26: Paulo provavelmente tem meios para ser solto da prisão e escapar à morte. Mas encontra-se num dilema: viver ou morrer? No contexto da sua fé, as duas coisas equivalem-se: viver é estar em função de Cristo, ou seja, da evangelização; e morrer é lucro, pois leva a estar com Cristo. Paulo resolve o dilema, não levando em conta o seu próprio interesse, mas o que é melhor para a comunidade: continuar vivo, para ajudar os Filipenses a crescer e a realizar--se plenamente na fé.

27-30: Os adversários são talvez os pregadores judaizantes, que anunciam um evangelho sem cruz e sem necessidade da graça de Deus. Paulo espera que a comunidade se mantenha firme e unida, testemunhando o Evangelho autêntico. Não se trata apenas de acreditar em Cristo, mas de empenhar-se de facto com Cristo numa luta que pode trazer perseguição e sofrimento, assim como levou Paulo à prisão.

2,1-4: Paulo convida a comunidade a evitar as divisões causadas pelo espírito de competição, pelo desejo de receber elogios e pela busca dos próprios interesses. Tais vícios denotam o fechamento egoísta e a autopromoção à custa dos outros. A comunidade deve zelar pela harmonia interna e, para isso, é necessário que haja humildade, cada um considerando os outros superiores a si, e que o empenho tenha sempre em vista o bem comum.

5-11: Citando um hino conhecido, Paulo mostra qual é o Evangelho da cruz, o Evangelho autêntico, e apresenta em Cristo o modelo da humildade. Embora tivesse a mesma condição de Deus, Jesus apresentou-Se entre os homens como simples homem. E mais: abriu mão de qualquer privilégio, tornando-Se apenas homem que obedece a Deus e serve os homens. Como se isso não bastasse, Jesus serviu até ao fim, perdendo a honra ao morrer na cruz, como se fosse criminoso. Por isso Deus O ressuscitou e O colocou no posto mais elevado que possa existir, como Senhor do Universo e da História. Os cristãos são convidados a fazer o mesmo: abrir mão de todo e qualquer privilégio, até mesmo da boa fama, para se colocarem ao serviço dos outros, até ao fim.

12-18: A vida da comunidade não deve depender da presença dos seus dirigentes e chefes, mas da obediência a Deus, a exemplo de Cristo (2,8). Inserida na sociedade, a tarefa da comunidade cristã é ser a família de Deus que se torna luz do mundo, através do testemunho do Evangelho, «Palavra de vida».

19-30: Paulo não se preocupa apenas em doutrinar a comunidade. Ele também é sensível às necessidades humanas: amizade, afecto, gratidão, auxílio mútuo, problemas pessoais, bom acolhimento. Timóteo, cujo nome aparece vinte e quatro vezes no NT, é o maior colaborador do Apóstolo. Epafrodito, talvez jovem, fora enviado pela comunidade para atender às necessidades de Paulo na prisão.

3,1-14: Paulo adverte a comunidade contra os pregadores judaizantes, chamando-lhes «cães», apelido que os judeus davam aos pagãos. Para os judaizantes, a salvação e a justiça dependem da circuncisão (carne) e da observância da Lei: a circuncisão permite entrar para o povo de Deus; a Lei leva o homem a ser justo. Paulo frisa que nenhum ritual ou lei pode salvar ou justificar o homem. Pois a salvação e a justiça são dons de Deus e

assim como aos seus dirigentes e diáconos. ²Que a graça e a paz de Deus, nosso Pai, e do Senhor Jesus Cristo estejam convosco.

Agradecimento e pedido — ³Agradeço ao meu Deus todas as vezes que me lembro de vós. ⁴E sempre, nas minhas orações, rezo por todos com alegria, ⁵porque cooperastes no anúncio do Evangelho, desde o primeiro dia até agora. ⁶Tenho a certeza de que Deus, que em vós começou esse bom trabalho, vai continuá-lo até que seja concluído no dia de Jesus Cristo. ⁷É justo que eu pense assim de todos vós, porque estais no meu coração. De facto participais comigo da graça que recebi, seja nas prisões, seja na defesa e confirmação do Evangelho. ⁸Deus é testemunha de que eu vos quero bem a todos com a ternura de Jesus Cristo.

⁹Este é o meu pedido: que o vosso amor cresça cada vez mais em perspicácia e sensibilidade em todas as coisas. ¹⁰Deste modo, podereis distinguir o que é melhor, e assim chegar íntegros e inocentes ao dia de Cristo. ¹¹Estareis repletos então dos frutos de justiça obtidos por meio de Jesus Cristo, para a glória e louvor de Deus.

Prisão e anúncio do Evangelho — ¹²Irmãos, quero que saibais: o que me aconteceu ajudou o Evangelho a progredir. ¹³Tanto no pretório como em outros lugares, todos ficaram a saber que estou na prisão por causa de Cristo. ¹⁴E a maioria dos irmãos, vendo que estou na prisão, têm mais confiança no Senhor, e mais ousadia para anunciar sem medo a Palavra. ¹⁵É verdade que alguns proclamam Cristo por inveja e espírito de competição; outros, porém, anunciam com boa intenção. ¹⁶Estes proclamam a Cristo por amor, sabendo que a minha missão é defender o Evangelho. ¹⁷Os outros não anunciam com sinceridade, mas por competição, pensando que vão aumentar os meus sofrimentos enquanto estou na prisão. ¹⁸Mas, que importância anunciado, e eu fico contente com isso e continuarei a alegrar-me.

Viver para Cristo — ¹⁹De facto, sei que tudo isto há-de servir para a minha salvação, através das vossas orações e do Espírito de Jesus Cristo, que me socorre. ²⁰O que desejo e espero é não fracassar, mas, agora como sempre, manifestar com toda a coragem a glória de Cristo no meu corpo, tanto na vida como na morte. ²¹Pois, para mim o viver é Cristo, e o morrer é lucro. ²²Mas, se eu ainda continuar a viver, poderei fazer algum trabalho útil. Por isso é que não sei bem o que escolher. ²³Fico na indecisão: o meu desejo é partir desta vida e estar com Cristo, o que é muito melhor. ²⁴No entanto, por vossa causa, é mais necessário que eu continue a viver. ²⁵Convencido disso, sei que vou ficar convosco. Sim, vou ficar com todos vós, para vos ajudar a progredir e a ter alegria na fé. ²⁶Assim, quando eu voltar para junto de vós, o vosso orgulho em Jesus Cristo irá aumentar por causa de mim.

Lutar pela fé — ²⁷Uma só coisa: comportai-vos como pessoas dignas do Evangelho de Cristo. Deste modo, indo ver-vos ou estando longe, que eu oiça dizer que estais firmes num só espírito, lutando juntos numa só alma pela fé do Evangelho, ²⁸e que não temeis os vossos adversários. Para eles, isso é sinal de perdição, mas para vós é sinal de salvação, e isso vem de Deus. ²⁹Pois Deus concedeu-vos não só a graça de acreditar em Cristo, mas também de sofrer por Ele, ³⁰empenhados na mesma luta em que me vistes empenhado, e na qual, como sabeis, ainda agora me empenho.

2º Evangelho autêntico — ¹Portanto, se há um conforto em Cristo, uma consolação no amor, se existe uma comunhão de espírito, se existe ternura e compaixão, ²completai a minha alegria: tende uma só aspiração, um só amor, uma só alma e um só pensamento. ³Não façais nada por competição e por desejo de receber elogios, mas por humildade, cada um considerando os outros superiores a si mesmo. ⁴Que cada um procure, não o próprio interesse, mas o interesse dos outros. ⁵Tende em vós os mesmos sentimentos que havia em Jesus Cristo:

⁶Ele tinha a condição divina, mas não se apegou à sua igualdade com Deus. ⁷Pelo contrário, esvaziou-se a si mesmo, assumindo a condição de servo e tornando-se semelhante aos homens. Assim, apresentando-se como simples homem, ⁸humilhou-se a si mesmo, tornando-se obediente até à morte, e morte de cruz! ⁹Por isso, Deus O exaltou grandemente e Lhe deu o Nome que está acima de qualquer outro nome; ¹⁰para que, ao Nome de Jesus, se dobre todo o joelho no Céu, na Terra e sob a Terra; ¹¹e toda a língua confesse que Jesus Cristo é o Senhor, para glória de Deus Pai.

A tarefa da comunidade cristã — ¹²Portanto, meus amados, obedecendo como sempre, não só como no tempo em que eu estava aí presente, mas muito mais agora que estou longe, continuai a trabalhar com temor e tremor, para a vossa salvação. ¹³De facto, é Deus que desperta em vós a vontade e a acção, conforme a sua benevolência.

¹⁴Fazei tudo sem murmurações e sem críticas, ¹⁵para serdes inocentes e íntegros, como perfeitos filhos de Deus que vivem no meio de gente pecadora e corrompida, onde brilhais como astros no mundo, ¹⁶apegando-vos firmemente à Palavra da vida. Deste modo, no Dia de Cristo, orgulhar-me-ei de não ter corrido nem trabalhado em vão. ¹⁷E mesmo que o meu sangue seja derramado sobre o sacrifício e sobre a oferta da vossa fé, fico contente e alegro-me com todos vós. ¹⁸Assim, também vós alegrai-vos e congratulai-vos comigo.

Timóteo e Epafrodito: companheiros na luta — ¹9Espero no Senhor Jesus enviar-vos brevemente Timóteo, para que também eu me anime com as vossas notícias. ²⁰De facto, ele é o único que sente como eu e se preocupa sinceramente com os vossos problemas. ²¹Porque todos os outros buscam os próprios interesses, e não os de Jesus Cristo. ²²Vós mesmos sabeis como Timóteo deu provas do seu valor: como filho junto do pai,

dependem da fé em Jesus e de uma vida movida pelo Espírito. A fé leva o cristão a participar na morte e ressurreição de Jesus. Essa participação, porém, não é automática; supõe que o cristão se deixe guiar pelo Espírito, dando o testemunho que provoca perseguições, sofrimentos, e até mesmo a morte.

15-21: A perfeição é a maturidade cristã que coloca a cruz e a ressurreição como centro da vida. Paulo, que deixou tudo em troca da fé em Cristo, apresenta-se como modelo para a comunidade, alertando-a de novo quanto aos «inimigos da cruz de Cristo», isto é, aos judaizantes do v. 2. Em vez de colocar a salvação em ritos, através da vinda de Jesus, como Salvador e Senhor que renova todas as coisas.

4,1-9: Nada sabemos sobre as pessoas nomeadas nos vv. 2-3, a não ser que devem estar profundamente comprometidas com o trabalho de evangelização. Paulo parece jogar com o significado dos nomes (Evódia = «caminho fácil»; Síntique = «encontro»; Sízigo = «companheiro de canga»). A alegria cristã baseia-se na salvação obtida por Cristo, e é testemunhada sobretudo pela bondade que se irradia para todos e pela tranquila confiança em Deus. Os cristãos devem ser fiéis ao que aprenderam com os seus evangelizadores, mas também precisam de estar abertos a todas as coisas sadias que encontram na sociedade.

10-20: Paulo agradece o auxílio que os filipenses lhe enviaram através de Epafrodito. Alegria-se não tanto pelo auxílio material recebido, mas pelo afecto e crescimento espiritual que a comunidade demonstra através da oferta.

21-23: «Os da casa de César» são todos aqueles que trabalham para o imperador e se encontram nas diversas cidades. A saudação final tem forma litúrgica, pois Paulo sabe que a carta vai ser lida numa reunião da comunidade.

ele colocou-se ao meu lado ao serviço do Evangelho. ²³Espero, portanto, enviar-vos logo que eu veja claro como vai ficar a minha situação. ²⁴Além disso, tenho fé no Senhor de que também eu irei ver-vos brevemente. ²⁵Entretanto, achei necessário enviar-vos Epafrodito, este nosso irmão que é também meu companheiro de trabalho e de luta, que me enviastes para me socorrer nas minhas necessidades. ²⁶Ele estava com muita saudade de todos vós, e ficou muito preocupado, porque soubestes que ele estava doente. ²⁷De facto, ele esteve muito doente, e quase morreu. Deus, porém, teve pena dele, e não só dele, mas também de mim, para que eu não ficasse numa tristeza ainda maior. ²⁸Por isso, apressei-me a mandá-lo: assim podereis vê-lo de novo, ficareis contentes, e eu já não ficarei preocupado. ²⁹Recebei Epafrodito no Senhor, com grande alegria. Tende grande estima por pessoas como ele, ³⁰pois quase morreu pela causa de Cristo, arriscando a sua vida para atender às minhas necessidades, em vosso nome.

3O caminho da salvação — ¹Quanto ao resto, meus irmãos, alegrai-vos no Senhor. Escrever-vos sempre as mesmas coisas não é penoso para mim, e é útil para vós. ²Cuidado com os cães, cuidado com os maus operários, cuidado com os falsos circuncidados. ³Os verdadeiros circuncidados somos nós, que prestamos culto, movidos pelo Espírito de Deus. Nós colocamos a nossa glória em Jesus Cristo e não confiamos na carne. ⁴Eu, aliás, até poderia confiar na carne. Se alguém acha que pode confiar na carne, eu mais ainda: ⁵fui circuncidado ao oitavo dia, sou israelita de nascimento, da tribo de Benjamim, hebreu filho de hebreus. Quanto à Lei judaica, fariseu; ⁶quanto ao zelo, perseguidor da Igreja; quanto à justiça que se alcança pela observância da Lei, sem reprovação.

⁷Por causa de Cristo, porém, tudo o que eu considerava como lucro, agora considero-o como perda. ⁸E mais ainda: considero tudo uma perda, diante do bem superior que é o conhecimento do meu Senhor Jesus Cristo. Por causa d'Ele perdi tudo, e considero tudo como lixo, a fim de ganhar Cristo, ⁹e estar com Ele. E isso, não mediante uma justiça minha, vinda da Lei, mas com a justiça que vem através da fé em Cristo, aquela justiça que vem de Deus e se apoia sobre a fé. ¹⁰Quero, assim, conhecer a Cristo, o poder da sua ressurreição e a comunhão nos seus sofrimentos, para me tornar semelhante a Ele na sua morte, ¹¹a fim de alcançar, se possível, a ressurreição dos mortos. ¹²Não que eu já tenha conquistado o prémio ou que já tenha chegado à perfeição; apenas continuo a correr para o conquistar, porque eu também fui conquistado por Jesus Cristo. ¹³Irmãos, não acho já ter alcançado o prémio, mas uma coisa faço: esqueço-me do que fica para trás e avanço para o que está adiante. ¹⁴Lanço-me em direcção à meta, em vista do prémio do alto, que Deus nos chama a receber em Jesus Cristo.

A maturidade cristã — ¹⁵Portanto, todos nós que somos perfeitos, devemos ter este sentimento. E, se em alguma coisa pensais de maneira diferente, Deus vos esclarecerá. ¹⁶Entretanto, qualquer que seja o ponto a que chegámos, caminhemos na mesma direcção.

¹⁷Irmãos, sede meus imitadores e observai os que vivem de acordo com o modelo que tendes em nós. ¹⁸Já vos disse muitas vezes, e agora repito-o com lágrimas: há muitos que são inimigos da cruz de Cristo. ¹⁹O seu fim é a perdição; o seu Deus é o ventre, a sua glória está no que é vergonhoso, e os seus pensamentos em coisas da terra.

²⁰A nossa cidadania, porém, está no Céu, de onde esperamos ansiosamente o Senhor Jesus Cristo como Salvador. ²¹Ele vai transformar o nosso corpo miserável, tornando-o semelhante ao seu corpo glorioso, graças ao poder que Ele possui de submeter a Si todas as coisas.

4Recomendações — ¹Assim, meus queridos e saudosos irmãos, minha alegria e minha coroa, continuei firmes no Senhor, ó amados. ²Peço a Evódia e a Síntique que façam as pazes no Senhor. ³E a ti, Sizigo, meu fiel companheiro, peço que as ajudes, porque elas me ajudaram na luta pelo Evangelho, com Clemente e os meus outros colaboradores. Os seus nomes estão no livro da vida. ⁴Alegrai-vos sempre no Senhor! Repito: alegrai-vos! ⁵Que a vossa bondade seja notada por todos. O Senhor está próximo. ⁶Não vos inquieteis com nada. Apresentai a Deus todas as vossas necessidades através da oração e da súplica, em acção de graças. ⁷Então a paz de Deus, que ultrapassa toda a compreensão, guardará em Jesus Cristo os vossos corações e os vossos pensamentos.

⁸Finalmente, irmãos, ocupai-vos com tudo o que é verdadeiro, nobre, justo, puro, amável, honroso, virtuoso, ou que de algum modo mereça louvor. ⁹Praticai tudo o que aprendestes e recebestes como herança, o que ouvistes e observastes em mim. Então o Deus da paz estará convosco.

Gratidão pela oferta da comunidade — ¹⁰Foi grande a minha alegria no Senhor, porque finalmente vi florescer de novo o vosso interesse por mim. Na verdade, já tínheis esse interesse antes, mas faltava oportunidade para o demonstrar. ¹¹Não digo isto por estar a passar privações, pois aprendi a arranjar-me em qualquer situação. ¹²Aprendi a viver na necessidade e na abundância; estou acostumado a toda e qualquer situação: viver saciado e passar fome, ter abundância e passar necessidade. ¹³Tudo posso n'Aquele que me fortalece. ¹⁴Entretanto, fizestes bem, tomando parte na minha aflição.

¹⁵Vós bem sabeis, filipenses, que no início da pregação do Evangelho, quando parti da Macedónia, nenhuma outra Igreja, senão vós, teve contacto comigo em questão de dar e receber. ¹⁶Já em Tessalónica me enviastes ajuda por mais de uma vez, para aliviar as minhas necessidades. ¹⁷Não que eu espere presentes. Pelo contrário, quero ver mais lucro na vossa conta. ¹⁸De momento, tenho tudo em a bundância; tenho até de sobra, especialmente agora que Epafrodito me trouxe aquilo que me enviastes. É como um perfume de suave odor, sacrifício agradável que Deus aceita. ¹⁹O meu Deus, por sua vez, atenderá com grandeza a todas as vossas necessidades, conforme a sua riqueza em Jesus Cristo. ²⁰Ao nosso Deus e Pai seja dada a glória para sempre. Amén. Saudações finais — ²¹Saudai a todos os cristãos. Os irmãos que estão comigo vos saúdam. ²²Todos os cristãos vos saúdam, especialmente os da casa de César.

CARTAS DE SÃO PAULO

Carta aos Gálatas

INTRODUÇÃO

A Galácia não era uma cidade, mas uma região da Ásia Menor. Na segunda viagem missionária, Paulo atravessou « a Frígia e a região da Galácia» (Act 16,6), e ali fundou comunidades, depois visitadas (Act 18,23) durante a terceira viagem (53-57 d.C.). O livro dos Actos mostra que Paulo permaneceu longo tempo em Éfeso (Act 19,1-21,1). Foi ali, provavelmente, que o Apóstolo teve notícias de um ataque contra ele e a sua doutrina nas comunidades da Galácia. Alguns judeo-cristãos, ligados a certos círculos de Jerusalém, queriam impor aos pagãos convertidos a circuncisão e a observância da Lei mosaica. Além disso, ridicularizavam Paulo, negando a sua autoridade de Apóstolo, porque ele não pertencia ao grupo dos Doze. Diziam também que a doutrina sobre a caducidade da Lei era invenção de Paulo e não correspondia ao pensamento da Igreja de Jerusalém.

A carta aos Gálatas foi escrita no fim da estada de Paulo em Éfeso, provavelmente no Inverno de 56-57. É a única carta de Paulo que não começa com acção de graças e não termina com bênção, facto que testemunha a sua indignação. De facto, em tom agressivo, defende o seu apostolado e doutrina, reafirmando que o Evangelho nada tem a ver com a Lei mosaica nem com qualquer outro tipo de espiritualidade legalista.

A carta aos Gálatas foi definida como o manifesto da liberdade cristã e universalidade da Igreja. Daí a sua importância. Contudo, libertação de quê e para quê? Libertação de uma vida programada externamente por um minucioso código de regras e leis, que conservam o homem numa atitude infantil diante da vida. Libertação para uma vida adulta e consciente, graças ao uso responsável da liberdade. A vida do homem não deve ser determinada por um código de leis, mas por um compromisso pessoal e íntimo com Cristo, que está presente no profundo do ser humano (2,20). A liberdade é conduzida pelo amor a si mesmo e aos outros, amor que é compromisso activo com o crescimento do outro (5,6. 13-14).

Ao ler a carta aos Gálatas, nós, cristãos de hoje, somos convidados a uma séria revisão: onde está a motivação fundamental que dirige a nossa vida cristã? Numa série de observâncias mecânicas de leis e ritos? Ou no compromisso com Jesus Cristo, que se realiza através do amor responsável e criativo?

¹Endereço e saudação — 6Paulo, Apóstolo não da parte dos homens, nem por meio de um homem, mas da parte de Jesus Cristo e de Deus Pai,

61,1-5: Dizendo-se Apóstolo, Paulo reivindica para si a mesma autoridade que os Doze. O Evangelho que ele prega é o Evangelho da salvação, obtida pela fé em Jesus Cristo e não pela observância da Lei.

6-10: Os Gálatas convertidos à fé cristã eram de origem pagã e nunca haviam praticado a religião judaica. Paulo anunciara-lhes que o Evangelho é, antes de tudo, a própria pessoa de Jesus Cristo, que morreu e ressuscitou para nos libertar do pecado e nos trazer a salvação através da fé. Todavia, alguns judeus convertidos anunciavam «outro evangelho». Segundo eles, para a salvação era também necessário ser circuncidado e observar a Lei judaica.

11-24: Os judeo-cristãos criticam a autoridade de Paulo, dizendo que ele não é Apóstolo como aqueles que Jesus tinha escolhido. E Paulo defende-se, contando a história da sua vocação (cf. Act 9), nascida de uma experiência directa de Jesus Cristo morto e ressuscitado. Tal experiência transformou-o profundamente: de perseguidor, tornou-se Apóstolo. Na origem da sua missão, portanto, não há nenhuma interferência humana. Quando Paulo vai a Jerusalém, é simplesmente para conhecer Pedro e Tiago (cf. Act 9,23-30).

2,1-10: Na segunda vez que vai a Jerusalém (cf. Act 15), Paulo tem duas preocupações: fazer um acordo com Pedro, Tiago e João, para manter a unidade das Igrejas; e, ao mesmo tempo, assegurar que os pagãos convertidos não precisem de observar a religião judaica. A viagem tem dois resultados importantes: as autoridades da Igreja de Jerusalém reconhecem o Evangelho, tal como Paulo e Barnabé o pregam aos pagãos; é feito um acordo prático, delimitando os campos de apostolado de Pedro e de Paulo. O sinal visível desse acordo é a preocupação e o auxílio aos pobres (cf. 2Cor 8-9).

11-14: Um judeu não podia comer ao lado de um pagão, pois ficaria impuro, violando a Lei. Contudo, no encontro em Jerusalém, ficara resolvido que os pagãos convertidos ao cristianismo não precisavam de observar a Lei judaica. A atitude de Pedro é hipócrita: por medo de ser criticado pelos judeo-cristãos, evita comer com os pagãos convertidos. O facto é grave, pois o comportamento hipócrita de um chefe da Igreja causa divisões, esvaízia o trabalho da evangelização, chegando até mesmo a desviar a comunidade do verdadeiro Evangelho.

15-21: Para Paulo, nenhuma força humana, nem mesmo a Lei dos judeus tem o poder de arrancar o homem da situação de pecado em que vive. Só um acto de Deus pode realizá-lo, concedendo gratuitamente uma amnistia. E Deus concedeu-a através de Jesus Cristo, que morreu pelos nossos pecados. Essa amnistia proclamada na cruz chega até mim no momento em que eu acredito que, em Jesus Cristo, Deus realizou esse dom. Acreditar em Jesus Cristo é colocá-lo no centro da vida, a ponto de poder dizer: «Já não sou eu que vivo, pois é Cristo que vive em mim».

3,1-5: Os Gálatas ouviram a pregação do Evangelho, converteram-se a Jesus Cristo e foram baptizados. A partir da fé, puderam experimentar na sua vida o dom do Espírito, que reúne os homens e os faz colaborar entre si para o crescimento de todos. Até esse momento, os Gálatas não conheciam a Lei judaica. Para que serve agora circuncidar-se e observar tal Lei? O que poderiam dela receber a mais? A sua atitude mostra apenas que estão a voltar para trás.

6-14: Os pregadores judeo-cristãos certamente diziam aos Gálatas que Jesus era judeu e filho de Abraão; por isso os Gálatas deviam ser circuncidados e observar a Lei judaica, para serem filhos de Abraão e fiéis a Jesus. Contudo, Paulo salienta que, desde Abraão, a fé nas promessas é que dá a vida. Quem tem fé torna-se filho e herdeiro de Abraão. Quanto à Lei, em vez de tornar justo o homem, traz a maldição para os que não a cumprem. A promessa dirigia-se a Cristo (v. 16): submetendo-Se à maldição da Lei pela morte de cruz, Ele resgatou-nos pela fé e estendeu a todos os povos a bênção prometida a Abraão.

15-18: O testamento ou aliança de Deus, no qual estão contidas as promessas feitas a Abraão e ao seu descendente, não pode ser anulado pela Lei, pois esta veio depois das promessas. O «descendente» de que fala a Escritura é uma só pessoa e, para Paulo, essa pessoa só pode ser Cristo. Em Cristo, portanto, nós somos herdeiros de uma promessa que foi feita directamente a Abraão, e não através da Lei.

19-24: No mundo greco-romano, o pedagogo era um escravo severo, que tinha como tarefa vigiar, admoestar e castigar o comportamento das crianças de uma família. Esse foi o papel da Lei: mostrar a incapacidade de o homem se salvar, dar-lhe consciência dos seus pecados e mantê-lo na expectativa da realização da promessa, a

fim de ser liberto da própria Lei. 25-29: O papel da Lei terminou com a chegada de Cristo. Pela fé n'Ele e pelo baptismo, os homens revestem-se de Cristo, isto é, são transformados para se tornarem imagem d'Ele (cf. Cl 3,11). Em Cristo, portanto, os homens ficam libertos de qualquer lei e de qualquer diferença que possa privilegiar uns e marginalizar outros.

4,1-11: Paulo coloca no mesmo plano os ritos religiosos pagãos e os ritos judaicos. Se os Gálatas se submeterem aos costumes judaicos, estarão a viver a mesma vida pagã de outrora, submissos e escravos de outras criaturas. O homem de fé deve depender unicamente do seu Criador, de quem se tornou filho, graças a Cristo. Cf. nota em Rm 8,14-17.

que O ressuscitou dos mortos. ²Eu e todos os irmãos que estão comigo, às Igrejas da Galácia. ³Que a graça e a paz de Deus nosso Pai e do Senhor Jesus Cristo estejam convosco. ⁴Cristo entregou-Se pelos nossos pecados para nos arrancar deste mundo mau, segundo a vontade do nosso Deus e Pai. ⁵A Deus seja dada glória para sempre. *Ámen.*

Não existe outro Evangelho — ⁶Estou admirado por estardes a abandonar tão depressa Aquele que vos chamou por meio da graça de Cristo, para aceitardes outro Evangelho. ⁷Na realidade, porém, não existe outro Evangelho. Há somente pessoas que semeiam confusão entre vós e querem deturpar o Evangelho de Cristo. ⁸Maldito aquele que vos anunciar um evangelho diferente daquele que vos anunciámos, ainda que sejamos nós mesmos ou algum anjo do céu. ⁹Já vos dissemos antes e agora repetimos: Maldito seja quem vos anunciar um evangelho diferente daquele que recebestes. ¹⁰Porventura procuro a aprovação dos homens, ou a aprovação de Deus? Ou procuro agradar aos homens? Se procurasse agradar aos homens, não seria servo de Cristo.

Paulo ensina o que recebeu de Deus — ¹¹Irmãos, eu vos declaro: o Evangelho por mim anunciado não é invenção humana. ¹²E, além disso, não o recebi nem aprendi através de um homem, mas por revelação de Jesus Cristo. ¹³Certamente ouvistes falar do que eu fazia quando estava no judaísmo. Sabeis como eu perseguia com violência a Igreja de Deus e fazia de tudo para a arrasar. ¹⁴Eu superava no judaísmo a maior parte dos compatriotas da minha idade e procurava seguir com todo o zelo as tradições dos meus antepassados. ¹⁵Deus, porém, escolheu-me antes de eu nascer e chamou-me por sua graça. Quando Ele resolveu ¹⁶revelar em mim o seu Filho, para que eu O anunciasse entre os pagãos, não consultei ninguém, ¹⁷nem subi a Jerusalém para me encontrar com aqueles que eram Apóstolos antes de mim. Pelo contrário, fui para a Arábia e depois voltei a Damasco. ¹⁸Três anos mais tarde, fui a Jerusalém para conhecer Pedro e fiquei com ele quinze dias. ¹⁹Entretanto, não vi nenhum outro Apóstolo, a não ser Tiago, o irmão do Senhor. ²⁰Deus é testemunha: o que vos escrevo não é mentira. ²¹Depois fui para as regiões da Síria e da Cilícia, ²²de modo que as Igrejas de Cristo na Judeia não me conheciam pessoalmente. ²³Elas apenas ouviam dizer: «Aquele que nos perseguia, agora anuncia a fé que antes procurava destruir». ²⁴E louvavam a Deus por minha causa.

2Unidade da Igreja e liberdade cristã — ¹Catorze anos depois, voltei a Jerusalém com Barnabé e levei também Tito comigo. ²Fui lá seguindo uma revelação. Expus-lhes o Evangelho que anuncio aos pagãos, mas expu-lo reservadamente às pessoas mais notáveis, para não me arriscar a correr ou ter corrido em vão.

³Nem Tito, meu companheiro, que é grego, foi obrigado a circuncidar-se. ⁴Nem mesmo por causa dos falsos irmãos, os intrusos que se infiltraram para espiar a liberdade que temos em Jesus Cristo, a fim de nos tornar escravos. ⁵Mas para que a verdade do Evangelho continuasse firme entre vós, em nenhum momento nos submetemos a essas pessoas. ⁶No que se refere àqueles mais notáveis — pouco me importa o que eles eram então, porque Deus não faz diferença entre as pessoas — esses mesmos notáveis nada mais me impuseram. ⁷Pelo contrário, viram que a mim

12-20: Paulo interrompe o raciocínio e, emocionado, lembra o entusiasmo inicial dos Gálatas, que o trataram com carinho e como enviado de Deus, apesar da sua enfermidade. Fala com ironia dos intrusos que os querem escravizar com as suas concepções. Por fim, mostra que está gerando os Gálatas em novo parto. O primeiro foi quando os gerou para a fé; agora, sofre até que Cristo esteja de tal forma presente nas suas vidas, a ponto de não precisarem de recorrer a qualquer outra coisa.

21-31: Paulo serve-se das histórias de Agar e Sara (cf. Gn 16,1-16; 21,8-21) para fazer a comparação entre a antiga e a nova Aliança. O filho que Abraão teve de Agar, «de modo natural», é escravo e simboliza os que estão sob a Lei. O filho que Abraão teve de Sara, «por causa da promessa», é livre como aqueles que nasceram do Espírito através da fé em Jesus.

5,1-12: Cristo libertou-nos, mas podemos tornar-nos escravos outra vez. Precisamos de permanecer vigilantes, a fim de mantermos a liberdade e nela crescer. Os vv. 5-6 apresentam a estrutura da vida cristã: o cristão é aquele que, pela fé, acolhe a acção do Espírito e a comunica através do amor; e é do Espírito que ele espera a ressurreição, a vida no Reino de Deus. A fé, o amor e a esperança são, portanto, as atitudes características do cristão, a estrutura da vida nova.

13-15: A vida cristã é um chamamento à liberdade. Esta, porém, não deve ser confundida com libertinagem, que é buscar e colocar tudo ao serviço de si mesmo. A verdadeira liberdade leva o homem a crescer no amor e no dom de si, para se pôr ao serviço dos outros. Como os sinópticos (cf. Mc 12,31), Paulo resume a Lei no mandamento de Lv 19,18: quem ama o próximo, realiza a vontade de Deus.

16-18: As expressões «segundo o Espírito» e «segundo os instintos egoístas» (lit.: carne) não designam duas partes do homem, mas duas orientações diferentes de comportamento: «segundo o Espírito» é a orientação do amor, que leva o homem a servir o outro; «segundo os instintos egoístas» é a orientação do egoísmo, que leva o homem a servir-se a si mesmo.

19-21: Paulo certamente não pretende fazer uma lista completa dos vícios do homem egoísta. Os que são enumerados aqui podem ser divididos em quatro categorias; a impureza, que perverte o amor humano; a idolatria e a feitiçaria, que pervertem a relação com Deus, único absoluto; as divisões, que pervertem as relações sociais; os excessos da mesa, que revelam a perda da dignidade humana. que leva o homem a servir o outro; «segundo os instintos egoístas» é a orientação do egoísmo, que leva o homem a servir-se a si mesmo.

19-21: Paulo certamente não pretende fazer uma lista completa dos vícios do homem egoísta. Os que são enumerados aqui podem ser divididos em quatro categorias; a impureza, que perverte o amor humano; a idolatria e a feitiçaria, que pervertem a relação com Deus, único absoluto; as divisões, que pervertem as relações sociais; os excessos da mesa, que revelam a perda da dignidade humana.

22-26: Os cristãos são chamados a viver de acordo com Jesus Cristo, isto é, deixando-se guiar pelo Espírito de Cristo, vivendo o amor. Como no caso dos vícios, aqui também não há a pretensão de fazer uma lista completa das virtudes. O que Paulo enumera são as condições em que nasce e se desenvolve o amor (fé, mansidão, domínio de si), os sinais da presença do amor (alegria e paz) e as manifestações activas do amor (paciência, bondade, benevolência).

6,1-6: A lei de Cristo não é um legalismo cristão que substitui o judaico. Equivale à «lei do Espírito, que dá a vida em Jesus Cristo» (Rm 8,2). A única lei que Jesus Cristo deixou aos cristãos, e que Ele próprio viveu, é a lei do amor (5,14). Obedecer à lei de Cristo é viver o amor como Jesus o viveu. O amor activo nasce da liberdade e empenha a totalidade do homem em tarefas concretas frente às situações da vida, levando-o a realizar muito mais do que qualquer lei poderia exigir.

7-10: O juízo final nada mais é do que a conclusão natural de uma escolha de vida. Porque, viver segundo os instintos egoístas leva à corrupção, à morte; e viver segundo o Espírito ou segundo o amor conduz à vida eterna.

11-18: Paulo acusa os pregadores judaizantes de orgulho, covardia e falsidade. De facto, eles visam a glória pessoal, fogem da perseguição e, embora preguem a Lei, eles próprios não a praticam. Paulo, porém, mesmo perseguido, gloria-se apenas na cruz de Cristo, porque é dela que nasceu a nova Criação, diante da qual ser ou não ser circuncidado é algo que já não tem importância.

fora confiada a evangelização dos não circuncidados, assim como a Pedro fora confiada a evangelização dos circuncidados. ⁸De facto, Aquele que tinha agido em Pedro para o apostolado entre os circuncidados, também tinha agido em mim a favor dos pagãos. ⁹Por isso, Tiago, Pedro e João, considerados como colunas, reconheceram a graça que me fora concedida, estenderam a mão a mim e a Barnabé em sinal de comunhão: nós trabalharíamos com os pagãos e eles com os circuncidados. ¹⁰Eles recomendaram-nos apenas que nos lembrássemos dos pobres, o que procurei fazer com grande solicitude.

O perigo da hipocrisia — ¹¹Quando Pedro foi a Antioquia, enfrentei-o em público, porque ele estava claramente errado. ¹²De facto, antes de chegarem algumas pessoas da parte de Tiago, ele comia com os pagãos; mas, depois que chegaram, Pedro começou a evitar os pagãos e já não se misturava com eles, pois tinha medo dos circuncidados. ¹³Os outros judeus também começaram a fingir com ele, de modo que até Barnabé se deixou levar pela hipocrisia dele.

¹⁴Quando vi que eles não estavam a agir conforme a verdade do Evangelho, disse a Pedro, na frente de todos: «Tu és judeu, mas vives como os pagãos e não como os judeus. Como podes, então, obrigar os pagãos a viverem como judeus?»

Jesus Cristo é o centro da vida — ¹⁵Nós somos judeus de nascimento, e não pagãos pecadores. ¹⁶Sabemos, entretanto, que o homem não se torna justo pelas obras da Lei, mas somente pela fé em Jesus Cristo. Nós também acreditamos em Jesus Cristo, a fim de nos tornarmos justos pela fé em Cristo e não pela observância da Lei, pois com a observância da Lei ninguém se tornará justo. ¹⁷Nós procuramos tornar-nos justos em Cristo; mas também somos pecadores como os outros. Então, será que Cristo estaria ao serviço do pecado? Claro que não! ¹⁸De facto, se eu reconstruo o que destruí, eu próprio me torno culpável.

¹⁹Quanto a mim, foi através da Lei que eu morri para a Lei, a fim de viver para Deus. Fui morto na cruz com Cristo. ²⁰Eu vivo, mas já não sou eu que vivo, pois é Cristo que vive em mim. E esta vida que agora vivo, eu vivo-a pela fé no Filho de Deus, que me amou e Se entregou por mim. ²¹Portanto, não torno inútil a graça de Deus, porque, se a justiça vem através da Lei, então Cristo morreu em vão.

3A experiência dos Gálatas — 1Gálatas insensatos! Quem vos enfeitiçou, vós que tivestes diante dos próprios olhos uma descrição clara de Jesus Cristo crucificado? 2Respondei-me somente uma coisa: foi por causa da observância da Lei que recebestes o Espírito, ou foi porque ouvistes a mensagem da fé? 3Sois tão insensatos, a ponto de ter começado com o Espírito e agora terminar na carne? 4Foi em vão que fizestes tantas experiências? Se é que foi em vão! 5Aquele que vos dá o Espírito e realiza milagres entre vós, será que Ele o faz por causa da observância da Lei, ou é porque ouvistes a mensagem da fé?

Os verdadeiros filhos de Abraão — ⁶Foi assim que Abraão teve fé em Deus, e isso foi-lhe creditado como justiça. ⁷Sabei, portanto, que somente aqueles que têm fé são filhos de Abraão. ⁸É por isso que a Escritura, prevendo que Deus tornaria justos os pagãos através da fé, predisse a Abraão esta boa notícia: «Em ti todas as nações serão abençoadas». ⁹Portanto, aqueles que têm fé são os abençoados juntamente com Abraão, que acreditou. ¹⁰Os que observam a Lei, porém, estão todos debaixo do peso da maldição, pois a Escritura diz: «Maldito seja todo aquele que não é fiel a todas as coisas que estão escritas no livro da Lei para serem praticadas». ¹¹Além disso, é evidente que ninguém pode tornar-se justo diante de Deus através da Lei, pois o justo viverá pela fé. ¹²Ora, a Lei não se baseia sobre a fé, pois diz: «Quem praticar os preceitos da Lei, viverá por meio deles». ¹³Cristo resgatou-nos da maldição da Lei, tornando-Se Ele próprio maldição por nós, como diz a Escritura: «Maldito seja todo aquele que for suspenso no madeiro». ¹⁴Isso aconteceu para que, em Jesus Cristo, a bênção de Abraão se estendesse aos pagãos e para que nós recebêssemos, pela fé, o Espírito prometido.

A promessa e a Lei — ¹⁵Irmãos, vou fazer uma comparação: ninguém pode invalidar ou modificar um testamento legitimamente feito. ¹⁶Ora, as promessas foram feitas a Abraão e ao seu descendente. A Escritura não diz no plural: «e aos descendentes»; mas no singular: «e ao seu descendente», isto é, a Cristo. ¹⁷O que eu quero dizer é o seguinte: Deus firmou um testamento de modo legítimo. A Lei, que veio quatrocentos e trinta anos mais tarde, não pode invalidar esse testamento, anulando assim a promessa. ¹⁸De facto, se é através da Lei que se recebe a herança, já não é mediante a promessa. Ora, foi por meio de uma promessa que Deus concedeu a sua graça a Abraão.

O papel da Lei — ¹⁹Então, porque é que foi dada a Lei? Ela foi acrescentada para mostrar as transgressões, até à chegada do descendente, em vista do qual foi feita a promessa. A Lei foi promulgada pelos anjos, e um homem serviu de intermediário. ²⁰Ora, esse intermediário não representa uma pessoa só, e Deus é um só. ²¹Então, a Lei estará contra as promessas de Deus? Claro que não! Se tivesse sido dada uma lei capaz de comunicar a vida, então sim, realmente a justiça viria da Lei.

²²A Escritura, porém, colocou tudo sob o domínio do pecado, a fim de que a promessa fosse concedida aos que acreditam, mediante a fé em Jesus Cristo. ²³Antes que chegasse a fé, a Lei tomava conta de nós, à espera da fé que devia ser revelada. ²⁴A Lei, portanto, é para nós como um pedagogo que nos conduziu a Cristo, para que nos tornássemos justos mediante a fé.

A chegada da fé — ²⁵Chegada a fé, já não estamos sob os cuidados de um pedagogo. ²⁶De facto, todos vós sois filhos de Deus pela fé em Jesus Cristo, ²⁷pois todos vós, que fostes baptizados em Cristo, vos revestistes de Cristo. ²⁸Já não há diferença entre judeu e grego, entre escravo e homem livre, entre homem e mulher, pois todos vós sois um só em Jesus Cristo. ²⁹E se pertenceis a Cristo, então sois de facto a descendência de Abraão e herdeiros conforme a promessa.

4Adultos em Cristo — ¹Vou dar-vos outro exemplo: durante todo o tempo em que o herdeiro é criança, embora seja dono de tudo, é como se fosse um escravo. ²Até chegar à data fixada pelo pai, ele fica sob tutores e pessoas que administram os seus negócios. ³O mesmo aconteceu connosco: éramos como crianças e andávamos como escravos, submetidos aos elementos do mundo.

⁴Quando, porém, chegou a plenitude dos tempos, Deus enviou o seu Filho. Ele nasceu de uma mulher, submetido à Lei ⁵para resgatar aqueles que estavam submetidos à Lei, a fim de que fôssemos adoptados como filhos. ⁶A prova de que sois filhos é o facto de que Deus enviou aos nossos corações o Espírito do seu Filho que clama: Abba, Pai! ⁷Portanto, já não és escravo, mas filho; e, se és filho, és também herdeiro por vontade de Deus. ⁸No passado, quando não conheciéis a Deus, éreis escravos de deuses, que na realidade não são deuses. ⁹Agora, porém, conheceis a Deus, ou melhor, agora Deus conhece-vos. Então, como é que quereis voltar de novo àqueles elementos fracos e sem valor? Porque quereis novamente ficar escravos deles? ¹⁰Vós observais cuidadosamente os dias, os meses, as estações e os anos! ¹¹Receio ter-me cansado inutilmente por vós.

Apelo pessoal de Paulo — ¹²Irmãos, peço-vos que sejais como eu, porque eu também me tornei como vós. Não me ofendestes em nada. ¹³E saabei

que foi por causa de uma doença física que eu vos evangelizei na primeira vez. ¹⁴E vós não me desprezastes nem me rejeitastes, apesar do meu físico ser para vós uma provação. Pelo contrário, acolhestes-me como a um anjo de Deus ou até como a Jesus Cristo.

¹⁵Onde está a alegria que experimentastes então? Pois eu dou testemunho de que, se fosse possível, teríeis arrancado os próprios olhos para mostrar. ¹⁶E agora, será que me tornei inimigo, só porque vos disse a verdade? ¹⁷Esses homens mostram grande interesse por vós, mas a intenção deles não é boa; o que eles querem é separar-vos de mim, para que vos interesséis por eles. ¹⁸Seria bom que vos interessásseis sempre pelo bem, e não só quando estou presente entre vós. ¹⁹Meus filhos, sofro novamente como que dores de parto, até que Cristo esteja formado em vós. ²⁰Gostaria de estar junto de vós neste momento, e de mudar o tom da minha voz, porque já não sei que atitude tomar convosco.

Escravidão e liberdade — ²¹Vós que quereis ficar submetidos à Lei,izei-me uma coisa: será que não ouvís o que diz a Lei? ²²De facto, nela está escrito que Abraão teve dois filhos, um da escrava e outro da mulher livre. ²³O filho da escrava nasceu de modo natural, enquanto o filho da mulher livre nasceu por causa da promessa. Simbolicamente ²⁴isso quer dizer o seguinte: as duas mulheres representam as duas alianças. Uma, a do monte Sinai, gera para a escravidão e é representada por Agar ²⁵(pois o monte Sinai está na Arábia, que é o país de Agar). E Agar corresponde à Jerusalém actual, que é escrava juntamente com os seus filhos. ²⁶Mas a Jerusalém do alto é livre, e é a nossa mãe. ²⁷Porque está na Escritura: «Alegra-te, estéril, tu que não davas a luz! Grita de alegria, tu que não conhecestes as dores do parto, porque os filhos da abandonada são mais numerosos do que os filhos daquela que tem marido».

²⁸Vós, irmãos, sois filhos da promessa, como Isaac.

²⁹Acontece agora como acontecia naquele tempo: o que nasceu de modo natural persegue aquele que nasceu segundo o Espírito. ³⁰Mas o que é que diz a Escritura? «Expulsa a escrava e o filho dela, porque o filho da escrava não receberá a herança juntamente com o filho da mulher livre». ³¹Portanto, irmãos, nós não somos filhos da escrava, mas da mulher livre.

5A liberdade cristã — ¹Cristo libertou-nos para que sejamos verdadeiramente livres. Portanto, permaneço firme e não vos submeto de novo ao jugo da escravidão.

²Eu, Paulo, declaro-vos: se vos fazeis circuncidar, Cristo de nada adiantará para vós. ³E a todo o homem que se faz circuncidar, eu declaro: agora está obrigado a observar toda a Lei. ⁴Vós que procurais a justiça na Lei desligastes-vos de Cristo e separastes-vos da graça. ⁵Nós, de facto, aguardamos no Espírito a esperança de nos tornarmos justos através da fé, ⁶porque, em Jesus Cristo, o que conta não é a circuncisão ou a não circuncisão, mas a fé que age por meio do amor.

⁷Vós corréis bem. Quem vos impediu de obedecer à verdade? ⁸Tal influência não vem d'Aquele que vos chama. ⁹Um pouco de fermento basta para levedar toda a massa! ¹⁰Confio no Senhor que vós estais de acordo com isto. Aquele, porém, que vos perturba, seja ele quem for, sofrerá a condenação. ¹¹Quanto a mim, irmãos, se é verdade que ainda prego a circuncisão, porque sou então perseguido? Nesse caso, o escândalo da cruz estaria anulado! ¹²Oxalá aqueles que vos perturbam se mutilem de uma vez por todas!

A vida segundo o Espírito — ¹³Irmãos, fostes chamados para serdes livres. Que essa liberdade, porém, não se torne desculpa para viverdes satisfazendo os instintos egoístas. Pelo contrário, fazei-vos servos uns dos outros através do amor. ¹⁴Pois toda a Lei encontra a sua plenitude num só mandamento: «Amarás o teu próximo como a ti mesmo». ¹⁵Mas, se vos mordeis e vos devorais uns aos outros, tomai cuidado! Podereis acabar por vos destruídes uns aos outros.

¹⁶Por isso é que vos digo: vivei segundo o Espírito, e já não fareis o que os instintos egoístas desejam. ¹⁷Porque os instintos egoístas têm desejos que estão contra o Espírito, e o Espírito contra os instintos egoístas; os dois estão em conflito, de modo que não fazeis o que quereis. ¹⁸Mas, se fordes conduzidos pelo Espírito, já não estareis submetidos à Lei. ¹⁹Além disso, as obras dos instintos egoístas são bem conhecidas: fornicação, impureza, libertinagem, ²⁰idolatria, feitiçaria, ódio, discórdia, ciúme, ira, rivalidade, divisão, sectarismo, ²¹inveja, bebedeira, orgias e outras coisas semelhantes. Repito o que já disse: os que fazem tais coisas não herdarão o Reino de Deus. ²²Mas o fruto do Espírito é amor, alegria, paz, paciência, bondade, benevolência, fé, ²³mansidão e domínio de si. Contra essas coisas não existe lei. ²⁴Os que pertencem a Cristo crucificaram os instintos egoístas juntamente com as suas paixões e desejos. ²⁵Se vivemos pelo Espírito, caminhemos também sob o impulso do Espírito. ²⁶Não sejamos ambiciosos de glória, provocando-nos mutuamente e tendo inveja uns dos outros.

6A lei de Cristo — ¹Irmãos, se alguém for apanhado em alguma falta, vós que sois espirituais, admoestai com mansidão essa pessoa. E cada um cuide de si mesmo, para não ser também tentado.

²Levai os fardos uns dos outros, e assim cumprireis a lei de Cristo. ³Se alguém pensa que é importante, quando de facto não o é, está-se enganando a si mesmo. ⁴Cada um examine a sua conduta, e então achará motivo de satisfação na sua própria pessoa, e não por comparação com os outros, ⁵porque cada um deve levar a sua própria carga.

⁶Aquele que recebe o ensinamento da Palavra deve repartir todos os bens com o catequista. ⁷Não vos iludais, pois com Deus não se brinca: cada um colherá aquilo que tiver semeado. ⁸Quem semeia nos instintos egoístas, dos instintos egoístas colherá corrupção; quem semeia no Espírito, do Espírito colherá a vida eterna. ⁹Não nos cansemos de fazer o bem; se não desanimarmos, quando chegar o tempo, colheremos. ¹⁰Portanto, enquanto temos tempo, façamos o bem a todos, especialmente aos que pertencem à nossa família na fé.

Gloriar-se na cruz de Cristo — ¹¹Vede com que letras grandes vos escrevo de meu próprio punho. ¹²Os que querem impor-vos a circuncisão, são aqueles que estão preocupados em fazer boa figura. Fazem isso para não serem perseguidos por causa da cruz de Cristo. ¹³De facto, nem mesmo os próprios circuncidados observam a Lei. Eles querem que vos circuncideis, apenas para eles se gloriarem de terem marcado o vosso corpo. ¹⁴Quanto a mim, que eu não me glorie, a não ser na cruz de nosso Senhor Jesus Cristo, por meio do qual o mundo foi crucificado para mim e eu para o mundo. ¹⁵O que importa não é a circuncisão ou a não circuncisão, mas sim a nova criação. ¹⁶Que a paz e a misericórdia estejam sobre todos os que seguirem esta norma, assim como sobre todo o Israel de Deus.

¹⁷De agora em diante ninguém mais me moleste, pois trago no meu corpo as marcas de Jesus.

Saudação final — ¹⁸Irmãos, que a graça de nosso Senhor Jesus Cristo esteja com o vosso espírito. Amen.

CARTAS DE SÃO PAULO

Carta aos Romanos

Introdução geral

Paulo é uma das figuras mais importantes do Novo Testamento. As informações sobre a sua vida estão nos Actos dos Apóstolos e nas Cartas que escreveu. Nasceu cerca do ano 10 da nossa era, na cidade de Tarso da Cilícia (Act 9,11). Filho de judeus, da tribo de Benjamim, cresceu à sombra da mais perfeita tradição judaica (Fl 3,5). Jovem ainda, foi para Jerusalém, onde se especializou no conhecimento da sua religião. Tornou-se mestre e fariseu, ou seja, um especialista rigoroso e escrupuloso no cumprimento de toda a Lei judaica e seus pormenores (Act 22,3).

Cheio de zelo pela religião, começou a perseguir os cristãos (Fl 3,6), até que se encontrou com o Senhor na estrada de Damasco (Act 9,1-19). A sua experiência de Jesus mudou-lhe completamente a vida até à morte, cerca do ano 67.

Paulo é um homem bem preparado. Além de conhecer a fundo a religião de seus pais, possui boas noções das filosofias e religiões gregas do seu tempo. Escreve e fala em grego. Enquanto judeu, tem mentalidade completamente diferente da dos gregos. Mas esforça-se por assimilar a maneira de pensar dessa gente. Além disso, é cidadão romano (Act 16,37). Ele soube tirar partido desse título, bem como de toda a bagagem cultural que adquiriu, para conduzir todos a Jesus (1Cor 9,19-22).

Lendo o que ele escreveu, podemos ter uma ideia de como era o seu carácter: às vezes, muito meigo e carinhoso; às vezes, severo. Não cede e ameaça com castigos. Escrevendo às comunidades, compara-se à mãe que acaricia os filhinhos e é capaz de dar a vida por eles (1Ts 2,7-8). Sente pelos fiéis novamente as dores do parto (Gl 4,19). Ama-os, e por isso sacrifica-se ao máximo por eles (2Cor 12,15). Mas é também um pai que educa (1Ts 2,11), que gera as pessoas, por meio do Evangelho, à vida nova (1Cor 4,15). Sente, pelas comunidades que fundou, o ciúme de Deus (2Cor 11, 2), Zomendo que percam a fé. Quando se torna necessário, é severo e ameaça, exigindo obediência (1Cor 4,21).

Paulo é capaz de amar todos os membros de todas as comunidades, sem distinções. Constantemente lhes chama « queridos» e « amados». Quer que todos sejam fiéis a Deus. É assim que se tornarão seus filhos, como, por exemplo, o é Timóteo (1Cor 4,17). É interessante ler as Cartas de Paulo e anotar com quanta frequência ele usa expressões tais como: tudo, todo, sempre, continuamente, sem cessar, etc., para com elas exprimir a sua constante preocupação para com todos.

ACTIVIDADE APOSTÓLICA

Jesus, durante a sua vida, movimentou-se quase exclusivamente dentro de uma pequena região, a Palestina. Poucas vezes esteve em terras que não pertencessem aos judeus. Falou do Reino semelhante ao grão de mostarda que cresce e abriga os pássaros (Lc 13,18-19). E pediu aos discípulos que percorressem o mundo e anunciassem o Evangelho a todos (Mc 16,15).

Depois de se converter, Paulo começou a anunciar o Evangelho aos judeus. Mas eles perseguiam-n'O e criavam-lhe uma série de obstáculos. Diante da rejeição do Evangelho por parte dos seus compatriotas, ele volta-se para os pagãos (Act 13,44-49). Até ao fim da vida, Paulo tem consciência de ter sido destinado a levar a Palavra de Deus aos pagãos, pois, em Cristo, o Pai chama todos à salvação. A esse projecto Paulo dá o nome de mistério, de que ele é o principal executor.

Mas não é fácil pôr em prática esse plano quando se trata de o aplicar a realidades diferentes daquelas que Jesus de Nazaré viveu. O próprio Paulo não conheceu pessoalmente Jesus. O que ele fez foi a experiência do Cristo ressuscitado. Portanto, ao anunciar o Evangelho aos pagãos, foi preciso adaptá-lo à mentalidade dos ouvintes, respondendo às preocupações que eles tinham, conservando o que era essencial e deixando de lado o que não era importante.

Pelo facto de não ter vivido com Jesus como os demais Apóstolos, enfrentou sérias dificuldades. Alguns afirmavam: « Ele não é Apóstolo, pois não viu o Senhor». Paulo defende-se, contando a sua experiência com Cristo (Gl 1,12; 2Cor 12,1-4).

Outros diziam: « Só quem andou com Jesus de Nazaré é que pode fundar comunidades». A essa crítica ele responde, por exemplo, em 1Cor 9,2-3. Outros, ainda, afirmavam: « Ele realmente não é Apóstolo, pois, se fosse, teria a coragem de viver à custa da comunidade.

Ele não é livre». Paulo responde que, para ele, anunciar o Evangelho é uma obrigação (1Cor 9,15-17). Ele cumpre uma ordem. Por isso, não tem o direito de ser sustentado por outros. Ele considerava muito perigoso unir pregação do Evangelho com dinheiro.

Por isso, preferia ganhar o pão com o suor do rosto e anunciar o Evangelho gratuitamente (cf. Fl 4,15-17), apesar de Jesus ter dito que o operário é digno do seu sustento (Mt 10,10).

Além disso, teve que lutar contra os falsos missionários (cf. 2Cor 10-12), que anunciavam um evangelho fácil, que fugiam da humilhação e da tribulação. Paulo não tem em mãos o Evangelho escrito. Ele trá-lo impresso na sua carne, marcada por toda a espécie de sofrimentos (1Cor 11,21-29), a ponto de estar crucificado com Cristo (Gl 2,19), trazendo no seu corpo as marcas da paixão de Jesus (2Cor 4,10; Gl 6,17), e completando, no seu corpo, o que falta às tribulações de Cristo (Cl 1,24). Assim pode dizer que já não é ele que vive, mas é Cristo que vive nele (Gl 2,20). É assim que ele anuncia o Evangelho.

AS CARTAS

Foi Paulo quem criou a comunicação escrita para o Novo Testamento e foi aquele que mais escreveu. As suas Cartas são anteriores aos textos dos Evangelhos. Quais os motivos que o levaram a escrever? Sem dúvida, as suas Cartas são pastorais. Procuram iluminar, com o Evangelho, os problemas enfrentados pelas comunidades cristãs. Ele não inventa teorias, mas tenta, a partir das dificuldades, mostrar o que significa ser cristão, naquele momento e naquele lugar determinado.

Por isso é que certas soluções por ele apresentadas devem ser entendidas à luz dos problemas e da realidade que tal comunidade viveu (cf. 1Cor 11,2-16). Paulo escreveu em grego, mas o seu modo de pensar é, na maioria das vezes, o de um mestre judeu. Para nós não é fácil acompanhar o seu raciocínio. O Antigo Testamento passa necessariamente por Jesus Cristo. Este, com a sua vida e pregação, ilumina o ser e o agir do cristão. É por isso que, nas suas Cartas, encontramos muitas citações do Antigo Testamento. Mas os ensinamentos nelas contidos não chegam ao cristão

sem serem iluminados, refeitos ou anulados pela pregação e vida de Jesus Cristo, a quem o cristão aderiu pela fé.

COMO LER AS CARTAS

A ordem que as Bíblias utilizam para apresentar as Cartas de Paulo é a do tamanho: da maior à menor. Para quem começa a ler Paulo, essa ordem pode não ser a melhor. De facto, a primeira Carta que aparece — aos Romanos — é uma das mais difíceis e um tanto teórica, e não foi a primeira a ser escrita. Ela pressupõe o amadurecimento do pensamento de Paulo, e foi escrita a uma comunidade que ele não fundou nem conhecia. Portanto, em vez de seguir a ordem do tamanho, sugere-se outro caminho: ler as Cartas segundo a ordem cronológica, ou seja, segundo as datas aproximadas em que foram escritas. Ora, a ordem cronológica não é uma questão pacífica. Os estudiosos discutem ainda hoje qual a época em que apareceram. Mas pode-se traçar um roteiro: começa-se com 1 e 2 Tessalonicenses e, depois, Filipenses. A seguir, pode-se ler 1 e 2 Coríntios (cf., para isso, a

Introdução a 2Cor), prosseguindo nesta ordem: Gálatas, Romanos, Efésios, Colossenses, Filémon, 1 Timóteo, Tito, 2 Timóteo. Antes de ler uma Carta, seria bom perguntar: Quais os problemas que estão por detrás deste texto? A que questões Paulo responde? Porque precisou ele de escrever? Para entender essas questões, as Introduções serão uma ajuda indispensável, bem como as notas.

Finalmente, lendo as Cartas em ordem cronológica será possível acompanhar os temas que mais interessam, por exemplo: como deve ser a comunidade?, o que significa ser cristão?, qual a tarefa do agente de pastoral?, qual o projecto de Deus?, como realizar a evangelização? etc. Estes e outros temas aparecem com bastante frequência ao longo das Cartas, e será mais fácil fazer o confronto com o que Paulo disse a cada comunidade, em tempos e circunstâncias diferentes.

CARTA AOS ROMANOS A SALVAÇÃO VEM PELA FÉ INTRODUÇÃO

Nada sabemos sobre a origem da comunidade cristã de Roma, nem sobre as suas condições na época de Paulo. As únicas informações são as que se podem tirar desta carta. Formada talvez por cristãos vindos da Palestina e da Síria, esta comunidade tornou-se conhecida em todo o mundo. Um édito do imperador Cláudio, no ano 49, expulsou de Roma os judeus e, provavelmente, também os cristãos. Priscila e Áquila, um casal judeo-cristão, vítimas dessa expulsão, foram para Corinto, onde se encontraram com Paulo (Act 18,1-3), que realizava a segunda viagem missionária (50-52 d.C.). É através deles que Paulo fica informado sobre a situação dos cristãos em Roma. A partir dessa época, o Apóstolo começa a fazer planos para os visitar pessoalmente. Por ocasião da terceira viagem (57-58 d.C.), encontra-se novamente em Corinto (Act 20,1-3), e projecta ir até à Espanha. Escreve, então, a fim de preparar os cristãos de Roma para a sua tão desejada visita (Rm 15,14-29).

A carta aos Romanos parece ter uma finalidade bem precisa: os temas teológicos tratados e o debate com o judaísmo mostram que Paulo está preocupado em corrigir falsas interpretações a respeito da sua pregação entre os pagãos, provavelmente levadas para Roma por judeus e por cristãos judaizantes (Rm 16,17-18).

O Apóstolo expõe de maneira serena, ordenada e aprofundada, a doutrina que já havia exposto de modo polémico na carta aos Gálatas: a gratuidade da salvação pela fé. Ele mostra que só Deus pode salvar e que salva não apenas os judeus mas toda a Humanidade destruída pelo pecado. E Deus salva através de Jesus Cristo. Ora, para que a Humanidade seja salva, Deus dá-lhe uma amnistia geral, com uma condição: que o homem acredite em Jesus Cristo, manifestação suprema do amor de Deus aos homens, e se torne seu discípulo. A seguir, o Espírito age dentro do homem, assim amnistiado, e constrói nele uma vida nova, que destrói o pecado. Solidarizando-se com Jesus Cristo, princípio da nova humanidade (novo Adão), a Humanidade pode recomeçar o seu caminho e salvar-se.

Paulo quer mostrar aos judeo-cristãos de Roma e a nós que nenhuma lei pode salvar, por melhor que seja, nem mesmo a judaica, pois não consegue destruir o pecado; pelo contrário, ela até alimenta o pecado. Somente a fé que temos em Jesus Cristo é que nos coloca no âmbito da graça e nos possibilita construir, no Espírito, a Humanidade nova.

1,1-7: Paulo ainda não conhece os cristãos de Roma. Por isso, apresenta-se com todos os seus títulos: servo, Apóstolo e escolhido. A sua missão é anunciar o Evangelho, isto é, a Boa Notícia que Deus revela ao mundo, enviando Jesus Cristo para libertar os homens e instaurar o seu Reino. O centro desse Evangelho é, portanto, a pessoa de Jesus na sua vida terrena, morte e ressurreição, que O constituem Senhor do mundo e da História. A originalidade da missão de Paulo é conduzir os pagãos à obediência da fé, ou seja, a uma submissão livre, que os faz viver de acordo com a vontade de Deus, manifestada em Jesus Cristo.

8-15: A intenção de Paulo é ir a Roma para trocar ideias e experiências sobre o Evangelho, compartilhando assim a fé comum.

CARTA AOS ROMANOS

1 Endereço e saudação — 1Paulo, servo de Jesus Cristo, chamado a ser Apóstolo e escolhido para anunciar o Evangelho de Deus, 2que por Deus foi prometido através dos seus profetas nas Santas Escrituras. 3Esse Evangelho refere-se ao Filho de Deus que, como homem, foi descendente de David, 4e, segundo o Espírito Santo, foi constituído Filho de Deus com poder, através da ressurreição dos mortos: Jesus Cristo nosso Senhor. 5Através de Jesus, recebemos a graça de ser Apóstolo, a fim de conduzir dos os povos pagãos à obediência da fé, para a glória do seu Nome. 6Entre eles, estais também vós, chamados por Jesus Cristo. 7Escrevo a todos vós que estais em Roma e que sois amados por Deus e chamados à santidade. Que a graça e a paz da parte de Deus nosso Pai, e do Senhor Jesus Cristo, estejam convosco. Compartilhar a fé — 8Antes de tudo, dou graças ao meu Deus por meio de Jesus Cristo, a respeito de vós, pois a fama da vossa fé espalhou-se pelo mundo inteiro. 9Deus, a quem sirvo no meu espírito anunciando o Evangelho do seu Filho, é testemunha de que sem cessar me lembro de vós, 10e nas minhas Deseja também «recolher algum fruto», isto é, talvez fazer uma colecta em favor dos cristãos necessitados de Jerusalém (15,26-27).

16-17: Paulo enuncia o tema central da carta, que será desenvolvido até 8,39, e que constitui o resumo de toda a sua pregação: o Evangelho é a força de Deus que salva. Condição única para isso é o homem entregar-se a Deus mediante a fé. Pois o homem não tem outro meio para se liber-

tar da condição de pecador: nem a Lei de Moisés, nem ritos, nem sistemas filosóficos, nem poderes cósmicos ou humanos. A fé, porém, não é atitude passiva; é a certeza firme e contínua de que o projecto de Deus se realizou em Jesus Cristo e continua a realizar-se no meio dos homens. A fé leva o fiel a viver uma 405 ROMANOS 1 orações peço sempre que, por vontade de Deus, eu tenha ocasião de poder visitar-vos. 11De facto, tenho muita vontade de vos ver, a fim de vos comunicar algum dom espiritual para vos fortalecer, 12ou melhor, para ser reconfortado convosco e entre vós, através da fé que eu e vós temos em comum. 13Por outro lado, irmãos, quero que saibais que muitas vezes pensei em visitar-vos, mas até agora fui impedido de ir; esperava recolher algum fruto entre vós, como entre outras nações. 14Estou em dívida com gregos e bárbaros, com sábios e ignorantes. 15Deste modo, naquilo que depende de mim, estou pronto para anunciar o Evangelho também a vós que estais em Roma.

O EVANGELHO É FORÇA DE DEUS QUE SALVA

Tema geral — 16Não me envergonho do Evangelho, pois é força de Deus para a salvação de todo aquele que acredita, do judeu em primeiro lugar, mas também do grego. 17De facto, no Evangelho a justiça revela-se única e exclusivamente através da fé, conforme diz a Escritura: «o justo vive pela fé».

A condição dos pagãos — 18A ira de Deus manifesta-se do Céu contra toda a impiedade e injustiça dos homens, que com a injustiça sufocam a nova dinâmica de vida; o homem deixa de ser receptor passivo, e torna-se, juntamente com Deus, agente activo de salvação dentro da História.

18-32: Paulo analisa o sistema de vida dos pagãos. Deus manifesta-Se a todos os homens; estes, porém, tornam-se cegos e surdos, e continuam de acordo com os seus próprios instintos egoístas: «sufocam a verdade com a injustiça» (vv. 18-20). O alicerce de uma sociedade pagã é a idolatria: a absolutização de coisas, verdade. 19Pois aquilo que é possível conhecer de Deus, foi manifestado aos homens; e foi o próprio Deus quem o manifestou. 20De facto, desde a criação do mundo, as perfeições invisíveis de Deus, tais como o seu poder eterno e a sua divindade, podem ser contempladas, através da inteligência, nas obras que Ele realizou. Os homens, portanto, não têm desculpa, 21porque, embora conhecendo a Deus, não O glorificaram como Deus, nem Lhe deram graças. Pelo contrário, perderam-se em raciocínios vazios, e a sua mente ficou obscurecida. 22Pretendendo ser sábios, tornaram-se tolos, 23trocando a glória do Deus imortal por estátuas de homem mortal, de pássaros, animais e répteis. 24Foi por isso que Deus os entregou, conforme os desejos do seu coração, à impureza com que desonram os seus próprios corpos. 25Trocaram a verdade de Deus pela mentira e adoraram e serviram a criatura em lugar do Criador, que é bendito para sempre. Ámen. 26Por isso, Deus entregou os homens a paixões vergonhosas: suas mulheres mudaram a relação natural em relação contra a natureza. 27Os homens fizeram o mesmo: deixaram a relação natural com a mulher e arderam de paixão uns com os outros, cometendo actos torpes entre si, recebendo dessa maneira em si próprios a paga pela sua aberração. 28Os homens desprezaram o conhecimento de Deus; por isso, Deus os abandonou ao sabor de uma mente incapaz de julgar. Deste modo, fazem o que não pessoas e valores (dinheiro, poder, ideias), colocando-os no lugar do Deus verdadeiro (vv. 21-23.25). A idolatria gera a perversão das relações pessoais (vv. 24.26-27) e sociais (vv. 28-31). Numa sociedade idólatra, a injustiça transforma-se em bem, a mentira ocupa o lugar da verdade, e o erro é louvado como virtude (v. 32). 2, 1-11: Paulo analisa agora o sistema de vida dos judeus. Ele é mais severo ainda, e mostra que o judeu não tem força moral para 407 deveriam fazer: 29estão cheios de toda a espécie de injustiça, perversidade, avidez e malícia; cheios de inveja, homicídio, rixas, fraudes e malvadezas; são difamadores, 30caluniadores, inimigos de Deus, insolentes, soberbos, fanfarrões, engenhosos no mal, rebeldes para com os pais, 31insensatos, desleais, gente sem coração e sem misericórdia.

32E apesar de conhecerem o julgamento de Deus, que considera digno de morte quem pratica tais coisas, eles não só as cometem, mas até aprovam quem se comporta assim.

2 A condição do povo judeu não é melhor — 1Homem, tu julgas os outros? Quem quer que tu sejas, não tens desculpa. Pois, se julgas os outros e fazes o mesmo que eles fazem, condenas-te a ti próprio. 2Sabemos, porém, que Deus é justo quando condena os que praticam tais coisas. 3Mas tu, que fazes as mesmas coisas que condenas nos outros, pensas que escaparás ao julgamento de Deus? 4Ou será que desprezas a riqueza da bondade de Deus, da sua paciência e generosidade, desconhecendo que a sua bondade te convida à conversão? 5Pela teimosia e dureza de coração, estás amontoando ira contra ti mesmo para o dia da ira, quando o justo julgamento de Deus se vai revelar, 6retribuindo a cada um conforme as suas próprias acções: 7a vida eterna para aqueles que julgar o pagão. De facto, os judeus receberam a revelação e conhecem a vontade de Deus. Apesar disso, vivem praticamente como os pagãos. Por isso, o julgamento torna-se para eles ainda mais rigoroso (vv. 1-5). De nada adianta professar a fé com palavras e ideias, porque Deus, ao julgar, leva em conta aquilo que o homem pratica, as suas acções concretas (vv. 6-10), sem fazer diferença entre as pessoas.

12-24: Os judeus orgulhosamente consideram-se superiores aos pagãos, por terem a Lei de Moisés, revelada pelo próprio Deus. No entanto, Paulo mostra que a situação de judeus e pagãos é igual: os perseveraram na prática do bem, buscando a glória, a honra e a imortalidade; 8pelo contrário, ira e indignação para aqueles que se revoltam e rejeitam a verdade, para obedecerem à injustiça. 9Haverá tribulação e angústia para todo aquele que pratica o mal, primeiro para o judeu, depois para o grego. 10Mas haverá glória, honra e paz para todo aquele que pratica o bem, primeiro para o judeu, depois para o grego. 11Pois Deus não faz distinção de pessoas. A Lei não melhora a situação — 12Todos os que pecaram sem a Lei, sem a Lei também perecerão. Todos os que pecaram sob o regime da Lei, pela Lei serão julgados. 13Pois não são aqueles que ouvem a Lei que são justos diante de Deus, mas aqueles que praticam o que a Lei manda. 14Os pagãos não têm a Lei. Mas, embora não a tenham, se fazem espontaneamente o que a Lei manda, eles próprios são Lei para si mesmos. 15Assim mostram que os preceitos da Lei estão escritos nos seus corações; a sua consciência também testemunha isso, assim como os julgamentos interiores, que ora os condenam, ora os aprovam. 16É o que vai acontecer no dia em que Deus, segundo o meu Evangelho, vai julgar, por meio judeus serão julgados pela Lei, porque a conhecem; os pagãos serão julgados de acordo com a própria consciência. Não basta conhecer a Lei. O importante é fazer o que a Lei manda. Por isso, diz Paulo, muitos pagãos não conhecem a Lei, mas, na vida prática, fazem o que a Lei exige; por isso, são melhores que os judeus, que conhecem a Lei mas não a praticam. Além do mais, com a sua hipocrisia, os judeus acabam por infamar o próprio Deus (v. 24).

25-29: A circuncisão, uma espécie de operação à fimose, era um sinal externo de pertença ao povo de Deus. Os judeus orgulhavam-se dessa marca física e desprezavam os pagãos, chamando-os «incircuncisos». Paulo mostra que a circuncisão, por si mesma, de nada vale; pois um pagão não circuncidado, que faz o que a Lei manda, é melhor do que o judeu, e até se torna juiz de um circuncidado que não observa a Lei. A circuncisão e a Lei só têm valor quando são de facto 3 de Jesus Cristo, o comportamento secreto dos homens.

17Tu que te dizes judeu, que te apoias sobre a Lei e que colocas o teu orgulho em Deus; 18tu, que conheces a vontade de Deus e que, instruído pela Lei, sabes distinguir o que é melhor; 19tu, que estás convencido de ser o guia dos cegos, a luz daqueles que estão nas trevas, 20o educador dos ignorantes, o mestre das pessoas simples, porque possuis na Lei a própria expressão do conhecimento e da verdade... 21Muito bem! Ensinas

aos outros e não ensinas a ti próprio!

Pregas que não se deve roubar, e tu mesmo roubas! 22Proíbes o adultério, e tu mesmo o cometes! Odeias os ídolos, mas roubas os objectos dos templos!

23Glorias-te da Lei, mas desonras a Deus, transgredindo a Lei! 24Assim diz a Escritura: «Por vossa causa, o Nome de Deus é blasfemado entre os pagãos».

Nem a circuncisão pode salvar — 25A circuncisão é útil quando praticas a Lei; mas, se desobedeces à Lei, é como se não estivesses circuncidado. 26Se um pagão não circuncidado observa os preceitos da Lei, não será tido como circuncidado, ainda que não o seja? 27E o pagão que cumpre a Lei, embora não circuncidado fisicamente, julgar-te-á a ti que desobedeces à Lei, embora tenhas a Lei escrita e a circuncisão. 28De facto, aquilo que faz o judeu não é o que se vê, nem é a marca sinal de justiça e rectidão. O que importa é o sentido de justiça e de fidelidade a Deus; e isso exprime-se numa prática de vida. 3, 1-8: Judeus e pagãos estão sob o domínio do pecado. Apesar disso, os judeus são privilegiados em relação aos pagãos, pois são portadores e guardiães da revelação do Deus verdadeiro e participam da aliança com Ele. A sua infidelidade revela mais ainda a fidelidade de visível na carne que faz a circuncisão. 29Pelo contrário, o que faz o judeu é aquilo que está escondido, e circuncisão é a do coração; e isso vem do espírito e não da letra da Lei. Tal homem recebe aprovação, não dos homens, mas de Deus.

3 Privilégio e responsabilidade dos judeus — 1Então, qual é a superioridade do judeu? Qual é a utilidade da circuncisão? 2Muita, sob todos os aspectos. Em primeiro lugar, porque as revelações de Deus foram confiadas aos judeus. 3E daí? Alguns deles negaram a fé. A sua incredulidade não anula a fidelidade de Deus? 4De modo nenhum! Antes, fica confirmado que Deus é verdadeiro, enquanto todo o homem é mentiroso, conforme diz a Escritura:

«Para que sejas reconhecido como justo nas tuas palavras e triunfes quando fores julgado».

5Se a nossa injustiça realça a justiça de Deus, o que é que podemos dizer? Que Deus é injusto, quando descarrega sobre nós a sua ira? Falo como os homens costumam falar. 6De maneira alguma! Se assim fosse, como poderia Deus julgar o mundo? 7Mas se através da minha mentira resplandece mais a verdade de Deus para sua glória, então porque sou julgado como pecador? 8Porque não haveríamos de fazer o mal, para que venha o bem? Aliás, alguns caluniadores afirmam que nós ensinamos isso. Essas pessoas merecem condenação.

Deus (vv. 1-4). Contudo, os judeus são responsáveis pelos próprios pecados, e Deus tem o direito de os julgar (vv. 5-8).

9-20: Apesar de privilegiados, os judeus não podem orgulhar-se em relação aos pagãos, porque segundo a Escritura todos os homens são pecadores (vv. 9--19). Paulo afirma que a observância da Lei não torna ninguém justo,

IX

D o m .

C o m u

411 ROMANOS 3-4

Todos são pecadores — 9E então? Nós, judeus,

somos porventura superiores? De modo nenhum!

Pois acabámos de provar que todos estão debaixo do

império do pecado, tanto os judeus como os gregos,

10como diz a Escritura:

11Não há homem justo,

não há um sequer.

Não há homem sensato,

não há quem busque a Deus.

12Todos se desviaram,

e juntos se corromperam;

não há quem faça o bem,

não há um sequer.

13A sua garganta é um túmulo aberto,

com a língua armam ciladas;

em seus lábios há veneno de cobra.

14A sua boca está cheia de maldições e de amargor.

15Os seus pés são velozes

para derramar sangue;

16ruína e desgraça

enchem os seus caminhos.

17Não conhecem o caminho da paz,

pois a função da Lei é apenas tornar o homem consciente do seu próprio pecado. De facto, as leis aparecem quando há exageros ou desvios; elas apresentam uma norma a ser observada, mas não dão nenhuma força nova para superar a origem dos exageros e desvios (v. 20).

21-26: A força nova para superar a origem dos exageros e desvios é o projecto de Deus, testemunhado pelo Antigo Testamento (Lei e Profetas) e realizado em Jesus Cristo. Pela sua misericórdia e fidelidade, Deus liberta do pecado todos os homens. E isso é dom gratuito, é amnistia geral que, para se concretizar na vida dos homens, espera apenas a resposta da fé.

ROMANOS 4 412

18e não aprenderam a temer a Deus.

19Sabemos que tudo o que a Lei diz se aplica aos que vivem debaixo da Lei. Isso para que todos calem a boca e o mundo inteiro se reconheça culpado diante de Deus. 20Porque ninguém se tornará justo diante de Deus através da observância da Lei, pois a função da Lei é dar consciência do pecado.

A justiça pela fé — 21Agora, porém, independente da Lei, manifestou-se a justiça de Deus, testemunhada pela Lei e pelos Profetas. 22A justiça de Deus realiza-se através da fé em Jesus Cristo, para todos aqueles que acreditam. E não há distinção: 23todos pecaram e estão privados da glória de Deus, 24mas tornam-se justos gratuitamente pela sua graça, mediante a libertação realizada por meio de Jesus Cristo. 25Deus destinou-O a ser a vítima que, mediante o seu próprio sangue, nos consegue o perdão, contanto que acreditemos. Assim Deus manifestou a sua justiça, pois antes deixava pecar sem intervir: 26eram os tempos da paciência de Deus.

Mas, no tempo presente, Ele manifesta a sua justiça para ser justo e para tornar justo quem tem fé em

Jesus.

Só a fé nos torna justos — 27Então, onde está o motivo de se gloriar? Foi eliminado. Por qual lei? Pela lei das obras? Não, pela lei da fé. 28Pois esta é a nossa tese: o homem torna-se justo através 27-31: Paulo nega a auto-suficiência do homem, que tem a pretensão de se salvar a si mesmo. A salvação é dom de Deus realizado por Jesus, e não fruto do esforço humano. A Lei agora revela-se na sua verdadeira função: mostrar que todos são pecadores e necessitam da salvação gratuita, que só se realiza através da fé em Jesus.

X

D o m .

C o m u

413 ROMANOS 4-5

da fé, sem a observância da Lei. 29Então, será que Deus só é Deus dos judeus? Não será também Deus dos pagãos? Sim, Ele é Deus também dos pagãos. 30De facto, há um só Deus que justifica, pela fé, tanto os circuncidados como os não circuncidados. 31Então, pela fé anulamos a Lei? De modo nenhum! Pelo contrário, nós confirmamo-la.

4 Abraão, pai dos que têm fé — 1E m vista disto, que vantagem podemos dizer que obteve Abraão, pai da nossa raça? 2Se Abraão se tornou justo pelas suas obras, tem algo de que se gloriar, mas não diante de Deus. 3De facto, o que diz a Escritura? «Abraão teve fé em Deus, e isso foi-lhe creditado como justiça». 4Para quem trabalha, o salário não é considerado como gratificação, mas como dívida; 5para quem não trabalha, mas acredita n'Aquele que torna justo o ímpio, a sua fé é-lhe creditada como justiça. 6É desse modo que David proclama feliz o homem a quem Deus credita 4 , 1-12: Abraão, antepassado dos judeus, é o exemplo da gratuidade da fé. Ele foi considerado justo, não por ter realizado obras, mas porque acreditou em Deus, como diz David no Salmo 32. Abraão

foi justificado antes de ser circuncidado, e a circuncisão tornou-se um sinal externo da justiça que ele já tinha recebido através da fé.

Portanto Abraão é pai de todos os que têm fé, tanto judeus como pagãos.

13-17: Em vista da justiça que vem da fé, Abraão recebeu gratuitamente de Deus a promessa de se tornar herdeiro do mundo.

Ora, a promessa feita a Abraão permanece e é transmitida como herança aos seus descendentes. Todavia, os autênticos descendentes e herdeiros são aqueles que Deus justifica através da fé, como fez com Abraão, e não os que se limitam a observar a Lei.

18-25: Ter fé e entregar a própria vida a Deus é esperar contra toda a esperança. Abraão acreditou que ia ser pai quando a sua velhice
III Dom.

Quares

m a

ROMANOS 5 414

a justiça, independentemente das obras:

7«Felizes aqueles cujas ofensas foram perdoadas e cujos pecados foram cobertos.

8Feliz o homem a quem o Senhor não leva em conta o pecado».

9Essa felicidade é só para os circuncidados ou é também para os não circuncidados? Nós dizemos que

a fé foi creditada a Abraão como justiça. 10Mas,

quando é que lhe foi creditada? Quando já era circuncidado, ou quando ainda não era? Certamente

não depois da circuncisão, mas antes. 11De facto, ele

recebeu o sinal da circuncisão como selo da justiça que vem da fé, que ele já tinha obtido quando ainda não

era circuncidado. Assim é que ele se tornou pai de

todos os não circuncidados que acreditam, para que a

justiça fosse creditada também para estes; 12e

tornou-se pai também dos circuncidados, daqueles

que não só receberam a

circuncisão, mas que

também seguem o caminho da

fé percorrido por Abraão,

nosso pai, antes de ter sido circuncidado.

Os herdeiros de Abraão — 13Não foi por causa

da Lei, mas por causa da justiça da fé que a promessa de receber o mundo em herança foi feita a Abraão ou à sua descendência. 14Se os herdeiros recebem a herança por causa da Lei, a fé não tem sentido e a e a esterilidade de Sara diziam o contrário. A justiça de Abraão é a fé confiante de que Deus pode realizar tudo o que promete. Nós também somos justificados por Deus quando acreditamos que Ele ressuscitou Jesus Cristo dentre os mortos, para nos livrar da morte do pecado e nos dar a vida nova.

5, 1-11: Justificados pela fé em Jesus Cristo, estamos em paz com Deus; por isso, começamos a viver a esperança da salvação. Essa

XII Dom.

C o m u m
ano A

I Dom.

Quares

m a

XI Dom.

C o m u m
ano A

415 ROMANOS 5-6

promessa fica anulada. 15De facto, a Lei provoca a ira; mas, onde não há Lei, também não há transgressão. 16A herança, portanto, vem através da fé, para que seja gratuita e para que a promessa seja garantida a toda a descendência, não só à descendência segundo a Lei, mas também à descendência segundo a fé de Abraão, que é o pai de todos nós. 17De facto, a Escritura diz: «Constituí-te pai de muitas nações». Abraão é o nosso pai perante Aquele em quem acreditou, o Deus que dá vida aos mortos e que chama à existência aquilo que não existe.

O que é ter fé — 18Esperando contra toda a esperança, Abraão acreditou e tornou-se o pai de muitas nações, conforme lhe foi dito: «Assim será a tua descendência». 19Ele não fraquejou na fé, embora já visse o próprio corpo sem vigor — ele tinha quase cem anos — e o ventre de Sara já estivesse amortecido.

20Diante da promessa divina, não duvidou, mas

foi fortalecido pela fé e deu glória a Deus. 21Ele estava plenamente convencido de que Deus podia realizar o que havia prometido. 22Eis o motivo pelo qual isso lhe foi creditado como justiça. 23Ora, não é para um só que está escrito: «Isso foi-lhe creditado»; 24mas também para nós. Será igualmente creditado para nós, pois acreditamos n'Aquele que ressuscitou dos mortos, Jesus nosso Senhor, 25o qual foi entregue à morte pelos nossos pecados e foi ressuscitado para nos tornar justos.

esperança é vivida no meio de uma luta perseverante, ancorada na certeza, garantida pelo Espírito Santo que nos foi dado (vv. 1-5). Deus manifestou o seu amor em Jesus Cristo, que morreu por nós quando ainda éramos pecadores (vv. 6-8). Agora que já fomos reconciliados podemos crer com maior razão e esperar que seremos salvos pela vida-ressurreição de Jesus (vv. 9-11).

XIII

D o m .

C o m u m

ROMANOS 6 416

5 O motivo da nossa esperança — 1Assim, justificados pela fé, estamos em paz com Deus, por meio de nosso Senhor Jesus Cristo. 2Por meio d'Ele e através da fé, temos acesso à graça, em que nos mantemos e nos gloriamos, na esperança da glória de Deus. 3E não só isso. Nós gloriamo-nos também nas tribulações, sabendo que a tribulação produz a perseverança, 4a perseverança produz a fidelidade comprovada, e a fidelidade comprovada produz a esperança. 5E a esperança não engana, pois o amor de Deus foi derramado em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado. 6De facto, quando ainda éramos fracos, Cristo, no momento oportuno, morreu pelos ímpios. 7Difícilmente se encontra alguém disposto a morrer em favor de um justo; talvez haja alguém que tenha coragem de morrer por um homem de bem. 8Mas Deus demonstra o seu amor para connosco porque Cristo morreu por nós quando ainda éramos pecadores.

9Assim, tornados justos pelo sangue de Cristo, com maior razão seremos salvos da ira por meio d'Ele.

10Se quando éramos inimigos fomos reconciliados com Deus por meio da morte do seu Filho, muito mais agora, já reconciliados, seremos salvos pela sua vida. 11E não só isso. Também nos gloriamos em Deus por meio de nosso Senhor Jesus Cristo, do qual obtivemos agora a reconciliação.

O termo «tribulação», que aparece muitas vezes no Novo Testamento, refere--se às opressões e repressões de que é vítima o povo de Deus. Opressões e repressões por parte dos poderes humanos, que procuram reduzir o alcance do testemunho cristão para que não abale a estrutura vigente na sociedade.

12-21: Paulo contrapõe duas figuras, dois reinos e duas consequências: Adão-Cristo, pecado-graça; morte-vida. Adão é o início e a personificação da humanidade mergulhada no reino do pecado e que caminha para a morte; Cristo, o novo Adão, é início e personificação da Humanidade introduzida no reino da graça e que

417 ROMANOS 6-7

A vida supera a morte — 12Assim como o pecado entrou no mundo através de um só homem e com o pecado veio a morte, assim também a morte atingiu todos os homens, porque todos pecaram. 13De facto, já antes da Lei existia pecado no mundo, embora o pecado não possa ser levado em conta quando não existe Lei.

14Ora, a morte reinou de Adão até Moisés, mesmo sobre aqueles que não haviam pecado, cometendo uma transgressão igual à de Adão, que é figura d'Aquele que devia vir.

15O dom da graça, porém, não é como a falta. Se todos morreram devido à falta de um só, muito mais abundantemente se derramou sobre todos a graça de Deus e o dom gratuito de um só homem, Jesus Cristo.

16Também não acontece com o dom da graça, como aconteceu com o pecado de um só que pecou: a partir do pecado de um só, o julgamento levou à condenação, enquanto que, a partir de numerosas faltas, o dom da graça levou à justificação. 17Porque se através de um só homem reinou a morte por causa da falta de um só,

com muito mais razão reinarão na vida aqueles que recebem a abundância da graça e do dom da justiça, por meio de um só: Jesus Cristo. 18Portanto, assim como pela falta de um só resultou a condenação para todos os homens, do mesmo modo foi pela justiça de um só que resultou para todos os homens a justificação que dá a caminha para a vida. Paulo não está interessado nas semelhanças entre Cristo e Adão. Ele contrapõe-os, apenas para mostrar a supremacia de Cristo e do reino da graça sobre Adão e o reino do pecado; pois o dom de Deus supera de longe o pecado dos homens.

6, 1-11: Jesus foi morto por um sistema social injusto, pecaminoso e mortal. Mas Deus ressuscitou-O para sempre, condenando assim o sistema que matou Jesus. Pela fé e o batismo, o cristão participa na morte e ressurreição de Jesus. Por outras palavras, cristão é aquele que

ROMANOS 7 418

vida. 19Assim como, pela desobediência de um só homem, todos se tornaram pecadores, do mesmo modo, pela obediência de um só, todos se tornarão justos.

20A Lei sobreveio para dar plena consciência da falta; mas, onde foi grande o pecado, foi bem maior a graça, 21para que, assim como o pecado havia reinado através da morte, do mesmo modo a graça reine através da justiça para a vida eterna, por meio de nosso Senhor Jesus Cristo.

6 Morte e vida com Jesus Cristo — 1Que diremos então? Devemos permanecer no pecado para que haja abundância da graça? 2De modo nenhum! Uma vez que já morremos para o pecado, como poderíamos ainda viver no pecado? 3Ou não sabeis que todos nós, que fomos batizados em Jesus Cristo, fomos batizados na sua morte? 4Pelo batismo fomos sepultados com Ele na morte, para que, assim como Cristo foi ressuscitado dos mortos por meio da glória do Pai, assim também nós passa por uma transformação radical: rompe com o sistema pecaminoso, gerador de injustiça e morte, e ressuscita para viver uma vida nova, a fim de construir uma sociedade nova que promova a justiça e a vida.

12-14: Ressuscitando para viver sob o regime da graça concedida por Deus através de Jesus Cristo, os cristãos devem viver em clima de

conversão, de contínua passagem da morte para a vida. Trata-se de não mais se prestarem como instrumentos de uma sociedade que produz injustiça e morte, mas de se entregarem ao serviço de Deus, oferecendo-se a si mesmos como instrumentos que realizem o projecto de Deus na História. Por outras palavras: entregar-se de corpo e alma à luta para implantar um sistema social, em que a justiça e a vida sejam o centro e o fundamento. Sobre os cristãos o pecado nunca mais terá voz nem poder.

15-23: Paulo radicaliza o que disse antes: o cristão não deve ser apenas instrumento, mas escravo de Deus e da justiça; deve ser alguém que se empenha total e exclusivamente na realização do

419 ROMANOS 7

possamos caminhar numa vida nova. 5Se permanecermos completamente unidos a Cristo com morte semelhante à sua, também permaneceremos com ressurreição semelhante à d'Ele. 6Sabemos muito bem que o nosso homem velho foi crucificado com Cristo, para que o corpo de pecado fosse destruído e assim já não sejamos mais escravos do pecado. 7De facto, quem está morto está livre do pecado. 8Mas, se estamos mortos com Cristo, acreditamos que também viveremos com Ele, 9pois sabemos que Cristo, ressuscitado dos mortos, já não morre; a morte já não tem poder sobre Ele. 10Porque, morrendo, Cristo morreu de uma vez por todas para o pecado; vivendo, Ele vive para Deus. 11Assim também vós considerai-vos mortos para o pecado e vivos para Deus, em Jesus Cristo.

Instrumentos da justiça e da vida — 12Que o pecado não reine no vosso corpo mortal, submetendo-vos às suas paixões. 13Não ofereçais os membros como instrumento de injustiça para o pecado. Pelo contrário, oferecei-vos a Deus como pessoas vivas, que voltaram dos mortos; e oferecei os membros como instrumento da justiça para Deus.

14Pois o pecado não vos dominará nunca mais, porque já não estais debaixo da Lei, mas sob a graça.

Escravos de Deus e da justiça — 15E daí?

Devemos cometer pecados, porque já não estamos

debaixo da Lei, mas sob a graça? De modo nenhum!

projecto de Deus. E, nesse serviço, não existe relação comercial, como no pecado: a recompensa é dom gratuito de Deus, que é a própria vida.

7,1-6: Paulo repete o seu pensamento, usando agora uma comparação. Quando morre o marido, a mulher fica livre da lei que a unia a ele. Com o cristão sucede a mesma coisa: pelo baptismo fica

ROMANOS 8 420

16Não sabeis que, oferecendo-vos a alguém como escravos para lhe obedecerdes, vos tornais escravos daquele a quem obedeceis, seja do pecado que leva à morte, seja da obediência que conduz à justiça?

17Damos graças a Deus, porque éreis escravos do pecado, mas obedecestes de coração ao ensinamento

básico que vos foi transmitido. 18Assim, livres do

pecado, tornastes-vos escravos da justiça. 19Falo

com palavras simples por causa da vossa fraqueza.

Assim como antes colocastes os vossos membros ao serviço da imoralidade e da desordem que conduzem à revolta contra Deus, agora ponde os vossos membros ao serviço da justiça para a vossa santificação.

20Quando éreis escravos do pecado, éreis livres em relação à justiça. 21Que frutos colhestes então?

Frutos de que agora vos envergonhais, pois o seu fim

é a morte. 22Mas agora, livres do pecado e

tornados escravos de Deus, dais frutos

que conduzem à santificação e o fim deles

é a vida eterna. 23Pois a morte é o salário

do pecado, mas o dom gratuito de Deus é a

vida eterna em Jesus Cristo, nosso

Senhor.

livre da Lei, pois morreu com Cristo para o pecado e ressuscitou para uma vida nova.

Os «instintos egoístas» (literalmente «carne») são os desejos e projectos do homem fechado no seu egoísmo, fonte de todos os pecados: é a vida do homem voltado para si mesmo, colocando tudo ao serviço dos próprios caprichos e interesses. Daí nasce a corrupção das relações humanas e a promoção de um sistema social que institucionaliza as relações injustas, nas quais um homem explora e oprime o outro. O regime novo do Espírito é precisamente o contrário:

a exemplo de Jesus Cristo, o homem não vive já para si, mas para Deus e para o bem do outro. O projecto de Deus, que é justiça e fraternidade entre os homens, torna-se o projecto de uma nova ordem social, e esta supera o sistema injusto.

7-13: A Lei de Moisés é santa, justa e boa, porque a sua finalidade

V Dom.

Quares

m a

XIV

D o m .

C o m u m

421 ROMANOS 8

7 O cristão liberto da Lei — 1 Ou não sabeis,

irmãos, — falo a pessoas competentes em

matéria de lei — que a lei tem domínio sobre alguém

só enquanto ele vive? 2 Por exemplo: a mulher casada

está ligada por lei ao marido enquanto este vive; mas,

se ele morre, ela fica livre da lei conjugal. 3 Por isso,

enquanto o marido está vivo, se ela se tornar mulher

de outro homem, será chamada adúltera. Mas, se o

marido morre, está livre em relação à lei, de modo

que não será adúltera se casar com outro homem.

4 Meus irmãos, o mesmo acontece convosco: pelo

corpo de Cristo, morrestes para a Lei, a fim de

pertencerdes a outro, que ressuscitou dos mortos, e

assim produzirdes frutos para Deus. 5 De facto,

quando vivíamos submetidos a instintos egoístas, as

paixões pecaminosas serviam-se da Lei para agir em

nossos membros, a fim de que produzíssemos frutos

para a morte. 6 Mas agora, morrendo para aquilo que

nos aprisionava, fomos libertos da Lei, a fim de

servirmos sob o regime novo do Espírito, e não sob o

velho regime da letra.

A lei e o pecado — 7 Que diremos

então? Que a Lei é pecado? De modo

nenhum! Mas eu não teria conhecido o

pecado se não existisse a Lei, nem teria

conhecido a cobiça se a Lei não tivesse dito: «Não

é corrigir os erros de uma sociedade injusta e, assim, construir uma

sociedade nova. Como lei, porém, ela só pode prescrever isto e proibir aquilo, sem eliminar o egoísmo, o pecado que é a raiz da estrutura social injusta. Pelo contrário, ordenando e proibindo, a Lei dá a consciência dos erros e provoca ainda mais o egoísmo, fazendo com que o homem desobedeça conscientemente à Lei a que deveria obedecer.

14-25: Usando o artifício de falar em primeira pessoa, Paulo

XV Dom.

C o m u m

ano A

ROMANOS 8 422

cobiçarás». 8Mas o pecado aproveitou a ocasião desse mandamento e despertou em mim toda a espécie de cobiça, porque, sem a Lei, o pecado está morto.

9Antes eu vivia sem a Lei; mas, quando veio o mandamento, o pecado reviveu, 10e eu morri. O

mandamento que devia dar a vida tornou-se para mim motivo de morte. 11Porque o pecado aproveitou a ocasião do mandamento, seduziu-me e, através dele, matou-me.

12A Lei é santa e o mandamento é santo, justo e bom.

13Então uma coisa boa transformou-se em morte para mim? De modo nenhum! Foi o pecado que fez isso. Pois o pecado, através do que é bom, produziu em mim a morte, a fim de que o pecado, por meio do mandamento, aparecesse em toda a sua gravidade.

A força do pecado — 14Sabemos que a Lei é espiritual, mas eu sou humano e fraco, vendido como escravo ao pecado. 15Não consigo entender nem mesmo o que faço; pois não faço aquilo que quero, mas aquilo que mais detesto. 16Ora, se faço o que não quero, reconheço que a Lei é boa; 17portanto, não sou eu que faço, mas é o pecado que mora em mim. 18Sei

convida cada um de nós a olhar para si mesmo e para a sociedade, a fim de descobrir o drama que se desenrola dentro da condição humana. O homem está dividido entre o egoísmo e o amor, entre servir a si mesmo e servir os outros. Mas o egoísmo predomina e, através da

presença e da acção de cada um, acaba por alastrar e perverter as relações sociais. A sociedade torna-se então desumana, injusta e perversa. Quem poderá libertar-nos deste «corpo de morte»?

8,1-13: A libertação do homem foi realizada por Cristo não como acto vindo de fora, mas como obra que se realiza a partir de dentro.

Cristo encarnou, trazendo o Espírito de Deus para dentro da própria condição humana, que é dominada pelo egoísmo. Deste modo, o homem pode seguir a Cristo que passou da morte para a ressurreição,

XVI

D o m .

C o m u m

XVII

D o m .

C o m u m

423 ROMANOS 8

que o bem não mora em mim, isto é, nos meus instintos egoístas. O querer o bem está em mim, mas não sou capaz de fazê-lo. 19 Não faço o bem que quero, mas o mal que não quero. 20 Ora, se faço aquilo que não quero, não sou eu que o faço, mas é o pecado que mora em mim.

21 Assim, encontro em mim esta lei:

quando quero fazer o bem, acabo por

encontrar o mal. 22 No meu íntimo, eu

amo a Lei de Deus; 23 mas vejo nos meus

membros outra lei que luta contra a lei da minha

razão e que me torna escravo da lei do pecado que está

nos meus membros.

24 Infeliz de mim! Quem me libertará deste corpo de

morte? 25 Sejam dadas graças a Deus, por meio de

Jesus Cristo, nosso Senhor. Assim, pela razão sirvo

a Lei de Deus, mas pelos instintos

egoístas sirvo a lei do pecado.

8 A vida no Espírito — 1 Agora,

porém, já não existe nenhuma

condenação para aqueles que estão em Jesus Cristo.

2 A lei do Espírito, que dá a vida em Jesus Cristo,

libertou-nos da lei do pecado e da morte. 3 Deus

tornou possível aquilo que para a Lei era impossível,

porque os instintos egoístas tornaram-na impotente.

Ele enviou o seu próprio Filho numa condição semelhante à do pecado, em vista do pecado, e assim condenou o pecado na sua carne mortal. 4Deus fez isto para que a justiça exigida pela Lei se realizasse em passando do egoísmo para a doação de si aos outros. A entrada do Espírito de Deus no homem, através de Cristo, determina uma renovação, pela qual o homem sente, pensa e age conforme a vontade de Deus. Em lugar da lei dos instintos egoístas, surge a «lei do Espírito que dá a vida». Trata-se de um novo dinamismo interior que, com a própria força de Deus, liberta o homem da tirânica «lei do pecado e da morte». Em lugar do pecado ou egoísmo, que determina o ser e o agir do homem, existe agora o Espírito ou Amor; em lugar da morte, existe

II Dom.

Quaresma

ano B

XVIII

D o m .

C o m u m

ROMANOS 9 424

nós, que vivemos segundo o Espírito e não sob o domínio dos instintos egoístas.

5Os que vivem segundo os instintos egoístas inclinam-se para os instintos egoístas; mas os que vivem segundo o Espírito inclinam-se para aquilo que é próprio do Espírito. 6Os desejos dos instintos egoístas levam à morte; enquanto os desejos do Espírito levam à vida e à paz.

7De facto, os desejos dos instintos egoístas estão em revolta contra Deus, porque não se submetem à Lei de Deus; e nem podem, 8porque os que vivem segundo os instintos egoístas não podem agradar a Deus.

9Uma vez que o Espírito de Deus habita em vós, já não estais sob o domínio dos instintos egoístas, mas sob o Espírito, pois quem não tem o Espírito de Cristo não Lhe pertence. 10Se Cristo está em vós, o corpo está morto por causa do pecado, e o Espírito é vida por causa da justiça. 11Se o Espírito d'Aquele que

ressuscitou Jesus dos mortos habita em vós, Aquele

q u e

ressuscitou Cristo dos mortos também dará a vida aos

vossos corpos mortais, por meio do seu Espírito que

habita em vós.

12Portanto, irmãos, nós somos devedores, mas não

dos instintos egoístas para vivermos de acordo com

a vida. A unidade entre querer o bem e realizá-lo é recomposta. A

situação desesperadora do homem é superada. Com isso, as relações

sociais podem ser refeitas e a estrutura social injusta e opressora pode

ser vencida.

14-17: Contrapondo-se ao egoísmo, a acção do Espírito cria um

novo tipo de relacionamento dos homens entre si e com Deus: a

relação de família. Agora podemos chamar Pai a Deus, pois somos seus

filhos. E isto é a base para as relações sociais recompostas: o clima de

família alastra-se, porque todos são irmãos. A herança prometida por

Deus aos «que são guiados pelo Espírito» consiste em participar no

XIX

D o m .

C o m u m

425 ROMANOS 9

eles. 13Se viveis segundo os instintos egoístas,

morrereis; mas se com

a ajuda do Espírito fazeis morrer as obras do corpo,

v i v e -

reis.

Filhos e herdeiros — 14Todos os que são guiados

pelo Espírito de Deus são filhos de Deus. 15Vós não

r e c e b e s t e s

um Espírito de escravos para recair no medo, mas

recebes-tes um Espírito de filhos adoptivos, por

meio do qual clamamos: Abbá! Pai! 16O próprio

Espírito assegura ao nosso espírito que somos filhos

de Deus. 17E, se somos filhos, somos também

herdeiros: herdeiros de Deus, herdeiros com Cristo,

uma vez que, tendo participado nos seus sofrimentos,

também participaremos da sua glória.

Esperando um mundo novo — 18Penso que os

sofrimentos do momento presente não se comparam

com a glória futura que deverá ser revelada em nós.

19A própria Criação espera com impaciência a manifestação dos filhos de Deus. 20Entregue ao poder do nada — não por sua própria vontade, mas por vontade d'Aquele que a submeteu — a Criação abriga a esperança, 21pois ela também será liberta da escravidão da corrupção, para participar da liberdade e da glória dos filhos de Deus.

Reino. Mas isto implica a seriedade de um testemunho, como o de Jesus Cristo.

18-27: A luta contra o egoísmo é possível para aqueles que entraram no âmbito do Espírito. Esta luta não terminou, mas está em contínuo processo: vivemos na esperança de conseguir a vitória final. Este anseio é universal e expressa-se nos clamores da Natureza e do homem. A Natureza espera ser libertada do uso egoísta, para ser

ROMANOS 10 426

22Sabemos que toda a Criação tem gemido e sofrido dores de parto até agora. 23E não somente ela, mas também nós, que possuímos os primeiros frutos do Espírito, gememos no íntimo, esperando a adopção, a libertação do nosso corpo. 24Na esperança, já fomos salvos. Ver o que se espera, já não é esperar: como se pode esperar o que já se vê? 25Mas, se esperamos o que não vemos, é na perseverança que o aguardamos.

26Do mesmo modo, também o Espírito vem em auxílio da nossa fraqueza, pois nem sabemos o que nos convém pedir; mas o próprio Espírito intercede por nós com gemidos inefáveis. 27E Aquele que sonda os corações sabe quais são os desejos do Espírito, pois o Espírito intercede pelos cristãos de acordo com a vontade de Deus.

O projecto de Deus — 28Sabemos que todas as coisas concorrem para o bem dos que amam a Deus, daqueles que são chamados segundo o seu projecto.

29Aqueles que Deus antecipadamente conheceu, também os predestinou a serem conformes à imagem do seu Filho, para que Este fosse o primogénito entre muitos irmãos. 30E aqueles que Deus predestinou, também os chamou. E aos que chamou, também os

tornou justos. E aos que tornou justos, também os glorificou.

Ninguém pode impedir o projecto de Deus

— 31O que nos resta dizer? Se Deus está a nosso favor, partilhada e colocada ao serviço de todos. Os homens esperam ser libertos de toda a exploração e opressão que escravizam os seus corpos, a fim de sempre mais se colocarem gratuitamente ao serviço dos irmãos. Entretanto, a salvação plena é uma realidade futura e inimaginável. Cegos pelo sistema egoísta, muitas vezes não

427 ROMANOS 10

quem estará contra nós? 32Ele não poupou o seu próprio Filho, mas entregou-O por todos nós. Como não havia de nos dar também todas as coisas com o seu Filho?

33Quem acusará os escolhidos de Deus?

É Deus quem torna justo! 34Quem condenará?

Jesus Cristo? Ele que morreu, ou melhor, que ressuscitou, que está à direita de Deus e intercede por nós?

35Quem nos poderá separar do amor de Cristo? A tribulação, a angústia, a perseguição, a fome, a nudez, o perigo, a espada? 36Como diz a Escritura: «Por tua causa somos entregues à morte o dia inteiro, somos considerados como ovelhas destinadas ao matadouro».

37Mas, em todas estas coisas somos mais do que vencedores por meio d'Aquele que nos amou. 38Estou convencido de que nem a morte nem a vida, nem os anjos nem os principados, nem o presente nem o futuro, nem os poderes 39nem as forças das alturas ou das profundidades, nem qualquer outra criatura, nada nos poderá separar do amor de Deus, manifestado em Jesus Cristo, nosso Senhor.

FIDELIDADE DE DEUS

E INCREDELIDADE DE ISRAEL

conseguimos ver o caminho. É o clamor do Espírito que nos dirige então, orientando-nos conforme a vontade de Deus.

28-30: O projecto eterno de Deus é predestinar, chamar, tornar justo e glorificar a cada um e a todos os homens, fazendo com que

todos se tornem imagem de seu Filho e se reúnam como a grande família de Deus. O projecto não exclui ninguém. Mas o homem é livre: pode aceitar ou recusar tal projecto, pode escolher a vida ou a morte, salvar-se ou condenar-se.

31-39: Como o amor de Deus, manifestado em seu Filho, nada mais temos a temer: nem dificuldades, nem perseguições, nem martírio, nem qualquer forma de dominação. Nada poderá desfazer o I Dom.

Quares

m a

ROMANOS 10-11 428

9 Os privilégios de Israel — 1Digo a verdade em Cristo, não minto, e disso me dá testemunho a minha consciência pelo Espírito Santo: 2tenho uma grande dor e um contínuo sofrimento no coração.

3Sim, eu gostaria de ser amaldiçoado e separado de Cristo em favor dos meus irmãos de raça e sangue.

4Eles são israelitas e possuem a adopção filial, a glória, as alianças, a legislação, o culto e as promessas;

5deles são os patriarcas e deles nasceu Cristo segundo a condição humana, o qual está acima de tudo.

Deus seja bendito para sempre. Ámen.

O verdadeiro Israel — 6A palavra de Deus, porém, não falhou, pois nem todos os nascidos de Israel são Israel, 7e nem todos os descendentes de Abraão são filhos de Abraão. Não: «É de Isaac que sairá a descendência de Abraão». 8Isto é, não é a geração natural que torna filhos de Deus, mas os filhos da promessa é que são considerados descendentes. 9De facto, as palavras da promessa são estas: «Por essa época voltarei, e Sara terá um filho». 10E isto não é tudo. Também Rebeca concebeu de um só homem, de Isaac, nosso pai. 11Quando os filhos dela ainda não haviam nascido e nada tinham feito de bem ou de mal — isto para que ficasse confirmada a liberdade da escolha de Deus, 12dependendo não das obras, mas d'Aquele que chama — então foi dito a Rebeca: «O mais velho será servo do mais novo», 13como diz a Escritura: «Amei mais a

Jacob do que a Esaú».

que Deus já realizou. Nada poderá impedir o testemunho dos cristãos.

E nada poderá opor-se à plena realização do projecto de Deus.

9,1-5: Nos capítulos 9-11, Paulo analisa a situação do povo de Israel, procurando responder à difícil questão: «Não é uma contradição

429 ROMANOS 11

A soberana liberdade de Deus — 14Que

diremos então? Que Deus é injusto? De modo

nenhum! 15Ele mesmo disse a Moisés: «Farei

misericórdia a quem entendo usar de misericórdia, e

terei piedade de quem entendo ter piedade».

16Portanto, a escolha não depende da vontade ou do

esforço do homem, mas da misericórdia de Deus.

17Por isso a Escritura diz ao Faraó: «Eu

fiz-te nascer precisamente para em ti

mostrar o meu poder e para que o meu

Nome seja celebrado em toda a Terra».

18Portanto, Deus usa de misericórdia com quem quer

e endurece a quem quer.

19Dir-me-ás então: «Porque é que Deus ainda se

queixa? Quem pode resistir à sua vontade?» 20Mas,

quem és tu, homem, para discutires com Deus?

Porventura o vaso de barro diz ao oleiro: «Porque me

fizeste assim?» 21Acaso o oleiro não é dono da argila,

para fazer com a mesma massa dois vasos, um para uso

nobre e outro para uso comum? 22Ora, Deus quis

manifestar a sua ira e mostrar o seu poder, suportando

com muita paciência os vasos da ira, já prontos

para a perdição. 23Deus assim fez para mostrar a

riqueza da sua glória para com os vasos de

misericórdia, que Ele havia preparado para a glória,

24isto é, para conosco, a quem Deus chamou, não só

dentre os judeus, mas também dentre os pagãos...

25Como Ele diz em Oseias: «Chamarei Meu-Povo

àquele que não é meu povo, e Amada àquela que não é

o facto de o próprio povo escolhido, portador da História da salvação,

ter rejeitado Jesus e se ter excluído da salvação?» Este problema

escandalizava judeus e pagãos e comprometia o êxito do Evangelho.

6-13: Os privilégios ou promessas de Deus a Israel não falharam. O

verdadeiro Israel, herdeiro das promessas, não são os filhos carnis de Abraão, mas aqueles que têm fé, como ele teve. Além disso, Deus XX Dom.

C o m u m

ano A

ROMANOS 11 430

amada. 26E acontecerá que, no mesmo lugar onde lhes foi dito: "Vós não sois o meu povo", aí mesmo serão chamados filhos do Deus vivo». 27E quanto a Israel, Isaías proclama: «Mesmo que o número dos israelitas seja como a areia do mar, o resto é que será salvo; 28porque Deus cumprirá a sua palavra sobre a Terra com plenitude e rapidez». 29E ainda como Isaías havia predito: «Se o Senhor dos Exércitos não nos tivesse deixado uma descendência, ficaríamos como Sodoma e tornar-nos-íamos como Gomorra».

O erro de Israel — 30O que diremos então? Os pagãos, que não procuravam a justiça, alcançaram a justiça, mas a justiça que vem da fé; 31ao passo que Israel procurava uma lei que lhe trouxesse a justiça, mas não conseguiu essa lei. 32Porquê? Porque não a procurou através da fé, mas através das obras. Esbarraram na pedra de tropeço, 33conforme diz a Escritura: «Eis que eu ponho em Sião uma pedra de tropeço, uma pedra de escândalo; mas quem acreditar nela não será confundido».

10 Um zelo pouco esclarecido — 11Irmãos, o desejo do meu coração e a súplica que faço a Deus, em favor deles, é que se salvem.

2Pois eu dou testemunho de que eles têm

zelo por Deus, mas um zelo pouco

escolhe quem Ele quer para o colocar ao seu serviço, a fim de assegurar a realização do seu projecto na História.

14-29: Neste texto não devemos procurar uma doutrina fatalista sobre a predestinação. Paulo apenas salienta os imprevisíveis chamamentos de Deus, que age soberanamente, escolhendo homens e povos como instrumentos do seu projecto. Ao escolher, Deus é soberanamente livre; não é obrigado nem a ter misericórdia nem a punir. Isto não quer dizer que Deus seja injusto. Um vaso reclama

contra o oleiro? Pode o homem pedir contas a Deus? Os profetas anunciaram tanto a salvação dos pagãos como a eleição de Israel.

XXI

D o m .

C o m u m

431 ROMANOS 11-12

esclarecido. 3Desconhecem a justiça de Deus e procuram afirmar a própria justiça e, assim, não se submetem à justiça de Deus. 4Pois o fim da Lei é Cristo, para que todo aquele que acredita se torne justo.

O Evangelho é acessível a todos — 5Moisés assim descreve a justiça que vem da Lei: «Quem praticar os preceitos da Lei, viverá por meio deles».

6Mas a justiça que vem da fé diz o seguinte: «Não perguntes a ti mesmo: “Quem subirá ao Céu?” Isto é: para fazer Cristo descer.

7Ou: “Quem descerá ao abismo?” Isto é: para fazer Cristo subir dos mortos».

8Mas, afinal, o que diz a Escritura? «A palavra está perto de ti, na tua boca e no teu coração». Isto é: a palavra da fé que nós pregamos.

9Pois se confessas com a boca que Jesus é o Senhor, e acreditas com o coração que Deus O ressuscitou dos mortos, serás salvo. 10É acreditando de coração que se obtém a justiça, e é confessando com a boca que se chega à salvação. 11De facto, a Escritura diz: «Todo aquele que acredita n'Ele não será confundido». 12Não

há distinção entre judeu e grego, pois Ele é o Senhor

9,30-10,4: Ao procurar a salvação numa Lei, os judeus entraram num beco sem saída: não foram capazes de observar nem de compreender que a finalidade e realização dessa Lei era Jesus Cristo.

Os pagãos, sem o instrumento da Lei, passaram directamente para a fé em Jesus Cristo; Ele é a finalidade e realização da Lei: Ele é o único apoio seguro para se alcançar a salvação.

10,5-13: Não é preciso fazer grandes esforços (subir ao Céu ou descer aos abismos) para conhecer a vontade de Deus, porque Deus veio ao nosso encontro em Jesus Cristo. O Evangelho da salvação é acessível a todos sem distinção, e está pronto para ser acolhido, a fim

de libertar o homem e o conduzir a uma vida nova. O seu conteúdo fundamental é este: Jesus é o Senhor da vida, porque Deus O ressuscitou dos mortos. E esse anúncio supõe apenas que o homem

XXII

D o m .

C o m u m

ROMANOS 12 432

de todos, rico para com todos aqueles que O invocam.

13Porque todo aquele que invoca o Nome do Senhor será salvo.

Israel não acolheu o Evangelho — 14Ora, como poderão invocar Aquele em quem não acreditaram?

Como poderão acreditar, se não ouvirem falar d'Ele?

E como poderão ouvir, se não houver quem O

anuncie? 15Como poderão anunciar se ninguém for

enviado? Como diz a Escritura: «Como são belos os

pés daqueles que anunciam boas notícias!» 16Mas nem

todos obedeceram ao Evangelho. Isaías diz: «Senhor,

quem acreditou na nossa pregação?» 17A fé depende,

portanto, da pregação, e a pregação é o anúncio da

palavra de Cristo. 18Agora, pergunto: Será que eles

não ouviram? Ao contrário: pela Terra inteira

correu a voz deles e as suas palavras foram até aos

confins do mundo. 19Pergunto ainda: Será que Israel

não entendeu? Moisés já dizia: «Farei com que

tenhais ciúmes de um povo que não é povo; provocarei

a vossa ira contra um povo insensato».

20Isaías até ousa dizer: «Fui encontrado por aqueles

que não Me procuravam; manifestei-Me àqueles que

não perguntavam por Mim». 21Enquanto que, sobre

Israel, Isaías diz: «Todos os dias estendi as minhas

mãos a um povo desobediente e rebelde».

11 Deus não rejeitou Israel — 1Pergunto

então: Será que Deus rejeitou o seu povo? De

modo nenhum! Eu também sou israelita, da

acredite em Jesus, Lhe dê a sua adesão e O testemunhe na vida

prática.

14-21: Deus preparou tudo para conduzir Israel à salvação. Faltou

apenas o último elo da corrente, precisamente aquele que dependia da

disposição de Israel: a fé. Este povo, preparado para o encontro com

433 ROMANOS 12-13

descendência de Abraão, da tribo de Benjamim. 2 Deus

não rejeitou o seu povo, que Ele conheceu desde o

princípio. Ou não sabeis o que a Escritura diz na

passagem em que Elias acusa Israel diante de Deus?

3 «Senhor, mataram os teus profetas, arrasaram os

teus altares; fiquei apenas eu, e ainda procuram

tirar-me a vida». 4 O que é que a voz divina lhe

respondeu? «Reservei para Mim sete mil homens

que não dobraram o joelho diante de Baal».

5 É o que continua a acontecer hoje: sobrou um

resto, conforme a livre escolha da graça. 6 E isso

acontece pela graça, e não pelas obras; de contrário,

a graça já não seria graça.

7 Que dizer então? Israel não conseguiu aquilo que

procurava, mas os escolhidos conseguiram. Os

demais ficaram

endurecidos, 8 como diz a Escritura: «Deus deu-lhes

um espírito de torpor, olhos para não verem e

ouvidos para não ouvirem, até ao dia de hoje». 9 E

David diz: «Que a mesa deles se transforme em

cilada, em armadilha, em motivo de tropeço e justo

castigo. 10 Que os seus olhos fiquem escuros para não

verem, e faz com que as suas costas fiquem sempre

encurvadas».

Deus, não compreendeu a sua palavra. Deus, então, foi encontrado por

aqueles que não O procuravam, os pagãos.

11,1-10: Ao contrário do que se poderia crer, Deus não rejeitou

Israel. Assim como um «resto» permaneceu fiel no tempo de Elias,

agora também há israelitas que acreditam no Evangelho, garantindo

deste modo a continuidade do projecto de Deus na História.

11-15: Mal acolhido por grande parte de Israel, o Evangelho pode

ser anunciado aos pagãos, e assim a Igreja liberta-se do regime

judaico. Este facto deveria provocar o ciúme de Israel e chamar a sua

atenção para Cristo. Paulo espera e entrevê a conversão de Israel

como uma ressurreição.

16-24: Os pagãos convertidos seriam tentados a desprezar os

ROMANOS 13-14 434

Israel e a salvação dos pagãos —

11Agora pergunto: Será que tropeçaram para ficarem caídos? De modo nenhum!

Mas assim aconteceu para que a queda de Israel tornasse possível a salvação para os pagãos, e para que Israel ficasse com ciúme. 12Ora, se a queda de Israel se tornou riqueza para o mundo e se a sua decadência se tornou riqueza para os pagãos, o que não será a total participação de Israel na salvação!

13Portanto, digo-vos a vós, pagãos: como Apóstolo dos pagãos, honro o meu ministério, 14para ver se provoco o ciúme dos que pertencem à minha raça e se consigo salvar alguns deles. 15Pois se o facto de serem rejeitados trouxe a reconciliação do mundo, o efeito da sua reintegração será a ressurreição dos mortos.

A raiz sustenta a árvore — 16Se os primeiros frutos são santos, toda a massa também será santa; se a raiz é santa, os ramos também serão santos. 17Se alguns ramos foram cortados, e tu, oliveira bravia, foste enxertada no lugar deles e agora recebes a seiva das raízes, 18não te envaideças nem desprezes os ramos. Se te orgulhas, debes saber que não és tu que sustentas a raiz, mas é a raiz que te sustenta. 19Pode-

XXIII

D o m .

C o m u m

I Dom.

Advento

ano A

judeus. Paulo, então, lembra que o cristianismo nasceu do povo judaico e que os pagãos convertidos são como que um enxerto no povo de Deus. E ainda mostra, pela mesma comparação, que os judeus podem aderir ao Evangelho e produzir frutos com maior facilidade, pois pertencem à raiz original. Por outro lado, também os pagãos convertidos correm o perigo de perder a fé e ser cortados do tronco em que foram enxertados.

25-32: O povo de Israel não foi rejeitado para sempre, porque Deus

não volta atrás na sua escolha. O futuro da salvação permanece aberto

ao povo da promessa. Através de uma História misteriosa, o Senhor

435 ROMANOS 14

rás dizer: «Os ramos foram cortados para eu ser

enxertada». 20Certamente! Mas eles foram cortados

por causa da sua falta de fé, enquanto tu permaneces

firme pela fé. Não fiques cheia de soberba, mas de

temor, 21porque, se Deus não poupou os ramos

naturais, também não te poupará a ti.

22Considera, portanto, a bondade e severidade de

Deus: severidade para com aqueles que caíram, mas

bondade de Deus para contigo, com a condição, porém,

de que sejas fiel a essa bondade. De outro modo,

também serás cortada. 23Quanto a eles,

se não permanecerem na falta de fé,

serão enxertados, pois Deus é capaz de os

enxertar de novo. 24Pois, se tu foste

cortada de uma oliveira bravia e contra a natureza

foste enxertada numa oliveira boa, tanto mais eles

poderão ser enxertados na própria oliveira boa à qual

pertencem.

Deus não volta atrás — 25Irmãos, não quero

que ignoreis este mistério, para que não vos torneis

convencidos: o endurecimento de uma parte de Israel

vai durar até que chegue a plenitude das nações.

26Então, todo o Israel será salvo, como diz a

Escritura: «De Sião sairá o Libertador, Ele vai tirar

as impiedades de Jacob; 27essa será a minha aliança

com eles, quando Eu perdoar os seus pecados».

continua a guiá-lo, para mostrar a todos que Ele salva porque ama, pois

a sua misericórdia é dirigida a todos.

33-36: Contemplando o final da História, quando a Humanidade

toda se reúne, salva por Deus, Paulo tem exclamações de admiração e

de adoração.

12,1-2: A vida cristã é resposta à misericórdia de Deus e abrange

toda a existência concreta do homem, representada pelo corpo como

centro de vida e acção e de relação com Deus, com os homens e com

o mundo. Cada cristão oferece-se a si mesmo, sendo ele próprio o

XXIV

D o m .

C o m u m

ROMANOS 14-15 436

28 Quanto ao Evangelho, eles são inimigos, para vossa vantagem; mas, quanto à eleição, eles são amados, por causa dos patriarcas, 29 porque os dons e o chamamento de Deus são irrevogáveis. 30 Vós fostes desobedientes a Deus, e agora, pela desobediência deles, conseguistes misericórdia. 31 Do mesmo modo, também eles agora desobedeceram, a fim de que, pela misericórdia feita a vós, eles também obtenham misericórdia para eles. 32 Deus encerrou todos na desobediência, para ser misericordioso com todos.

As decisões de Deus são insondáveis —

33 Como é profunda a riqueza, a sabedoria e a ciência de Deus! Como são insondáveis as suas decisões, e como são impenetráveis os seus caminhos! 34 Quem poderá compreender o pensamento do Senhor? Quem foi o seu conselheiro? 35 Quem Lhe emprestou alguma coisa, para que Ele tenha algo a devolver? 36 Porque todas as coisas vêm d'Ele, por meio d'Ele e vão para Ele. A Ele pertence a glória para sempre. Ámen.

A VIDA CRISTÃ

12 O culto autêntico — 1 Irmãos, pela misericórdia de Deus, peço que ofereçais os vossos corpos como sacrifício vivo, santo e sacerdote e o sacrifício vivo. Tal sacerdócio é exercido de modo prático através do não-conformismo, que critica as estruturas corrompidas pela injustiça, e através de um discernimento novo que sabe distinguir a vontade de Deus que leva à justiça e à vida.

3-8: A vida na comunidade cristã tem como exigência básica o abandono da pretensão de ser o maior ou o mais importante, para se colocar com simplicidade ao serviço dos outros. Todos precisam de cada um, e cada um precisa de todos. A graça que Deus concede a cada um é o próprio modo de ser de cada pessoa. E esse modo de ser,

437 ROMANOS 15

agradável a Deus. Este é o vosso culto autêntico. 2 Não vos amoldeis às estruturas deste mundo, mas transformai-vos pela renovação da mente, a fim de

distinguir qual é a vontade de Deus: o que é bom, o que Lhe é agradável, o que é perfeito.

A comunidade é um corpo vivo —

3Em nome da graça que me foi concedida, eu digo a cada um de vós: não tenhais de vós mesmos conceito maior do que convém, mas um conceito justo, de acordo com a fé, na medida que Deus concedeu a cada um. 4Num só corpo há muitos membros, e esses membros não têm todos a mesma função. 5O mesmo acontece connosco: embora sendo muitos, formamos um só corpo em Cristo, e, cada um por sua vez, é membro dos outros.

6Mas temos dons diferentes, conforme a graça concedida a cada um de nós. Quem tem o dom da profecia, deve exercê-lo de acordo com a fé; 7se tem o dom do serviço, que o exerça servindo; se do ensino, que ensine; 8se é de aconselhar, aconselhe; se é de distribuir donativos, faça-o com simplicidade; se é de presidir à comunidade, faça-o com zelo; se é de exercer misericórdia, faça-o com alegria.

As relações dentro e fora da comunidade —

9Que o vosso amor seja sem hipocrisia: detestai o mal e que é iluminado pela fé, coloca-se à disposição das necessidades dos outros, a fim de que todos possam crescer, mediante a contribuição de cada um (cf. nota em 1Cor 12,12-31).

9-21: Paulo expõe as linhas mestras do comportamento cristão, principalmente no que se refere à vida comunitária. A vida cristã deve ser inteiramente penetrada de sincero amor fraterno que, sem fraquezas ou simulações, enfrente todas as situações, sem excluir ninguém, nem os inimigos. Os vv. 9-13.15-16 referem-se ao amor

II Dom.

Advento

ano A

ROMANOS 15 438

apegai-vos ao bem; 10no amor fraterno, sede carinhosos uns com os outros, rivalizando na mútua estima. 11Quanto ao zelo, não sejais preguiçosos; sede fervorosos de espírito, servindo ao Senhor. 12Sede alegres na esperança, pacientes na tribulação e perseverantes

na oração. 13Sede solidários com os cristãos

nas suas necessidades e aperfeiçoi-vos na prática da

h o s p i t a l i d a d e .

14Abençoai os que vos perseguem; abençoai e não

amaldiçoeis. 15Alegrai-vos com os que se alegram e

chorai com os que choram. 16Vivei em harmonia uns

com os outros. Não vos deixeis levar pela mania de

grandeza, mas afeiçoi-vos às coisas modestas. Não

vos considereis sábios. 17Não pagueis a ninguém o

mal com o mal; a vossa preocupação seja fazer o bem

a todos os homens. 18Se for possível, no que depende

de vós, vivei em paz com todos. 19Amados, não façais

justiça por própria conta, mas deixai a ira de Deus

agir, pois o Senhor diz na Escritura: «A Mim

pertence a vingança; Eu mesmo vou retribuir».

20Mas, se o teu inimigo tiver fome, dá-lhe de comer;

se tiver sede, dá-lhe de beber; desse modo, farás o

outro corar de vergonha. 21Não te deixes vencer pelo

mal, mas vence o mal com o bem.

entre os irmãos da comunidade; os vv. 14.17-21 falam do amor para

com os que não pertencem à comunidade.

13,1-7: Paulo escreve a uma comunidade perseguida pelo poder

político, tentada por isso a negar radicalmente a função da autoridade

política. O que Paulo diz não deve ser tomado como legitimação de

qualquer autoridade política ou forma de sociedade; ele apenas mostra

o fundamento, a função e, ao mesmo tempo, o limite de uma

autoridade política. A autoridade, por direito, só pertence à natureza

de Deus. Só Ele é Senhor e juiz absoluto sobre os homens. A autoridade

política encontra o seu fundamento numa participação funcional

439 ROMANOS 15-16

13 A comunidade e a autoridade política

— 1Submetei-vos todos às autoridades

constituídas, pois não há autoridade que não venha de

Deus, e as que existem foram instituídas por Deus.

2Quem se opõe à autoridade, opõe-se à ordem

estabelecida por Deus. Aqueles que se opõem, atraem

sobre si a condenação.

3Na verdade, os que governam não devem ser

temidos quando se faz o bem, mas quando se faz o mal.

Se não queres ter medo da autoridade, faz o bem, e ela te elogiará. 4A autoridade é o instrumento de Deus para teu bem, mas, se praticas o mal, teme, pois não é à toa que a autoridade usa a espada: quando castiga, ela está ao serviço de Deus, para manifestar a sua ira contra o malfeitor. 5Por isso, é preciso submeter-se, não só por medo do castigo, mas também por dever de consciência.

6É também por isso que pagais impostos, pois os que têm esse encargo são funcionários de Deus. 7Dai a cada um o que lhe é devido: o imposto e a taxa, a quem deveis imposto e taxa; o temor, a quem deveis temor; a honra, a quem deveis honra.

O amor é o pleno cumprimento da Lei — 8Não fiqueis a dever nada a ninguém, a não ser o amor mútuo. Pois, quem ama o próximo cumpriu plenamente a Lei. 9De facto, os mandamentos: não cometerás adultério, não matarás, não roubarás, não cobiçarás, e todos os outros, resumem-se nesta na autoridade de Deus, em vista do bem comum. A sua função é servir o povo, promovendo a justiça, zelando pelo direito e impedindo os abusos. Os seus limites dependem do seu próprio fundamento e função: a autoridade não pode usurpar o lugar de Deus, pretendendo-se absoluta ou divina; nem pode servir-se a si mesma, oprimindo e explorando o povo.

8-10: Na vida cristã a única tarefa que não tem limites é o amor, sentença: «Amarás o teu próximo como a ti mesmo».

10O amor não pratica o mal contra o próximo, pois o amor é o pleno cumprimento da Lei.

A madrugada de um tempo novo — 11Comportai-vos desta maneira, principalmente porque conheceis o tempo, e já é hora de acordardes: a nossa salvação está agora mais próxima do que quando começámos a acreditar. 12A noite vai avançada e o dia está próximo. Deixemos, portanto, as obras das trevas e vistamos as armas da luz. 13Vivamos honestamente, como em pleno dia: não em orgias e bebedeiras, prostituição e libertinagem, brigas e ciúmes.

14Mas revesti-vos do Senhor Jesus Cristo, e não

sigais os desejos dos instintos egoístas.

1 4 Não litigar por coisas secundárias —

1Acolhei o fraco na fé sem lhe criticar os

escrúpulos. 2Um acredita que pode comer de tudo;

outro, sendo fraco, só come legumes. 3Quem come de

tudo, não despreze quem não come. E quem não come,

não julgue aquele que come, porque Deus acolhe-o

assim mesmo. 4Quem és tu para julgar um servo

alheio? Se ele fica de pé ou cai, isso é lá com o patrão

dele; mas ele ficará de pé, pois o Senhor é poderoso

para o sustentar. 5Há quem faça diferença entre um

dia e outro, enquanto outro acha que todos os dias são

iguais. Cada qual siga a sua convicção. 6Quem

distingue o dia, faz isso em honra do Senhor. Quem

come de tudo, fá-lo em honra do Senhor, porque

agradece a Deus. E quem não come, não come em

honra do Senhor, e também agradece a Deus. 7Porque

nenhum de vós vive para si mesmo, e ninguém morre

para si mesmo. 8Se vivemos, é para o Senhor que

vivemos; se morremos, é para o Senhor que

ROMANOS 16 440

441 ROMANOS 16

morremos. Quer vivamos, quer

morramos, pertencemos ao Senhor.

9Cristo morreu e voltou à vida para ser o

Senhor dos mortos e dos vivos.

Só Deus pode julgar — 10Quanto a ti, porque

julgas o teu irmão? E porque desprezas o teu irmão?

Todos nós devemos comparecer diante do tribunal de

Deus. 11Porque a Escritura diz: «Por minha vida, diz

o Senhor, diante de Mim se dobrará todo o joelho, e

toda a língua dará glória a Deus». 12Portanto, cada um

de nós prestará contas de si mesmo a Deus.

13Deixemos, portanto, de nos julgar uns aos outros.

Pelo contrário, preocupai-vos em não ser causa de

tropeço ou escândalo para o irmão. 14Sei e estou

convencido no Senhor Jesus: nada é impuro por si

mesmo. Mas, se alguém acha que alguma coisa é

impura, essa coisa torna-se impura para ele.

Não escandalizar o irmão — 15Se, por questão

de alimento, entristeces o teu irmão, não estás a agir

com amor. Portanto, o alimento que comes não seja

causa de perdição para aquele por quem Cristo

morreu. 16Não deis motivo a que outros falem mal

daquilo que para vós é bom. 17O Reino de Deus não é

questão de comida ou bebida; é justiça, paz e alegria

no Espírito Santo. 18Quem serve a Cristo nessas coisas

agrada a Deus e é estimado pelos homens.

19Portanto, busquemos sempre as coisas que trazem

paz e edificação mútua. 20Não destruas a obra de Deus

por uma questão de comida! Todas as coisas são puras.

Mas é mau que um homem coma provocando escândalo.

pois ele não só resume tudo o que deve ser feito, mas é também o

IV Dom.

Advento

ano B

espírito com que tudo deve ser feito. Como nos evangelhos, Paulo

também vê o amor como a expressão perfeita de toda a Lei.

11-14: Liberto do egoísmo que corrompe a pessoa e a sociedade,

o cristão já vive a madrugada de um tempo novo. A vinda de Jesus

Cristo dissipa a longa noite da injustiça e do pecado. O cristão deve

acordar, preparado para viver e testemunhar o dia da libertação

inaugurado por Jesus.

14,1-9: A comunidade cristã, que verdadeiramente tem um

objectivo e procura realizá-lo com convicção, não se perde em

questões secundárias; estas podem provocar desunião e dispersar as

forças necessárias para se atingir a meta proposta. E o principal na

vida cristã é viver para Deus, dando testemunho de Jesus Cristo. Nas

coisas secundárias, cada um deve agir segundo a sua própria

convicção.

10-14: O julgamento humano é parcial e corre sempre o risco de

ser injusto. Só Deus pode julgar objectivamente, porque só Ele

conhece o íntimo do homem e os seus actos. Diante de Deus, cada um

deverá responder por si mesmo. Cada um, portanto, deve aprofundar

e esclarecer a própria consciência, vivendo segundo as convicções que

tem.

15-23: Cada um deve viver a fé com autenticidade, seguindo a

própria consciência e agindo conforme as próprias convicções. O

cristão, porém, está inserido no contexto maior da convivência fraterna, onde o amor preside a todos os relacionamentos e impede que um irmão seja motivo de escândalo ou ofensa para o outro. Até as coisas mais lícitas devem ser deixadas de lado, quando entra em jogo o crescimento mútuo em vista do Reino de Deus, Reino que é «justiça, paz e alegria no Espírito Santo» (cf. nota em 1Cor 10,23-11,1).

15,1-6: Os cristãos mais conscientes não devem usar a sua força e prestígio para impor aos outros a própria opinião e conseguir poderes sobre a comunidade. Não foi esse o modo de proceder de Jesus Cristo, que veio para servir e dar a vida. O respeito e o bem do outro é o maior sinal do cristão consciente.

7-13: O acolhimento mútuo no amor é o caminho para que as mentalidades diferentes não quebrem a união da comunidade. Assim fez Cristo, que acolheu judeus e pagãos num só povo. Além disso, a comunidade não deve julgar que o facto de pertencer ao povo de Deus seja privilégio que a separa dos outros; antes, é fonte de responsabilidade, pois a vocação da comunidade é acolher a todos como irmãos, testemunhando assim o projecto divino de reunir todos os homens.

14-21: Paulo fala do seu ministério em termos de sacerdócio. Não um sacerdócio que se realiza junto do altar, mas através da evangelização, que reúne os homens na fé e na solidariedade com o mistério da morte e ressurreição de Cristo.

ROMANOS 442

22-33: A comunidade de Jerusalém era formada por cristãos provenientes do judaísmo. Para Paulo, a colecta material feita pelos pagãos em favor dessa comunidade pobre é sinal visível da unidade da Igreja que reúne, ao mesmo tempo, cristãos vindos do judaísmo e cristãos vindos do paganismo. Além disso, a colecta é a resposta à obrigação assumida anteriormente (cf. Gl 2,10; notas em 2Cor 8-9).

16,1-24: As Igrejas estão unidas entre si, não por laços jurídicos, mas pelas relações entre pessoas que partilham a mesma fé. Há nomes gregos, romanos e judaicos, e até se percebem diferenças de condição social. Deste modo, a lista testemunha a diversidade interna das pessoas reunidas na comunidade cristã de Roma. Ao mesmo tempo, pode-se perceber a diversidade de trabalhos e funções que mantêm viva a comunidade. Note-se a menção de Febe, mulher que é diaconisa.

25-27: O louvor exprime a alegria da Igreja que já vive o tempo em que se realiza o mistério da salvação (cf. nota em Ef 3,1-13).

443 ROMANOS

21É melhor não comer carne, nem beber vinho ou qualquer outra coisa, quando isso é ocasião de tropeço, escândalo e queda para o irmão. 22Guarda para ti, diante de Deus, a convicção que tens. Feliz aquele que não se condena a si mesmo na decisão que toma. 23Mas quem duvida e assim mesmo toma o alimento é condenado, pois o seu comportamento não provém de uma convicção. E tudo o que não provém de uma convicção é pecado.

15 Colocar-se ao serviço do outro — 1Nós, que somos os fortes, devemos suportar a fraqueza dos fracos, e não procurarmos o que nos agrada. 2Cada um de nós procure agradar ao seu próximo. 3Cristo não procurou agradar a Si mesmo; pelo contrário, como diz a Escritura: «Os insultos daqueles que Te insultam caíram sobre Mim». 4Ora, tudo isto que foi escrito antes de nós, foi escrito para nossa instrução, para que, em virtude da perseverança e consolação que as Escrituras nos dão, conservemos a esperança.

5O Deus da perseverança e da consolação conceda que tenhais os mesmos sentimentos uns com os outros, a exemplo de Jesus Cristo. 6E assim vós, juntos e a uma só voz, dai glória ao Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo.

Acolhimento mútuo — 7Acolhei-vos uns aos outros, como Cristo vos acolheu, para a glória de Deus. 8Digo-vos que Cristo Se tornou servidor dos judeus em vista da fidelidade de Deus, a fim de cumprir as promessas feitas aos patriarcas. 9As nações pagãs, porém, dão glória a Deus por causa da misericórdia d'Ele, conforme diz a Escritura: «Por isso eu Te celebrarei entre as nações pagãs e cantarei ROMANOS 444

hinos ao teu Nome». 10A Escritura também diz: «Nações pagãs, alegrai-vos com o povo de Deus». 11E diz ainda: «Nações pagãs todas, louvai ao Senhor, e todos os povos O celebrem». 12E Isaías também diz:

«Aparecerá o rebento de Jessé, Aquele que Se levanta para governar as nações pagãs. N'Ele as nações pagãs colocarão a sua esperança».

13Que o Deus da esperança vos encha de completa alegria e paz na fé, para que transbordeis de esperança, pela força do Espírito Santo.

CONCLUSÃO

O sacerdócio de Paulo — 14Meus irmãos, também eu estou pessoalmente convencido de que estais cheios de bondade e repletos de todo o conhecimento, para vos corrigirdes uns aos outros. 15Todavia, escrevi-vos, em parte com certa ousadia, para vos reavivar a memória, em vista da graça que me foi concedida por Deus. 16Sou ministro de Jesus Cristo entre os pagãos, e a minha função sagrada é anunciar o Evangelho de Deus, a fim de que os pagãos se tornem oferta aceite e santificada pelo Espírito Santo.

17Tenho, portanto, motivo para me orgulhar em Jesus Cristo a propósito da obra de Deus. 18Eu não ousaria mencionar nada, a não ser o que Cristo fez, através de mim, para levar os pagãos à obediência pela palavra e pela acção, 19mediante o poder dos sinais e prodígios, pelo poder do Espírito de Deus. Assim, desde Jerusalém e seus arredores até à Ilíria, levei a cabo o anúncio do Evangelho de Cristo. 20Fiz questão de anunciar o Evangelho onde o Nome de Cristo ainda não havia sido anunciado, a fim de não

445 ROMANOS

construir sobre alicerces que outro havia colocado. 21Deste modo, faço o que a Escritura diz: «Aqueles aos quais não tinha sido anunciado, verão; e os que não tinham ouvido, compreenderão».

Planos de Paulo — 22Foi este o motivo que muitas vezes me impediu de vos visitar. 23Mas agora já não tenho tanto campo de acção nestas regiões. E porque há muitos anos tenho grande desejo de vos visitar, 24quando eu for para a Espanha, espero ver-vos por ocasião da minha passagem. Espero também receber

a vossa ajuda para ir até lá, depois de ter desfrutado um pouco a vossa companhia. 25Agora vou a Jerusalém prestar um serviço aos cristãos. 26A Macedónia e a Acaia resolveram fazer uma colecta em favor dos cristãos pobres da comunidade de Jerusalém. 27Resolveram fazer isso, porque lhes são devidores. De facto, se os pagãos participaram nos bens espirituais dos judeus, têm obrigação de os ajudar nas suas necessidades materiais. 28Quando eu tiver concluído essa tarefa e tiver entregue oficialmente o fruto da colecta, irei para a Espanha, passando por aí. 29Sei que, indo até vós, irei com a plenitude da bênção de Cristo.

30Irmãos, por nosso Senhor Jesus Cristo e pelo amor do Espírito, peço que luteis comigo nas orações que dirigis a Deus em meu favor. 31Rezai para que eu escape dos infiéis que estão na Judeia e para que o meu serviço a favor de Jerusalém seja bem aceite por aquela comunidade. 32Assim, se Deus quiser, poderei visitar-vos com alegria e descansar um pouco aí entre vós. 33Que o Deus da paz esteja com todos vós. Ámen.

ROMANOS 446

CARTAS DE SÃO PAULO

Carta aos Tessalonicenses

FÉ, AMOR E ESPERANÇA

INTRODUÇÃO

Redigida em Corinto no Inverno de 50-51, esta carta é o primeiro documento escrito do Novo Testamento e do cristianismo. Atingido pela perseguição, Paulo teve que deixar à pressa a cidade de Filipos. Dirigiu-se a Tessalónica (Act 16,19-40), grande cidade comercial e ponto de encontro para muitos pensadores e pregadores das mais diversas filosofias e religiões. Paulo anuncia o Evangelho e forma aí um pequeno

grupo. Mas, perseguido, tem que fugir (cf. Act 17,1-10) e o seu trabalho corre o risco de se esvaziar perante as inúmeras propostas dessa grande cidade. Então, de Atenas, ele envia os seus colaboradores, Timóteo e Silas, para visitarem e trazerem notícias dessa comunidade perseguida. Timóteo e Silas encontram Paulo em Corinto. Ao receber deles a notícia de que a comunidade de Tessalónica continuava fervorosa e activa, escreve esta carta para comunicar a sua alegria e estimular a perseverança da comunidade. Nesta carta, Paulo também procura responder a algumas questões que preocupam a comunidade de Tessalónica. Uma é o problema da vinda gloriosa de Cristo. Os tessalonicenses pensavam que essa vinda se realizaria em breve, e perguntavam: Os que já morreram, será que não vão participar desse grande acontecimento? Paulo mostra que, no fim da História, tanto os mortos como os vivos estarão reunidos para viverem sempre com Cristo ressuscitado. A esperança é para todos, e todos participarão da vitória de Cristo sobre o mal e sobre a morte.

O Apóstolo relembra que a vida cristã é espera activa do Senhor. A espera, formada de fé e perseverança, leva a construir a comunidade no amor. Ela faz olhar para o alto e para o fim da História, mas também leva os fiéis a empenharem-se com todos os outros homens nas realidades terrestres, como o respeito pelo corpo e pelo trabalho. Uma espera que não deixa de reforçar a fidelidade ao Senhor, porque o Céu nada mais será do que a plena manifestação da realidade que os cristãos já começam a viver no presente da História: a união com o Senhor para sempre.

¹Endereço e saudação — ¹Paulo, Silvano e Timóteo à Igreja dos Tessalonicenses, que está em Deus Pai e no Senhor Jesus Cristo. Para vós, graça e paz. Agradecimento: a vida cristã — ²Agradecemos continuamente a Deus por todos vós, sempre que nos lembramos de vós nas nossas orações. ³Com efeito, diante de Deus nosso Pai lembramo-nos sempre da fé activa, do amor capaz de sacrifícios e da firme esperança que depositais em nosso Senhor Jesus Cristo.

O anúncio provoca conversão — ⁴Irmãos amados por Deus, sabemos que fostes escolhidos por Ele. ⁵De facto, o Evangelho que pregámos não foi apresentado somente com palavras, mas com poder, com o Espírito Santo e com plena convicção. Sabeis o que fizemos entre vós para vosso bem. ⁶E imitastes o nosso exemplo e o exemplo do Senhor, acolhendo a Palavra com a alegria do Espírito Santo, apesar de tantas tribulações. ⁷Assim vos tornastes modelo para todos os fiéis da Macedónia e da Acaia. ⁸Partindo de vós, a Pala-vra do Senhor propagou-se, não apenas pela Macedónia e Acaia, mas também por toda a parte se espalhou a fé que tendes em Deus, de modo que sobre isto nada precisamos de dizer. ⁹Eles mesmos falam do acolhimento que tivemos entre vós, e de como vos convertestes, deixando os ídolos e voltando-vos para Deus, a fim de servir ao Deus vivo e verdadeiro. ¹⁰Falam também de como esperais que Jesus venha do Céu, o Filho de Deus, a quem Deus ressuscitou dentre os mortos. É Ele que nos liberta da ira futura.

2O comportamento do agente de pastoral — ¹Irmãos, vós acolhestes-nos e bem sabeis que não foi em vão. ²Apesar de maltratados e insultados em Filipos, como sabeis, encontrámos no nosso Deus a coragem de vos anunciar o Evangelho de Deus no meio de forte oposição. ³É que a nossa pregação não nasce do erro, nem de segundas intenções, nem de esperteza. ⁴Pelo contrário: Deus achounos dignos de nos confiar o Evangelho,

11,1: A Igreja é a comunidade cristã local formada pelas pessoas que acreditam em Deus e se comprometem com o testemunho de Jesus Cristo.

2-3: Cf. nota em Cl 1,3-8.

4-10: Sobre a tribulação, cf. nota em Rm 5,1-11. Paulo relembra o primeiro anúncio (querigma) que provocou a conversão dos tessalonicenses. Conforme os vv. 9-10, esse primeiro anúncio do Evangelho era um convite à mudança radical: deixar os ídolos para servir unicamente ao Deus vivo. Os ídolos são valores considerados absolutos mas que, na realidade, sustentam uma estrutura de sociedade baseada na opressão e exploração do corpo e da consciência do homem. Servir ao Deus vivo é comprometer-se com Jesus Cristo, que manifesta na História a presença e acção do Deus verdadeiro, o qual está comprometido com a libertação e a vida do homem. A conversão é um processo contínuo na História. O cristão dá o seu testemunho, animado sempre pela espera da plena manifestação de Jesus Ressuscitado.

2,1-12: Descrevendo a sua acção missionária entre os Tessalonicenses, Paulo indica as atitudes fundamentais de um agente de pastoral: coragem de anunciar o Evangelho, mesmo que precise de enfrentar fortes oposições de grupos interesseiros; não agir com segundas intenções, à moda de espertalhões que aproveitam da sua função para se promoverem à custa de adulações; não abusar da própria autoridade, mas ter profundo amor pela comunidade, mesmo

com perigo de vida; não colocar o dinheiro como motivação do apostolado. Por fim, a regra suprema: fazer com que a vida da comunidade seja testemunho da presença do Reino de Deus. O agente de pastoral tem a coragem de invocar a comunidade e até o próprio Deus como testemunhas da sua rectidão (v. 10).

13-16: Paulo apresenta os critérios de autenticidade da comunidade cristã: o acolhimento da Palavra de Deus, que leva as pessoas a converterem-se e a formarem comunidade; o testemunho que, através da presença e da acção, actualiza a presença e acção de Jesus Cristo. O testemunho leva a comunidade a romper com a estrutura injusta em que vive. Tal rompimento é que provoca oposições e perseguições, e é sinal de que a comunidade está «a imitar» a primeira comunidade de Jerusalém e o próprio Cristo: «Se Me perseguiram a Mim, também vos hão-de perseguir a vós» (Jo 15,20).

2,17-3,10: A verdadeira alegria e orgulho de um autêntico agente de pastoral não é o trabalho que realiza pessoalmente, mas o resultado desse trabalho: uma comunidade viva que cresce e persevera no testemunho. O trabalho pastoral não consiste apenas em dar o impulso inicial em vista da formação de uma comunidade. É preciso que haja dedicação e acompanhamento contínuos, para a comunidade não desanimar perante as dificuldades internas e externas, que podem ameaçar a fé, a unidade e a acção. Sobre a tribulação, cf. nota em Rm 5,1-11.

11-13: A vivência do amor é o critério último para discernir se é autêntica ou não a vida da comunidade cristã. Trata-se de amor recíproco que faz crescer a comunidade por dentro e, ao mesmo tempo, impulsionar a comunidade para fora de si mesma, a fim de testemunhar o Evangelho a todos. É esse amor que constitui a santidade da comunidade, fazendo-a enfrentar sem temor o julgamento de Deus.

4,1-8: A carta dirige-se a cristãos que vivem numa cidade pagã, em ambiente relaxado e tolerante do ponto de vista moral, especialmente no que se refere à vida sexual. Paulo frisa que o cristão é chamado à santificação, e isso significa compreender de maneira nova a si mesmo, os outros e as relações humanas. Na vida sexual, quem comanda o comportamento do cristão é o respeito pelo próprio corpo e pelo corpo do outro; o cristão é convidado a descobrir o valor do corpo, que foi criado por Deus e é chamado a participar na ressurreição.

9-12: Sobre o amor fraterno, cf. nota em 3,11-13. A exortação ao amor fraterno concretiza-se num convite a trabalhar. Paulo provoca uma mudança da concepção vigente nas cidades gregas. Aí o ideal era trabalhar apenas duas horas por dia, vivendo na dependência do trabalho dos outros. Assim, trabalhar para o próprio sustento torna-se questão de honra para o cristão. É também a sua possibilidade de contribuir para o bem comum e de repartir os bens com os menos favorecidos. **13-18:** Paulo tenta resolver dificuldades certamente relatadas por Timóteo. Parece que os Tessalonicenses receavam que os cristãos já falecidos não participassem da parusia ou manifestação final de Jesus. O Apóstolo afirma que não será importante estar entre os mortos ou entre os vivos. A ressurreição de Cristo é promessa e garantia da ressurreição dos mortos. Os mortos, portanto, ressuscitarão e unir-se-ão aos que ainda estiverem vivos, a fim de formarem um só cortejo ao encontro do Cristo glorioso. Todos os fiéis estarão com o Senhor, para sempre. Cf. também a Introdução a esta carta.

5,1-3: Saber com precisão a data da parusia de Cristo é desejo muito humano, porém destinado à frustração. Conforme a tradição cristã, só Deus Pai conhece o momento preciso: «Quanto a esse dia e hora, ninguém sabe nada, nem os anjos do céu, nem o Filho. Só o Pai é que sabe» (Mc 13,32). Aos cristãos cabe esperar com espírito vigilante.

4-11: A luz é símbolo da vida, enquanto as trevas são símbolo do mal e da morte. Para Paulo, o cristão é aquele que acredita na vida e luta por ela, sem aceitar nenhum compromisso com as estruturas que produzem a morte. A imagem militar do v. 8 sugere que o testemunho cristão é verdadeiro combate com as armas da fé, do amor e da esperança: a fé leva ao conhecimento da verdade e da justiça; o amor produz novas relações entre os homens; a esperança abre o futuro para a liberdade e a vida (cf. nota em Cl 1,3-8).

12-22: Paulo termina a carta com diversos conselhos para a construção e crescimento da comunidade: respeitar os que têm o encargo de dirigir, ajudar os irmãos que estão em dificuldade, viver em clima de alegria e oração. Os vv. 19-21 convidam os cristãos a exercitar o discernimento e espírito crítico, para se tornarem capazes de reconhecer e assimilar o bem, onde quer que se encontre.

23-28: Espírito, alma e corpo (v. 23) significam aqui o homem inteiro na sua vida concreta, enquanto participa do Espírito de Deus.

e assim o pregamos, não para agradar aos homens, mas a Deus, que sonda os nossos corações. ⁵Como sabeis, nunca usámos de adulação, nem fomos levados por motivos interesseiros: Deus é testemunha. ⁶Nem estávamos à procura de elogio dos homens, seja de vós, seja de outros, ⁷embora, como Apóstolos de Cristo, pudéssemos recorrer à nossa autoridade. Pelo contrário, tratámo-vos com bondade, qual mãe aquecendo os filhos que amamenta. ⁸Queríamo-vos tanto bem, que estávamos prontos a dar-vos não somente o Evangelho de Deus, mas até a nossa própria vida, por tanto gostarmos de vós. ⁹Irmãos, vós ainda vos lembrais dos nossos trabalhos e fadigas. Pregámo-vos o Evangelho trabalhando de noite e de dia, a fim de não sermos de peso para ninguém. ¹⁰Vós sois testemunhas, e o próprio Deus também, de como foi santo, justo e irrepreensível o nosso comportamento em relação a vós que acreditais. ¹¹Sabeis muito bem que tratámos a cada um de vós como um pai trata os seus filhos. ¹²Nós vos exortamos, encorajamos e admoestamos a viverdes de modo digno de Deus, que vos chama para o seu Reino e glória.

Autenticidade da comunidade cristã — ¹³O motivo do nosso contínuo agradecimento a Deus é este: quando ouvistes a Palavra de Deus que vos anunciamos, acolheste-la não como palavra humana, mas como ela realmente é, como Palavra de Deus, que age com eficácia em vós que acreditais. ¹⁴Irmãos, vós imitastes as Igrejas de Deus que estão na Judeia, as Igrejas de Jesus Cristo, pois sofrestes da parte dos vossos compatriotas, assim como também elas sofreram por causa dos judeus. ¹⁵Estes mataram o Senhor Jesus e os profetas, e agora perseguem-nos. Desagradam a Deus e são inimigos de todos os homens. ¹⁶Eles querem impedir-nos de pregar a salvação aos pagãos. E com isso vão enchendo cada vez mais a medida dos seus pecados, até que a ira de Deus acabe por cair sobre eles.

Glória e alegria do agente de pastoral — ¹⁷Irmãos, já há algum tempo que estamos separados de vós, longe dos olhos mas não do coração, e por isso temos o mais vivo e ardente desejo de vos tornar a ver. ¹⁸Quisemos visitar-vos. Eu mesmo, Paulo, por mais de uma vez quis fazê-lo. Satanás, porém, impediu-nos. ¹⁹De facto, quem, senão vós, será a nossa esperança, a nossa alegria e a nossa coroa diante do nosso Senhor Jesus, no dia da sua vinda? ²⁰Sim, a nossa glória e alegria sois vós!

3A evangelização é tarefa contínua — ¹Assim, não podendo esperar mais, resolvemos ficar sozinhos em Atenas, ²e enviar-vos Timóteo, nosso irmão e colaborador na pregação do Evangelho de Cristo. Nós o enviámos para vos fortalecer e encorajar na fé, ³para que ninguém fique abalado com as presentes tribulações. Vós bem sabeis que este é o nosso destino. ⁴Quando estávamos convosco, já vos predizíamos que havíamos de sofrer tribulações. Foi o que aconteceu, como sabeis. ⁵É por isso que, não podendo esperar mais, mandei pedir informações sobre a vossa fé. Eu temia que o tentador vos tivesse seduzido e o nosso trabalho acabasse em nada.

⁶Agora Timóteo acaba de chegar da visita que vos fez, trazendo boas notícias sobre a vossa fé e amor. Ele disse que vos lembrais sempre de nós com afecto, e que desejais rever-nos, como também nós gostaríamos de vos ver. ⁷Assim, irmãos, a vossa fé é um consolo para nós no meio de todas as nossas angústias e tribulações. ⁸Agora já nos sentimos reanimados, pois sabemos que estais firmes no Senhor. ⁹Como poderíamos agradecer a Deus por vossa causa, pela alegria que nos destes diante do nosso Deus? ¹⁰Noite e dia rezamos com insistência para que possamos rever-vos, a fim de completar o que ainda falta à vossa fé.

A vivência do amor — ¹¹Que Deus, nosso Pai, e nosso Senhor Jesus dirijam o nosso caminho até vós. ¹²Que o Senhor vos faça crescer e aumentar no amor mútuo e para com todos, assim como é o nosso amor para convosco, ¹³a fim de que o vosso coração permaneça firme e irrepreensível na santidade diante de Deus, nosso Pai, por ocasião da vinda de nosso Senhor Jesus com todos os seus santos.

4Respeitar o corpo humano — ¹De resto, irmãos, pedimos e suplicamos no Senhor Jesus: vós aprendestes de nós como deveis comportar-vos para agradar a Deus. Vós já vos comportais assim. Continuai a progredir! ²Conheceis as instruções que vos demos em nome do Senhor Jesus. ³A vontade de Deus é que vivais consagrados a Ele, que vos afasteis da libertinagem, ⁴que cada um saiba usar o próprio corpo na santidade e no respeito, ⁵sem se deixar arrastar por paixões libidinosas, como os pagãos que não conhecem a Deus. ⁶Quanto a isto, que ninguém ofenda ou prejudique o irmão, porque o Senhor vingará-se de todas estas coisas, como já dissemos e demos provas. ⁷Deus não nos chamou para a imoralidade, mas para a santidade. ⁸Portanto, quem despreza estas normas não despreza um homem, mas o próprio Deus, que vos dá o Espírito Santo. Uma questão de honra — ⁹Não precisamos de vos escrever a respeito do amor fraterno, pois aprendestes do próprio Deus a amar-vos uns aos outros. ¹⁰E é isso que fazeis com todos os irmãos da Macedónia. Mas aconselhamo-vos, irmãos, a progredirdes cada vez mais. ¹¹Que seja para vós uma questão de honra viver em paz, ocupando-vos com as coisas que vos pertencem e trabalhando com as próprias mãos, conforme recomendámos. ¹²Assim levareis uma vida honrada aos olhos dos estranhos e não precisareis da ajuda de ninguém. Todos reunidos na vinda do Senhor — ¹³Irmãos, não queremos que ignoreis coisa alguma a respeito dos mortos, para não ficardes tristes como os outros que não têm esperança. ¹⁴Se acreditamos que Jesus morreu e ressuscitou, acreditamos também que aqueles que morreram em Jesus, Deus os levará consigo. ¹⁵Eis o que vos declaramos, baseando-nos na Palavra do Senhor: nós, que ainda estaremos vivos por ocasião da vinda do Senhor, não teremos nenhuma vantagem sobre aqueles que já tiverem morrido. ¹⁶De facto, a uma ordem, à voz do arcanjo e ao som da trombeta divina, o próprio Senhor descerá do Céu. Então os mortos em Cristo ressuscitarão primeiro; ¹⁷depois nós, os vivos, que estivermos ainda na Terra, seremos arrebatados com eles para as nuvens, ao encontro do Senhor nos ares. E então estaremos para sempre com o Senhor. ¹⁸Consolai-vos, pois, uns aos outros com estas palavras.

5Quando será o fim do mundo? — ¹No que diz respeito ao tempo e circunstâncias, não preciso de vos escrever nada, irmãos. ²Vós já sabeis que o dia do Senhor chegará como um ladrão, de noite. ³Quando as pessoas disserem: «Estamos em paz e segurança», então de repente a ruína cairá sobre elas, como dores de parto para a mulher grávida, e não conseguirão escapar. As armas da vida — ⁴Mas vós, irmãos, não viveis nas trevas, de tal modo que esse dia possa surpreender-vos como um ladrão. ⁵Porque todos vós sois filhos da luz e filhos do dia. Não somos da noite nem das trevas. ⁶Portanto, não durmamos como os outros. Estejamos acordados e sóbrios. ⁷Pois os que dormem, dormem de noite, e os que se embriagam, embriagam-se de noite. ⁸Nós, porém, que somos do dia, sejamos sóbrios, revestidos com a couraça da fé e do amor e com o capacete da esperança da salvação. ⁹Pois Deus não nos destinou à sua ira, mas para a salvação através de nosso Senhor Jesus Cristo, ¹⁰o qual morreu por nós a fim de que, acordados ou dormindo, fiquemos unidos a Ele. ¹¹Portanto, consolai-vos mutuamente e ajudai-vos uns aos outros a crescer, como aliás já fazeis.

Conselhos diversos — ¹²Irmãos, pedimo-vos que tenhais consideração para com aqueles que se afadigam em vos dirigir e admoestar no Senhor. ¹³Deveis tratá-los com muito respeito e amor, por causa do trabalho que eles realizam. Vivei em paz entre vós. ¹⁴Por favor, irmãos: corrigi os que não fazem nada, encorajai os tímidos, sustentai os fracos e sede pacientes com todos. ¹⁵Cuidai que ninguém retribua o mal com o mal, mas procurai sempre o bem uns dos outros e de todos. ¹⁶Andai sempre alegres, ¹⁷rezai sem cessar. ¹⁸Dai graças em todas as circunstâncias, porque esta é a vontade de Deus a vosso respeito em Jesus Cristo. ¹⁹Não extingais o Espírito, ²⁰não desprezeis as profecias; ²¹examinai tudo e ficai com o que é bom. ²²Conservai-vos longe de toda a espécie de mal. Saudações finais — ²³Que o próprio Deus da paz vos conceda a plena santidade. Que o

vosso espírito, alma e corpo sejam conservados de modo irrepreensível para a vinda de nosso Senhor Jesus Cristo. ²⁴Quem vos chamou é fiel e realizará tudo isto. ²⁵Irmãos, rezai também por nós. ²⁶Saudai todos os irmãos com o beijo santo. ²⁷Peço-vos encarecidamente que esta carta seja lida a todos os irmãos. ²⁸Que a graça de nosso Senhor Jesus Cristo esteja convosco.

SEGUNDA CARTA AOS TESSALONICENSES RESISTÊNCIA NO MEIO DOS CONFLITOS

INTRODUÇÃO

A segunda carta aos Tessalonicenses foi escrita pouco depois da primeira. Aqui, a preocupação não é quando vai acontecer o fim do mundo, mas como devemos comportar--nos na espera de que isso aconteça. Algumas pessoas da comunidade de Tessalónica, ouvindo dizer que Jesus Cristo glorioso deveria vir em breve, refugiavam-se numa falsa ideia de que já não haveria perseguições. E com isso estavam a perder a garra cristã de lutar pela construção do Reino. A carta retoma um dado importante: a fé cristã expressa--se neste mundo concreto e, por isso, nunca foge da luta ou teme o conflito. A atitude de quem espera a vinda gloriosa de Cristo não é acomodar-se ou cruzar os braços, como se não houvesse mais nada que fazer neste mundo, ou ficar a olhar para o alto à espera de que tudo caia de repente lá do Céu.

Ao falar sobre a proximidade da vinda de Cristo, a carta não se refere a uma urgência de tempo (2,2), mas à urgência do comportamento vigilante e activo nas situações de perseguição e de opressão: fé activa (1,11), perseverança (2,5), firmeza no testemunho (2,14), ânimo e coragem (2,17). A carta toma como base do seu ensinamento a apocalíptica, isto é, as coisas que falam sobre o fim do mundo. A etapa da História em que vivemos é a última. Por isso, a luta deve ser mais corajosa e cheia de esperança, pois a característica daqueles que esperam a chegada gloriosa do Reino de Deus é a resistência contra as forças do mal. É o que a carta procura inculcar. A comunidade de Tessalónica estava ameaçada de perder o impulso que torna o cristianismo dinâmico e causador de profundas transformações históricas na sociedade. Ao tornarem-se passivos e ao não admitirem a situação de conflito, ameaçavam fazer do cristianismo uma religião estática, que mantém a situação, e não uma fé activa que transforma o mundo e provoca a vinda definitiva de Cristo e do seu Reino.

SEGUNDA CARTA AOS TESSALONICENSES

¹Endereço e saudação — 1Paulo, Silvano e Timóteo à Igreja dos Tessalonicenses que está em Deus Pai e no Senhor Jesus Cristo. ²Para vós, graça e paz da parte de Deus Pai e do Senhor Jesus Cristo.

Agradecimento: vida cristã e perseguição — ³Irmãos, devemos agradecer sempre a Deus por vós! É justo que o façamos, pois a vossa fé está a crescer cada vez mais, e o amor que tendes uns pelos outros está a tornar-se cada vez maior. ⁴Deste modo, podemos gloriar-nos de vós entre as Igrejas de Deus, por causa da firmeza e da fé que mostrais no meio de todas as perseguições e tribulações que suportais.

O julgamento de Deus — ⁵Estas provas são o sinal do justo julgamento de Deus: elas existem para que vos torneis dignos do Reino de Deus, pelo qual estais a sofrer. ⁶Deus fará o que é justo: vai mandar tribulações àqueles que vos oprimem, ⁷e a vós, que agora sois oprimidos, como também a nós, Ele dará descanso, quando o Senhor Jesus Se manifestar. Ele virá do Céu com os seus anjos poderosos, ⁸no meio de uma chama ardente. Virá para Se vingar daqueles que não conhecem a Deus e não obedecem ao Evangelho do Senhor Jesus. ⁹O seu castigo será a ruína eterna, longe da face do Senhor e longe do esplendor da sua majestade. ¹⁰Nesse dia, o Senhor virá para ser glorificado nos seus santos e para ser admirado em todos aqueles que acreditaram. E vós acreditastes no nosso testemunho! ¹¹É também por isso que rezamos continuamente por vós, a fim de que o nosso Deus vos torne dignos do chamamento que vos dirigiu. Rezamos também para que Deus, com o seu poder, vos faça realizar todo o bem que desejais e dinamizeis o trabalho da vossa fé. ¹²Deste modo, o Nome do Senhor Jesus será glorificado em vós e vós também sereis glorificados n'Ele, conforme a graça do nosso Deus e do Senhor Jesus Cristo.

2A vinda do Senhor e o combate final — ¹Agora, irmãos, quanto à vinda de nosso Senhor Jesus Cristo e ao nosso encontro com Ele, pedimo-vos o seguinte: ²não vos deixeis perturbar tão facilmente! Nem vos assusteis, como se o Dia do Senhor estivesse para chegar em breve, mesmo que isso esteja a ser veiculado por alguma suposta inspiração, palavra, ou carta atribuída a nós. ³Não vos deixeis enganar de nenhum modo! Primeiro deverá chegar a apostasia. Depois aparecerá o homem ímpio, o filho da perdição: ⁴ele é o adversário que se opõe e se levanta contra todo o ser que se chama Deus ou é adorado, chegando até mesmo a sentar-se no templo de Deus e a proclamar-se Deus.

⁵Não vos recordais de que eu já dizia essas coisas quando estava convosco? ⁶E agora vós já sabeis o que impede a manifestação do adversário, que acontecerá a seu tempo. ⁷O mistério da impiedade já está em acção. Falta apenas desaparecer aquele que o segura até agora. ⁸Só então se manifestará o ímpio. O Senhor Jesus destruí-lo-á com o sopro da sua boca e aniquilá-lo-á com o esplendor da sua vinda. ⁹A vinda do ímpio vai acontecer graças ao poder de Satanás, com toda a espécie de falsos milagres, sinais e prodígios, ¹⁰e com toda a sedução que a injustiça exerce sobre os verdadeiros, amor que os teria salvo. ¹¹Por isso Deus manda agir neles o poder da sedução, para que acreditem na mentira. ¹²Deste modo serão condenados todos os que não acreditaram na verdade, mas preferiram permanecer na injustiça.

A comunidade não deve temer — ¹³Nós, porém, devemos sempre agradecer a Deus por vós, irmãos amados do Senhor, porque, desde o início, Deus vos escolheu para serdes salvos pelo Espírito que santifica e pela fé na verdade. ¹⁴Para isso é que Ele vos chamou por meio do nosso Evangelho, a fim de possuídes a glória de nosso Senhor Jesus Cristo. ¹⁵Por isso, irmãos, permaneci firmes e conservai as tradições que vos ensinámos de viva voz ou por meio da nossa carta. ¹⁶O próprio nosso Senhor Jesus Cristo e Deus nosso Pai, que nos amou e por sua graça nos

11,1-2: Cf. nota em 1Ts 1,1. 3-4: Também nesta carta Paulo inicia com os fundamentos da vida cristã: o rescimento na fé e no amor. Não fala explicitamente da esperança, mas ressalta a firmeza que os cristãos precisam de ter diante das perseguições. A esperança é que dá a tônica de toda a carta, e é apresentada como a virtude que desacomoda e incentiva o espírito de luta, na certeza da vitória. Sobre a tribulação, cf. nota em Rm 5,1-11.

5-12: O julgamento é o acto que Deus realizou em Jesus Cristo e continua a realizar através de todos aqueles que dão testemunho de Jesus, manifestando a justiça e a vida queridas por Deus. Esse julgamento desmascara a verdade de cada um e produz separação, fazendo que cada um sofra as consequências da escolha que orientou a sua vida e acção: os que viveram, lutaram e sofreram pela justiça e pela vida, serão declarados dignos de possuir o Reino de Deus; aqueles que resistiram a Deus e ao Evangelho, preferindo a injustiça e a morte e perseguindo Jesus e as suas testemunhas, serão excluídos do Reino para sempre.

2,1-7: Em tempos de dificuldade e perseguição há sempre boatos que perturbam e assustam a comunidade cristã, afirmando que a vinda gloriosa de Jesus (parusia) está próxima, marcando o fim do mundo. Usando a mesma linguagem dos profetas e dos autores de apocalipse, Paulo desmente esses boatos, apresentando dois motivos: ainda não chegou o tempo da apostasia, isto é, da crise geral causada pelas perseguições e tribulações que levam muitos a abandonarem a fé (cf. Mt 24,12-13); e ainda não se manifestou o homem ímpio, isto é, o grande adversário de Deus e do povo fiel; esse adversário absolutizar-se-á a ponto de se apresentar como Deus, oprimindo o povo e perseguindo os cristãos. Tais coisas já são conhecidas pelos destinatários, pois eles sabem inclusive que existe um obstáculo para a plena manifestação do adversário (vv. 6-7). Talvez Paulo esteja aludindo ao testemunho dos cristãos que lutam pelo Reino de Deus, impedindo a absolutização e divinização de pessoas, coisas e estruturas.

8-12: Paulo apresenta a etapa final da História como um grande combate. O homem ímpio manifestar-se-á com todo o poder do mal, da mentira e da injustiça, fazendo coisas que seduzirão e convencerão os que não acreditam na verdade e preferem a injustiça. Ao mesmo tempo manifestar-se-á também o Senhor Jesus, para destruir e aniquilar o homem ímpio e todos os que o seguem. A arma do combate é o sopro da boca de Jesus, isto é, o Evangelho anunciado e testemunhado pelos fiéis, que tornam presente o testemunho de Jesus, vencendo assim tudo o que aliena, aprisiona e oprime os homens.

13-17: A comunidade cristã não tem de temer o final dos tempos. Pelo contrário, deve agradecer a Deus, pois, ouvindo o Evangelho, abraçando o compromisso da fé e abrindo-se para dar o testemunho de Jesus Cristo, ela já se encontra no caminho da salvação. O importante é continuar fiel à tradição apostólica e dar testemunho da fé através do anúncio e da prática do bem.

3,1-5: Ao lado da prática da fé, a oração em favor dos evangelizadores exprime a solidariedade no testemunho e na difusão do Evangelho.

6-15: Com o seu exemplo, Paulo mostra que um pregador ou agente de pastoral, em casos excepcionais, pode ser liberado pela comunidade e ser sustentado por ela. Mas insiste: em situações normais, os responsáveis devem viver do próprio trabalho, para se dedicarem gratuitamente ao serviço do Evangelho. O Apóstolo também caracteriza os «beatos» da comunidade: vivem às custas dela e são peritos em perturbar os outros. As tensões normais que poderiam facilmente ser superadas, agravam-se por causa desses «bisbilhoteiros espirituais».

16-18: Pensando talvez nos perigos a que se referiu em 2,2, Paulo salienta que estas últimas palavras, escritas de próprio punho, são a assinatura e garantia de que a carta é autêntica.

dá consolo eterno e esperança feliz, 17consolem os vossos corações e os fortaleçam para que façam e digam tudo o que é bom.

3Solidariedade através da oração — 1Por fim, irmãos, rezai por nós, a fim de que a palavra do Senhor se espalhe rapidamente e seja bem recebida, como acontece entre vós. 2Rezai também para que Deus nos livre dos homens ímpios e maus, porque nem todos têm fé. 3O Senhor, porém, é fiel. Ele vos manterá firmes e vos guardará do Maligno. 4Temos plena confiança no Senhor de que fazeis e continuareis a fazer o que mandamos. 5Que o Senhor vos dirija o coração para o amor a Deus e a perseverança de Cristo.

Quem não quer trabalhar, não coma — 6Irmãos, em nome de nosso Senhor Jesus Cristo ordenamos: afastai-vos de todo o irmão que vive sem fazer nada e não segue a tradição que recebeu de nós. 7Vós sabeis como deveis imitar-nos: nós não ficámos sem fazer nada quando estivemos entre vós, 8nem pedimos a ninguém o pão que comemos; pelo contrário, trabalhámos com fadiga e esforço, noite e dia, para não sermos de peso para nenhum de vós. 9Não porque não tivéssemos direito a isso, mas porque nós quisemos ser um exemplo a imitar. 10De facto, quando estávamos entre vós, demos esta norma: quem não quer trabalhar, também não coma. 11Ouvimos dizer que há entre vós pessoas que vivem à toa, sem fazer nada e em contínua agitação. 12A essas pessoas mandamos e pedimos, no Senhor Jesus Cristo, que comam o próprio pão, trabalhando em paz. 13Quanto a vós, irmãos, não vos canseis de fazer o bem. 14Se alguém não obedecer ao que dizemos nesta carta, assinalai-o e não contacteis com ele, para que se envergonhe; 15mas não o trateis como um inimigo; ao contrário, corrigi-o como a um irmão. Saudações finais — 16Que o próprio Senhor da paz vos conceda a paz, sempre e de todos os modos. O Senhor esteja com todos vós. 17A saudação é de meu próprio punho: Paulo. Este é o sinal que distingue as minhas cartas. É a minha letra. 18Que a graça de nosso Senhor Jesus Cristo esteja com todos vós!

CARTAS DE SÃO PAULO

Carta a Timóteo

PRIMEIRA CARTA A TIMÓTEO
APELO AO DISCERNIMENTO

INTRODUÇÃO

Juntamente com a carta a Tito, as cartas a Timóteo formam um conjunto à parte na literatura que é comumente atribuída a São Paulo. Não se dirigem a uma comunidade, mas a pessoas individuais que possuem responsabilidades no governo, no ensino e no comportamento das comunidades cristãs. Porque apresentam directrizes para os pastores, desde o séc. XVIII são chamadas Cartas Pastorais.

Timóteo foi discípulo e colaborador de Paulo, e é mencionado ou está sempre junto do Apóstolo quando este escreve as suas cartas. Como dizem os Actos, Timóteo nasceu em Listra, na Licaónia. Filho de pai grego e mãe judeo-cristã, Paulo permitiu que ele fosse circuncidado (Act 16,1-3). Ao passar por Listra, na sua segunda viagem missionária, Paulo tomou Timóteo consigo como companheiro de viagem. Timóteo ficou em Bereia quando Paulo teve que fugir (Act 17,14s) e depois juntou-se a Paulo em Corinto. Foi mandado para a Macedónia antes da terceira viagem de Paulo (Act 19,22) e estava no grupo de Paulo no fim da terceira viagem (Act 20,4). A 1 T m deve ter sido escrita em 64-65 e apresenta Timóteo como responsável pela Igreja de Éfeso.

A importância da 1 T m está no seu testemunho histórico sobre a organização eclesial. Paulo insiste para que Timóteo desempenhe com firmeza e coragem a função que recebeu de Cristo mediante a imposição das mãos (« ordenação»). Exorta-o a tornar-se anunciador e defensor da verdade (1,3- 20), a organizar o culto (2,1-15) e a ser pastor, dirigindo a comunidade na diversidade dos grupos (3,1-6,2). Estamos ainda longe de uma rígida organização jurídica, mas podemos dizer que temos aqui um verdadeiro ponto de partida para a reflexão teológica sobre o ministério na Igreja.

21,1-2: A respeito de Timóteo, cf. Act 16,1-5 e a nota correspondente.

3-7: A vida cristã não é mera teoria baseada em mil especulações e sistemas teológicos, que muitas vezes parecem não ter outra coisa em mira além de deleitar o pensamento. A vida cristã inspira-se no caminho e prática de Jesus, que se resumem na vivência do amor, isto é, na capacidade de se relacionar, respondendo a situações concretas.

8-11: Em Éfeso, alguns apresentam-se como doutores da Lei, mas transformam a Lei em especulações dogmáticas, esquecendo-se do verdadeiro papel da Lei. De facto, a Lei existe para mostrar o erro e evitar que os conflitos de interesse cheguem a níveis de destruição, causando exploração, opressão e morte. Para os que vivem do amor evangélico, a Lei já não tem sentido, pois o amor é muito mais exigente do que a Lei. A sã doutrina é a tradição apostólica, isto é, o testemunho do Apóstolo, que orienta todo o pensamento e prática dos cristãos, de acordo com o testemunho de Jesus Cristo.

12-17: No meio da confusão de ideias e interpretações, é importante voltar sempre ao sentido profundo e primeiro do

Evangelho: Deus enviou Jesus ao mundo, não para condenar, mas para salvar os homens. A salvação, portanto, é um acto de graça e confirma-se como graça abundante porque é oferecida gratuitamente aos pecadores, isto é, a todos aqueles que jamais poderiam merecê-la. Paulo é um exemplo vivo do Evangelho da graça. O povo de Deus não é formado por pessoas que nunca erraram, mas por pecadores que se convertem e são salvos por pura graça.

18-20: As profecias pronunciadas sobre Timóteo lembram a intervenção dos «profetas» no momento da ordenação apostólica (cf. Act 13,1-3). «Entregar a Satanás» quer dizer exclusão da comunidade; essa pena é uma medida para que o culpado se arrependa e se emende (cf. 1Cor 5,5).

2,1-8: O autor recomenda que os cristãos incluam na sua oração todos os homens. É a oração litúrgica universal, impulsionada pela convicção de que Deus enviou o seu Filho para salvar o mundo inteiro. Ser Igreja no mundo é testemunhar que o projecto de Deus está aberto a todos.

9-15: Nos conselhos dados às mulheres, é preciso ter em mente o contexto social da época, que via a mulher como inferior ao homem, o ensinamento patriarcal dos mestres judeus e as preocupações imediatas da carta. Afirmando que a mulher será salva pela maternidade, a carta opõe-se aos falsos doutores que proibiam o matrimónio (4,3). A recomendação sobre o silêncio quer evitar os excessos de boatos e indiscrições. E procura impedir que a emancipação da mulher, fruto da liberdade evangélica, acarrete exageros.

3,1-16: Com a multiplicação e desenvolvimento das comunidades, surgem os primeiros esboços de uma organização eclesial. A respeito dos «dirigentes» (em grego = episcopos) e dos diáconos, cf. nota em Fl 1,1-2. É provável que algumas mulheres tenham ocupado o cargo de diaconisas (cf. Rm 16,1). Aqui não se pensa numa lei do celibato, mas exige-se que os candidatos a cargos eclesiais tenham sólidas qualidades humanas.

4,1-16: Nos últimos tempos, isto é, entre a ressurreição e a segunda vinda de Cristo, multiplicam-se os mestres e doutrinas que adulteram a fé. Alguns desprezam tudo o que se refere ao corpo, condenando o matrimónio, proibindo alimentos e pregando exageradas práticas ascéticas. O cristão, porém, sabe acolher tudo o que Deus criou e apegar-se somente a Deus e ao cumprimento da sua vontade. Aquele que tem um cargo de direcção na comunidade procure tornar-se modelo, tanto no comportamento como na acção, perseverando na graça que recebeu pela imposição das mãos (cf. 2Tm 1,6).

5,1-2: Numa comunidade cristã, o exercício de um cargo de direcção não dá a ninguém o direito de agir com aspereza e prepotência. Pelo contrário, o exercício do cargo é um serviço que se realiza no respeito e na solidariedade com as pessoas.

3-16: O texto deve ser entendido na época e nas condições concretas da comunidade. Há três espécies de viúvas: as que têm família e não necessitam de auxílios; aquelas que a Igreja deve assistir porque são «verdadeiras viúvas», sozinhas no mundo; aquelas que, assistidas ou não pela Igreja, por esta são chamadas para realizar certas funções oficiais, contanto que satisfaçam sérias exigências. A reticência sobre viúvas jovens talvez se deva a uma experiência negativa de consagração feita e depois abandonada.

17-25: Presbítero é uma palavra grega que significa «ancião». Os presbíteros não se distinguem dos dirigentes (= episcopos) citados acima (3,1-7); a sua função é animar a liturgia e ensinar a Sagrada Escritura. Aqui são dadas algumas orientações a respeito de pessoas que exercem cargos de autoridade dentro da Igreja; esta função é conferida através do rito da imposição das mãos. Quem a exerce tem direito a receber da comunidade o necessário para viver; devem ser protegidos contra qualquer calúnia; e não é qualquer um que pode ser escolhido. Por outro lado, a comunidade tem direito a exigir que os seus dirigentes sejam fiéis aos compromissos assumidos.

6,1-2a: Esta passagem não trata da estrutura social na época, mas da lealdade de vida e das relações humanas dentro de uma determinada estrutura. Sobre o tema, ver notas da carta a Filémon. **2b-10:** A piedade é a maneira prática de viver que testemunha o verdadeiro seguimento do Evangelho e a «sã doutrina» que dele procede. O texto mostra como perceber claramente quando uma doutrina é «doentia»: o desejo desenfreado de lucro, o amor ao dinheiro. Qualquer doutrina que aceite essa prática percorre infalivelmente o caminho contrário ao Evangelho, à fé e à salvação, porque se fundamenta numa idolatria, que é geradora de inveja, quezílias, blasfémias, corrupção e mentira.

11-16: O verdadeiro doutor é aquele que foge da ambição e vive com sobriedade. O seu principal compromisso é com a verdade, que se manifesta no ministério de Cristo, lembrado nos vv. 15-16.

17-19: O seguimento de Cristo está aberto também aos ricos, desde que estejam dispostos a converter-se: deixar a idolatria da riqueza para adorar a Deus vivo, que cria os bens para todos. Assim, os ricos são chamados a imitar o próprio Deus, tornando-se capazes de distribuir o que possuem, repartindo os seus bens com aqueles que nada têm (cf. Mc 10,17-22).

20-21: No começo do capítulo (6,3ss) e no fim (6,20s) insiste-se na fidelidade à tradição («depósito»). O núcleo fundamental da fé é o compromisso dos cristãos com Deus e principalmente com o seguimento de Jesus Cristo. É neste seguimento que se manifesta totalmente o Deus vivo. Esse compromisso, porém, incarna-se em épocas e lugares diferentes; as doutrinas, por sua vez, exprimem essas diversas encarnações. A verdadeira Tradição procura garantir que o núcleo fundamental da fé se concretize através dessas encarnações históricas. As encarnações são sempre relativas a determinado tempo e lugar. O conhecimento delas é grande estímulo para que também nós nos abramos aos desafios e apelos do nosso contexto, dando uma resposta baseados no núcleo fundamental da fé, conservado e transmitido pela Tradição viva.

1,1-5: Um belo testemunho sobre a relação que cresceu dentro de uma solidariedade na missão. O v. 5 é uma rara notícia sobre os benefícios da educação da fé no seio de uma família cristã.

6-14: Preso e prestes a enfrentar o martírio, Paulo procura estimular o seu companheiro Timóteo, convidando-o a reavivar o dom que este recebeu na sua «ordenação» para a missão. Esta consiste fundamentalmente em testemunhar o Evangelho, e isto pode levar a testemunha ao mesmo destino de Jesus: o sofrimento e a morte. «Envergonhar-se» é renegar o testemunho por causa da perseguição social que ele provoca (cf. Mc 8,38). A vocação cristã é um dom gratuito de participação no projecto de Deus: projecto de salvação feito desde a eternidade, manifestado em Jesus Cristo e entregue a todos pelo anúncio do Evangelho. Sobre o «depósito da fé» — vv.

12.14 — cf. nota em 1Tm 6,20-21. O Espírito Santo garante o discernimento que faz compreender qual é o núcleo fundamental da fé, isto é, o teste-

meu verdadeiro filho na fé: graça, misericórdia e paz da parte de Deus Pai e de Jesus Cristo nosso Senhor.

A vida cristã não é teoria — ³Ao partir para a Macedónia, recomendei que ficasses em Éfeso, a fim de impedir que alguns continuassem a ensinar doutrinas diferentes, ⁴e para que não se ocupassem com fábulas e genealogias sem fim; estas favorecem mais as discussões do que o projecto de Deus, que se realiza na fé. ⁵A finalidade desta ordem é o amor que procede de um coração puro, de uma boa consciência e de uma fé sem hipocrisia. ⁶Alguns desviaram-se desta linha e perderam-se num palavreado inútil; ⁷pretendem passar por doutores da Lei, mas não sabem nem o que dizem nem o que afirmam.

O papel da Lei — ⁸Sabemos que a Lei é boa, contanto que a tomemos como uma lei. ⁹Ela não é destinada ao justo, mas aos iníquos e rebeldes, ímpios e pecadores, sacrílegos e profanadores, parricidas e matricidas, homicidas, ¹⁰impudicos, pederastas, mercadores de escravos, mentirosos, para os que juram falso, e para tudo o que se oponha à sã doutrina, ¹¹de acordo com o Evangelho glorioso do Deus bendito, que me foi confiado.

O papel da graça — ¹²Agradeço Àquele que me deu força, a Jesus Cristo nosso Senhor, que me considerou digno de confiança, tomando-me para o seu serviço, ¹³apesar de eu ter sido um blasfemo, perseguidor e insolente. Mas obtive misericórdia porque agia sem saber, longe da fé. ¹⁴Sim, Ele concedeu-me com maior abundância a sua graça, com a fé e o amor que estão em Jesus Cristo. ¹⁵Esta palavra é segura e digna de ser acolhida por todos: Jesus Cristo veio ao mundo para salvar os pecadores, dos quais eu sou o primeiro. ¹⁶Mas exactamente por causa disto é que eu obtive misericórdia: Jesus Cristo quis demonstrar toda a sua generosidade primeiramente em mim, como exemplo para os que depois iriam acreditar n'Ele, a fim de terem a vida eterna.

¹⁷Ao rei dos séculos, ao Deus incorruptível, invisível e único, honra e glória para sempre. Amen!

Fé e boa consciência — ¹⁸Timóteo, meu filho, esta é a instrução que te confio, conforme as profecias que foram outrora pronunciadas a teu respeito. Apoiado nelas combate o bom combate, ¹⁹com fé e boa consciência. Alguns rejeitaram a boa consciência e acabaram por naufragar na fé. ²⁰Entre esses encontram-se Himeneu e Alexandre, que entreguei a Satanás, a fim de que aprendam a não blasfemar.

2 Deus quer salvar a todos — ¹Antes de tudo, recomendo que façais pedidos, orações, súplicas e acções de graças em favor de todos os homens, ²pelos reis e por todos os que têm autoridade, a fim de que levemos uma vida calma e serena, com toda a piedade e dignidade. ³Isso é bom e agradável diante de Deus nosso Salvador. ⁴Ele quer que todos os homens sejam salvos e cheguem ao conhecimento da verdade. ⁵Pois há um só Deus e um só mediador entre Deus e os homens: Jesus Cristo, homem ⁶que Se entregou para resgatar a todos. Esse é o testemunho dado nos tempos estabelecidos por Deus, ⁷e para o qual eu fui designado pregador e Apóstolo — digo a verdade, não minto, — doutor das nações na fé e na verdade. ⁸Quero, portanto, que os homens orem em todo o lugar, erguendo mãos puras, sem ira e sem discussões.

Comportamento das mulheres — ⁹Quanto às mulheres, que elas se apresentem em trajes decentes e se enfeitem com pudor e modéstia. Não usem tranças, nem objectos de ouro, pérolas ou vestuário luxuoso; ¹⁰mas enfeitem-se com boas obras, como convém a mulheres que dizem ser piedosas. ¹¹Durante a instrução, a mulher deve ficar em silêncio, com toda a submissão. ¹²Eu não permito que a mulher ensine ou domine o homem. Portanto, que ela permaneça em silêncio. ¹³Porque primeiro foi formado Adão, depois Eva. ¹⁴E não foi Adão que foi seduzido, mas a mulher que, seduzida, pecou. ¹⁵Entretanto, ela será salva pela sua maternidade, desde que permaneça com modéstia na fé, no amor e na santidade.

3 Organização da comunidade — ¹É certo que se alguém aspira a um cargo de direcção, aspira a uma coisa nobre. ²É preciso, porém, que o diri-

munho de Jesus Cristo, e como concretizá-lo dentro de novas situações históricas.

15-18: A situação de perseguição provocada pelo testemunho do Evangelho conduz à verdadeira triagem das relações: como aconteceu com Jesus, a maioria afasta-se da testemunha perseguida («envergonham-se»); outros aproximam-se ainda mais, confirmando o próprio testemunho.

2,1-7: Os vv. 1-2 colocam-nos em contacto com a tradição viva, que transmite o «depósito da fé» (cf. nota em 1Tm 6,20-21). A seguir, temos três comparações para mostrar que o seguidor de Jesus Cristo é alguém que faz uma opção (v. 4), participa no destino doloroso de Jesus (v. 5) e também na sua ressurreição gloriosa (v. 6).

8-13: Timóteo é convidado a viver como testemunha da ressurreição. A seguir, é recordado um hino baptismal (vv. 11-13): neste afirma-se o compromisso com uma prática que seja coerente com a fé recebida.

14-26: No dirigente deve haver rectidão, respeito e acolhimento para com todos, firmeza na perseguição, seriedade na palavra e fuga de conversas ociosas. O autor condena uma vez mais os erros que se propagam na região de Éfeso: são apenas agitação feita de palavras vazias. Os gregos tinham dificuldade em admitir a ressurreição dos corpos (cf. Act 17,32; 1Cor 15,22); por isso, alguns cristãos evitavam o problema, dizendo que a ressurreição já acontecera no baptismo, e que aqui se tratava apenas de uma ressurreição espiritual.

3,1-17: Jesus anunciara perspectivas sombrias para os últimos tempos: os falsos messias multiplicam-se, desviando as pessoas com doutrinas perversas (cf. Mt 24,4-5.24). Paulo relembra esse aumento do mal que antecede o fim da História (cf. 2Ts 2,3-12). Segundo a lenda judaica, Janes e Jambres foram os chefes dos magos que se opuseram a Moisés na presença do Faraó (cf. Ex 7,8ss). Quem anuncia o Evangelho deve contar com a perseguição (cf. Mt 10,22; Act 13,1-14,28), permanecendo fiel à Palavra de Deus contida na Sagrada Escritura: nela se encontra o alimento da fé e a força para o testemunho.

4,1-5: A missão dos Apóstolos e pastores é, em primeiro lugar, anunciar o Evangelho, a fim de que os homens deixem a idolatria e sirvam ao único Deus vivo.

6-8: Perante a certeza do martírio, Paulo compara-se a um atleta que recebe o prémio da vitória: ele sabe que a sua vida foi inteiramente dedicada a propagar e sustentar a fé.

9-18: Os últimos tempos de Paulo são tristes e solitários. Embora abandonado e traído pelos companheiros mais próximos, o seu olhar continua firme no Senhor, para anunciar o Evangelho e finalmente participar plenamente no Reino. Lucas já estava com Paulo no tempo da primeira prisão (cf. Cl 4,14); talvez seja este Lucas o autor do 3.º Evangelho e do livro dos Actos dos Apóstolos. Marcos ou João Marcos foi companheiro circunstancial (cf. Act 12,12) e teve uma divergência com Paulo (cf. Act 15,37-39). Mas encontramos-lo como companheiro fiel no tempo da perseguição (cf. Cl 4,10).

19-22: Paulo recorda-se de Prisca (ou Priscila) e Áquila, o casal cristão que o hospedou e se tornou missionário em pleno mundo pagão (cf. Act 18,2.18.26; Rm 16,3; 1Cor 16,19).

gente seja irrepreensível, esposo de uma única mulher, ajuizado, equilibrado, educado, hospitaleiro, capaz de ensinar, ³não dado à bebida, nem desordeiro, mas indulgente, pacífico e sem interesse por dinheiro. ⁴Deve ser homem que saiba dirigir bem a própria casa, e cujos filhos lhe obedecem e o respeitem. ⁵Pois, se alguém não sabe dirigir bem a própria casa, como poderá dirigir bem a Igreja de Deus? ⁶Que não seja recém-convertido, a fim de que não fique cheio de soberba e seja condenado como o foi o diabo. ⁷Exige-se ainda que tenha boa fama entre os de fora, para não cair no descrédito e nos laços do diabo.

⁸Os diáconos igualmente devem ser dignos de respeito, homens de palavra, não inclinados à bebida, nem ávidos de lucros vergonhosos. ⁹Conservem o mistério da fé com a consciência limpa. ¹⁰Também eles devem ser primeiramente experimentados e, em seguida, se forem irrepreensíveis, sejam admitidos na função de diáconos. ¹¹Também as mulheres devem ser dignas de respeito, não maldizentes, ajuizadas, fiéis em todas as coisas. ¹²Que os diáconos sejam esposos de uma única mulher, dirigindo bem os filhos e a própria casa. ¹³Pois aqueles que exercem bem o diaconado conquistam lugar de honra, e também muita coragem na fé em Cristo Jesus.

¹⁴Escrevo-te estas coisas esperando encontrar-te em breve. ¹⁵Se me atrasar, saberás como proceder na casa de Deus, que é a Igreja do Deus vivo, coluna e sustentáculo da verdade. ¹⁶De facto, como é grande o mistério da piedade: ele manifestou-se na carne, foi justificado no Espírito, apareceu aos anjos, foi anunciado aos pagãos, foi acreditado no mundo e exaltado na glória!

⁴Tudo o que Deus criou é bom — ¹O Espírito diz claramente que nos últimos tempos alguns renegarão a fé, para dar atenção a espíritos sedutores e a doutrinas demoníacas. ²Serão seduzidos por homens hipócritas e mentirosos, que têm a própria consciência como que marcada a ferro quente. ³Eles proibirão o casamento, exigirão abstinência de certos alimentos, embora Deus tenha criado essas coisas para serem recebidas com acção de graças por aqueles que têm fé e conhecem a verdade. ⁴De facto, tudo o que Deus criou é bom, e nada é desprezível se tomado com acção de graças, ⁵porque é santificado pela Palavra de Deus e pela oração.

O bom servidor de Cristo — ⁶Ensinando estas coisas aos irmãos, comportar-te-ás como bom servidor de Jesus Cristo, alimentado com as palavras da fé e da boa doutrina que tens seguido. ⁷Rejeita, porém, as fábulas ímpias, coisas de pessoas caducas. Exercita-te na piedade. ⁸Vale pouco o exercício corporal, ao passo que a piedade é proveitosa para tudo, pois contém a promessa da vida presente e futura. ⁹Esta palavra é fiel e digna de toda a aceitação. ¹⁰De facto, se nós trabalhamos e lutamos, é porque colocamos a nossa esperança no Deus vivo, salvador de todos os homens, principalmente dos que têm fé. ¹¹Proclama e ensina estas coisas.

¹²Que ninguém te despreze por seres jovem. Quanto a ti mesmo, sê para os fiéis um modelo na palavra, na conduta, no amor, na fé, na pureza. ¹³Enquanto aguardas a minha chegada, dedica-te à leitura, animação e ensinamento. ¹⁴Não descuides o dom da graça que há em ti e que te foi dado através da profecia, com a imposição das mãos do grupo dos presbíteros. ¹⁵Cuida bem destas coisas e persevera nelas, a fim de que o teu progresso seja manifesto a todos. ¹⁶Vigia-te a ti mesmo e ao ensinamento, e sê perseverante. Desse modo salvar-te-ás a ti mesmo e aos teus ouvintes.

⁵Respeito e solidariedade — ¹Não repreendas duramente um ancião, mas exorta-o como se fosse um pai. Aos rapazes, como a irmãos. ²Às senhoras, como a mães. Às jovens, como a irmãs, com toda a pureza.

As viúvas — ³Honra as viúvas que são realmente viúvas. ⁴Porém, se alguma viúva tiver filhos ou netos, que estes aprendam primeiramente a cumprir os seus deveres para com a própria família e a recompensar os seus pais, pois isso é agradável diante de Deus. ⁵Aquela que é verdadeiramente viúva, que ficou sozinha, deposita a sua confiança em Deus e persevera dia e noite em súplicas e orações. ⁶Mas a viúva que só busca prazer, mesmo que viva, já está morta. ⁷Portanto, ordena tudo isto, a fim de que elas sejam irrepreensíveis. ⁸Se alguém não cuida dos seus e principalmente dos que são da sua própria casa, renegou a fé e é pior que um incrédulo.

⁹A mulher só será inscrita no grupo das viúvas com sessenta anos e não menos, se tiver sido esposa de um só marido, ¹⁰se tiver em seu favor o testemunho das suas boas obras, criado filhos, sido hospitaleira, lavado os pés dos fiéis, socorrido os atribulados, aplicada a toda a boa obra. ¹¹Rejeita as viúvas mais jovens; pois, quando os seus desejos se afastam de Cristo, elas querem casar-se, ¹²tornando-se censuráveis por terem rompido o seu primeiro compromisso. ¹³Além disso, aprendem a viver ociosas, correndo de casa em casa; não são apenas desocupadas, mas também bisbilhoteiras e indiscretas, falando do que não convém. ¹⁴Desejo, pois, que as viúvas jovens se casem, criem filhos e dirijam a sua casa para não darem ao adversário nenhuma ocasião de maledicência. ¹⁵Porque já existem algumas que se desviaram, seguindo a Satanás. ¹⁶Se um fiel tem viúvas na sua família, preste-lhes socorro; não se onere a Igreja, a fim de que possa ajudar aquelas que são verdadeiramente viúvas.

Os presbíteros — ¹⁷Os presbíteros que exercem bem a presidência são dignos de dupla remuneração, sobretudo os que trabalham no ministério da Palavra e da instrução. ¹⁸De facto, assim diz a Escritura: «Não amordaçarás o boi que debulha». E ainda: «O operário é digno do seu salário». ¹⁹Não aceites denúncia contra um presbítero, a não ser sob depoimento de duas ou três testemunhas. ²⁰Repreende, diante de todos, os presbíteros que pecam, a fim de que os demais temam. ²¹Conjuro-te diante de Deus, de Jesus Cristo e dos anjos eleitos: observa estas regras sem preconceitos, nada fazendo por favoritismo. ²²Não te apresses a impor as mãos em alguém, para não seres cúmplice dos pecados de outrem. Conserva-te puro. ²³Não continues a beber somente água; toma um pouco de vinho, por causa do estômago e das frequentes fraquezas que tens.

²⁴Os pecados de alguns homens manifestam-se antes do julgamento, os de outros manifestam-se depois. ²⁵Do mesmo modo, as boas obras são evidentes; e as outras não conseguem ficar ocultas.

⁶Os escravos — ¹Aqueles que se encontram sob o jugo da escravidão devem tratar os seus patrões com todo o respeito, para que o Nome de Deus e o ensinamento não sejam blasfemados. ²Os que têm patrões que acreditam, não os desrespeitem, porque são irmãos. Pelo contrário: sirvam-nos melhor ainda, pois aqueles que beneficiam dos seus trabalhos, são fiéis e irmãos amados. O falso doutor — Isto é o que deves ensinar e recomendar. ³Pois, quem ensina coisas diferentes, que não concordam com as sãs palavras de nosso Senhor Jesus Cristo e com o ensinamento conforme a piedade, ⁴é cego, não entende nada, é doente à procura de discussões e brigas de palavras. É daí que nascem invejas, brigas, blasfémias, suspeitas, ⁵polémicas intermináveis, coisas típicas de homens de espírito corrupto e desprovidos da verdade. ⁶Eles supõem que a piedade é fonte de lucro. De facto, a piedade é grande fonte de lucro, mas para quem sabe contentar-se. ⁷Pois não trouxemos nada para o mundo, e dele nada podemos levar. ⁸Se temos que comer e com que nos vestir, fiquemos contentes com isso. ⁹Aqueles, porém, que querem tornar-se ricos, caem na armadilha da tentação e em muitos desejos insensatos e perniciosos, que fazem mergulhar os homens na ruína e perdição. ¹⁰Porque a raiz de todos os males é o amor ao dinheiro. Por causa dessa ânsia de dinheiro, alguns afastaram-se da fé e afligem-se a si mesmos com muitos tormentos.

O verdadeiro doutor — ¹¹Tu, porém, homem de Deus, foge dessas coisas. Procura a justiça, a piedade, a fé, o amor, a perseverança, a mansidão. ¹²Combate o bom combate da fé, conquista a vida eterna, para a qual foste chamado. Isso já o reconheceste numa bela profissão de fé diante de muitas testemunhas. ¹³Diante de Deus, que dá a vida a todas as coisas, e de Jesus Cristo, que deu testemunho diante de Pôncio Pilatos numa bela profissão de fé, eu te ordeno: ¹⁴guarda o mandamento puro, de modo irrepreensível, até à Aparição de nosso Senhor Jesus Cristo. ¹⁵Essa Aparição mostrará, nos tempos estabelecidos, o Bendito e único Soberano, o Rei dos reis e Senhor dos senhores, ¹⁶o único que possui a imortalidade, que habita uma luz inacessível, que nenhum homem viu, nem pode ver. A Ele, honra e poder eterno. Amém!

Os ricos e a conversão — ¹⁷Admoesta os ricos deste mundo, para que não sejam orgulhosos e não coloquem a sua esperança na incerteza das riquezas, mas em Deus, que nos dá tudo com abundância para que nos alegremos. ¹⁸Que eles façam o bem, se enriqueçam de boas obras, sejam prontos a distribuir, capazes de partilhar. ¹⁹Desse modo, estão acumulando para si mesmos um belo tesouro para o futuro, a fim de obterem a verdadeira vida. Saudações finais — ²⁰Timóteo, guarda o depósito. Evita o palavreado irreverente e as objecções dessa falsa ciência, ²¹pois alguns professaram-na e desviaram-se da fé. A graça esteja convosco.

SEGUNDA CARTA A TIMÓTEO COMBATER O BOM COMBATE

INTRODUÇÃO

Embora trate dos mesmos temas da 1.^a carta a Timóteo e da carta a Tito, a 2.^a carta a Timóteo é um escrito predominantemente pessoal. O interesse central desloca-se da comunidade cristã (1Tm e Tt) para a relação pessoal entre Paulo e Timóteo, tornando esta carta muito semelhante à carta a Filémon.

Paulo está de novo na prisão em Roma, provavelmente no ano 67. As condições são duras, bem diferentes da prisão domiciliar, quando ainda podia pregar livremente (Act 28, 16). O Apóstolo sente-se só, ninguém o defendeu no tribunal, os seus dias estão contados, e prepara-se para o martírio. Frente ao abandono, incompreensão, torturas e próxima execução, Paulo continua firme e dá graças. Antes da morte, deseja rever o seu « amado filho Timóteo » e confirmá-lo na missão. Este é apresentado com traços mais precisos: uma pessoa sensível (1,4), às vezes indecisa e sem coragem (1,8). Ficamos também a conhecer o nome de sua avó Lóide e de sua mãe Eunice (1,5), exemplos de fé para Timóteo.

O tema central da carta são as considerações sobre os « últimos dias ». Trata-se dos últimos tempos de Paulo, prisioneiro, doravante próximo a partir, e também dos últimos tempos da Igreja. Assim, o Apóstolo deseja rever Timóteo. Relembra os próprios sofrimentos e experimenta o conforto de ter « combatido o bom combate », e a certeza de receber a coroa da justiça. Por outro lado, recomenda a Timóteo: que não se envergonhe do Evangelho, mas que o proclame com integridade; que tome cuidado com as « palavras vãs » de falsos pregadores que aparecerão nos últimos tempos, apresentando falsas doutrinas; que se vigie a si mesmo e se mantenha perseverante, mesmo que deva sofrer como ele, Paulo, por causa do Evangelho.

SEGUNDA CARTA A TIMÓTEO

1Endereço e saudação — ¹Paulo, Apóstolo de Jesus Cristo por vontade de Deus, para anunciar a promessa da vida em Jesus Cristo, ²ao amado filho Timóteo: graça, misericórdia e paz da parte de Deus Pai e de Jesus Cristo nosso Senhor.

Agradecimento — ³Agradeço a Deus, a quem sirvo com consciência limpa como os meus antepassados, enquanto me recordo sempre de ti nas minhas orações, noite e dia. ⁴Quando me lembro das lágrimas que derramaste, sinto grande desejo de te voltar a ver e, assim, transbordar de alegria. ⁵Lembro-me da fé sincera que há em ti, a mesma que havia antes na tua avó Lóide, depois na tua mãe Eunice e que agora, estou convencido, também há em ti.

Não se envergonhar do Evangelho — ⁶Por esse motivo, convido-te a reavivar o dom de Deus que está em ti pela imposição das minhas mãos. ⁷De facto, Deus não nos deu um espírito de medo, mas um espírito de força, de amor e de sabedoria. ⁸Não te envergonhes, portanto, de dar testemunho de nosso Senhor, nem de mim, seu prisioneiro; pelo contrário, participa do meu sofrimento pelo Evangelho, confiando no poder de Deus. ⁹Ele salvou-nos e chamou-nos com uma vocação santa, não por causa das nossas obras, mas conforme o seu próprio projecto e graça. Esta graça foi-nos concedida em Jesus Cristo desde a eternidade, ¹⁰mas somente agora foi revelada pela aparição do nosso Salvador Jesus Cristo. Ele não só venceu a morte, mas também fez brilhar a vida e a imortalidade por meio do Evangelho, ¹¹do qual eu fui constituído anunciador, Apóstolo e mestre. ¹²Esta é a causa dos males que estou a sofrer. Todavia, não me envergonho, porque sei em quem coloquei a minha fé, e estou certo de que Ele tem poder para guardar o meu depósito até àquele Dia. ¹³Toma por modelo as sãs palavras que ouviste de mim, com a fé e o amor que estão em Jesus Cristo. ¹⁴Guarda o bom depósito com o auxílio do Espírito Santo que habita em nós.

Não se envergonhar da testemunha do Evangelho — ¹⁵Sabes que todos os da Ásia me abandonaram, e entre eles Figelo e Hermógenes. ¹⁶Que o Senhor conceda misericórdia à família de Onesíforo, porque ele muitas vezes me confortou e não se envergonhou de eu estar preso; ¹⁷pelo contrário, quando chegou a Roma, procurou-me com insistência, até me encontrar. ¹⁸Que o Senhor lhe conceda misericórdia junto a Deus naquele Dia. E quanto aos serviços que ele me prestou em Éfeso, tu sabe-lo melhor do que eu.

2O bom soldado de Cristo — ¹Tu, porém, fortifica-te sempre na graça que está em Jesus Cristo. ²O que ouviste de mim na presença de muitas testemunhas, transmi-te-o a homens de confiança que, por sua vez, estejam em grau de o ensinar a outros.

³Participa dos sofrimentos como bom soldado de Jesus Cristo. ⁴Ao alistar-se no exército, ninguém se deixará envolver pelas questões da vida civil, se quiser satisfazer a quem o alistou no regimento. ⁵Do mesmo modo, um atleta não receberá a coroa se não tiver lutado conforme as regras. ⁶O agricultor que trabalha deve ser o primeiro a participar dos frutos. ⁷Procura compreender o que estou a tentar dizer-te, e o Senhor certamente dar-te-á inteligência em todas as coisas.

Louvar ao mártir — ⁸Lembra-te de que Jesus Cristo, descendente de David, ressuscitou dos mortos. Este é o meu Evangelho, ⁹pelo qual eu sofro, a ponto de estar acorrentado como um malfetor. Mas a Palavra de Deus não está algemada. ¹⁰É por isso que tudo suportarei por causa dos escolhidos, para que também eles alcancem a salvação que está em Jesus Cristo, com a glória eterna. ¹¹Estas palavras são verdadeiras:

Se com Ele morremos, com Ele viveremos;

¹²se com Ele sofreremos, com Ele reinaremos.

Se O renegamos, também Ele nos renegará.

¹³Se Lhe formos infiéis, Ele permanece fiel, pois não pode renegar-Se a Si mesmo.

Um servo provado no Senhor — ¹⁴Lembra-te destas coisas, testemunhando diante de Deus que é preciso evitar as discussões inúteis, que não servem para nada, a não ser para a perdição dos que as ouvem. ¹⁵Procura apresentar-te a Deus como homem digno de aprovação, como trabalhador que não tem de que se envergonhar e que distribui com rectidão a Palavra da verdade. ¹⁶Evita o palavreado inútil dessa gente que se vai tomando cada vez mais ímpia; ¹⁷a sua palavra é como gangrena que se alastra. Entre eles encontram-se Himeneu e Fileto. ¹⁸Estes desviaram-se da verdade, dizendo que a ressurreição já aconteceu e estão a perverter a fé em várias pessoas. ¹⁹Apesar disso, o sólido alicerce colocado por Deus permanece, marcado pelo selo desta palavra: «O Senhor conhece os que são seus». E ainda: «Afasto-me da injustiça todo aquele que pronuncia o Nome do Senhor». ²⁰Numa casa grande, não há somente vasos de ouro e prata; há também de madeira e barro. Alguns são para uso nobre, outros para uso comum. ²¹Aquele que se purificar desses erros será vaso nobre, santificado, útil para o seu dono e preparado para toda a boa obra.

²²Foge das paixões da juventude; segue a justiça e a fé, o amor e a paz com aqueles que invocam de coração puro o Nome do Senhor. ²³Evita questões loucas e não educativas que provocam brigas. ²⁴Um servo do Senhor não deve ser quezimento, mas manso para com todos, competente no ensino, paciente nas ofensas sofridas. ²⁵É com suavidade que deves educar os opositores, esperando que Deus lhes dará não só a conversão, para conhecerem a verdade, ²⁶mas também o retorno ao bom senso, libertando-os do laço do diabo, que os conservava presos para lhe fazerem a vontade.

³A Sagrada Escritura é o alimento da fé — ¹Sabe, porém, que nos últimos dias haverá momentos difíceis. ²Os homens serão egoístas, gananciosos, soberbos, blasfemos, rebeldes com os pais, ingratos, iníquos, ³sem afecto, implacáveis, mentirosos, incontinentes, cruéis, inimigos do bem, ⁴traidores, atrevidos, enfatuados, mais amigos dos prazeres do que de Deus; ⁵manterão aparências de piedade, mas negarão a sua força interior. Evita essas pessoas! ⁶Entre esses encontram-se os que entram nas casas e cativam mulherzinhas cheias de pecados e possuídas por todo o tipo de desejos, ⁷que estão sempre a aprender, mas não conseguem chegar ao conhecimento da verdade. ⁸E assim como Janes e Jambres se opuseram a Moisés, também esses se opõem à verdade; são homens de espírito corrupto e fé inconsistente. ⁹Mas não irão longe, pois a sua loucura será desmascarada diante de todos, como aconteceu com aqueles dois.

¹⁰Tu, porém, seguiste-me de perto no ensino e no comportamento, nos projectos, na fé, na paciência, no amor e na perseverança, ¹¹nas perseguições e sofrimentos que tive em Antioquia, em Icónio e Listra. Que perseguições sofri! Mas de todas elas o Senhor me livrou. ¹²Assim, também, todos os que querem viver com piedade em Jesus Cristo serão perseguidos. ¹³Quanto aos maus e impostores, eles progredirão no mal, enganando e sendo enganados. ¹⁴Quanto a ti, permanece firme naquilo que aprendeste e aceitaste como certo, pois sabes de quem o aprendeste. ¹⁵Desde a infância que conheces as Sagradas Escrituras; elas têm o poder de te comunicar a sabedoria que conduz à salvação pela fé em Jesus Cristo. ¹⁶Toda a Escritura é inspirada por Deus e é útil para ensinar, para refutar, para corrigir, para educar na justiça, ¹⁷a fim de que o homem de Deus seja perfeito, preparado para toda a boa obra.

⁴Proclama a Palavra — ¹Rogo-te diante de Deus e de Jesus Cristo, que há-de vir para julgar os vivos e os mortos, pela sua manifestação e pelo seu Reino: ²proclama a Palavra, insiste no tempo oportuno e inoportuno, advertindo, reprovando e aconselhando com toda a paciência e doutrina. ³Pois vai chegar o tempo em que já não se suportará a doutrina; pelo contrário, desejosos de ouvir novidades, os homens rodear-se-ão de mestres a seu bel-prazer. ⁴Desviarão os ouvidos da verdade orientando-os para as fábulas. ⁵Quanto a ti, sê sóbrio em tudo, suporta o sofrimento, faz o trabalho de um anunciador do Evangelho, realiza plenamente o teu ministério.

Combati o bom combate — ⁶Quanto a mim, o meu sangue está para ser derramado em libação, e chegou o tempo da minha partida. ⁷Combati o bom combate, terminei a minha corrida, conservei a fé. ⁸Agora só me resta a coroa da justiça que o Senhor, justo Juiz, me entregará naquele Dia; e não somente a mim, mas a todos os que tiverem esperado com amor a sua manifestação.

O Senhor deu-me forças — ⁹Apressa-te a vir ter comigo, ¹⁰pois Demas abandonou-me, preferindo o mundo presente. Ele partiu para Tessalónica; Crescente, para a Galácia; Tito, para a Dalmácia. ¹¹Somente Lucas está comigo. Procura Marcos e traze-o contigo, porque ele pode ajudar-me no ministério. ¹²Mandei Tíquico para Éfeso.

¹³Quando vieres, traz-me o manto que deixei em Tróade, em casa de Carpo. Traz também os livros, principalmente os pergaminhos. ¹⁴Alexandre, o ferreiro, fez-me muito mal. O Senhor o recompensará conforme as suas obras. ¹⁵Tu também, toma cuidado com ele, pois ele opôs-se muito à nossa pregação. ¹⁶Na minha primeira defesa no tribunal, ninguém ficou ao meu lado; todos me abandonaram. Que Deus não lhes ponha isso na conta! ¹⁷Mas o Senhor ficou comigo e encheu-me de força, a fim de que pudesse anunciar toda a mensagem, e ela chegasse aos ouvidos de todas as nações. E assim fui libertado da boca do leão. ¹⁸O Senhor me libertará de todo o mal e me levará para o seu Reino eterno. Ao Senhor, glória para sempre. *Ámen!*

Saudações finais — ¹⁹Saudações a Prisca e Áquila e à família de Onesíforo. ²⁰Erasto ficou em Corinto. Deixei Trófimo doente em Mileto. ²¹Procura vir antes do Inverno. *Êubulo, Pudente, Lino, Cláudia e todos os irmãos enviam-te saudações.*

²²O Senhor esteja com o teu espírito. A graça esteja com todos vós.

CARTAS DE SÃO PAULO

Carta a Tito

INTRODUÇÃO

A carta a Tito e a primeira carta a Timóteo tratam de problemas idênticos. O Evangelho foi anunciado, as comunidades foram fundadas e, algumas dezenas de anos mais tarde, aparecem os verdadeiros problemas. Alguns cristãos, provavelmente de origem judaica, misturam o Evangelho com teorias propagadas por grupos judaicos que se arrogam o direito de regulamentar o uso de alimentos e proibir o matrimônio. Por outro lado, também os costumes trazidos do paganismo se infiltram na comunidade, falseando a moral. É preciso recordar aos cristãos que a salvação foi trazida por Cristo, e também traçar as grandes linhas do comportamento para a vida particular e social, e ainda prover à organização das Igrejas. A carta foi escrita provavelmente nos anos 64-65. Tito, seu destinatário, é o delegado pessoal de Paulo na ilha de Creta. Segundo Gl 2,1ss, ele era grego, acompanhou Paulo e Barnabé em Antioquia e, apesar da sua origem pagã, não foi circuncidado; isso para demonstrar a liberdade evangélica perante a Lei. Agora Paulo conta com ele para organizar a comunidade de Creta e lutar contra os que falseiam a Palavra de Deus. O centro da carta é a «sã doutrina», isto é, a vontade salvadora de Deus e a salvação gratuita trazida por Cristo. Ao redor desse núcleo giram as várias partes da carta, numa organização temática bem mais feliz que na primeira a Timóteo. Tito deve instituir presbíteros, a fim de que exortem à «sã doutrina» e refutem todos os que a contradizem; além do mais, o próprio Tito deverá «fechar a boca» dessa gente, ensinando, praticando e fazendo praticar a «sã doutrina».

1Endereço e saudação — **3**Paulo, servo de Deus, Apóstolo de Jesus Cristo para levar os escolhidos de Deus à fé e ao conhecimento daquela verdade que conduz à piedade **2**e se fundamenta sobre a esperança da vida eterna. Deus, que não mente, prometeu-nos essa vida antes dos tempos eternos, **3**e no tempo certo manifestou-a com a sua Palavra, através da pregação que me foi confiada por ordem de Deus, nosso Salvador. **4**A ti, Tito, meu verdadeiro filho na fé comum, graça e paz da parte de Deus e de Jesus Cristo, nosso Salvador.

Organização da comunidade — **5**Eu deixei-te em Creta para que cuidasses de organizar o que ainda restava para fazer, e para que nomeasses em cada cidade os presbíteros das Igrejas, conforme as instruções que te deixei: **6**o candidato deve ser irrepreensível, esposo de uma única mulher, e seus filhos devem ter fé e não ser acusados de maus costumes nem de desobediência. **7**De facto, sendo administrador de Deus, o dirigente deve ser irrepreensível, não arrogante, nem beberrão ou violento, nem ávido de lucro desonesto. **8**Pelo contrário, deve ser hospitaleiro, bondoso, ponderado, justo, piedoso, disciplinado, **9**e de tal modo fiel à fé verdadeira, conforme o ensinamento transmitido, que seja capaz de aconselhar segundo a sã doutrina e também de refutar quando a contradizem. Tudo é puro para os puros — **10**De facto, há muitos rebeldes, faladores e enganadores, principalmente entre os que vieram do judaísmo. **11**É preciso fazer com que eles se caleem, pois estão a perverter famílias inteiras, ensinando o que não devem, com a intenção vergonhosa de ganhar dinheiro. **12**Um dos seus profetas disse: «Os habitantes da ilha de Creta são sempre mentirosos, animais ferozes, comilões preguiçosos». **13**E o que ele disse é verdade. Por isso, repreende-os com firmeza, para que sejam sãos na fé, **14**e não dêem ouvidos a fábulas judaicas ou a mandamentos de homens desviados da verdade. **15**Tudo é puro para os puros; mas nada é puro para os impuros e descrentes, porque a sua mente e a sua consciência estão corrompidas. **16**Dizem que conhecem a Deus, mas negam-no com os próprios actos, pois são cheios de ódio, desobedientes e incapazes de fazer qualquer obra boa.

2 Expressar a fé na vida — **1**Quanto a ti, ensina o que é conforme à sã doutrina. **2**Que os velhos sejam sóbrios, respeitáveis, sensatos, fortes na fé, no amor e na paciência. **3**As mulheres idosas também devem comportar-se como convém a pessoas sensatas: não sejam caluniadoras, nem escravas de bebida excessiva; **4**pelo contrário, sejam capazes de dar bons conselhos, de modo que as recém-casadas aprendam com elas a amar os seus maridos e filhos, **5**a ser ajuizadas, castas, boas donas de casa, submissas aos seus esposos, amáveis, a fim de que a Palavra de Deus não seja difamada. **6**Aconselha igualmente os jovens, para que em tudo tenham bom senso. **7**E tu mesmo sê exemplo de boa conduta, sincero e sério no teu ensino, **8**exprimindote numa linguagem digna e irrepreensível, para que o adversário nada tenha a dizer contra nós e fique envergonhado. **9**Os servos devem ser em tudo obedientes aos seus senhores, dando-lhes motivo de alegria; não devem ser teimosos, **10**nem roubar; pelo contrário, devem dar provas de inteira fidelidade, para em tudo honrar a doutrina de Deus, nosso Salvador.

Aguardando a realização da esperança — **11**A graça de Deus manifestou-se para a salvação de todos os homens. **12**Essa graça ensina-nos a abandonar a impiedade e as paixões mundanas, para vivermos neste mundo com autodomínio, justiça e piedade, **13**aguardando a bendita esperança, isto é, a manifestação da glória de Jesus Cristo, nosso grande Deus e Salvador. **14**Ele entregou-Se a Si mesmo por nós, para nos resgatar de toda a iniquidade e para purificar um povo que Lhe pertence, e que seja zeloso nas boas obras. **15**Diz-lhes todas estas coisas. Exorta-os e repreende-os com toda a autoridade. Que ninguém te despreze.

30 mistério cristão — **1**Lembra-lhes que devem ser submissos aos magistrados e autoridades, que devem obedecer e estar prontos para toda a

31,1-4: A tarefa do Apóstolo é anunciar aos homens o projecto de Deus, que quer conduzi-los à vida eterna.

5-9: As primeiras comunidades cristãs permaneciam sob a dependência directa do Apóstolo ou de um seu delegado. Este era encarregado de organizar um grupo de pessoas que presidiam ao ensinamento e ao funcionamento da comunidade. Surgiram, então, os presbíteros, os dirigentes (= episcopos), os presidentes, os pastores. Quanto ao desempenho dos cargos, pouco sabemos: governavam simultaneamente, ou cada um por sua vez, ou cada um como responsável por um determinado grupo. Com o desaparecimento dos Apóstolos e dos delegados, a situação desenvolveu-se: a comunidade é animada por um bispo, que preside ao colégio dos sacerdotes e ao grupo dos diáconos. A função ministerial na Igreja exige vida digna, em vista do dever fundamental de anunciar a Palavra de Deus.

10-16: O texto relembra Mc 7,1-23, mostrando que o importante é entregar-se a Deus de coração sincero, e não o ritual de purificação, ou a proibição de alimentos. O autor recorda a fama dos habitantes de Creta, citando uma frase do poeta cretense Epiménides de Cnossos.

2,1-10: Estas normas não criticam o quadro social do tempo, mas representam o desejo de que as comunidades cristãs se tornem focos de justiça e dignidade. Há, porém, uma novidade tipicamente cristã: o amor. Os cristãos de todas as idades e condições devem mostrar, com a vida prática, que se converteram e vivem para Deus e para os irmãos.

11-15: A manifestação de Deus muda o modo de compreender e viver a vida. O cristão passa a viver voltado para a realização final, isto é, para a manifestação gloriosa de Jesus. O v. 13 testemunha a fé dos primeiros cristãos na divindade de Jesus.

3,1-7: O autor relembra o acontecimento marcante, a conversão que provocou uma radical mudança no seu modo de viver. Em poucas palavras, todo o mistério cristão é lembrado: o amor de Deus, a salvação pela graça, o baptismo, o dom do Espírito, a esperança da realização final.

8-11: Ter fé não significa aceitar apenas mentalmente um quadro de verdades, mas viver na vida prática o compromisso com o projecto de Deus. Herege é aquele que escolhe na fé somente o que lhe convém, esquecendo o essencial e dividindo a comunidade.

12-15: Despedindo-se, o autor recorda uma regra de ouro: praticar o bem, ajudando concretamente quem está na necessidade.

boa obra; ²não devem difamar ninguém, nem meter-se em brigas, mas antes ser pacíficos e atenciosos no trato com todos.

³Também nós, antigamente, éramos insensatos, desobedientes, extraviados, escravos de todo o tipo de paixões e prazeres, vivendo na perversidade e na inveja, dignos de ódio e odiando-nos uns aos outros. ⁴Mas a bondade e o amor de Deus, nosso Salvador, manifestaram-se. Ele salvou-nos, ⁵não por causa dos actos justos que tivéssemos praticado, mas porque fomos lavados pela sua misericórdia através do poder regenerador e renovador do Espírito Santo. ⁶Deus derramou abundantemente o Espírito sobre nós, por meio de Jesus Cristo nosso Salvador, ⁷para que, justificados pela sua graça, nos tornássemos herdeiros da esperança da vida eterna.

Viver a fé — ⁸Esta é uma palavra digna de fé. Por isso quero que insistas nestas coisas, a fim de que aqueles que acreditam em Deus sejam os primeiros a praticar o bem. Estas coisas são boas e úteis para os homens.

⁹Evita controvérsias inúteis, genealogias, discussões e debates sobre a Lei, porque para nada servem e são vazias. ¹⁰Depois de um primeiro e um segundo conselho, nada mais tens a fazer com um herege, ¹¹pois sabemos que um homem desse tipo se perverteu e se entregou ao pecado, condenando-se a si mesmo.

Saudações finais — ¹²Vou enviar-te Ártemas ou Tíquico. Quando chegar aí, faz o possível por vires ter comigo a Nicópolis, onde resolvi passar o Inverno. ¹³E esforça-te por ajudar Zenas, o jurista, e Apolo, de modo que nada lhes falte para a viagem. ¹⁴Todos os da nossa gente precisam de aprender a praticar boas obras, de modo que sejam capazes de atender às necessidades urgentes e assim não vivam uma vida inútil. ¹⁵Todos os que estão comigo te mandam saudações. Saudações a todos os que nos amam na fé.

Que a graça esteja com todos vós.